Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas

De 1825 a 1829

Hercules Florence

Fac-similado

Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829

Tradução do Visconde de Taunay

(*Fac-similado*)

Hercules Florence

Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829

Tradução do Visconde de Taunay

(Fac-similado)

Edições Governo do Estado
Manaus - 2001

O que estamos conseguindo realizar nas atividades culturais de modo geral não tem paralelo no governo. No campo editorial já superamos todas as marcas, dando oportunidade aos novos escritores, reeditando clássicos da Amazônia, reanimando autores que, de há muito, não manifestavam interesse em retornar às lides literárias, gerando emprego na indústria editorial, renda e permitindo, o que é mais importante, que as prateleiras das livrarias e bibliotecas sejam permanentemente renovadas de autores com vinculações com a nossa terra.

E ainda há muito para realizar. E vamos persistir neste trabalho de ideal e preparação do futuro.

Amazonino Armando Mendes
Governador do Estado do Amazonas

Apresentação

Digno de figurar em qualquer brasiliana, a *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* levou mais de trinta anos para aparecer pela primeira vez em edição brasileira, em 1875, nas páginas da revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Quatro anos depois, morria seu autor, Hercules Florence.

Natural de Nice, com apenas 20 anos Florence aportou no Rio de Janeiro em 1824, num dos momentos mais conturbados da vida política brasileira. Com efeito, neste período o recém criado Império do Brasil buscava consolidar sua soberania, inclusive recorrendo ao uso da força para obstar as pretensões recolonizadoras latentes em diversas províncias.

A construção do novo Império abria oportunidades maiores para a atuação de um conjunto de profissionais estrangeiros com qualificações em áreas para as quais nem mesmo a elite colonial havia atuado. Assim, no mesmo ano de sua chegada ao país, Florence já seria incorporado como desenhista à equipe técnica do Barão Langsdorrff, Cônsul Geral da Rússia e um dos mais respeitados homens de ciência de sua época.

A tarefa de Langsdorff no Brasil, fundava-se no caráter exploratório das viagens que povoaram todo o século XIX, cujo olhar não estava mais voltado para a descrição folclórica de culturas exóticas, muitas vezes apresentadas como aberrações por suas características "sub-humanas". Os viajantes do século XIX foram, sobretudo, naturalistas, homens de ciência, a quem coube o inventário minucioso das potencialidades naturais, em especial das áreas periféricas do mundo "civilizado".

Foco do interesse de naturalistas do mundo inteiro, o Brasil foi recortado por uma centena de expedições estrangeiras ao longo do século XIX, muitas delas contando com o explicito apoio e interesse dos monarcas

brasileiros, também desejosos de conhecer os extremos de um país em que sua autoridade parecia ser mais virtual que efetiva.

Não só a Corte do Rio de Janeiro desconhecia o Brasil interior, como também os pequenos núcleos coloniais dos sertões e uma infindável gama de etnias indígenas, viam no Estado brasileiro em formação algo não só distante, mas também à parte. Se havia o Estado, a nação ainda não fora construída.

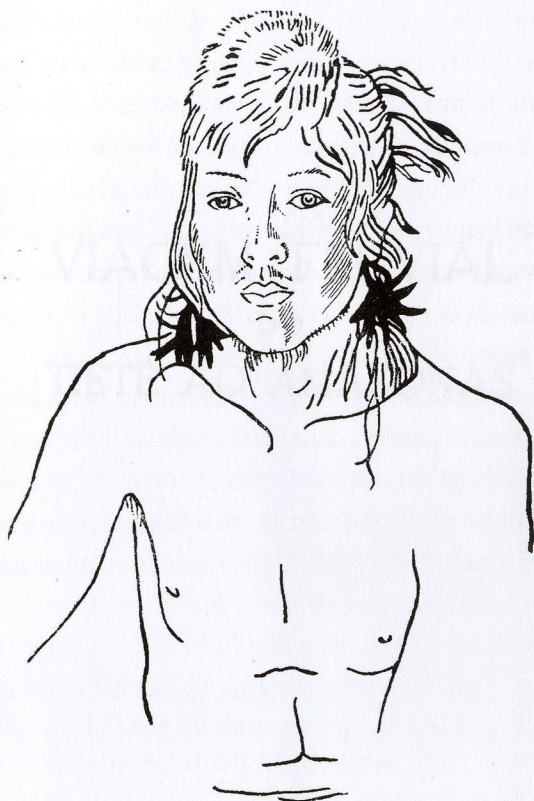
Essa é uma das dimensões fundamentais do relato de Florence. Por ele, somos levados a reconhecer que a configuração atual do território brasileiro foi fruto de uma árdua e lenta conquista interna. Não só conquista territorial, mas também de almas, como diria José Murilo de Carvalho.

Se Hercule Florence consolidou-se entre nós pelo vigor e precisão de seus traços, em inumerável produção iconográfica dispersa por museus e centros de pesquisa do mundo todo, o reconhecimento da qualidade de sua produção literária, os diários da viagem de Langsdorff, foi mais recente, mas igualmente justo.

A atual reedição de sua *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas* entre nós é mais do que oportuna, não só porque corrige uma lacuna deixada por poucas edições já diluídas pelo ávido interesse que despertou, principalmente entre o público acadêmico, mas também porque contribuirá para recolocar uma das mais importantes memórias formativa da sociedade brasileira ao alcance de uma parcela maior de leitores.

Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
Dr. em História pela PUC-SP e Professor do
Depto. de História da Universidade do Amazonas.

HERCULES FLORENCE

VIAGEM FLUVIAL DO TIETÊ AO AMAZONAS

De 1825 a 1829

Tradução do VISCONDE DE TAUNAY

ÇÕES MELHORAMENTOS

VIAGEM FLUVIAL
DO
TIETÊ AO AMAZONAS

HERCULES FLORENCE
1804-1879

VIAGEM FLUVIAL
DO
TIETÊ AO AMAZONAS

De 1825 a 1829

POR

HERCULES FLORENCE

com 115 gravuras do Autor

Tradução do francês pelo VISCONDE DE TAUNAY

2.ª Edição

Edições Melhoramentos

2/IV-8

O primeiro lançamento desta obra deu-se em 1875, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, tomo XXXVIII;

O segundo em 1928, embora só da primeira parte, na Revista do Museu Paulista, tomo XVI.

A primeira edição, em forma de livro, apareceu em 1941, lançamento de "Edições Melhoramentos", sendo esta segunda edição lançada em março de 1948.

Duas palavras como prefácio para a 1.ª edição

Dentre os estrangeiros ilustres, credores do Brasil, muito poucos terão a fé de ofício de Hercules Florence e a sua fôlha de serviços a nossa pátria.

E se se trata então de São Paulo avultam imenso êstes préstimos. Vivendo, como viveu, meio século em terra paulista exerceu Hercules Florence, ininterruptamente, fecundo papel de civilizador, ao mesmo tempo que pelo alto padrão da moralidade que era a sua, aumentava o prestígio dos seus ensinamentos de todo o gênero.

Devem-lhe a nossa iconografia das ciências naturais, e a dos costumes, serviços inapreciàvelmente preciosos e valiosos.

Quem percorrer as salas do Museu Paulista, de golpe estará em condições de comprovar esta asserção.

Quando lhe propus o título de «patriarca da iconografia paulista» sabia quanto não cometia o menor exagêro.

Nascido em Nice a 29 de fevereiro de 1804, viveu em São Paulo, quase ininterruptamente, cinqüenta anos, falecendo em Campinas a 27 de março de 1879.

Tinha notáveis qualidades de observador e a faculdade inventiva sobremodo desenvolvida. Muito se ocupou com os processos fotográficos, por exemplo, mas a escassez do meio em que vivia não lhe permitiu uma recompensa ao esfôrço tão inteligente quanto pertinaz.

Desenhista eminente, homem da mais elevada vocação artística, foi dos mais notáveis observadores da natureza brasileira no século XIX.

Constituindo família no Brasil legou à sua pátria adotiva uma série de homens de valor que sobremodo lhe honram o nome na medicina, na engenharia civil e de minas, na arte musical, etc.

Poucos elementos alienígenas se terão incorporado ao povo brasileiro da capacidade e do mérito de Hercules Florence em

cujo espólio ainda existem documentos numerosos inéditos, verdadeiros atestados novamente comprobatórios do que era a intelectualidade do seu singelo autor sempre prejudicado pela mais injustificável modéstia.

Já mereceu a sua existência larga biografia: a que redigiu o Dr. Estêvão Bourroul. Nela se faz inteira justiça a quem tanto mereceu de São Paulo, do Brasil e da Civilização.

Das obras publicadas de Florence pouco há. Traduziu-lhe o Visconde de Taunay o valioso Diário da Expedição do Barão de Langsdorff *de que era desenhista com Amado Adriano Taunay.*

E' um documento do mais alto valor para a história das ciências naturais no Brasil, mas pôsto fora do alcance do público pelo fato de se incorporar à coleção da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, onde apareceu em 1875, no tomo XXXVIII de escassa divulgação.

Em 1928 reeditei no tomo XVI da Revista do Museu Paulista *a primeira parte dêste tão valioso relato sob o título* De Pôrto Feliz a Cuiabá, *a título de homenagem muito grata do Museu Paulista, ao patriarca da iconografia paulista, ao naturalista emérito que tão belas pranchas deixou para o estudo de nossa fauna e da nossa flora, e tão preciosas observações para o melhor conhecimento da etnografia brasileira.*

E com efeito: que não deve a Hercules Florence a história dos costumes brasileiros, em São Paulo e Mato Grosso?

Muitos de seus desenhos constituem documentos únicos no gênero: assim por exemplo os que deixou das Monções para Mato Grosso, das cavalhadas de Sorocaba, da velha indústria açucareira de Campinas, das aberturas dos primeiros cafèzais no Oeste paulista, da vida dos tropeiros nos pousos do Caminho do Mar e seus prolongamentos para o Interior, da vida nas fazendas campineiras, etc., etc.

E quanta vista preciosa de localidades como Itu e Sorocaba, Santos, Campinas, Cuiabá, etc., de grandes acidentes naturais como os saltos de Itu e Avanhandava, paisagens paulistas, mato-grossenses, amazônicas?

Quantos retratos de personalidades célebres como verbi gratia *Feijó, Vergueiro, Álvares Machado, apresentação de tipos, trajes e cenas populares, ambientes familiares, etc.?*

Ao seu incansável lápis deve a nossa iconografia primeva a mais rica e original das contribuições.

Ao lado disto há a considerar os seus trabalhos de etnografia, observações sôbre índios de numerosas tribos, estudados com uma fidelidade, rigor, perspicuidade de vistas que a um grande etnógrafo moderno como Koch-Grünberg arrancou os mais arroubados elogios.

As salas do Museu Paulista povoam dezenas de reproduções dêstes documentos de tão vário aspecto mercê da generosa permissão dos filhos do seu autor.

Tão poderosa a curiosidade de Hercules Florence que não se limitava a desenhar e descrever: pretendeu fixar até a musicalidade do canto de nossas aves. Interessantíssima a sua pequena monografia da Zoofonia *que o Visconde de Taunay traduziu e fêz imprimir na* Revista do Instituto Histórico Brasileiro.

Resolveram agora os dois dignos filhos do ilustre naturalista e artista que tanto lhe honram o nome, os meus prezados amigos Dr. Guilherme Florence e Prof. Paulo Florence, reeditar, em volume autônomo, o relato da viagem de seu eminente progenitor, de Santos a Cuiabá e a Belém do Pará.

E entenderam, inspirados da mais louvável maneira, largamente ilustrar tal edição com as próprias obras do eminente itinerante. Melhor idéia não seria possível do que esta do tão abalizado mineralogista e geólogo e do inspirado compositor e afamado professor.

Pediram-me que para esta tiragem escrevesse algumas linhas de introdução, incumbência de que me desobrigo, sobremodo jubiloso por ver a nossa bibliografia histórica e científica acrescida de tão valioso item *quanto êste que os dois irmãos realizaram, prestando a mais justa homenagem à memória de seu inolvidável Pai.*

E com verdadeira mágoa me recordo de que já não mais a apreciará quem para ela escreveu a notícia introdutória: o saudoso amigo Dr. Ataliba Florence, admirador entusiasta da obra paterna.

Melhor inspirados não poderiam os Irmãos Florence ter sido do que confiando a confecção dêste volume ao zêlo e competência da Companhia Melhoramentos de São Paulo, a grande oficina que

dia a dia aprimora os documentos de seu aparelhamento gráfico e de sua capacidade técnica, desde muito aplaudidos pelo público ledor, acostumado às suas magníficas tiragens.

Assim, acolha com o mesmo favor esta bela edição que apresenta o tríplice aspecto do oferecimento de uma peça documental da mais alta valia no conjunto da história das expedições científicas no Brasil, de uma oblação da piedade filial, merecedora do maior encômio e de um atestado da altitude dos métodos empregados nas artes gráficas do Brasil.

Seculares relações amistosas uniram e unem Hercules Florence e seus descendentes aos irmãos e sobrinhos de alguém de quem foi desvelado amigo e companheiro durante a expedição do Barão de Langsdorff, o jovem desenhista que, em 1828, e aos 25 anos de idade desapareceu, tragado pelas águas do Guaporé: Amado Adriano Taunay.

Amigo igualmente dos irmãos de seu amigo, Félix e Teodoro, tornou Hercules Florence comparte desta amizade ao filho daquele, escritor a quem deveu a primeira tradução da sua obra e seu fervente admirador.

As relações afetuosas de decênios interrompidas apenas pela morte, prosseguiram entre os filhos de um e de outro.

Agora as reforçou a união de meus estremecidos filhos: uma bisneta e um sobrinho bisneto dos dois naturalistas da missão Langsdorff.

Por todos os motivos foi-me pois muito grato aceder ao convite dos ilustres filhos de Hercules Florence que tão bela e piedosa homenagem prestam à memória do artista e do naturalista, a quem tanto deve a cultura brasileira.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1941.

AFONSO DE E. TAUNAY

ÍNDICE

VIAGEM FLUVIAL DO TIETÊ AO AMAZONAS 1825–1829 por Hercules Florence

Introdução

Ataliba Florence

Entre as descrições de viagens pelo interior do Brasil está merecendo bastante atenção da parte de cientistas, principalmente de etnógrafos e geógrafos, mas também dos leitores em geral, a que foi escrita por Hercules Florence da expedição do cônsul da Rússia barão de Langsdorff, nos anos de 1825 a 1829 pelas então províncias de São Paulo, Mato Grosso e Pará. Florence escreveu seu manuscrito em forma de diário, sem nunca perder o fio da narração, no correr da viagem, e é para admirar como êle conseguia isso, pois se a expedição parava às vêzes meses em cidades e vilas, outras vêzes ela percorria por outro tanto tempo campos e matas, ou descia e subia em batelões e canoas rios caudalosos e perigosos por causa de saltos, corredeiras e cachoeiras. O manuscrito é escrito em francês, que era a língua materna de H. Florence, pois êle nascera em 1804 em Nice, capital (chef-lieu) do departamento francês dos Alpes Marítimos. Pelo tratado de Viena essa região passou em 1815 para o domínio da Casa de Savóia, mas voltou em 1859 para o da França. — Dizem os entendidos que o estilo de Hercules Florence nada deixa a desejar, é sóbrio onde deve sê-lo, mas se eleva à altura dum escritor nato em muitos trechos, principalmente nas descrições da natureza, de paisagens, ou quando trata de questões morais, p. ex. da escravidão então reinante em quase tôda a América.

E' para admirar também o espírito de observador que se nota em Florence desde o comêço do seu diário, pois êle contava então só 21 anos de idade. Sua profissão era de pintor, mas chegando ao Brasil em 1824 na fragata francesa Marie Thérèze*, comandada pelo Capitão de Rosamel, êle pediu licença para desembarcar e empregou-se na casa de negócio do francês Sr. Dillon, conhecido do capitão, para poder viver e sustentar-se. Depois de quase um*

ano passou para a livraria e tipografia do francês Sr. Pierre Plancher, o fundador do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Estava havia 4 meses ali, quando um vizinho veio lhe mostrar um anúncio, pelo qual o cônsul da Rússia procurava um desenhista para acompanhá-lo em uma expedição científica pelo interior do Brasil. E' o que contam Estêvão Léon Bourroul em sua biografia de Hercules Florence, página 49, e Félix Pacheco na sua de Pedro Plancher no quarto capítulo, intitulado Hercules Florence.

Em vista do anúncio apresentou-se Florence ao cônsul Langsdorff e foi sem dificuldade contratado como 2.º desenhista. Com o pôsto de 1.º desenhista tinha vindo da Alemanha o pintor Maurício Rugendas, natural de Augsburgo, mas êste desligou-se ainda no Rio do corpo da expedição e para substituí-lo, o cônsul conseguiu contratar o jovem Amado Adriano Taunay, pintor de grande e já comprovado talento e filho da ilustre família Taunay, que tantos artistas, cientistas e escritores tem dado ao Brasil. Quem não conhece os nomes e as obras do Visconde de Taunay e as de seu filho Afonso d'Escragnolle Taunay! A ambos deve-se estar se tornando sempre mais conhecido o nome do viajante Hercules Florence, que conheceu a família Taunay desde 1824 e lhe conservou sempre grata amizade, aliás recíproca. Ao passar pelo Rio de Janeiro em 1829, de volta da expedição, Florence deixou seu diário nas mãos da família Taunay, que tinha grande interêsse em conhecer como decorrera a expedição, pois nela perdera seu tão esperançoso filho Amado Adriano Taunay, sucumbido afogado ao querer atravessar a cavalo o longínquo rio Guaporé, afluente do rio Madeira. Na casa Taunay ficou depositado e depois esquecido tanto pelo autor como por seus amigos o manuscrito durante os longos anos de 1829 a 1874, e conta o Visconde de Taunay que só por ocasião duma mudança êle encontrou um grande volume manuscrito, bem escrito e conservado e com alguns desenhos, e que, examinando-o, êle viu com surprêsa que se tratava do diário de Hercules Florence, narrando minuciosamente o decurso e os acontecimentos da Expedição Langsdorff pelo interior do Brasil, da qual não existia nenhuma outra descrição na literatura. O Visconde dirigiu-se logo a Hercules Florence, último sobrevivente da expedição e residente em Campinas, e pediu seu consentimento para traduzir o diário para o português e para publicá-lo na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Obtido o consentimento e feita a tradução, a publicação apareceu em 1875 no tomo 38 da Revista trimensal daquele Instituto sob o título: Esbôço da viagem feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829. Escrito em

original francês pelo 2.º desenhista da Comissão científica Hercules Florence. Traduzido por Alfredo d'Escragnolle Taunay.

Foi um simples e feliz acaso o diário ter permanecido tantos anos esquecido no Rio de Janeiro para afinal cair nas mãos do erudito Visconde de Taunay que tanto se interessava pela história, geografia e etnologia do Brasil, e logo promoveu aquela publicação. Habent sua fata libelli. *Assim ficou conhecido o histórico da expedição Langsdorff, que tinha sido organizada e preparada com grande cuidado e aparato, que dispunha de recursos suficientes fornecidos pelo Czar da Rússia, Alexandre I, contava entre seus membros cientistas e artistas de reconhecido valor e se tinha embrenhado no interior do Brasil durante 4 anos. Entretanto os resultados dela nunca tinham sido publicados, o que vários interessados, que dela sabiam e dos seus estudos, vivamente lastimavam. A razão era que a expedição tinha sofrido sérios reveses, a retirada e morte de alguns companheiros e principalmente o enlouquecimento, nos sertões do rio Tapajós, do seu chefe barão de Langsdorff, que nunca mais recuperou as faculdades mentais. A publicação do diário de Florence veio preencher até certo ponto a lacuna existente, pois êle não só narra os acontecimentos e descreve as paisagens e paragens percorridas, mas estende também suas observações ao aspecto geral do país, à sua administração, ao comércio, aos habitantes e à cultura, costumes, hábitos e meios de vida dêstes, às diferentes raças dos imigrados e às tribos indígenas encontradas, aos gêneros de lavoura e de extração de plantas das matas, às minas em parte ricas em metais e pedras preciosas, à constituição do terreno e ao vasto sistema fluvial, à possibilidade do desenvolvimento futuro, às moléstias endêmicas, entre as quais p. ex. êle já menciona o bócio ou papo complicado com idiotismo, que foi depois tão bem estudado por Carlos Chagas e recebeu o nome dêste grande cientista brasileiro.*

Todos os comentadores da obra de Hercules Florence, em primeiro lugar os dois Taunays, E. Bourroul, Félix Pacheco, Karl von den Steinen, Koch-Grünberg, são unânimes em realçar o fato de que as descrições e os desenhos dêle são a expressão da pura verdade, que êle não descreve e não desenha senão aquilo que pôde ver e observou conscienciosamente, que seu juízo e suas apreciações a respeito de pessoas, coisas e ambiente são sempre prudentes, circunspetos e bem fundados, seu estilo singelo, claro, fluente, mas por vêzes cheio de colorido e próprio duma alma de artista. Todos êles insistem em que a família proceda à publicação integral de tudo que existe digno desta de trabalhos de Hercules Florence em seus arquivos, incluindo nela seus desenhos e pinturas.

Em relação a êstes já foi feito um grande serviço por iniciativa do Sr. Dr. Washington Luís Pereira de Sousa, quando prefeito de São Paulo, e do Sr. Dr. Afonso de E. Taunay, diretor do Museu Paulista. Reuniu êste certo número dos desenhos e retratos que estavam espalhados em diversas mãos, mandou reproduzi-los, alguns em dimensões aumentadas, por pintores paulistas de nomeada e colocar estas cópias em diversas salas do grandioso e artístico Palácio do Museu no Ipiranga. A monografia de Hercules Florence sôbre a expedição Langsdorff está sendo agora reeditada por A. Taunay nos Anais do Museu. Taunay intitulou a Florence, por causa dos muitos quadros que êste deixou representando cenas, paisagens, vilas e cidades e pessoas paulistas, o Patriarca da Iconografia Paulista. — Como o Instituto Histórico Brasileiro publicou o diário de Florence em versão portuguêsa, a Sociedade Científica de São Paulo teve o mérito não pequeno de ter publicado em 1905 por iniciativa do seu presidente Dr. Edmundo Krug, parente da família, e outros, em sua revista o original em francês, o que tornou a obra mais acessível aos compatriotas franceses do autor. Mas como essa publicação foi feita em série não é de crer que existam muitas coleções completas.

Um grande apreciador dos trabalhos de H. Florence foi o conhecido Dr. Koch-Grünberg, professor de etnografia e geografia na Universidade de Tübingen, que estêve duas vêzes no Brasil em viagens de explorações científicas, publicou livros amplamente ilustrados sôbre nossos aborígines e afinal faleceu e foi enterrado nas margens do rio Orinoco, cujas fontes êle procurava descobrir com a expedição Ryce. — Em conversa com o autor destas linhas disse-lhe Koch-Grünberg em 1912: «Seu pai foi um observador finíssimo e em tudo que escreveu e desenhou duma vivacidade e fidelidade absolutas, de sorte que a obra dêle não parece dum simples artista viajante, mas sim dum verdadeiro profissional, dum etnógrafo e geógrafo. Ela já apareceu em português e francês, mas nós americanistas alemães não podemos prescindir dela em alemão e pedimos à família que procure publicá-la também nesta língua, para o que eu contribuirei no que fôr possível. Devo mencionar uma pequena circunstância especial, é que não havia desenhos dos índios do tempo daquela expedição e que os índios mudam de moda nos seus penteados e tatuagens, de sorte que só agora viemos a conhecer as modas usadas por êles naquela época». Depois perguntou-me Koch-Grünberg: «E o que é feito dos desenhos do seu pai mandados para a Rússia?» Respondi que tanto os desenhos como as coleções botânicas, zoológicas, etc., da Expedição Langsdorff se achavam no Museu de

Moscou, conforme informações prestadas em 1905 ao meu irmão Guilherme Florence por seu colega, o russo Czernik. Continuou então o meu interlocutor: «Creio que os desenhos do seu pai não estão mais lá, pois quando eu era assistente de Karl von den Steinen no Museu Etnográfico, o Voelkerkundemuseum de Berlim, foram oferecidos a êste para comprar, quatro mapas de desenhos de Hercules Florence, mas por preço tão alto que o negócio não se efetuou. A família deve empregar esforços para descobrir o paradeiro dêsses desenhos». Ésses esforços foram feitos, mas até agora com pouco resultado, de maneira que a família Florence dirige um apêlo às pessoas que souberem alguma coisa a respeito, o obséquio de lhe dar parte. Sòmente o Dr. Afonso Taunay soube por informação do Dr. Alberto Rangel que êste tinha visto na Bibliothèque Nationale de Paris, desenhos de H. Florence em número de 30 a 40. Esta coleção tinha sido dada de presente àquela Biblioteca por um Conselheiro de Estado polonês e estava por ela guardada sob o nome de Hercules Florence, como em 1930 verificaram minha filha e meu sobrinho, Dr. Delfino Pinheiro Cintra.

A tradução do diário de Hercules Florence para o alemão foi começada mas não levada a fim por seu filho e sua filha Paulo e Isabel. Sòmente Karl von den Steinen publicou em dois números do periódico alemão Globus um artigo com ilustrações e intitulado Indianerskizzen von Hercules Florence. Steinen tinha dito no seu livro «Viagem no Centro do Brasil» que nas margens do rio Xingu encontrou uma tribo de índios que se chamavam Bacairis e que nunca tinham visto europeus. Existindo no arquivo da família um retrato de bugre com a designação «bacairi», Paulo Florence mostrou-o com alguns outros desenhos àquele senhor e êste então explicou seu engano, dizendo que os índios mudam às vêzes de localidade e que os bacairis vistos por Hercules Florence foram depois com certeza para o Xingu, onde de fato ainda não tinham sido vistos por brancos. Em conseqüência da publicação de Karl von den Steinen o nome de Hercules Florence foi citado em dicionário publicado pelo Museu Etnográfico de Leipzig com o título «Viajantes alemães na América na 1.ª metade do século XIX», e trazendo uma biografia abreviada dêle.

O chefe da expedição russa em 1825 no Brasil era o alemão Jorge Henrique Langsdorff, nascido em 1773 em Wöllstein no Grão-Ducado de Hessen, formado em medicina e ciências naturais na Universidade de Goettingen e nomeado mais tarde barão e cônsul da Rússia no Rio de Janeiro. Em moço êle fêz uma viagem de estudos a Portugal e depois outras ao Kamtchatka e aos

Montes Urais. Em 1808 êle tomou parte na viagem de circunavegação do globo do almirante russo Krusenstern. De tôdas essas excursões êle trouxe grande cópia de material científico e de observações e fêz a respeito delas largas publicações em vários volumes com ilustrações. Há plantas com seu nome, as Langsdórffias, e sua reputação de cientista estava firmada, quando êle fixou residência no Rio de Janeiro, onde continuava seus estudos e p. ex. reuniu centenas de espécies de borboletas. Em sua casa no Rio e em uma fazenda de nome Mandioca, perto da cidade, encontravam sempre os intelectuais, as pessoas das ciências e artes, brasileiros e estrangeiros, larga hospitalidade tanto da parte dêle como de sua espôsa, senhora culta e boa pianista. Na Mandioca êle tentou, de sociedade com o primeiro Lindenberg vindo ao Brasil, introduzir a plantação do índigo para produção do anil. Em 1820 êle publicou um pequeno livro, o «Guia para o imigrante no Brasil». A. de Saint Hilaire conheceu Langsdorff em 1816 e diz que aprendeu com êle a viajar e que era a pessoa mais ativa e infatigável que jamais encontrou em sua vida. — Era êsse o homem que o Czar Alexandre I e o Govêrno da Rússia incumbiram em 1824 de organizar uma expedição científica para estudar certas regiões do Brasil e de algumas repúblicas vizinhas. Talvez fôsse o próprio Langsdorff quem soube despertar o interêsse daqueles poderosos elementos por tão importante emprêsa, para a qual êles forneceram desinteressadamente meios suficientes, nunca abandonando seu protegido. Já na composição do corpo expedicionário Langsdorff mostrou corresponder à confiança nêle depositada. Para os cargos de botânico e zoólogo contratou Luís Riedel e Cristiano Hasse, para observações astronômicas e determinações topográficas Rubzoff, oficial da marinha russa, para desenhista a princípio o pintor Maurício Rugendas, natural de Augsburgo, e como êste se desligou ainda no Rio de Janeiro da comissão, os franceses Amado Adriano Taunay como primeiro e Hercules Florence como segundo desenhista. Em Pôrto Feliz retirou-se também Hasse da expedição e sôbre a sorte dêle nada se sabe de certo. Dizem alguns que êle se suicidou logo depois, outros que êle viveu por muitos anos em Capivari como boticário.

O próprio chefe da expedição, Langsdorff, exercia as funções de médico e de botânico e zoólogo, para as quais estava bem preparado por estudos acadêmicos e práticos, dispondo também de experiência de viajar, adquirida em grandes expedições anteriores.

A EXPEDIÇÃO DO CÔNSUL LANGSDORFF
ao interior do Brasil

por
ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY
Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

Num dos seus conscienciosos trabalhos sôbre a província de Mato Grosso que êle tanto ama e conhece, lamenta o digno e venerando Sr. Augusto Leverger, hoje barão de Melgaço, que se houvessem perdido não só todos os trabalhos como até simples vestígios e indicações da importante exploração que uma comissão de naturalistas e astrônomos, estipendiada pelo Imperador Alexandre I da Rússia, fizera, nos anos de 1825 a 1829, por todo o interior do Brasil, sob a direção do Sr. de Langsdorff, cônsul geral da Rússia no Rio de Janeiro.

Na realidade, quando, de todos os viajantes mais ou menos ilustres que percorreram êste vasto Império, existem relações circunstanciadas, e algumas bem valiosas, de seus passos e observações, é de estranhar e mais ainda de sentir que dessa comissão de homens de ciência, constituída com aparato e organizada sob largas vistas, nunca tivesse aparecido, quando não o resultado profícuo de seus esforços e labôres, pelo menos notícia do caminho que tomou, das peripécias de sua existência e do fim que teve. Pairavam sôbre todos êsses acontecimentos a maior dúvida e incerteza.

É, pois, com a satisfação não pequena da prioridade que, havendo colhido os dados mais seguros e completos, passo a tratar dêsse ponto por sem dúvida interessante, ministrando informações exatas sôbre a dilatada viagem que aquêle grupo de exploradores efetuou do Tietê ao Amazonas pelas províncias de São Paulo, Mato Grosso e Grão-Pará, onde chegou depois de desastres que lhe assinalaram lùgubremente os passos, inuti-

lizando os resultados que as ciências e a geografia tinham que esperar de tantas fadigas e sacrifícios.

Foi o acaso que me proporcionou êste feliz ensejo.

Revolvendo, há poucos meses, uns papéis velhos por ocasião de uma mudança de casa, tive a fortuna de se me deparar com um manuscrito de 84 páginas de letra muito miúda, um tanto apagada pela ação do tempo, mas ainda perfeitamente inteligível. Folheando-o, vi que continha a narração de uma viagem e o pus de parte.

Mais tarde, aplicando-me à sua leitura, achei que continha a descrição minuciosa da primeira parte da desconhecida jornada do cônsul Langsdorff, pois era o diário de um dos membros dessa expedição.

Outra felicidade tive. O autor dêsse jornal era o Sr. Hercules Florence, que conheci pessoalmente quando em 1865 passei pela província de São Paulo, e que, ainda hoje em vida, reside na cidade de Campinas, onde se estabeleceu e formou numerosa e respeitada família.

Sem demora, pois, escrevi-lhe e, além das informações que tão digno cavalheiro se apressou em fornecer-me, colhi a grata certeza de que, se os estudos técnicos e observações científicas da comissão se desencaminharam e para sempre desapareceram, a parte pitoresca dessa longa e curiosa viagem está tôda escrita, ornada de mais de 300 desenhos e pronta, há quinze anos, para entrar no prelo em ocasião propícia.

O que li sob o título — Esbôço da viagem do Sr. Langsdorff no interior do Brasil pelo 2.º desenhista da comissão científica Hercules Florence, *não é portanto senão um seguimento de rápidas notas e apontamentos tomados para receberem, em trabalho completo e regular, todo o desenvolvimento desejável; entretanto nisso mesmo achei tanto interêsse pela singeleza de narrativa, vivacidade de colorido e prudência de apreciação, que o fui traduzindo desde logo com destino às páginas da* Revista do Instituto Histórico.

É o livro de um viajante de boa fé que relata singelamente aquilo que vê e ouve contar. Seu estilo é

despretensioso, sua frase ingênua por vêzes; mas dessa simplicidade, dessa mesma chaneza nascem meios sobejos para bem pintar as grandes cenas da natureza, porque o coração do narrador impressionava-se fortemente, identificando-se com a magnitude daquilo que o abalava. Cauteloso nos seus menores juízos, abstém-se de referir tudo quanto não parecesse prender-se imediatamente aos episódios da viagem. É o peregrinar de um homem circunspeto e prudente, que busca ver todos os homens e coisas debaixo do ponto de vista mais favorável e de acôrdo sempre com o seu sentimento íntimo e honesto.

Não é, pois, nesse trabalho meramente descritivo que se pode estudar a história da expedição científica, nem sobretudo as peripécias que nela se deram, a dividiram, e por fim trouxeram o seu total aniquilamento. Como comissão, possuía, entretanto, todos os elementos precisos para bem cumprir a elevada e gloriosa incumbência.

O chefe era o barão Jorge Henrique de Langsdorff, cônsul geral da Rússia no Brasil. Além de merecer proteção especial do Imperador Alexandre I, tinha grande prática de diuturnas viagens e gozava de certa reputação nos círculos científicos da Europa. Nascido, no ano de 1774, em Laisk, na Suábia, segundo umas informações, ou em Brisgau, no Grão-Ducado de Baden, segundo outras, formara-se na universidade de Goetingen em medicina, e seguira, em 1797, o príncipe de Waldeck para Portugal, onde introduziu a prática da vacinação. Voltando para a Alemanha, ofereceu os seus serviços ao govêrno da Rússia, tomou parte na expedição do capitão Krusenstern e acompanhou-o até o Kamtchatka, regressando à Europa pela Sibéria em 1807. Nomeado cônsul para o Rio de Janeiro, publicou em 1820 uma memória de algum interêsse intitulada: Guia para as pessoas que quiserem se estabelecer no Brasil. *Três anos depois, visitou os montes Urais e, em 1825, viu-se encarregado pelo Czar de reunir uma comissão de sá-*

bios a fim de efetuar e dirigir uma grande exploração por todo o interior do Império Sul-Americano. Publicara até àquela época duas obras extensas e apreciadas: Observações feitas numa viagem em tôrno do globo *(1804-1807), 2 vols. e* Plantas recolhidas durante a viagem dos russos ao redor do mundo *(1810-1818), 2 vols., em que continuou as observações de Muller e Fischer sôbre a Sibéria.*

Para desempenhar cabalmente o encargo que lhe fôra cometido, tratou de congregar em tôrno de si homens de reconhecido merecimento e já firmada reputação. Assim, pois, convidou Luís Riedel, botânico, cujo nome tomou depois tão honroso lugar na Flora Brasileira, *Rubzoff, astrônomo estimado e oficial de marinha, Cristiano Hasse, bom zoólogo, e Rugendas, pintor de incontestável talento.*

Ao chegar êsse distinto pessoal ao Rio de Janeiro, o desenhista, por motivos particulares, pediu dispensa da missão a que se comprometera, indicando, contudo, para substituí-lo um artista em disponibilidade então, muito jovem em anos, mas de mérito e nomeada tão bem firmados que o convite tomou visos de verdadeiro pedido; era Amado Adriano Taunay. Posteriormente foi dado ao Sr. Hercules Florence o lugar de 2.º desenhista.

Antes de prosseguir, seja-me lícito, como sobrinho daquele notável e malfadado mancebo que nessa expedição devia encontrar tristíssima e prematura morte, seja-me lícito recordar os antecedentes que davam plena justificativa à honrosa lembrança de Rugendas.

Havendo, em 1815, o Príncipe Regente, logo depois rei D. João VI, chamado ao Brasil, por intermédio do seu encarregado de negócios em Paris, uma colônia de artistas franceses, Nicolau Antônio Taunay, barão de Taunay, membro do Instituto de França e distinto pintor da escola francesa, decidiu-se, à vista da instabilidade das coisas políticas de sua pátria, a transportar-se com tôda a família e à sua custa para o Rio de Janeiro.

Cinco filhos o acompanharam, entre êsses Adriano Taunay que então tinha doze anos de idade; cinco filhos todos artistas de coração e de eminentes qualidades intelectuais e morais. Entretanto tal era a vocação do mais moço para as belas-artes, tal sua aptidão e gênio que bastaram três anos da elevada disciplina de seu pai e mestre, para que começasse a ser admirado, não só pela família, mas por quantos assistiam ao desabrochar do seu talento excepcional.

Unindo a tão raros dotes uma compleição robusta e espírito inquieto e enérgico, não trepidou, mal saído da adolescência, com menos de dezesseis anos, aceitar o oferecimento que o Sr. de Freycinet, na sua passagem pelo Rio de Janeiro em 1818, lhe fêz para acompanhá-lo na qualidade de desenhista a bordo da fragata Urânia, *que então encetara, por ordem do rei Luís XVIII, uma viagem de circunavegação do globo.*

Com entusiasmo abraçou Adriano Taunay a ocasião. Nutrido das inspirações da mais alta estética, queria contemplar face a face a natureza do mundo inteiro e penetrar-se de sua grandeza.

Discípulo nato de Flaxman, cuja obra estudava com predileção, ninguém podia, mais fiel e magistralmente do que êle, representar as múltiplas variedades do tipo humano, que na Oceânia tanta estranheza e admiração causaram aos primeiros descobridores.

Também para o artista, para aquêle espírito sagaz e observador, para aquêle coração ardente e ávido de emoções, em extremo profícua foi a precoce experiência da vida prática.

Nem lhe faltaram os perigos — o melhor dos ensinos — nem as privações.

Desconhecido baixio dentro da Baía Francesa, numa das ilhas Malvinas ou Falkland, fêz a 14 de fevereiro de 1820 soçobrar a fragata Urânia, *já de volta, vendo-se a tripulação obrigada a invernar nesse país nu e inóspito, onde frio intenso tornava mais dolorosa ainda a falta quase absoluta de víveres.*

Quatro meses de verdadeiro suplício aí se passaram, enquanto esperavam-se os socorros pedidos ao primeiro pôrto a que pudesse chegar a lancha que ousadamente havia sido despachada.

À míngua de pescado, raro naquelas paragens, sustentavam-se os náufragos de aves marinhas, focas e tudo quanto podiam alcançar. Nem pequeno tormento era ver ao longe numerosos magotes de cavalos bravios, tão ariscos, porém, e velozes, que um único pôde ser morto à bala por um cabo de infantaria, que se sujeitou a ficar um dia inteiro de espera atrás de um rochedo. Nos sertões do Tietê, anos depois e em circunstâncias de escassez quase idêntica, comparava nosso viajante a carne dêsse animal à da anta e as achava de sabor muito aproximado.

Entretanto os votos ardentes dos infelizes desterrados haviam sido ouvidos da Providência.

A lancha chegara com felicidade a Montevidéu, alugara uma galera americana que recebeu o apelido de La Physicienne, *e tôda a expedição pôde estar de volta ao Rio de Janeiro em junho de 1820.*

Durante a viagem e obrigatória parada, trabalhara Adriano Taunay com ardor juvenil e iniciativa própria do seu caráter, mas, como acontece muitas vêzes, tulit alter honores. *Na coleção artística do Sr. de Freycinet, outra assinatura que não a dêle apareceu numa multidão de lindíssimos e admirados desenhos, ao passo que raros figuravam como saídos de sua mão.*

Soube disso, conheceu em tempo donde a usurpação partia, mas desprezou qualquer reclamação. Riquíssimo de idéias, sentindo em si borbulhar a seiva da inspiração, pouco se lhe dava com desapropriações que redundavam em homenagem aos seus talentos.

Foi descansar das fadigas dêsses bem preenchidos e últimos dois anos, na mais grata e íntima convivência com seus irmãos, morando todos juntos na linda habitação que seus pais, ao partirem para a França, lhes haviam deixado.

Mais pitoresca vivenda não podiam decerto desejar êsses admiradores entusiastas do belo. Ocupavam a casa junto à Cascatinha da Tijuca, um dos ornamentos dos arrabaldes do Rio de Janeiro e ainda hoje pertencente à minha família.

Cinco anos de doce sossêgo ali passou Adriano Taunay, empregando-os no estudo das línguas, na leitura dos clássicos, no aperfeiçoamento da música em que se tornou insigne e em trabalhos plásticos, de que restam dois monumentos preciosos: a pintura mural a óleo de uma das salas da casa da Cascatinha e uma estàtuazinha do Imperador D. Pedro I, feita sob as vistas do soberano, e que muito valor tinha pela vivacidade de semelhança e elegância de porte.

Tal era o artista que Langsdorff convidou para fazer parte de sua comissão científica.

No dia 3 de setembro de 1825, partiu ela, então completa, da cidade do Rio de Janeiro numa sumaca chamada Aurora, *levando grande bagagem e, daí a 48 horas, desembarcou em Santos, donde saiu, vinte dias depois, para o interior.*

A primeira idéia fôra seguir por terra o caminho de Santos a Goiás, com destino a Cuiabá; entretanto essa direção, por motivos de economia, foi abandonada, e o chefe decidiu ir embarcar em Pôrto Feliz no rio Tietê, a fim de aproveitar a comunicação fluvial que, com a curta interrupção de duas léguas e meia de varadouro, leva à capital de Mato Grosso.

Reunida tôda a comissão em Pôrto Feliz a 7 de dezembro de 1825, foi adiado o embarque, porque o cônsul Langsdorff teve que regressar ao Rio de Janeiro, chamado a negócio importante, como declarou, ou levado antes pelo desejo de esperar o tempo sêco para dar comêço àquela navegação. Antes de partir, entregou a direção dos mais empregados ao botânico Riedel, determinando-lhes que se entregassem a explorações da zona ocidental da província de São Paulo até que estivesse de volta, o que só cinco meses depois sucedeu.

Em princípios de junho de 1826 reuniram-se novamente todos em Pôrto Feliz, e foi então designado o dia 22 para a definitiva saída. Um dos membros, porém, o zoólogo Hasse, desculpando-se com a necessidade de efetuar seu casamento com a filha de um dos moradores do lugar, despediu-se dos companheiros e demitiu-se de suas funções.

Êsse desfalque, embora sensível, podia ser preenchido pelo próprio cônsul Langsdorff, cuja especialidade era justamente a zoologia e mais particularmente a entomologia; assim, pois, embarcou a expedição em duas grandes canoas chamadas Peroba *e* Chimbó, *três batelões e duas canoinhas, tripulado tudo por perto de 40 pessoas e, após festivas despedidas da população que acudira à margem do rio, deixou no dia marcado as praias de Pôrto Feliz.*

A viagem pelo Tietê foi agradável. Seguia-se ajudado pela corrente e, apesar das muitas cachoeiras e dos dois majestosos saltos de Avanhandava e Itapura, que obrigam a descarregar as canoas e vará-las por terra, o trabalho era relativamente suave.

Depois de 53 dias, a monção, *a 13 de agôsto, sulcou águas do Paraná. Os membros da comissão subiram um quarto de légua acima e foram contemplar o salto de Urubupungá, tão falado naqueles lugares.*

Acabada a digressão, desceram tôdas as canoas e, a 18 de agôsto, entraram no rio Pardo, célebre de um lado pela beleza das campinas que corta em seu percurso, de outro pelas canseiras que opõe a quem o navega contra corrente. São, com efeito, necessários cinqüenta e mais dias para subir até perto das cabeceiras, quando bastam seis a sete para a descida.

Depois de vencidos numerosos obstáculos, alcançou a expedição, a 9 de outubro, o varadouro de Camapuã (onde existia importante estabelecimento com grande escravatura), e viu suas pesadas embarcações transporem em carroções as duas e meia léguas de terreno montuoso que separam o último afluente da bacia do

Paraná, Sanguessuga, do rio Camapuã, primeiro afluente do Paraguai.

Depois de não pequena demora, partiu ela a 21 de novembro, seguiu pelo Camapuã e, transpondo ràpidamente as inúmeras cachoeiras do rio Coxim, entrou, a 3 de dezembro, no Taquari, cuja corredeira Beliago foi passada ao som de descargas de mosquetaria, por ser o último empecilho importante desde aí até à cidade de Cuiabá.

Naquele tempo, já o modo de proceder do cônsul Langsdorff havia desagradado aos membros da comissão e motivado sérios reparos da parte de alguns dêles. O diário do Sr. Florence não diz palavra a respeito, mas há um fato da maior significação: é a separação daquele pequeno núcleo de distintos viajantes em dois grupos, um dos quais, composto de Riedel e Taunay, tomando a dianteira, seguiu isoladamente num batelão para Cuiabá, quando todos sabiam que as margens do Taquari e Paraguai estavam infestadas de índios Guaicurus, *cujo rompimento com os brancos começara pela matança dos soldados de um destacamento brasileiro, um tanto afastado do forte de Miranda.*

Apesar dos perigos partiram logo, continuando a monção *vagarosamente sua viagem; no dia 12 de dezembro, chegou à foz do Taquari e aí parou um dia inteiro para que Rubzoff fizesse tôdas as observações astronômicas.*

A navegação do Paraguai foi penosa. O rio tinha tomado água; as zingas não alcançavam mais o fundo; os aguaceiros eram contínuos, e enxames de mosquitos assaltavam os navegantes, causando-lhes cruéis sofrimentos. Debalde cobriam o corpo com roupas grossas; debalde se abrigavam debaixo dos mosquiteiros, onde mal podiam respirar de calor, os terríveis e sanguissedentos pernilongos se insinuavam nas menores falhas das vestes e enterravam nas carnes o doloroso ferrão.

A monção *deixou então o leito do rio e buscou cortar em linha reta pelos campos inundados, mas aí teve*

que lutar com a incerteza; perdeu-se; foi obrigada a transpor inesperada e desconhecida cachoeira, que se formara no encontro de dois chapadões, e deu-se por muito feliz em cair num sangradouro, pelo qual voltou ao álveo do Paraguai.

No dia 27 de dezembro, entrou no rio São Lourenço, achando só então alívio ao suplício dos mosquitos: a quantidade diminuíra sensìvelmente.

Afinal, a 30 de janeiro de 1827, após sete meses e meio de viagem e vencidas 530 léguas e 114 cachoeiras, atingiu a comissão científica o suspirado pôrto de Cuiabá, onde foi recebida com tôda a benevolência e amabilidade pelo presidente de então, major de engenheiros, José Saturnino da Costa Pereira e hospedada no palácio do govêrno, como haviam sido anteriormente Riedel e Taunay, há muito chegados.

Alguns dias depois, alojaram-se todos os membros numa espaçosa casa da cidade, que se tornou o centro de excursões, das quais as mais importantes foram até à vila de Guimarães, a 28 de abril, e Vila Maria, a 26 de agôsto.

De Cuiabá remeteram êles para São Petersburgo, por intermédio do negociante Angelini e do vice-cônsul da Rússia no Rio de Janeiro Kielchen, grande e curiosa cópia do resultado de suas observações e pesquisas, figurando na coleção 60 desenhos e diversos herbários que o sábio Fischer acolheu na Europa com lisonjeiro aplauso.

Foi também aí que Adriano Taunay, cultor, como dissemos, da música com o entusiasmo próprio de sua poderosa e inflamada inteligência, conseguiu reunir não pequena quantidade das belíssimas composições religiosas do brasileiro padre José Maurício, tesouro que infelizmente se extraviou e nunca chegou ao Rio de Janeiro, apesar das diligências da família.

Nesse tempo, porém, o chefe Langsdorff, entregando-se às irregularidades de uma vida que encontrava fácil expansão nos costumes, então bastante livres, da

cidade de Cuiabá, não só se tornara motivo de desgostos para seus companheiros, senão também fazia recear que, como infelizmente se realizou, estivesse caminhando para um estado deplorável de perturbação nas faculdades mentais.

Ou pela relutância em recomeçar com os aborrecimentos das grandes viagens, ou pelo atrativo da comodidade e gozos que encontrava em Cuiabá, não foi sem custo que êle decidiu-se a deixar aquêle ponto a 5 de dezembro de 1827.

Continuara a comissão dividida em duas seções, uma, composta do chefe, Rubzoff e Sr. Florence, caminhou para o Norte até à vila de Diamantino a 32 léguas da capital; a outra, de Riedel e Taunay, havia já saído e tomado para O. com destino à Vila Bela de Mato Grosso, distante umas 100 léguas. Êstes deviam embarcar no rio Guaporé e, pelo Mamoré e Madeira, alcançar o Amazonas, ao passo que os outros, partindo de Diamantino em época prèviamente marcada, desceriam os rios Prêto, Arinos, Juruena e Tapajós, indo, logo que chegassem à vila de Santarém, para a da Barra do Rio Negro ou Manaus, que era o ponto do encontro comum. Daí, todos juntos, seguiriam pelo rio Negro acima até ao canal de Cassiquiari, entrariam no Orinoco e iriam correr as Goianas.

Êste belo plano não pôde realizar-se pelos terríveis e inesperados incidentes que desgraçadamente sobrevieram em ambos os grupos da comissão exploradora.

Enquanto, na vila de Diamantino, parte dela esperava que a outra, segundo haviam combinado, atingisse Vila Bela, foi o sofrimento mental de Langsdorff se agravando cada vez mais, o que de algum modo atenua, senão de todo desculpa, os excessos a que se entregava então sem mais reservas nem cautela.

Partindo precipitadamente da povoação vinte dias antes do que devera, navegou o rio Prêto, entrou no Arinos e esteve largos meses parado no pôrto dos índios Apiacás, onde todos quantos o seguiam apanharam ter-

ríveis febres, das quais alguns morreram e outros ficaram para sempre afetados em sua saúde, como aconteceu a Rubzoff que em São Petersburgo ainda tinha as pernas trôpegas e mal podia andar.

Nesse lugar fatal, apagou-se quase totalmente a inteligência do cônsul Langsdorff. Tendo perdido a memória, praticava atos desassisados que compungiam tristemente o coração de seus subordinados. Já sem chefe, decidiram êstes descer o Juruena e Tapajós, a fim de mandarem o infeliz viajante para o Rio de Janeiro sem mais perda de tempo. Assim fizeram e, chegando à vila de Santarém em princípios de 1829, despacharam um próprio para a barra do Rio Negro, dando ao botânico Riedel conta de tudo quanto sucedera.

Langsdorff foi nesse mesmo ano transportado para a Europa, onde viveu ou melhor vegetou no seu canto natal até 1852, ano de seu falecimento, tendo gozado da pensão de 11 000 rublos que até aos últimos dias de sua existência, o govêrno da Rússia generosamente lhe concedeu, apesar do mau êxito de sua exploração.

Vejamos, porém, o que ocorrera a Riedel e Taunay, depois que novamente se separaram dos companheiros de viagem. A 18 de dezembro de 1827, haviam chegado com felicidade à Vila Bela de Mato Grosso, cidade em ruínas e dolorosa decadência, cujo aspecto provocou ao espírito do artista melancólicas reflexões que transmitiu numa carta — a última! — a seus queridos irmãos no Rio de Janeiro.

«Amigos, dizia êle, é de uma das salas do abandonado palácio dos antigos capitães-generais de Mato Grosso que vos dirijo estas linhas, dessas imensas salas, testemunhas outrora das festas de uma côrte assídua junto aos depositários da autoridade real, e que agora, silenciosas, não repetem senão o surdo ruído do inseto que rói a madeira ou os passos do curioso que percorre seu recinto. Tudo ficou no mesmo estado desde o dia em que a sede do govêrno foi transferida para Cuiabá: a mobília, as pinturas, os armários, as mesas de traba-

lho, tudo ficou. Os pátios estão cheios de erva: por tôda a parte vêem-se os sinais destruidores do abandono, e o combate das coisas existentes contra o tempo. Tudo representa a morte. Já vos comuniquei que a expedição dividira-se em dois grupos até nova junção no Pará. Estamos acomodados, eu e Riedel, no recinto do palácio, à espera que se esvazie a casa que nos fôra destinada. Uma das portas, que dão acesso para o interior, abre sôbre o pátio. Por aí é que entrei. Nada tinha sido aberto. Havia, pois, um cheiro de bafio que, unido à escuridão, produzia sensação eminentemente triste: a de um herdeiro que vem tomar posse da morada de seus antepassados. Cada passo acordava um eco sonoro que o repetia além. Abri tudo e percorri tôdas as salas. As que serviam de repartições públicas conservam ainda seus armários e mesas. A sala de estado, ornada de pinturas que representam colunas, não mostra estragos e é de algum gôsto. Havia outra fechada a chave: sem dúvida a que contém os retratos dos capitães-generais. Na secretaria há dois quadros: um representa, creio, o rei D. João V, o outro a rainha. Não são maus, e a côr está perfeita... Em tudo isso falaremos, quando tornar a ver-vos. Muito tenho que contar.

O cônsul deve estar agora prestes a partir. Julgo, entretanto, que talvez não possa descer êste ano, caso em que voltaremos também para Cuiabá. Não sei o que acontecerá então: demorar-nos-emos ainda um ano por cá ou seguiremos pelo Araguaia até ao Pará? A expedição está tão desordenada (embrouillée), *que impossível é fazer conjeturas sôbre seu futuro...»*

Devendo os dois viajantes ficar três a quatro meses em Vila Bela, resolveram fazer dêsse ponto centro de operações e partiram, a 30 de dezembro, para Casal Vasco, distante umas 14 léguas e próximo à fronteira da Bolívia. No dia 1 de janeiro de 1828 visitaram São Luís e Salinas, os dois postos mais avançados do Império do Brasil por aquêle lado e, a 3, regressaram a

Casal Vasco, donde puseram-se a caminho para Vila Bela, dois dias depois.

Um só dêles, Riedel, devia chegar com vida.

O outro, Adriano Taunay, levado pelo gênio fogoso, deixou a morosa comitiva; perdeu-se no meio de um grande temporal que de repente caiu; vagou por entre canaviais e, alcançando a margem do rio Guaporé, não duvidou jogar-se a nado para transpô-lo, vestido como estava. Confiado na segurança com que costumava zombar dos elementos, depois da aprendizagem entre os índios das Carolinas na Oceânia, que mais vivem n'água do que em terra, fêz pouco no caudal que corria barrento e intumescido.

Venceu com facilidade até ao meio da corrente; depois, com o pêso das roupas, faltaram-lhe as fôrças; lutou; fraqueou; soltou um grito pungente de agonia e afundou-se para não mais aparecer senão cadáver.

Eis como numa carta datada de Mato Grosso, a 10 de março, narra Riedel o sucesso que arrebatou na flor dos anos seu intrépido e amado companheiro:

«...Deixamos Casal Vasco na manhã de 5 de janeiro para voltarmos à cidade. Vosso irmão, meu infortunado amigo, que não podia se afazer a acompanhar nossa resumida e lenta caravana, tomou a dianteira e daí a pouco o perdi de vista. Entretanto pelos rastos do seu animal vi que até três léguas de Mato Grosso seguiu caminho certo, mas nesse ponto desabou um temporal acompanhado de violenta chuva, que num instante inundou todos aquêles vastos campos. Alcanço o pôrto do Guaporé, sem encontrar meu amigo, supondo, porém, abrigado em algum rancho arredado da estrada. Numa canoinha passo o rio, não sem perigo, porque as águas iam-se avolumando e chego, às 4 horas da tarde, a Mato Grosso, onde me comunicaram a fatal notícia. Duvidei dar-lhe crédito, mas daí a pouco trouxeram-me o cavalo que êle montava — triste prova da verdade! Corro ao pôrto; acho várias pessoas empenhadas em procurar o

corpo... debalde! pois as águas turvas e carregadas de lôdo tornavam a pesquisa inútil.

A uma légua da cidade perdeu-se Adriano; atravessou duas vêzes o rio Alegre e entrou num canavial, onde uma negra lhe ensinou uma vereda que por matos e pântanos levava à margem do Guaporé, defronte da cidade, uns trezentos passos acima do pôrto. Chegando ali, viu do outro lado uma lavadeira e pediu-lhe que fôsse avisar o passador. *A trovoada roncava com fôrça e caía chuva a cântaros. Adriano impacienta-se; prende a rédea ao animal e, recomendando-o à lavadeira, toca-o para a água. A mulher avisa-o do perigo, mostra-lhe o barqueiro que vinha chegando. Nada, porém, o desvia da funesta intenção; atira-se a nado; chega ao meio do rio; perde as fôrças; afunda; luta; dá um grito; levanta um braço e, vítima da excessiva temeridade, desaparece, no momento em que chegava a canoa. Infelizmente o* passador *não sabia mergulhar. As autoridades fizeram tôdas as diligências para achar o corpo. No dia 6 de janeiro, mais de 15 pessoas em vão se ocuparam nesse triste mister.*

Entretanto, na madrugada de 8, vieram-me avisar que tinha sido descoberto. Corro... chego... vejo-o estendido na margem, mutilado pelos peixes... Lanço-me sôbre êle... Poupai-me êsses pormenores! No mesmo dia foi sepultado com a pompa devida à sua pessoa e família na igreja de Santo Antônio que se ergue junto ao pôrto, encravada num frondoso e extenso laranjal. No mesmo dia 9 celebraram-se cerimônias religiosas, conforme o uso do país. O capitão-mor João Pais, a quem pedi o obséquio de atender a tudo quanto fôsse preciso, portou-se como cavalheiro distinto...»

Assim pereceu desastradamente Adriano Taunay com 25 anos de idade incompletos, quando a existência ante êle se abria não tanto amena e fácil, como cheia de esplendores e glória.

As águas revôltas do Guaporé de súbito apagaram um futuro radiante, uma das mais queridas e justifica-

das esperanças de minha família, que ainda hoje conserva viva e dolorosa a recordação do funesto aniversário.

Vê-se, pois, que grandes desgraças haviam caído sôbre os dois resumidos grupos em que se separara a comissão expedicionária.

Como última informação direi que as despesas do govêrno da Rússia, durante êsses três anos e meio, subiram a 88 200 francos, soma bastante considerável naquela época.

Os desenhos e coleções fitológicas foram recolhidos a um museu de S. Petersburgo. Quanto aos cálculos astronômicos de Rubzoff, que morreu pouco depois de sua chegada à pátria, no mar Cáspio, nada se sabe de positivo.

Deixemos agora a palavra ao digno Sr. Hercules Florence, que com sua linguagem simples, mas característica, vai nos contar todos os incidentes pitorescos da longa, interessante e desventurada viagem do cônsul barão de Langsdorff.

ESBÔÇO DA VIAGEM

feita pelo Sr. de Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829.

Escrito em original francês pelo 2.º desenhista da comissão científica

HERCULES FLORENCE

Traduzido por

ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY
(VISCONDE DE TAUNAY)

Numa sumaca chamada *Aurora*, que fazia viagens de cabotagem, partimos da cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de setembro de 1825. O tempo mostrava-se favorável para depressa alcançarmos Santos, 40 léguas a S. O.; não estávamos, contudo, a cômodo nesse acanhado barco, tanto mais quanto, além das cargas e da bagagem nossa que levava, transportava 65 escravos, negros e negras, recentemente introduzidos d'África e todos cobertos duma sarna, adquirida na viagem, que, exalando grande fétido, poderia nos ter sido nociva, caso durasse mais o contato a que ficamos obrigados e fôra a atmosfera calma e parada. Felizmente, dia e noite, soprou o vento fortemente, levando-nos à embocadura do canal de Santos em 48 horas, quando às vêzes acontece que se gastem mais de três semanas no mesmo trajeto.

Subimos o rio légua e meia até à cidade, cujo aspecto longe está de anunciar um pôrto de grande comércio: na verdade viam-se apenas fundeados alguns navios costeiros e um palhabote português. Acolhidos pelo cônsul inglês, fomos nos acomodar numa casa próxima à povoação onde nos demoramos perto de 20 dias, durante os quais choveu constantemente, o que não é de

estranhar por ser a localidade de clima úmido e chuvoso quase todo o ano. Raramente tem-se um dia de sol.

Em Santos há uma única rua ao longo do rio e travessas que da praia vão ter ao alto de colinas a cavaleiro sôbre a cidade. Bem que se note muito pouca atividade na resumida população, é êste pôrto o mais importante de tôda a província e o entreposto exclusivo do comércio de importação e exportação que busca a parte setentrional de São Paulo.

Há um estaleiro, onde se constroem navios do Estado. Continuadamente levam mercadorias de Santos para o Cubatão, aldeola sita três léguas acima, duas embarcações, que voltam carregadas dos produtos do país. Empregam 24 horas na subida e três ou quatro para descerem.

Parti de Santos com alguns dias de avanço sôbre meus companheiros a fim de mandar preparar cômodos em Cubatão e contratar com antecedência algum tropeiro, que se encarregasse de transportar para São Paulo tôda a bagagem pertencente à comissão. Embarquei-me numa canoa feita dum só pau e tripulada por dois negros remadores.

Fiquei maravilhado da beleza dos sítios que fui atravessando. Não me fartava de admirar as margens do rio, a superfície calma das águas, os maciços de *mangues*, que por tôda parte surgem no meio da corrente e se alinham nas bordas, o cantar dos pássaros do país, tão novo para mim; tudo concorria para mergulhar-me a alma em doce melancolia. Depois de pôsto o sol, o espetáculo mudou: ergueu-se a lua, e o suave clarão veio dar mais formosura àquela noite serena e bela, a primeira que eu assim passava nesta parte da província.

Navegávamos por entre ilhas de *mangues*, cujos grupos dividem o rio em vários canais, alguns tão estreitos, que as árvores entrelaçam os ramos e formam dos-

Carregadores d'água

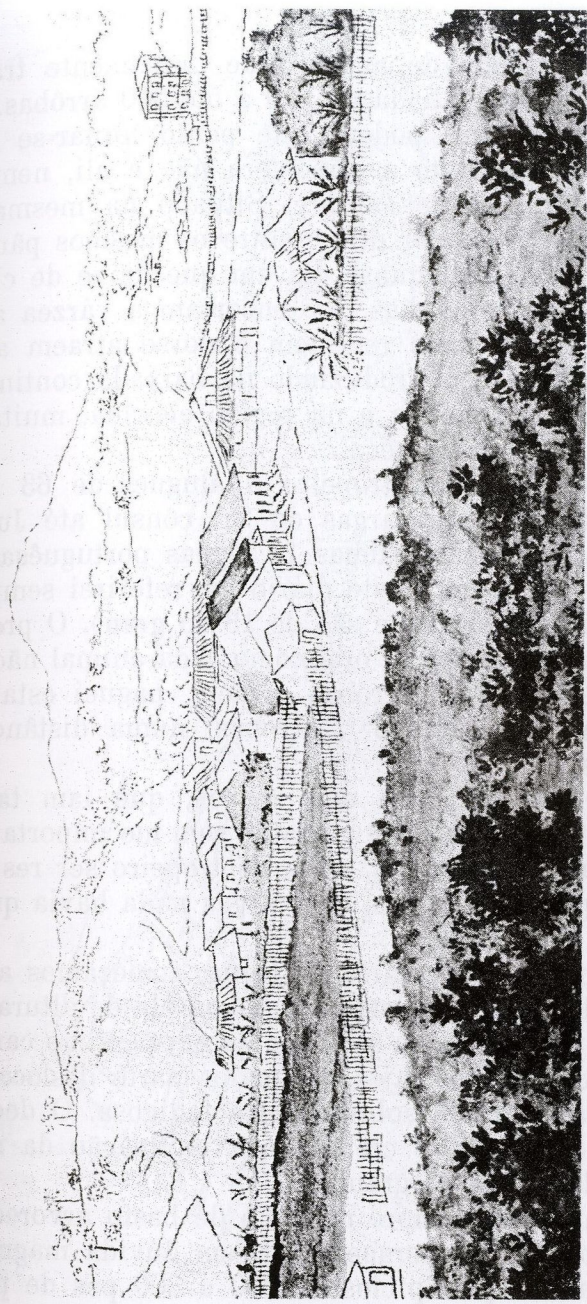
séis de verdura ao viajante. Em ponto algum coavam os raios da lua; mas aquela escuridão me aprazia, condizendo com o silêncio, que só o bater dos remos e os gritos das aves noturnas de quando em quando interrompiam.

Cheguei ao Cubatão às 10 horas da noite e fui acolhido pelo Sr. Eduardo Smith, dinamarquês de nascimento, e para quem levava cartas de recomendação.

No dia seguinte, presenciando a atividade que reinava em Cubatão, conheci quanto é ponto freqüentado, bem que não seja mais que um núcleo de 20 ou 30 casas mal construídas. É o entreposto entre São Paulo e Santos. Durante os oito dias que lá fiquei, vi diàriamente chegar três a quatro tropas de animais e outras tantas partirem.

Cada tropa compõe-se no geral de 40 a 80 bêstas de carga, guiadas por um *tropeiro* e divididas em lotes de oito animais que caminham sob a direção de um *camarada*.

Acontece que quando muitas delas ali se reúnem, os camaradas se congregam todos para dançarem e cantarem a noite inteira o *batuque*. Gritam a valer e com as mãos batem cadenciadamente nos bancos em que estão sentados. Assim se divertem.

As tropas, ao descerem de São Paulo, vêm carregadas de açúcar bruto, toicinho e aguardente de cana e voltam levando sal, vinhos portuguêses, fardos de mercadorias, vidros, ferragens, etc. Os produtos franceses, como sêdas, musselinas, chitas e toalhas de linho, que em São Paulo, como em todo o Brasil, são muito mais estimados que os de origem inglêsa, têm importação, contudo, inferior, porque o comércio francês é incomparàvelmente menos ativo. Outra razão ainda impede maior consumo: sua carestia em razão do grande ônus dos impostos de introdução.

Vista de Cubatão

A quantidade de açúcar que anualmente transita pelo Cubatão é avaliada de 500 a 550 000 arrôbas.

Para o futuro, poderá êste ponto tornar-se muito comercial; entretanto a atmosfera não é ali, nem será nunca, perfeitamente salubre. Situado na mesma planície, ou, para melhor dizer, entre os mesmos pântanos que Santos, não há quase dia em que deixe de chover.

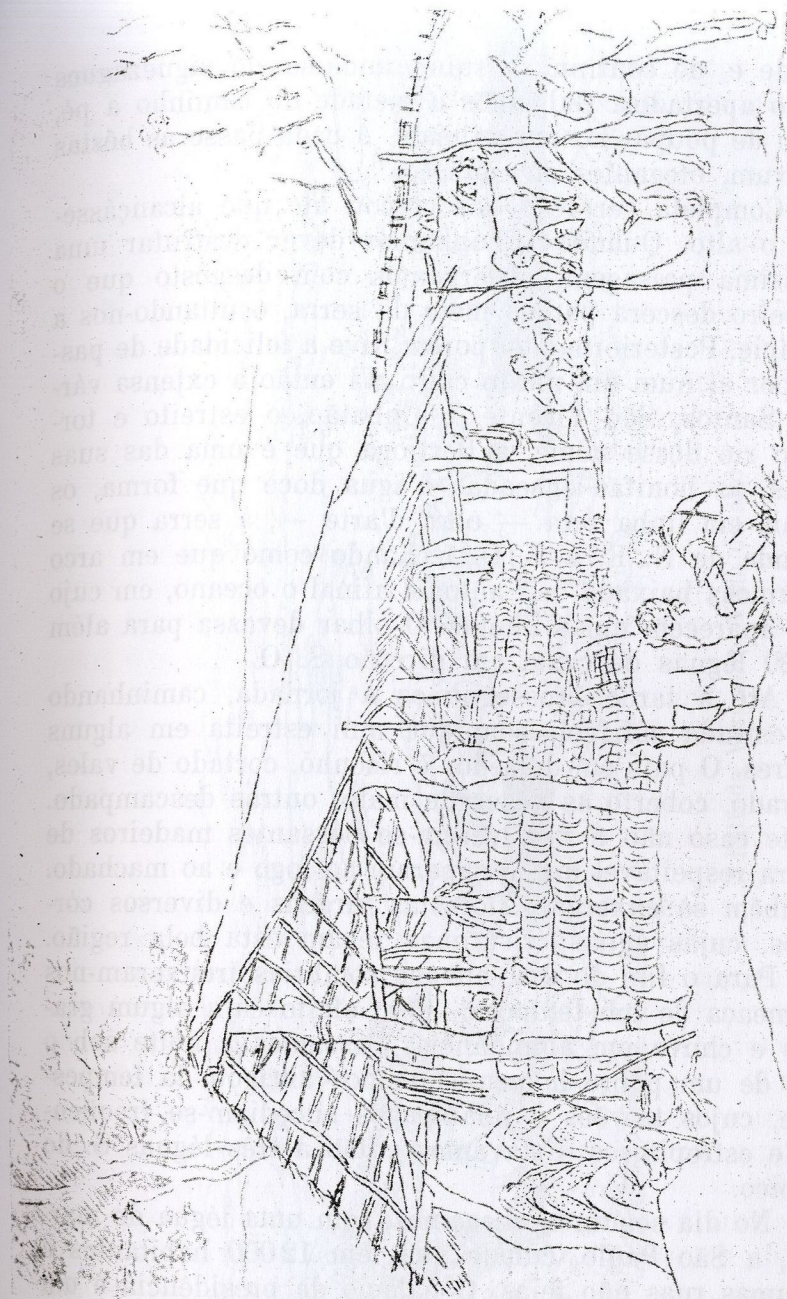
As altas montanhas que encerram a várzea a S. e as florestas que lhes revestem o dorso atraem as nuvens e as prendem, produzindo na baixada continuadas chuvas, quando, acima e na região elevada, muitas vêzes está o dia bom e sêco.

Ajustei com um tropeiro o aluguel de 63 bêstas para transportar as cargas do Sr. cônsul até Jundiaí, povoação daí distante umas 19 léguas portuguêsas (observo que no correr dêste diário me referirei sempre às léguas portuguêsas, que são de 18 ao grau). O preço do aluguel foi de 118$000; ora, como cada animal não pode carregar senão sete arrôbas e meia, paguei esta soma pelo transporte de 472 $^{1}/_{2}$ arrobas, numa distância de 19 léguas.

Em companhia de dois moços, que iam também para São Paulo, parti de Cubatão sem me importar mais com a bagagem, porque, além do tropeiro ser responsável por qualquer desvio, nas cargas nada havia que pudesse se estragar.

Depois de um quarto de légua, começamos a subir a *serra* do Cubatão. Nesse lugar tem ela de altura cêrca de 2 500 pés e só pode ser vencida em péssimo caminho, calçado de grandes lajes, na maior parte deslocadas, o que torna a subida sobremaneira fadigosa. O declive é de 25 a 30 graus, e creio que a inclinação da montanha há de ser de 45 graus.

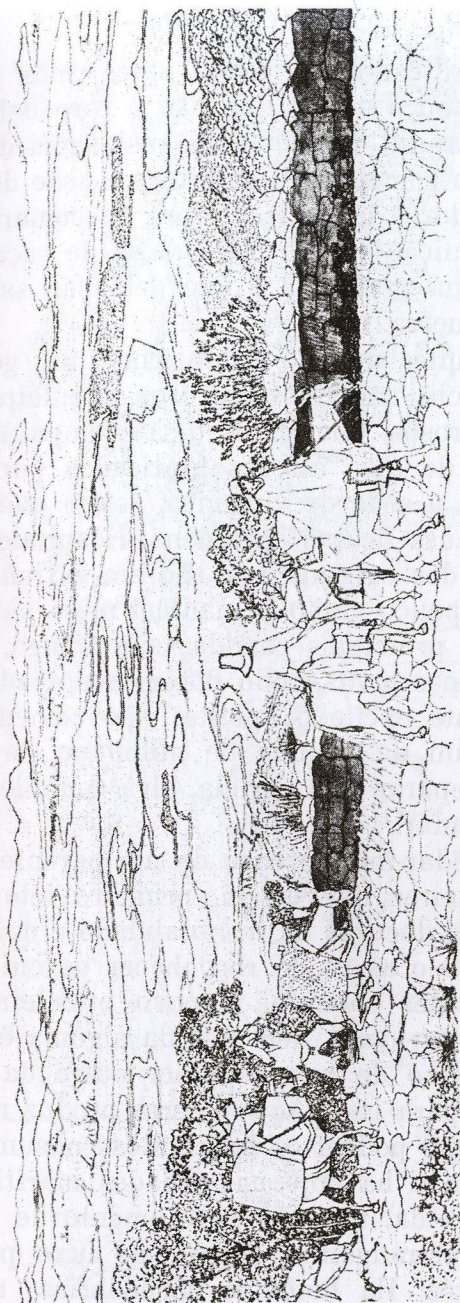
Caminha-se sempre no meio de basto arvoredo que impede o gôzo de perspectivas sem dúvida magníficas; tangenciam-se precipícios de 200 a 300 pés de profun-

Rancho de tropeiros

didade e, de contínuo a subir, anda-se em ziguezagues muito apertados. Galgamos a metade do caminho a pé, a fim de poupar nossos animais. A cada passo as bêstas paravam, ofegantes de cansaço.

Completa cerração nos cercou até que alcançássemos o alto. Quando supúnhamos dever desfrutar uma belíssima paisagem, observamos com desgôsto que o nevoeiro descera para o meio da serra, ocultando-nos a planície. Posteriormente, porém, tive a felicidade de passar por aí num dia muito claro. Vi então a extensa várzea, Santos, São Vicente, o Cubatão, o estreito e tortuoso rio dêsse nome, a Bertioga que é uma das suas bôcas, as bonitas enseadas d'água doce que forma, os canais em linha reta — obra d'arte —, a serra que se estende de N. E. a S. O. fechando como que em arco a formosa baixada de Santos e afinal o oceano, em cujo seio aparecem umas ilhotas. O olhar devassa para além de 20 léguas de costa em direção S. O.

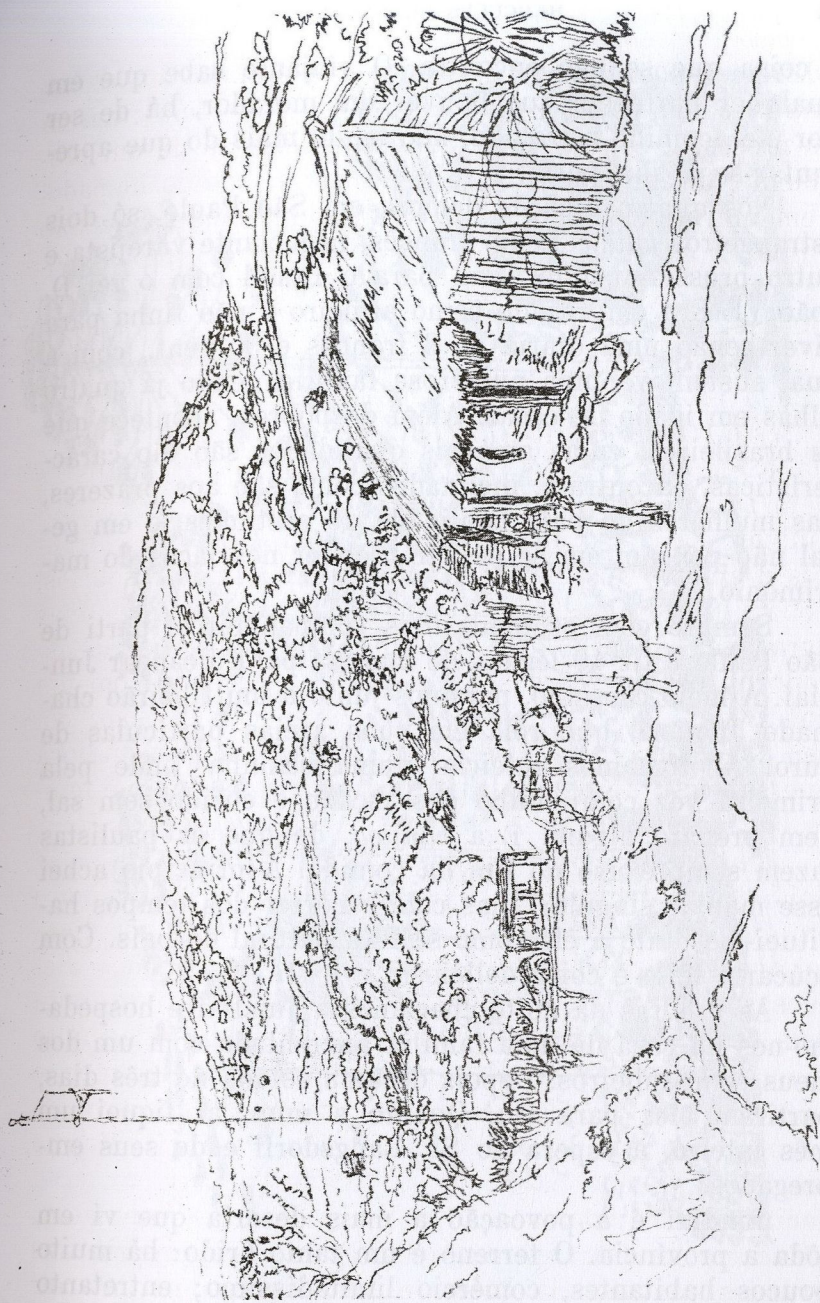
Até à tarde prosseguimos a jornada, caminhando em estrada sofrível, bem que mui estreita em alguns lugares. O país em derredor é risonho, cortado de vales, dobrado, coberto às vêzes de mato, outras descampado. Neste caso não é raro verem-se possantes madeiros de altura respeitável que escaparam ao fogo e ao machado. Também se enxergam florestas virgens e diversos córregos, cujas águas cristalinas regam esta bela região.

Para o fim do dia, nuvens sombrias trouxeram-nos a ameaça de um temporal. Com efeito caiu algum granizo e chuva em abundância. Passamos a noite sob o teto de um pobre homem, que nos abrigou da tempestade, cujos trovões e relâmpagos sucediam-se freqüentes e estrepitosos. Estávamos então a três léguas S. do trópico.

No dia seguinte, chegamos, com uma légua de marcha, a São Paulo, cidade que tem 12 000 habitantes e algumas ruas não feias. O palácio da presidência é um

Estrada Vergueiro. Vista do alto

edifício insignificante; a cadeia vasta, mas mal construída e tão pouco sólida que não é raro dela fugirem os presos. É capital da província, residência de um presidente, de um comandante de armas e sede do bispado. Tem um ouvidor e um juiz de fora da comarca de São Paulo. A guarnição sobe a 900 praças de caçadores, tôdas nascidas na província e que dela não saem, senão em caso de guerra.

Os habitantes de São Paulo, como em geral os de tôda a província, são tidos entre os brasileiros por valentes e rancorosos. Com efeito o são comparativamente. Há exemplos de atos atrozes praticados por paulistas para saciarem a sêde de vingança, sendo quase sempre mulheres a causa dessas desordens. Hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros, são em extremo sóbrios, bebem muito pouco vinho, e mantêm mesa simples, mas agradável. As principais comidas são frango, leitão assado ou cozido e ervas, tudo porém acepipado com um condimento que excite o apetite. Não comem pão: em seu lugar usam da farinha de milho ou de mandioca que sabem preparar com perícia, alva como leite, e muito boa ao paladar.

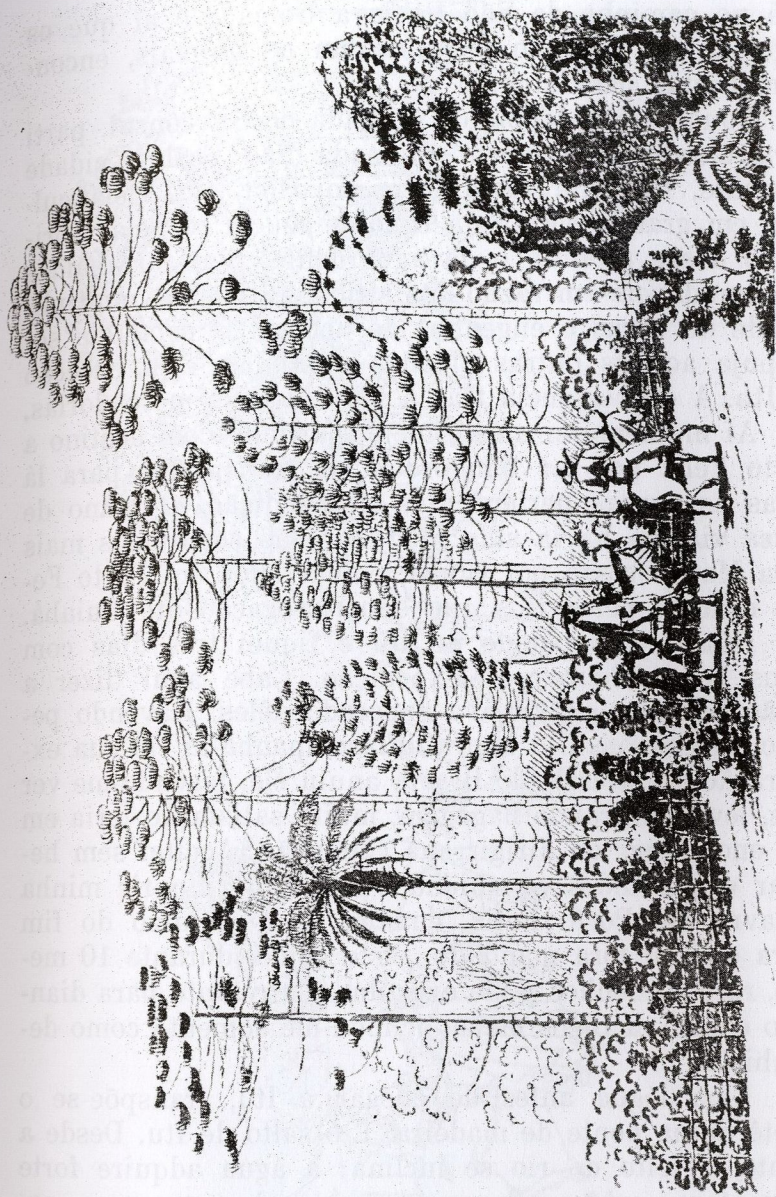
Fui hospedar-me em casa de um parente dos meus dois companheiros de viagem, primeiro teto brasileiro em que fruí as doçuras da hospitalidade e daí por diante tive sempre ocasião de reconhecer os cuidados afetuosos e tocantes com que o povo brasileiro exercita êste dever de caridade. Sem dúvida alguma é êle muito mais hospitaleiro do que qualquer outro da Europa e há sua razão para isso. Aqui a terra produz muito mais alimento do que podem os habitantes consumir. Mesmo no Brasil já não há hoje nas cidades marítimas tanta facilidade de vida, não só pelo aumento de população, afluência de estrangeiros, como pelo luxo próprio dos grandes centros. Há hotéis e hospedarias: no interior

Pouso de Juqueri

é coisa que se não encontra. O viajante sabe que em qualquer parte em que houver um morador, há de ser por êle acolhido e tratado, não tendo mais do que apresentar-se à sua porta.

Nos quatro dias de demora em São Paulo, só dois estrangeiros conheci: um francês, negociante varejista e outro prussiano, que viera para o Brasil com o rei D. João VI. Era empregado como armeiro e não tinha para viver senão uma diária de 3 francos e 35 cent., com a qual sustentava uma numerosa família, tendo já quatro filhas em idade de casar. Além de pobres, acontece que os brasileiros, cujas amáveis qualidades são tão características, encontram, inclinados como são aos prazeres, nas mulheres do país facilidade de costumes, e em geral não pensam em se deixar prender nos laços do matrimônio.

Sempre com os meus dois companheiros, parti de São Paulo e fiz 10 léguas de marcha para alcançar Jundiaí. A meio caminho, paramos junto a um ribeirão chamado Juqueri, que rola em suas areias partículas de ouro. Aí tomamos refeição numa casinha, onde pela primeira vez comi milho descascado e cozido sem sal, nem preparo algum. É a *canjica*, de que os paulistas fazem sempre uso no fim da comida. A princípio achei êsse manjar singular, mas com o correr dos tempos habituei-me tanto a êle como se fôra natural do país. Com açúcar e leite é coisa deliciosa.

Às 9 horas da noite chegamos a Jundiaí e hospedamo-nos na casa de uma família aparentada com um dos meus companheiros. Depois de uma estada de três dias, partiram êles para Itu. Quanto a mim, aí fiquei um mês inteiro, à espera do Sr. Langsdorff e de seus empregados.

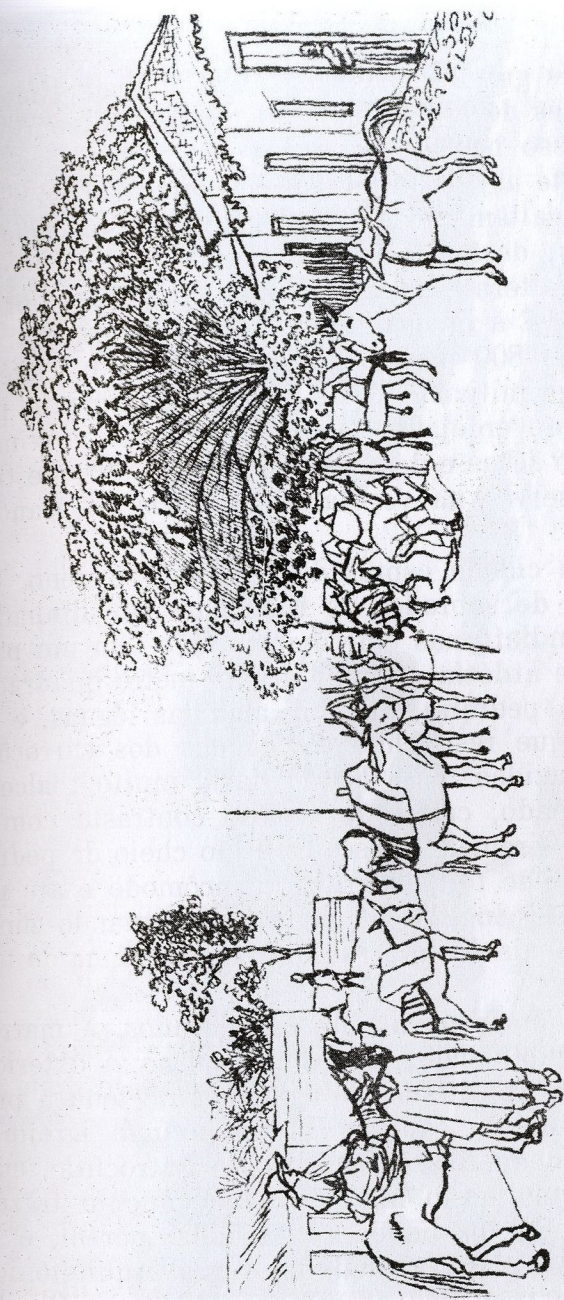
Jundiaí é a povoação a mais deserta que vi em tôda a província. O terreno é um tanto árido: há muito poucos habitantes, comércio limitadíssimo; entretanto

Pinheiros no caminho de Jundiaí

está no caminho de São Paulo a Goiás e é aí que os negociantes, que não se proveram de animais, encontram bêstas para alugar.

Poucos dias depois da chegada do Sr. cônsul, parti para Campinas, também chamada São Carlos, cidade nascente, bastante vasta, bem povoada, rica pela cultura em grande escala da cana-de-açúcar, e pela fabricação dêsse produto e da aguardente. Seus arrabaldes são agradáveis em razão dos sítios cultivados, multiplicidade de casas e engenhos de açúcar. O comércio sobrepuja ao das outras cidades próximas, com exceção de Itu. A concorrência traz a barateza das mercadorias.

Aí me demorei mês e meio, partindo com destino a Pôrto Feliz por ter tido ordem de transportar para lá tôdas as cargas pertencentes à expedição. O plano de nossa viagem havia sido mudado. Não seguíamos mais para Mato Grosso por Goiás; embarcados em Pôrto Feliz, iríamos pelos rios que dão navegação até Cuiabá.

Passei pela cidade de Itu e fiquei três dias com meus companheiros de expedição. Cabe aqui dizer a razão por que eu viajava separado dêles. Havendo pedido ao Sr. cônsul a honra de acompanhá-lo em sua exploração ao interior do Brasil, anuiu êle, fazendo-me ver que, levando grande bagagem, muita satisfação teria em me encarregar de dirigir sua condução. Aceitei sem hesitar e pus todos os cuidados em bem cumprir minha palavra até Pôrto Feliz, embora com prejuízo do fim para que eu fôra mandado, visto como, durante 10 meses, raros desenhos pude executar. Entretanto para diante o cônsul, a rogos meus, ocupou-me sòmente como desenhista.

Uma légua antes de chegar a Itu, transpõe-se o Tietê numa ponte de madeira. É o salto de Itu. Desde a ponte, o leito do rio se inclina: a água adquire forte correnteza; esbarra de encontro a rochas esparsas; espuma em tôrno; espadana branca como neve; precipi-

Pouso de Jundiaí

ta-se entre dois grandes maciços e forma uma primeira queda de 15 pés de altura mais ou menos. De contínuo se ergue espêsso nevoeiro que o vento atira sôbre as árvores. Adiante as águas fervem em curso vertiginoso; em borbotões saltam pelas pedras; chocam-se, cachões contra cachões; desfazem-se em líquida poeira; rugem nas margens e alternadamente submergem ou descobrem grandes rochas. É a imagem eterna do mar em fúria.

Abaixo uns 800 passos da queda, volta o Tietê à tranqüilidade primitiva e corre então mansamente por entre espêsso e verdejante mato. As árvores próximas à cachoeira são sêcas e despidas de fôlhas, fato que tive ocasião de observar na vegetação que orla as grandes cascatas.

Itu é uma cidade espraiada em vasto terreno. Há algumas casas de sobrado. As ruas não são alinhadas como as de Jundiaí, mas em compensação têm um passeio de lajes de ardósia de mais de um metro quadrado, tiradas de uma pedreira, distante algumas léguas, e de tal espessura que resistem aos choques dos carroções em que são trazidas. Êsse lajedo daria muito realce à beleza do povoado, caso não fizesse contraste com o meio da rua inteiramente descalço e tão cheio de pedras e matacões, que se torna o trânsito incômodo e até perigoso. Em muitos lugares há areia fina e quando chove formam-se lamaçais de enterrar-se o pé até acima do tornozelo.

Há em Itu um convento de franciscanos. A matriz, ornada com simplicidade, se bem pequena e exteriormente de pouca arquitetura, é a melhor de tôda a província, depois da da capital. Há ainda uma igrejinha sob a invocação de Nossa Senhora do Patrocínio, cuja riqueza e ornamentação muito desvanecimento trazem aos habitantes da localidade. A fachada, porém, é de péssimo gôsto e alheia a qualquer regra arquitetônica.

Durante os três dias de minha estada em Itu, foi

Salto de Itu

um escravo do Sr. cônsul morto por um negro desta cidade, por causa, disseram-nos, de uma preta. Não houve meios de obter justiça: o assassino fugiu para os matos, e as autoridades não pareceram dispostas a tomar a peito sua captura.

No Brasil vêem-se muitas vêzes crimes desta natureza ficarem impunes, não só porque suas vastas florestas dão seguro asilo aos delinqüentes, como a justiça pública mostra-se frouxa ou falta de meios para se fazer respeitar, e a polícia é nula. Um homem, que comete um atentado, foge para outra província, ali passeia sem rebuço e ninguém lhe toma contas.

Quanto aos que buscam refúgio nos matos, não admira que estejam fora do alcance da ação legal, pois os meios de que esta careceria seriam por demais dispendiosos, mas em relação aos que se homiziam em outras províncias, a segurança de que vão gozar prova bem quanto é viciosa a administração.

Partiu o Sr. cônsul para a fábrica de ferro de São João de Ipanema a seis léguas N. O., acompanhado de seus empregados. Quanto a mim, dirigi-me para Pôrto Feliz, a fim de mandar construir canoas e preparar tudo para a viagem de Cuiabá. A digressão que nosso chefe propunha fazer estendia-se pelo Sul da província; mas, havendo êle sido chamado ao Rio de Janeiro a negócio, deixou a direção da comissão ao Sr. Riedel, botânico, o qual, com os mais empregados, devia achar-se em Pôrto Feliz antes da sua volta.

Durante a ausência dêsses senhores, ausência de cinco meses, fiquei naquela cidade, hospedado em casa do cirurgião-mor Francisco Álvares Machado e Vasconcelos, homem instruído, de conversação agradável e sentimentos altamente recomendáveis. Sua preciosa convivência fêz-me passar todo aquêle tempo mui deleitàvelmente.

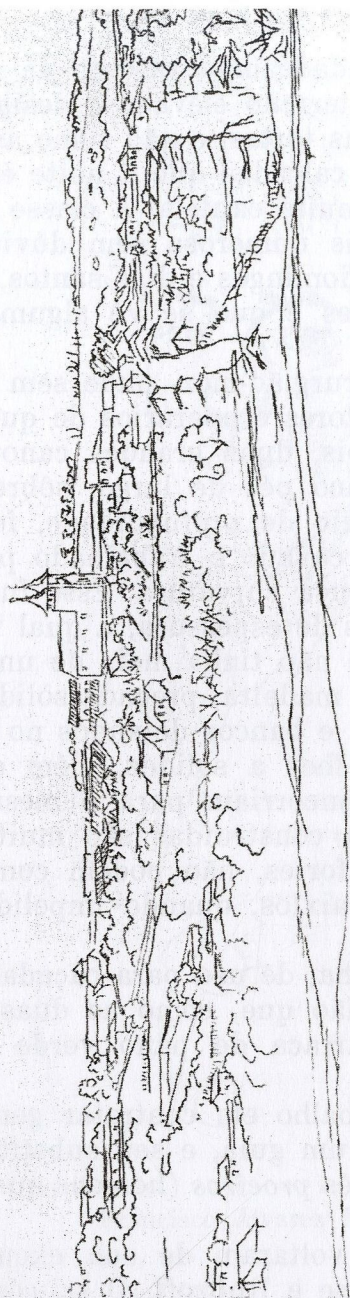
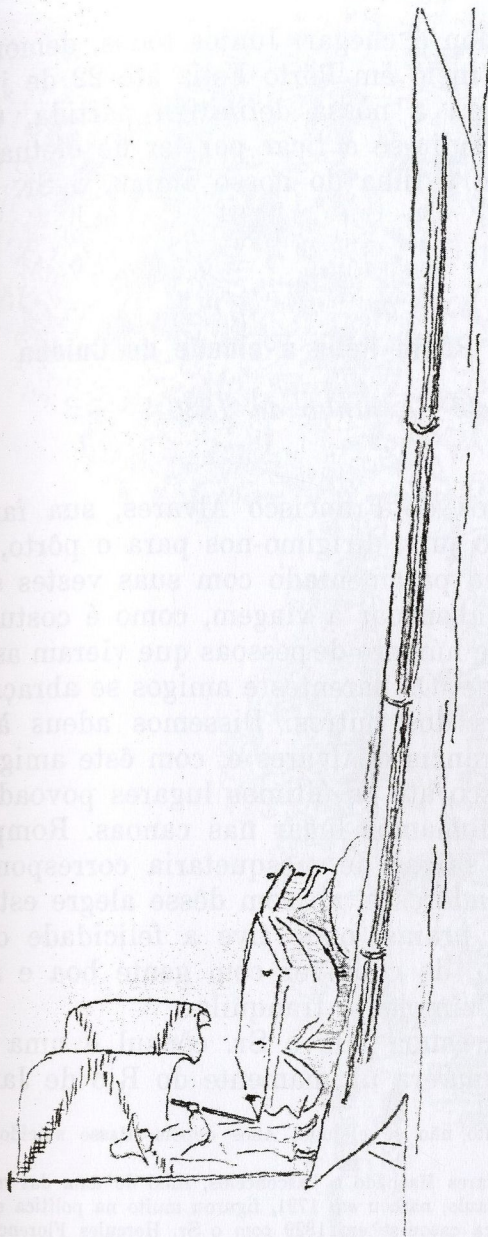
Francisco Álvares Machado

Pôrto Feliz é uma cidadezinha assente na margem esquerda do Tietê, e em terreno elevado e desigual. As casas são térreas e as ruas tortas, e não como as de Itu e Jundiaí. Estão tão mal calçadas que à noite é impossível dar um passo sem muita cautela. A classe dos habitantes agrícolas, a mais numerosa sem dúvida, não concorre a ela senão aos domingos e dias santos, de modo que só nessas ocasiões é que se vê alguma gente nas ruas.

Com o auxílio do cirurgião-mor, pude sem demora achar os mestres construtores e operários de que precisava. Em três meses, pois, duas grandes canoas ficaram prontas. Tinham cinco pés de largo, sôbre 50 de comprimento e três e meio de profundidade, feitas de um só tronco de árvore, cavado e trabalhado por fora, de fundo chato e com pouca curvatura. Êsse fundo era de duas e meia polegadas de espessura, a qual ia diminuindo até à borda, onde não tinha mais de uma polegada. Uma larga faixa de madeira, pregada sòlidamente, guarnecia as duas bordas e bancos deixados no interior das canoas aumentavam-lhes a solidez, além de duas grandes travessas que concorriam para o mesmo fim. Estas embarcações assim construídas são muito pesadas: entretanto, embora fortes, não podem comumente resistir ao choque nos baixios, quando impelidas pela rapidez das águas.

Além de uma canoinha, de uso para caçadas e pescarias, arranjei um batelão que, como as duas canoas grandes, levava uma barraca de pano verde armada à pôpa.

Não tive grande trabalho em contratar gente para as tripulações. Consegui um guia, e seu substituto, um pilôto e dois ajudantes, três *proeiros* (homens que vigiam à proa) e 18 remadores.

No tempo marcado voltaram de sua excursão os Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Rubzoff. O sr. cônsul por

Pôrto Feliz

Canoa na corredeira

seu lado não tardou a chegar. Juntos todos, demoramo-nos ainda mês e meio em Pôrto Feliz até 22 de junho, dia designado para a nossa definitiva partida. O Sr. Hasse, porém, decidiu-se a ficar por ter de efetuar seu casamento (1) com a filha do nosso amigo, o Sr. Francisco Álvares (2).

Viagem de Pôrto Feliz à cidade de Cuiabá

22 de junho de 1826

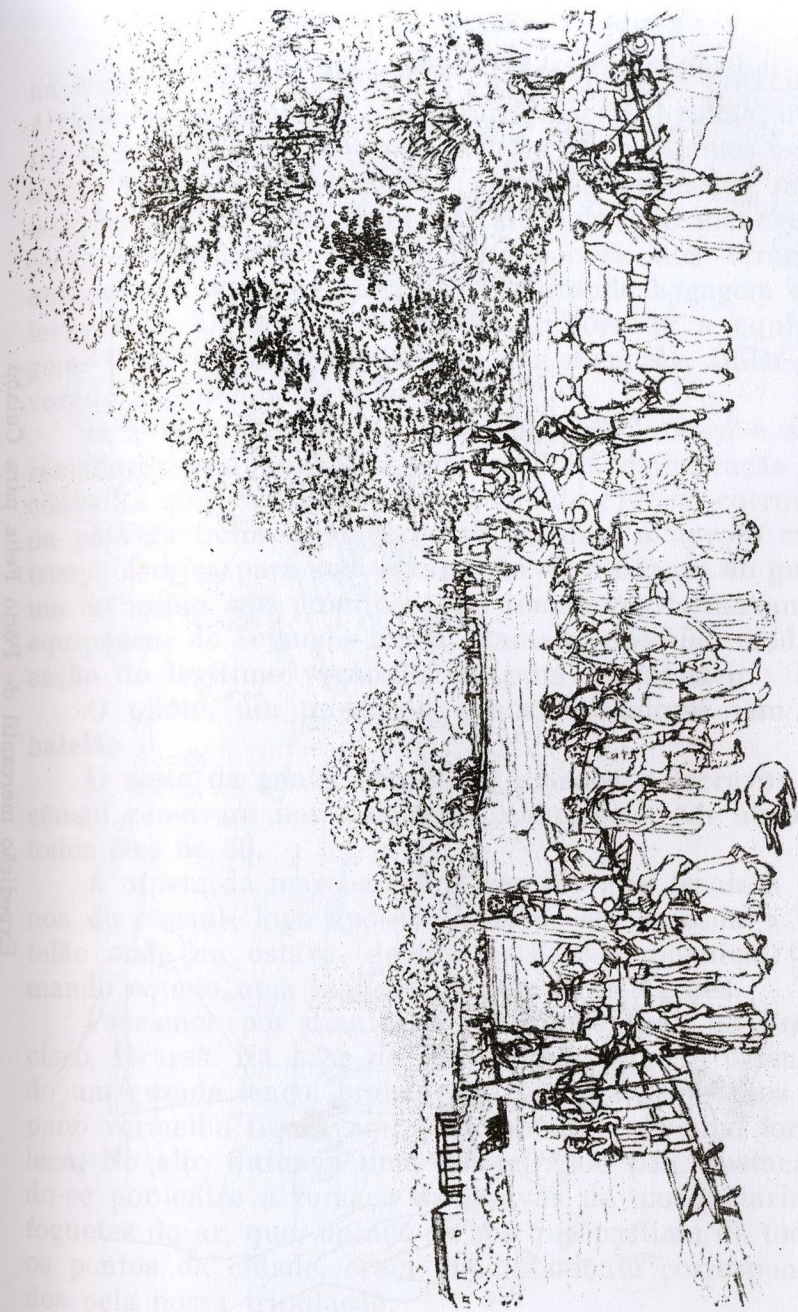
Acompanhados de Francisco Álvares, sua família, o capitão-mor e o juiz, dirigimo-nos para o pôrto, onde achamos o vigário paramentado com suas vestes sacerdotais, a fim de abençoar a viagem, como é costume, e rodeado de grande número de pessoas que vieram assistir ao nosso embarque. Os parentes e amigos se abraçavam, despediam-se uns dos outros. Dissemos adeus à mulher e filha de Francisco Álvares e, com êste amigo que quisera vir conosco até os últimos lugares povoados da margem do rio, tomamos lugar nas canoas. Romperam então da cidade salvas de mosquetaria correspondidas pelos nossos remadores e, ao som dêsse alegre estampido, deixamos as praias, onde tive a felicidade de conhecer um amigo, de conviver com gente boa e afável e de passar vida simples e tranqüila.

Na primeira canoa iam o Sr. cônsul e uma moça alemã que êle trouxera ùltimamente do Rio de Janeiro:

---

(1) Êsse casamento não se efetuou. Anos depois, Hasse suicidou-se em Campinas.

(2) Francisco Álvares Machado e Vasconcelos, filho de uma das mais distintas famílias de São Paulo, nasceu em 1791, figurou muito na política e faleceu em 1846. Sua filha única casou-se em 1829 com o Sr. Hercules Florence.

N. do T.

Partida de uma expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá

MR

MR

Expedição mercantil de Pôrto Feliz para Cuiabá

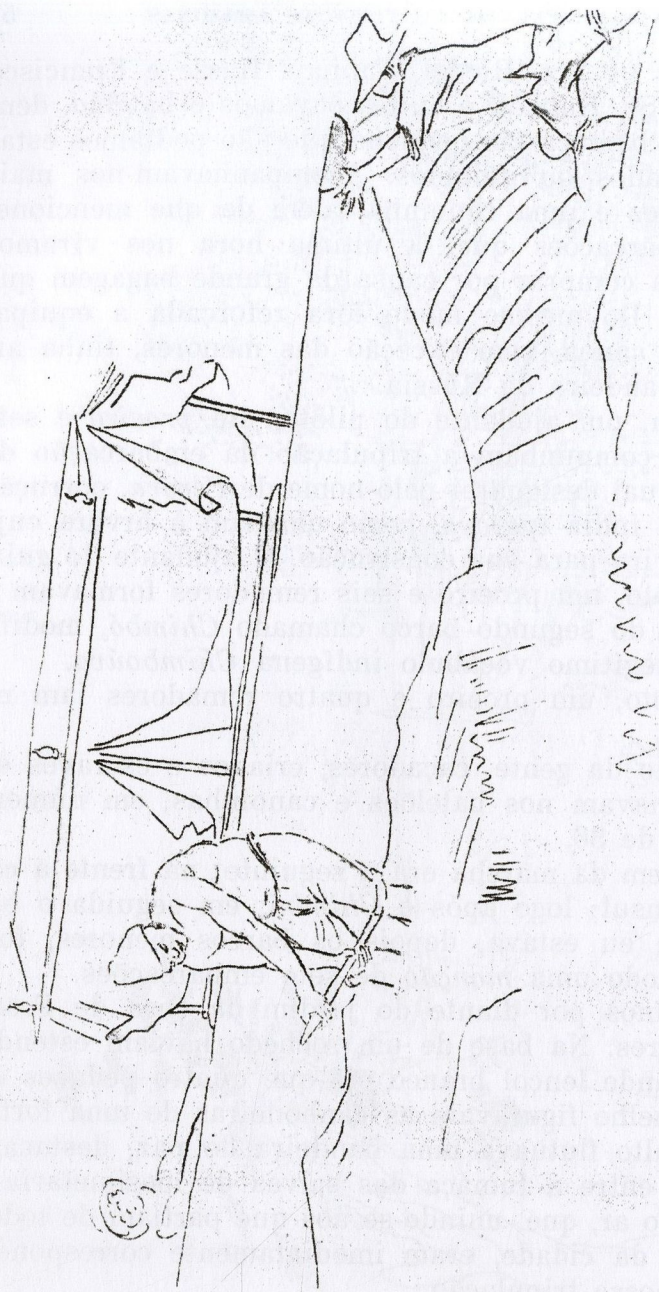
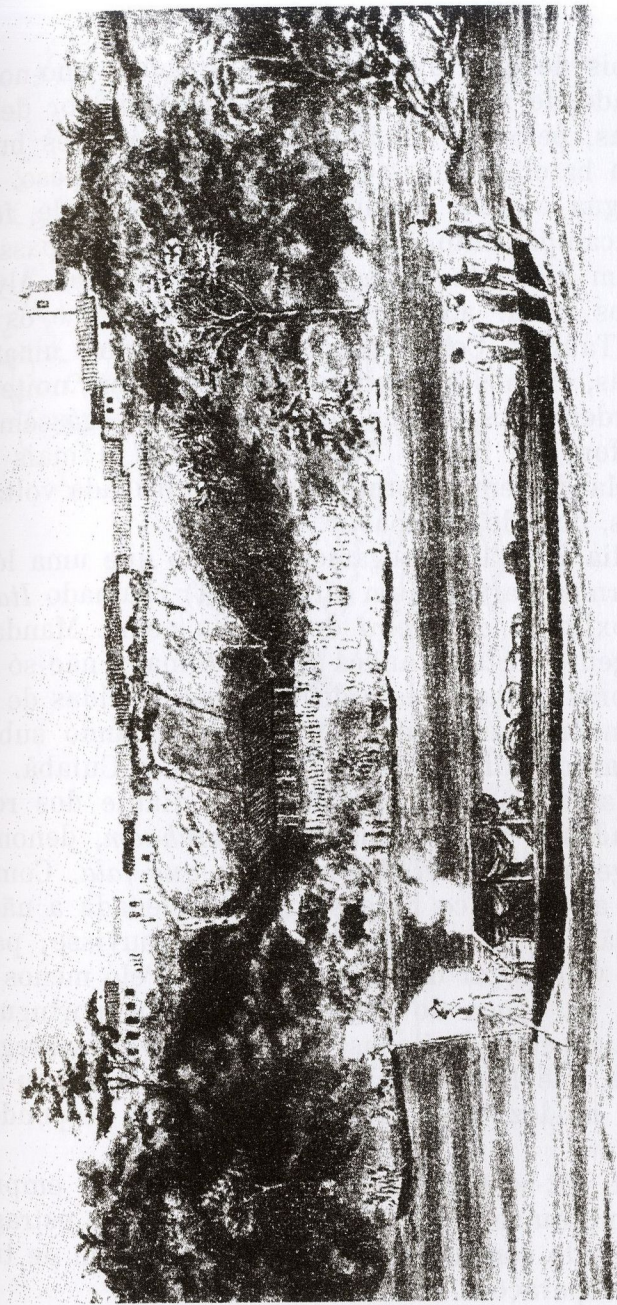
na segunda os Srs. Riedel, Taunay, Hasse e Francisco Álvares. O Sr. Rubzoff e eu ocupávamos o batelão, dentro de uma barraca tão pequena que não podíamos estar senão sentados ou deitados. Acompanhavam-nos mais dois batelões e uma canoinha, além da que mencionei atrás, embarcações que, à última hora nos víramos obrigados a comprar por causa da grande bagagem que levávamos. Do mesmo modo fôra reforçada a equipagem. Cada canoa, com exceção das menores, tinha arvorada a bandeira da Rússia.

O guia, um ajudante do pilôto, um *proeiro* e sete remadores compunham a tripulação da embarcação do cônsul, a qual designarei pelo nome de *Perova*, corrução da palavra índia *iperova*, como chamam à árvore cujo tronco servira para sua construção. O ajudante do guia, um do pilôto, um proeiro e seis remadores formavam a equipagem do segundo barco chamado *Chimbó*, modificação do legítimo vocábulo indígena *Chimboúva.*

O pilôto, um proeiro e quatro remadores iam no batelão.

O resto da gente, caçadores, criados e escravos do cônsul remavam nos batelões e canoinhas, em número todos êles de 36.

A ordem da marcha era a seguinte: na frente a canoa do cônsul; logo após o *Chimbó;* em seguida o batelão onde eu estava, depois os barcos menores, formando o todo uma *monção* de sete embarcações.

Passamos por diante do jardim da casa de Francisco Álvares. Na base de um rochedo haviam estendido um grande lençol branco em que quatro pedaços de pano vermelho figuravam as canhoneiras de uma fortaleza. No alto flutuava uma bandeira de paz, destacando-se por entre a fumaça das salvas de mosquetaria e foguetes do ar, que, unindo-se aos que partiam de todos os pontos da cidade, eram imediatamente correspondidos pela nossa tripulação.

Canoa « Chimbó »

Partida de Pôrto Feliz para Cuiabá. Desenho de Adriano Taunay

Depois de quarto de légua de viagem vimo-nos na necessidade de aproar. As canoas estavam por demais carregadas, pelo que mandou Francisco Álvares buscar ainda um batelão, que recebeu o excesso de pêso.

A légua e meia da cidade, já sôbre a tarde, fêz-se *pouso* (acampamento ou alta em terra para passar a noite). Em vista da curta distância, Francisco Álvares propôs-nos voltar ao povoado. Aceitamos eu e os Srs. Riedel e Taunay. Conseguidas por empréstimo umas cavalgaduras, eis-nos a caminho, mas, como era noite cerrada, perdemo-nos, o que fêz com que chegássemos a casa já fora de horas. Novos abraços e a mais viva alegria. Mal pudemos dormir e pela madrugada voltamos às canoas, quando iam partir.

No dia 23, não navegamos mais do que uma légua, por havermos parado num *sítio* (casa) chamado *Itaguaçava*, próximo à *cachoeira* do mesmo nome. Mandamos a nossa gente cortar grandes varas no mato, não só para as manobras necessárias e difíceis nas descidas de rios, como também para puxar as canoas, quando subíssemos o Pardo, Paraguai, São Lourenço e Cuiabá.

Havíamos já então passado por diante dos rochedos talhados a prumo, chamados *Itanhaém*, denominação indígena que quer dizer: *pedra que fala*. Como se sabe, foi a ninfa Eco para sempre condenada a não repetir senão as últimas sílabas do que ouvisse: parece que aqui veio gozar de mais liberdade. Pelo menos contam que, na época do descobrimento dos portuguêses, podia ela repetir 14 sílabas, mas o tempo, desagregando as rochas que lhe constituíam a voz, mergulhou-a em completa mudez. Aos nossos gritos nada respondeu a infeliz.

A 24, fêz-se voltar o batelão tomado por empréstimo, e comprou-se outro. Como, porém, estava estragado, foi o dia todo consumido em Itaguaçava a fim de trabalhar nas reparações.

Pôrto Feliz. Vista do rio

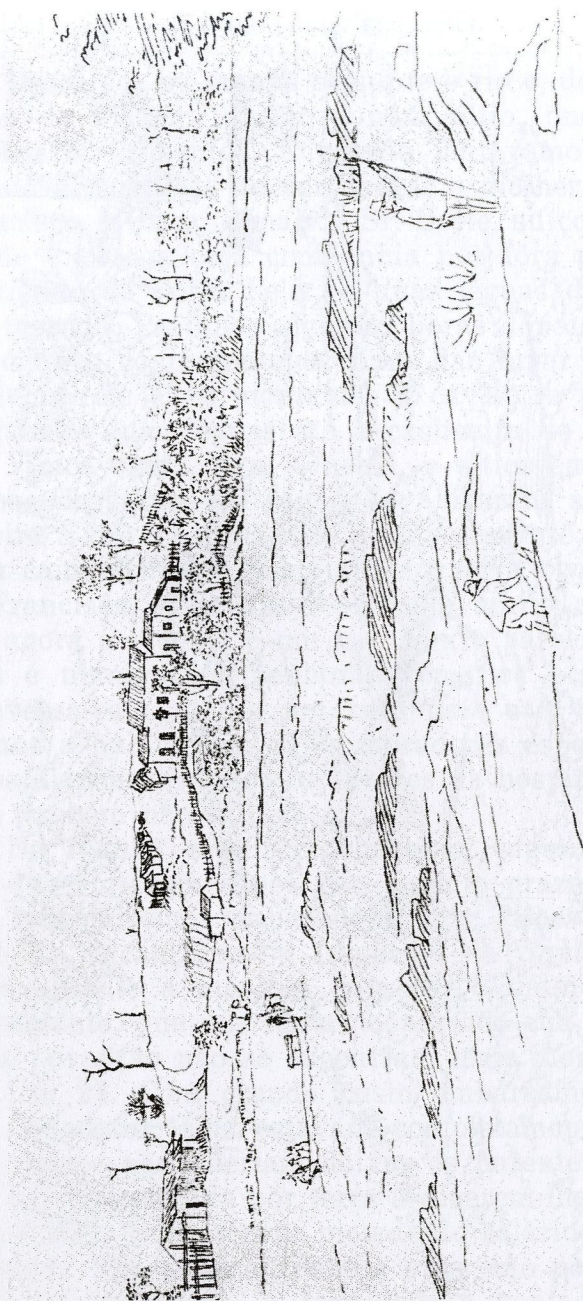
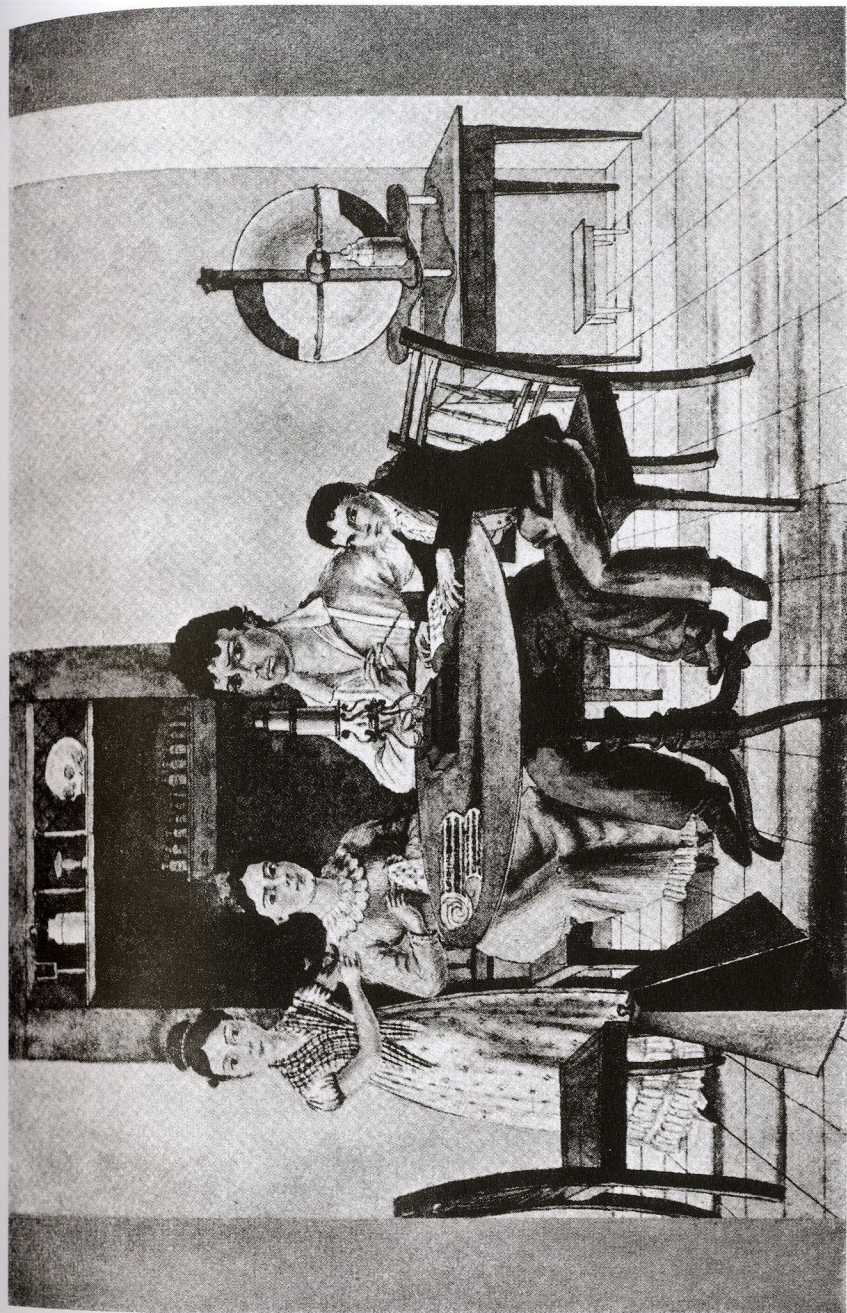
Descemos na manhã seguinte o rio e, depois de uma légua de viagem, paramos num sítio, onde devíamos receber mantimentos. Enquanto jantávamos, tivemos a agradável surprêsa de ver chegar a mulher e a filha de Francisco Álvares, e mais o Sr. Grêle, suíço de nacionalidade e pessoa cuja companhia nos fôra sempre grata na cidade de Pôrto Feliz, a duas léguas da qual tinha sua morada. Partimos algumas horas depois da chegada dêsse novo contingente, e, para dar lugar às senhoras, Riedel, Grêle e eu montamos a cavalo, e por terra caminhamos duas léguas até à cachoeira de *Pirapora*.

Vimos casas, aqui e acolá, e sítios em geral cultivados. Chegaram as canoas e abicaram acima da cachoeira a fim de transpô-la no dia seguinte, pois a tarde já ia caindo. Fomos, mais abaixo, ter à vivenda de uma D. Francisca, onde nos receberam muito amàvelmente. Até agora a viagem é um verdadeiro passeio. A companhia é numerosa e senhoras vêm nos acompanhando. Atravessa-se com dia um belo país e à tarde acolhemo-nos a habitações, cujos moradores esperam por nós e nos dispensam todos os favores da hospitalidade. Alegria também não faltava.

Na manhã seguinte, chegaram alguns amigos de Itu, que voltavam a nos ver. Quanto prazer!

Transpusemos a cachoeira dos *Pilões* e, antes do meio-dia, alcançamos a freguesia da *Santíssima Trindade*, assente à margem esquerda. Veio-nos receber o comandante, que nos fêz as honras de sua casa. Depois desta povoação não se encontram mais moradores.

Dia 27. Com grande custo embarcamos hoje nossos remadores. Uns estavam completamente embriagados; outros não queriam deixar os parentes ou amigos, que haviam acudido por terra a dizerem-lhes novamente adeus. Esta gente recebe metade do salário adiantado e, enquanto tem um real, bebe a mais não poder ou gasta tudo com mulheres. A fazer-lhes a vontade, num mo-

Rio Tietê, perto de Pôrto Feliz

Pirapora

Família de Francisco Álvares Machado

mento atirariam fora todo o pagamento da viagem. Chegados a Cuiabá, em poucos dias despendem o resto do dinheiro, e muitos têm que voltar por terra a pedir esmolas pelo caminho. Êstes pobres coitados empenham os seus serviços para tão penoso lidar por 20 francos mensais, além de alguma roupa grosseira, mas o espírito aventureiro fàcilmente os impele a contratos dessa natureza.

À tarde abicamos num sítio, cujo proprietário nos recebeu com muita franqueza. Estávamos a duas léguas da freguesia, entretanto havíamos feito por água quatro.

Chegamos, no dia 28, às 10 horas da manhã a uma fazendola chamada *Pederneiras*, do nome do possuidor, cuja atividade, ajudada por três escravos, em poucos anos a havia fertilizado de modo notável. Assim como todos os bons habitantes dêste país, fêz-nos muita festa e tratou-nos com a maior cordialidade.

Depois do meio-dia tivemos o espetáculo de uma caçada de anta (tapir). Supusera o pobre bicho poder passar o rio sem tropêço, mas foi pressentido e, dado o alarma, num momento acudiram todos à margem, saindo logo três canoas a persegui-lo. Debalde mergulhava, debalde nadava largo tempo debaixo d'água para subtrair-se à morte, quando ia alcançar a barranca oposta e atirar-se no mato, a bala certeira de nosso pilôto varou-lhe o crânio. Um dos proeiros, bom mergulhador, foi tirá-lo do fundo da corrente.

A anta domestica-se com facilidade e poderia prestar, como animal de carga, os mesmos serviços que as bêstas. Tem, com efeito, tanta fôrça quanto elas, embora seja de menor tamanho. Aconteceu, em certa ocasião, que havendo uns pescadores laçado uma anta que atravessava um rio, a amarraram à canoa em que estavam. Ela continuou a nadar, levando o barco para terra. Deixaram-na ir na suposição de que, uma vez na margem,

que era inclinada e alta, teria que estacar, sendo ainda mais a embarcação bastante grande. Mas eis que ao sair d'água continuou na carreira, fazendo submergir a pôpa. Então cortaram sem demora o cabo, e ela disparou pelos matos, deixando a proa em sêco. Relato o fato como mo contaram, mas pouca dúvida tenho em lhe dar fé, porque dois homens podem puxar para terra estas barquinhas. O que prova a fôrça da anta neste caso é ter ela podido arrastar a canoa por um barranco íngreme.

Dia 29. O Sr. cônsul teve que escrever um relatório para o govêrno russo. Ficamos, pois, mais êste dia em Pederneiras.

Na manhã seguinte, saudosos e tristes separamo-nos de Francisco Álvares. Tanta amizade tinha-nos êle dispensado, tantos serviços prestara à expedição, que o abraçamos com gratidão, prometendo ir visitá-lo em Pôrto Feliz, depois de finda a nossa penosa viagem. Afastamo-nos então da última praia habitada.

Navegamos todo o dia, parando só para tomar refeição. De manhã, nossa gente almoçava farinha de milho desmanchada em água fria e açucarada. Ao meio-dia abicava-se para jantar. Comia-se a essa hora um prato de feijões feitos de véspera com toicinho e que, depois de aquecidos, misturam-se com farinha de milho. À tardinha, lá pelo ocaso do sol, aproava-se, e então cada remador desempenhava o serviço que lhe havia indicado o guia para tôda a viagem. Uns cortavam árvores, limpavam o terreno que ia ser acampamento; outros buscavam lenha sêca para acenderem fogo; outros, enfim, armavam as barracas e suspendiam as rêdes. O cozinheiro preparava sua panelada dos feijões que deviam ser consumidos naquela hora ou no dia seguinte.

Os mantimentos que comumente se levam embarcados consistem em feijão e farinha, alimento exclusivo

para os nossos camaradas, quando a caça e a pesca não traziam alguma variedade, superabundante às vêzes, outras muito escassa ou nenhuma, conforme a estação e os lugares.

No dia 1 de junho não saímos do pouso senão por volta de 9 horas. O denso nevoeiro que neste tempo costuma levantar-se à noite, impede qualquer navegação. Fôrça é esperar que os raios do sol o dissipem.

Vimos ainda a choupana de um pobre morador que nos vendeu pratos de pau e rolos de filamentos tirados de uma árvore chamada *embira,* com os quais se fazem boas cordas. Passamos por várias ilhas grandes e cobertas de mato.

Dia 2. Fizemos alto de jantar numa ilha tôda cheia de pedras e separada por um canal muito estreito de outra elevada e umbrosa.

O nosso caçador matou um macaco fêmea, dos que chamam *monos.* O filho que ela carregava às costas morreu da queda. Desenhei um martim-pescador.

Dia 3. Partimos às 8 horas da manhã. Às 9 e 1/2 abicamos à margem, para tratar de passar a cachoeira de *Banharão,* que transpus no batelão. Diversas ilhas de aspecto pitoresco acham-se à esquerda. Os outros senhores foram por terra e viram os rastos frescos de uma onça e os excrementos de uma anta, que são muito parecidos com os do cavalo.

Depois do meio-dia, chegamos à embocadura do Piracicaba, rio quase tão largo como o Tietê e, entre a foz e uma ilha chamada da *Barra,* fizemos pouso, fronteiro ao qual se viam rochedos talhados a prumo e coroados de altanadas árvores. Ali começa a *sesmaria* (data de terra que o govêrno cede a particulares sob condição de arroteá-la dentro de seis meses) de Francisco Álvares: tem três léguas de costa no rio e uma e meia de fundo. Fôra, já há tempos, cultivada por uns

pobres roceiros que colhiam milho e feijão, mas presentemente nela só se acham vestígios de bêstas feras.

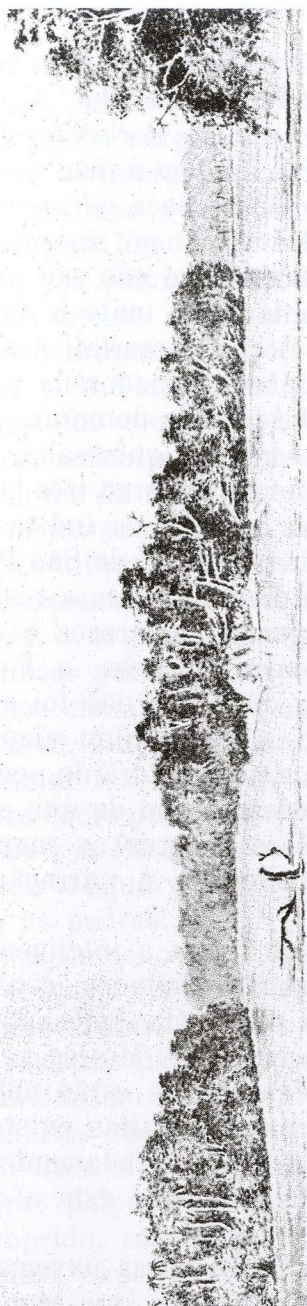
No dia 4, jantamos num lugar que acabava de ser pouso de uns pescadores. Vários couros de anta esticados estavam secando ao sol, como já víramos em outros pontos. Depois de uma hora de viagem encontramos êsses homens; eram de Sorocaba. Tinham já muito peixe salgado e boa provisão de carne de anta e de outros animais, preparada em tiras compridas e suspensas em varas para secarem.

Dia 5. Atingimos depois do meio-dia a cachoeira chamada *Cabeceira de Uputunduva* e a transpusemos. O rio ali se espraia muito, ficando com pouca profundidade, razão pela qual se descarregou metade da carga. Apesar dessa precaução o *Chimbó,* em que eu ia, bateu num baixio. Num ápice o guia e os remadores se atiraram à água para safá-lo: com água pelo joelho retiveram-no contra a fôrça da correnteza e, amparando-o, fizeram-no caminhar uns 40 passos, sempre rascando o fundo. Afinal, com muito trabalho, tiraram-no de perigo.

Mataram-se muitas *jacutingas,* espécie de galináceos, *araras* e *papagaios,* pássaros que figuraram na nossa mesa como caça deliciosa, principalmente a primeira. O que porém leva as lampas em sabor e delicadeza são os *patos d'água.*

O aspecto das margens continua sempre o mesmo. São por tôda a parte cobertas de mato alto, denso e sem interrupção. As árvores de tamanho notável são freqüentes. As *figueiras* tomam até grandes proporções, estendendo horizontalmente, como que em latadas, um plano paralelo à superfície das águas de ramos e galhos, no qual é raro ver-se uma fôlha mais inclinada que outra.

A cachoeira de Uputunduva é visitada pelos índios desta região, porque o rio aí dá vau. Até agora, porém,

Junção do Piracicaba com o Tietê

nem sequer vestígios temos visto. Segundo contam nossos camaradas, êsses índios, chamados *Xavantes*, são inimigos de tôda a gente cristã. Por vêzes tem-se procurado chamá-los: fazem sinal com a mão que nada querem conosco e agitam como ameaça os arcos e flechas. Pelo menos avisam. Entretanto nem sempre obram assim, sobretudo quando sabem que não são pressentidos. Convém, pois, não se meter pelo mato a dentro, a fim de não desafiar alguma flechada mortal. Ainda há poucos anos, mataram um infeliz remador de uma monção que por ali passava. O desgraçado demorara-se em terra para acender o cigarro e quando quis saltar na sua canoa, foi varado por uma flecha: morreu três horas depois.

Chamam-se *Xavantes* a todos os índios que aparecem na parte ocidental da província de São Paulo e para lá do Tietê. Tenho escassas indicações a respeito dêles; creio, porém, que são pouco numerosos e errantes na vasta zona de terreno entre Curitiba, o Tietê e o Paraná até às *Sete Quedas*, país que não foi explorado se não por uma expedição, a qual subiu algumas léguas pelo Paranapanema acima, na procura de negros quilombolas. Contarei no fim dêste diário de que modo descobriu-se o valhacouto dêsses negros na margem de rio tão distante e pouco conhecido. A narração é interessante.

Deixo aqui notado que para a inteligência perfeita dos nomes e lugares por mim citados, convém ter debaixo dos olhos o mapa inglês da América do Sul, publicado por Arrowsmith em 1810. Muitas vêzes tive ensejo de apreciar quão exatamente estão nêle marcadas as localidades por que passei. Muitas existem que não vêm mencionadas; outras o são erradamente; entretanto de quantas cartas depois cotejei, é esta a que mais se chega à verdade.

Durante todo o dia 6, foi nossa navegação incômoda por causa dos muitos baixios que tem o rio. Para

transpor o que tem o nome de *Gente dobrada do cemitério,* tornou-se preciso descarregarem-se as canoas e transportarem-se as cargas nas canoinhas.

De manhã avistáramos um *estirão* (espaço compreendido entre duas voltas de rio) de perto de uma légua. A paisagem era digna de nota, já pelo dilatado da perspectiva, já pelas sinuosidades das margens, que iam progressivamente desmaiando até se fundirem ao longe em tênue bruma.

Dias 7, 8 e 9. Viagem sempre trabalhosa e aborrecida em razão dos contínuos baixios. No dia 7, transpusemos uma cachoeira de primeira ordem, cujo nome, porém, passou-me da memória. As cargas foram varadas por terra. A 8 fêz-se o mesmo por causa de outra, bem como a 9. Esta última cachoeira, a maior das que temos até agora transposto, chama-se *Bariri-guaçu.* Nas praias desenterramos ovos de tartaruga em abundância: não faltaram também patos do mato nem jacutingas.

Os baixios chamados *Sapé-guaçu* nos incomodaram muito no dia 10. Matou-se uma anta. Dizem que a carne dêsse animal faz sair os humores do corpo, razão pela qual obra como purgante e produz moléstias de pele.

O *Chimbó* e a *Peroba* encalharam num recife: a tripulação saltou n'água e a muito custo conseguiu safá-los de entre as pedras.

A 11, passamos os baixios das *Congonhas.* Paramos ao meio-dia na ilha do mesmo nome. Os caçadores trouxeram dois urubus brancos ou *urubutingas,* um dos mais belos pássaros das florestas do Brasil: o mais formoso sem dúvida em côres e plumagem; o aspecto, porém, e os hábitos são de legítimo corvo. É do tamanho de um ganso. Tem olhos grandes e redondos; íris de brilhante alvura; pálpebras vermelhas; bico como o dos urubus; comprido, recurvado e de um alaranjado vivo. Abaixo do bico, expande-se uma carúncula carnosa que cai de um lado e de outro, de côr também alaranjada.

« Chimbó » e « Perova » encalhados

Desde o ôlho até esta carnosidade, a pele nua puxa para roxo. Acima da cabeça há uma parte completamente desnudada, rubra, com penazinhas tão pequenas e separadas que parecem pêlos. Por baixo dos olhos e do pescoço saem carúnculas unidas e compridas, de um escuro claro e que, em forma de arco, vão-se ligar acima da nuca, unindo-se então num filête carnoso que desce por trás do pescoço até à base do peito. E' vermelho-claro em cima, prêto no meio e amarelo embaixo. As côres da cabeça são realçadas por um fundo negro de ébano, que bem se pode chamar a moldura. O pescoço é totalmente desnudado de penugem. A pele parece pele de luvas: é amarelo vivo na frente, côr que cambia insensìvelmente para vermelho carregado. Êsse pescoço nu e tão bem colorido sai de um colar de penas acinzentadas que parecem vir das costas e se reúnem no peito, a formarem novamente uma linha de separação que se esbate pouco acima da barriga. O colar semelha um ornato de mulher. O resto das penas é branco, exceto nas extremidades das asas que são pretas. Os pés são brancos.

Desculpem-me esta descrição, que não é de naturalista. Creio que no seguir dêste despretensioso diário nenhuma outra farei.

Nos baixios das *Congonhas* perderam-se, há anos, três canoas carregadas de sal. A primeira encalhou, a segunda despedaçou-se de encontro a esta e a terceira, querendo evitar igual choque, bateu contra uma pedra, quando tinha a correnteza a bombordo, o que a fêz virar.

Depois do meio-dia, tivemos bela e cômoda navegação. Os estirões vão sendo muito espaçados. O rio tem pouca velocidade e superfície muito unida, o que dá a uma grande ilha o nome de *Ilha Morta,* abaixo da qual pousamos, aproveitando o abrigo de uma alentada figueira. Os galhos em que se dividia o tronco eram da

grossura de um pé de nogueira. Os mais baixos se curvavam para o chão, atirando raízes adventícias que formavam umas espécies de colunas. O tronco principal era tão grosso que mal podia ser abarcado por quatro homens; dava sombra espêssa a mais de 20 passos em tôrno. Aí passamos a noite.

Como o lugar é pouso certo das monções, o terreno está aplainado e limpo, comodidades que a nossa gente aproveitou para dançar até depois da meia-noite. Cantou, brincou e bebeu muita cachaça.

Na manhã de 12, houve neblina cerrada. O orvalho acumulado na folhagem superior caía no solo em gôtas tão grossas, abundantes e ruidosas que parecia chuva. As barracas estavam ensopadas, o chão molhadíssimo. No rio corriam os vapores d'água, deslizando-se pela superfície como fumaça a sair de uma caldeira; tal era a diferença de temperatura entre o ar e o rio. Sentíamos frio vivíssimo que nos fazia conchegar os capotes ao corpo: assim mesmo não podíamos nos aquecer.

Fomos jantar na embocadura do *Jacaré-mirim*, pequeno caudal que deságua à direita. Nosso caçador matou um *socó-boi* (árdea). Uma légua abaixo, vimos a foz do *Jacaré-guaçu*.

A 13, varamos a cachoeira de *Guaimicanga*. As águas agitadas lembram as vagas do mar, quando um pé-de-vento as levanta em cachões e as impele umas de encontro às outras.

Jantamos na ilha *Guaimicanga*, palavra índia que quer dizer *cabeça de velha*. Matou-se uma capivara. Foi preciso esperar hora e meia pelo guia que fôra observar os baixios chamados *Tambauçu*.

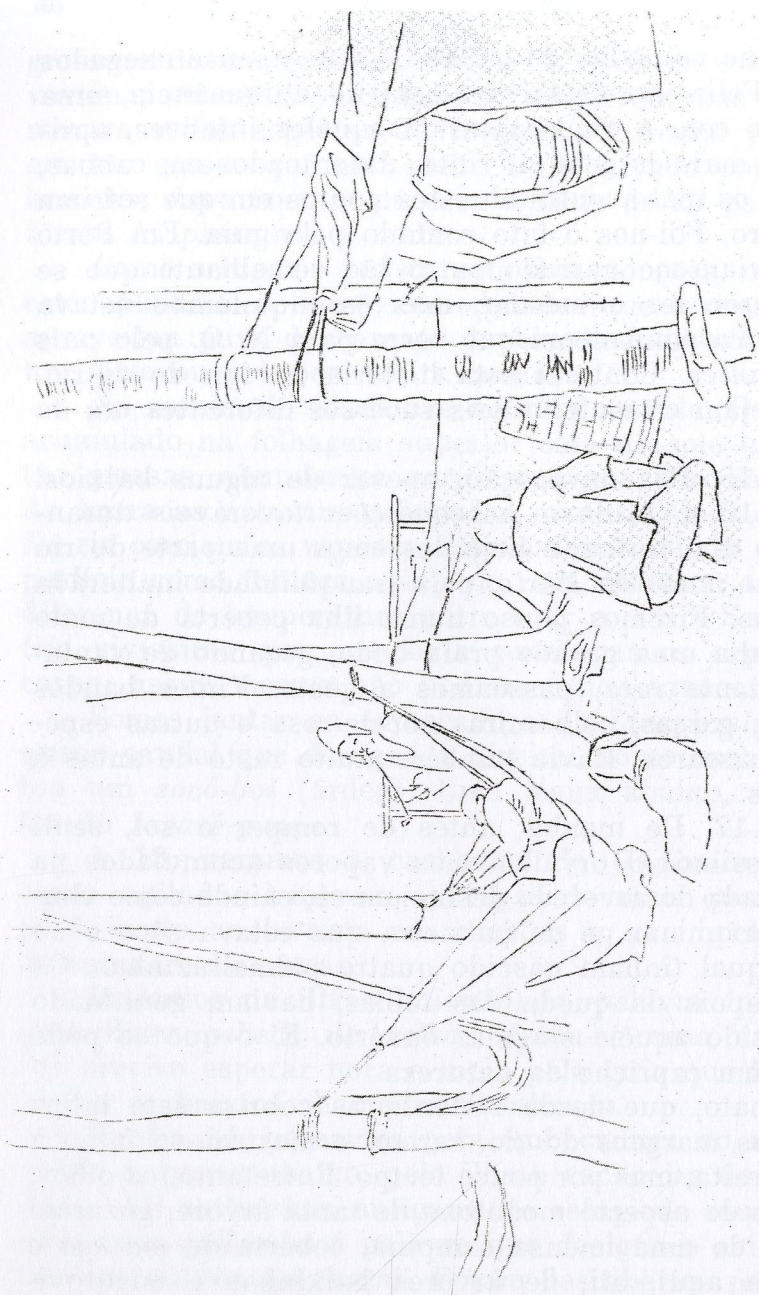
No dia 14, passamos pela embocadura do rio *Quilombo* e, pouco abaixo, pela ilha e cachoeira do mesmo nome. Ali se haviam antigamente refugiado muitos negros, pois *quilombo* é palavra que designa o asilo onde êles se reúnem nas matas. Foram descobertos por nego-

ciantes que voltavam de Cuiabá e que, apenas chegados a Pôrto Feliz, armaram, por espírito de ganância, uma expedição com a qual atacaram aquêles infelizes, aprisionando mais de cento e vinte. Amontoados em canoas, voltaram os mal-aventurados aos pontos em que sofriam o cativeiro. Foi-nos o fato contado pelo guia. Em Pôrto Feliz haviam-me narrado outro tão semelhante que se pudera crer ser o mesmo; mas êsse quilombo estava junto ao Paranapanema que corre para N. O. pelo país dos *Xavantes*. Contarei esta história no fim do diário. Talvez sejam com efeito dois sucessos diferentes um do outro.

Dia 15. Boa navegação, apesar de alguns baixios.

Dia 16. Continuam as condições favoráveis durante todo o dia. Ontem e hoje descemos uma parte do rio que tem o nome de *Morto*, pela tranqüilidade inalterada das águas. Fizemos pouso numa ilha coberta de mato e que tinha uma grande praia onde, gozando de vantagem bastante rara, passeamos a gôsto. Vimos bandos de patos, garças, colhereiras côr-de-rosa e outras espécies de pássaros. Havia também muito rasto de antas e capivaras.

Dia 17. De manhã, antes de romper o sol, senti frio vivíssimo. O orvalho e os vapores acumulados na alta galhada do arvoredo desfaziam-se, caindo como chuva. Observei um pé de palmeira que estava sêco e no alto do qual tinham nascido quatro palmeirazinhas. Os côcos, depois da queda das fôlhas, haviam germinado e produzido aquêle singular enxêrto. E' o que se pode chamar um capricho da natureza.

O mato, que desde Pederneiras cobrira sem interrupção as margens do rio, rareou e mostrou-se falho à nossa direita, mas por pouco tempo. Entretanto, os olhos, cansados do aspecto monótono de tanta árvore, gozaram da vista de uma imensa campina, coberta de *macega* e salpicada aqui, ali, de árvores baixinhas e engorovi-

Pouso da Represêa Grande

nhadas. Pôs-se fogo às gramíneas e num instante lavrou o incêndio com intensidade. Muito depois da partida, ainda víamos os novelos de negro fumo que subiam em turbilhão para os ares.

Dia 18. O ajudante do guia que fôra na véspera a um *barreiro* (lugar onde há depósitos de sais naturais) fazer durante a noite espera de antas, matou lá quatro dêsses animais. Quando amanheceu, um batelão foi buscá-los, mas não trouxe senão três, porque o quarto caíra n'água e desaparecera. Nossa gente comeu carne a fartar. A abundância reinava no acampamento: por todos os lados faziam-se assados e *churrascos*. Mandamos moquear uma boa porção, expondo-a à fumaça de um fogaréu, para poder conservá-la. Só achei comíveis o fígado e o coração. O Sr. Taunay que, depois do naufrágio da *Urânia* nas ilhas Malvinas, vira-se na contingência de comer carne de cavalo, assevera que a do tapir tem o mesmo gôsto.

Transpusemos a cachoeira de *Avanhandava-mirim* e, às 3 horas, vimos o nevoeiro de espuma que se ergue do salto de *Avanhandava*, a respeito do qual muito nos tinham falado. Abicamos acima dessa queda no fim do estirão e junto à margem direita do rio.

Era a primeira grande cascata que eu ia ver. Apressei-me, pois, com outros, a ir desfrutar êsse espetáculo, cuja beleza nos fôra encarecida. Metemo-nos por um caminho aberto na mata no qual havia, de dois em dois passos, troncos roliços atravessados e deixados por nossos predecessores de viagem, a fim de que as canoas pudessem ser arrastadas por terra, visto como a transposição por água é impossível. Chamam-se êsses caminhos *varadouros*. No meio dêste inclina-se o terreno, de modo que começamos a descer. Creio que a praia inferior ao salto há de estar a 60 pés abaixo da superior. Esta diferença de nível não representa a queda,

Salto do Avanhandava

porque as águas correm em plano muito inclinado antes e depois de se precipitarem.

O salto de Avanhandava é uma bela e majestosa catarata. Corta o rio seguindo uma linha oblíqua, de modo que a víamos bem de frente. Sua largura pode ser de 300 braças, a altura de 40 pés, o que com a inclinação do álveo, antes e depois da queda, dá os 60 pés entre o pôrto superior e o inferior. À direita vêem-se as águas se precipitar entre a margem umbrosa, uma ilhazinha coberta também de árvores e uns grandes penedos. Formam-se, pois, duas gargantas por onde atiram-se as massas líquidas em tal agitação e revolvimento de espumas, que densas nuvens de vapores se erguem como neblina cerrada. As águas que caem pelo lado do grande maciço de rocha não são tão revôltas: milhares de cascatinhas divididas por pontas de rochedos constituem um anfiteatro de pedra riscado por fios d'água, alva como neve.

O grande maciço não se prende à margem esquerda. De permeio a êles fica uma ilha, e no intervalo lançam-se, espumantes e furiosas, espadanas de água, que se desfazem em vapores.

Vista do pôrto inferior, onde admirávamos esta soberba cascata, parece abaixo que o mato da margem esquerda se afasta sensìvelmente, achegando-se, por uma ilusão óptica, da margem direita até se perder num horizonte de espuma.

Depois do salto, as águas juntas continuam a correr com fúria, empoladas sempre. É contudo nessa corredeira que os nossos homens metem as canoas, que acabam de arrastar por terra. São também com tamanha violência arrebatados que a resistência do ar erriça-lhes os cabelos da cabeça. Fazem então esforços imensos para manobrarem de modo a evitar as pontas dos fraguedos.

Dada a queda, parece o Tietê outro rio. Não tem mais largura de 200 a 300 braças; é um canal de 15 a 20 braças que corre com tanta fôrça, quanto profundidade. As margens são rochas unidas. Como pôde o caudal abrir leito tão fundo e estreito nesse maciço pedregoso? Observei fato idêntico depois do salto de *Itapura*, segunda queda do Tietê, de *Urubupungá* no *Paraná* e de *Augusta* no *Juruena*.

Notei também, que as árvores que revestem as cercanias dessas grandes cascatas são sêcas e desfolhadas, apesar da umidade que os vapores d'água devem entreter no terreno. Talvez seja pela grande quantidade de pedras que nêle exista.

Os dias 19 e 20 foram consagrados à passagem das malas, canastras, bagagem, etc., e das canoas. O tempo conservou-se sempre chuvoso, mas o céu carregado tornava o aspecto do salto mais pitoresco, formando contraste com a alvura das águas em borbotões. Parece-me que a estas cenas da natureza convém uma atmosfera sombria: tudo concorre então para infundir n'alma doce melancolia. Essa bulha, essa agitação, são eternas: nunca a calma e o silêncio hão de ali pairar.

21. Nem neblina, nem orvalho de madrugada. Pela primeira vez, desde minha saída de Pôrto Feliz, vi raiar a aurora. A temperatura era cálida.

Saímos de Avanhandava a 24. Em pouco tempo vimos o Tietê tornar a tomar lenta correnteza, alargando também o leito. Por volta do meio-dia, paramos para esperar o guia que fôra observar a passagem da *Escaramuça*. Neste dia pouco se navegou porque houve necessidade de levar as cargas por terra numa boa distância até abaixo daquela cachoeira.

25. O caçador matou uma *ariranha*. Depois de uma légua de viagem, abicamos acima de *Itupanema*. É uma corredeira perigosa. A correnteza é violenta e infinidade de pontas rócheas tornam a transposição bem difícil.

Duas ilhas a dividem em três partes. À direita há um verdadeiro salto, do qual se elevam vapores como em Avanhandava, bem que menos espessos. O canal da esquerda é a única passagem. É preciso que todos saltem n'água para empurrarem as canoas completamente livres de pêso e que vão sendo arrastadas pelas pedras.

Uma monção que subia para Cuiabá achou, há oito anos, em uma das ilhas desta cachoeira uma preta que aí vivera sòzinha mais de seis meses. Fôra escrava com seu marido em Camapuã. Havendo fugido, desceram o rio Pardo, subiram o Paraná e o Tietê até êsse ponto. Como não tinham pressa, empregaram ano e meio na viagem, mantendo-se de caça e pesca. Pararam nessa ilha, construíram um rancho e aí viveram felizes perto de seis meses. O marido num belo dia afogou-se ao passar o rio, e naquele deserto ficou a mulher ainda quase um ano até a chegada dessa expedição que a levou para Camapuã e a entregou de novo aos seus senhores. Ela nunca vira índios e de onça tão-sòmente ouvira os urros.

Depois do jantar, fui passear até abaixo da cachoeira, onde parte da tripulação tinha já arrumado o grosso da bagagem e preparado o pouso. Quando lá cheguei, fiquei surpreendido de encontrar um homem muito barbado, com um grande chapéu prêto à cabeça, espada à cinta, um saco de pele em bandoleira, espingarda e botas altas de couro de cervo. A princípio cuidei que fôsse algum morador daqueles matos, mas caí em mim quando vi os companheiros que trazia, remadores e quatro canoas. Era o capitão Sabino que vinha de Cuiabá e dirigia-se para Pôrto Feliz. Com êle iam um tenente-coronel, um padre e um tenente, além de 32 pedestres, da companhia de 500 praças que o govêrno mantém em Cuiabá para o serviço fluvial. Em Pôrto Feliz devia êle tomar artilharia, pólvora, ferro, sal, e outros objetos destinados à fazenda pública na capital de Mato Grosso.

26. Partiu o Sabino. Seu modo de navegar era muito diverso do que empregávamos, pois subia contra corrente. Com boa tripulação, tinha em cada canoa, além dos remadores da proa, quatro homens que manejavam varas de 20 a 25 pés de comprido. Êles corriam para a proa, deixavam cair a vara ao fundo e, apoiando na extremidade, davam impulso aos barcos. Quando a vara ficava muito inclinada, seguravam a ponta com ambas as mãos e, fazendo ponto no peito e pêso com todo corpo, iam de proa à pôpa com passo cadencial, voltando para recomeçarem êsse penoso trabalho em que consomem o dia todo.

Dia 27. Passagem da cachoeira de *Mato Sêco* e da de *Ondas Grandes*. Aproou-se à uma hora da tarde abaixo desta última. Achamos a cabeça e o pescoço de uma *anhuma*, pássaro do tamanho de uma perua e que tem um chifre comprido no alto da cabeça. Vimos muitos ramos de árvores quebrados e pegadas frescas de homens, ficando na incerteza se seriam índios ou gente do Sabino, mas êstes teriam naturalmente cortado e não partido os ramos.

28. Passagem da cachoeira de *Ondas Pequenas*.

29. Passagem da de *Funil Grande* e *Pequeno*. Esta tem um canal que os baixios tornam perigoso.

30. Transpusemos a cachoeira *Guacuriheva*. *Guacuri* é o nome de uma palmeira que, desde há dias avistávamos, *heva* exprime abundância. Esta monocotiledônea é de viso alto; às vêzes tem o estípite bastante elevado; outras curto, deitando neste caso fôlhas até ao chão. Está sempre carregada de parasitas, entre as quais figura uma planta de fôlhas largas chamada *taioba*, que dá excelente manjar.

31. Passagem de *Aracanguava-mirim*. Ouvimos de manhã muito perto de nós o urro de uma onça. Depois do meio-dia avistamos uma cruz, sepultura de um rema-

dor que ali morrera afogado, ao virar-se a canoa que montava.

1 de agôsto. Fomos passar a noite acima da cachoeira *Aracanguava-açu*. De manhã matou-se junto a uma lagoa uma anhuma, pássaro raro e notável, como dissemos atrás, pela excrescência córnea fina, e de três e meia polegadas de comprido, que lhe nasce da cabeça. Tem também no encontro das asas dois esporões que, como armas defensivas, podem causar ferimentos graves. A plumagem é branca e preta, sarapintada na cabeça, preta e parda ao redor dos olhos, escura no resto do corpo, com exceção da barriga que é branca. O íris é alaranjado. Mataram-se também dois sucuris ainda pequenos.

Nossas cargas foram levadas por terra e as canoas arrastadas até um canal estreito e fundo por cima de baixios, onde os remadores, com água pelo joelho, tinham que retê-las por meio de cabos amarrados à pôpa.

2. Passagem da cachoeira *Itupeva* ou *Canal do Inferno*. Aí levantam-se grandes cachões, e só metade da carga é que pode ir embarcada. Pernoitamos abaixo.

Dêste dia em diante deixei de escrever meu diário até Cuiabá, mas, logo que cheguei a essa cidade, deime pressa em lançar no papel as impressões ainda vivas de tudo quanto vira e, tendo o Sr. Rubzoff tido a bondade de me deixar tirar de seus apontamentos os nomes dos lugares mais notáveis e os dias em que nêles havíamos estado, com facilidade e de memória restabeleci a continuação dos acontecimentos.

Durante alguns dias de navegação, transpusemos, depois de Itupeva, a cachoeira *Guacurituva*, passando por defronte da embocadura do riozinho *Sucuriú* e de outros ribeirões. Deixamos também à direita o rio *Piratараca* e outra correntezinha. Vencemos as cachoeiras *Itupiru*, *Três Irmãos*, *Itapura-mirim* e chegamos ao salto de *Itapura*.

Esta queda, tão alta como a de Avanhandava (30 a 40 pés), apresenta menor largura (talvez 200 braças), por isso que não corta o rio oblìquamente, nem tem ilhas que a dividam. Logo depois do salto, as águas se aquietam; não é senão mais abaixo que a correnteza reaparece e toma, então, por não curta distância, grande velocidade.

Já dissemos, em Itapura não há ilhas que separem as águas: não há também aquêle anfiteatro de cascatinhas do outro salto. O jacto é unido em forma de semicírculo. No meio há uma reentrância na qual se precipitam grandes massas d'águas, confundindo-se e formando um todo espumante e de alvura deslumbrante. É o que se vê no fundo daquele recinto donde saem, por abertura correspondente ao centro do semicírculo, revôltas ondas que perdem para logo aquela agitação em serena bacia, fechada, de um lado, pelo semicírculo, de outro pelo estreitamento do leito do rio. As águas reunidas saem com rapidez, formando torvelinhos, mas sem ferver, nem espumar e assim se escoam, enquanto o álveo é apertado e fundo.

Tomando posição na outra margem, coloquei-me num ponto elevado a cavaleiro sôbre o salto. O rio apresentava-me em perspectiva largura de 350 a 400 braças, muito maior para o Tietê que a normal. A razão é que êle corre raso em leito de pedras, espraia-se, cai de pequenas alturas e remoinha em tôrno dos penhascos. É uma vasta superfície de águas espumantes. No centro vi a reentrância em semicírculo. Imagine-se uma grande escavação no meio de uma planície, que fôsse de repente inundada; eis a catarata.

Entre as grandes e belas cenas da natureza, um salto como o de Itapura ou Avanhandava oferece tanta magnitude como outras, sem contudo incutir n'alma nenhum sentimento de terror. Não podemos de uma praia batida pela tempestade admirar o embate dos vagalhões

e o esfôrço do furacão sem recear pela vida dos infelizes que estejam sofrendo êsses furores. O temporal desfeito faz-nos tremer pela sorte das plantações e das pobres choupanas do agricultor: um terremoto aterra, aniquila o homem. A vista, porém, de um grande rio que cai em catadupa não traz nenhuma destas impressões. Fica-se prêso de admiração, dominado pelo tumulto, pelo estrondo e a agitação; os abismos se abrem a cada instante, mas não nos inspiram mêdo nem horror.

Demoramo-nos três dias junto ao salto, a fim de fazer varar por terra as canoas e cargas.

Dia 11. De manhã partimos e, depois de uma légua de viagem, fomos abicar pouco aquém da embocadura do Tietê no Paraná. Já estávamos então na região dos índios *Caiapós,* cuja aldeia fica na margem dêste rio em ponto quase fronteiro à foz do Tietê, um pouco acima.

No lugar onde paramos, havia uns gravetos queimados entre cinzas, assim como uma rêde de cipó suspensa à alta ramada de uma árvore, sem dúvida para pôr quem lá dormira ao abrigo das onças. Creio que fôra algum índio, o qual fizera sua cama tão alto por se achar sòzinho, pois tenho como certo que não deve haver o menor receio daquelas feras, quando se viaja em grupo.

Querendo visitar o salto de *Urubupungá,* grande queda do Paraná sita duas léguas acima da bôca do Tietê e famosa entre os viajantes dêstes desertos, deixamos à nossa espera a monção e, levando o guia conosco, partimos em dois batelões. Quinze minutos depois, vimos o Paraná. Tínhamos na nossa frente o último estirão do Tietê e abria-se ante nós aquêle caudal cuja largura é aí de um quarto de légua, parecendo ainda maior por ser a margem de lá extremamente baixa.

O sentimento que experimentei, ao contemplar tão

vasta extensão d'água e a riba distante, lembrou-me o abalo que recebe o viajante quando divisa, mar alto, as costas que demanda. Se essa terra é a França, então seu coração estremece jubiloso ao pensar nos gozos já próximos que lhe franqueia aquêle belo país, tão adiantado em civilização. Aqui, porém, só podíamos ver selvagens e míseras tocas, espetáculo ainda assim cheio de interêsse e novidade para quem quer estudar o homem em seu tipo primitivo.

Para nós aquêle momento foi de verdadeira festa. Além do prazer que sentíamos em descansar os olhos sôbre a superfície dêsse grande e novo rio ao sair do penoso Tietê, na grata alegria de nossos camaradas tínhamos novos motivos de satisfação.

Em viagens como esta, a vista de um rio em que se tem de navegar, ou da foz de outro que se vai deixar, ou de qualquer paragem notável, de um quadrúpede mesmo, de um pássaro que pela primeira vez se mostre, essa vista rompe a monotonia da jornada. Cantam então os remadores; com grita jovial ferem os ares, ao passo que os proeiros batem com a mão no chato da pá e à proa, onde estão sempre de pé, redobram em cadência o sapateado habitual. Com todo êsse ruído festivo foi que entramos nas águas do Paraná.

Para chamar os *Caiapós*, tocou o guia buzina (chifre de boi), instrumento que nesses silenciosos páramos faz-se ouvir muito ao longe e serve para reunir a gente esparramada no mato. Quando se encontram monções, retumba de lado a lado o prolongado som do côrno; é às vêzes simples sinal ou também um modo de chasquear da tripulação da canoa que errar qualquer manobra.

Deitei os olhos para a margem oposta, curioso de ver os índios *vermelharem na praia*, segundo a expressão pitoresca de um nosso camarada. Ninguém, porém,

apareceu. Navegando então para a outra banda, fomos com algum trabalho pelos muitos baixios pular no pôrto dos índios.

Caminhamos meia légua para o interior em trilha um tanto larga e limpa e atravessamos uma mata de árvores altas que deitavam espêssa sombra. Num ponto descampado, achamos alguns pés de bananas com cachos ainda verdes e uns mamoeiros, cujos frutos na ocasião me souberam deliciosamente. Cortando depois uma campinazinha ao sair da mata, chegamos à aldeia, que é composta de 10 palhoças e nas quais não havia viva alma por se acharem os índios nas suas plantações à margem do Sucuriú. A casa do chefe era maior que as outras. No meio delas via-se um rancho que parecia pertencer em comum. Ali estavam uns troncos de palmeira furados, que lhes servem de tambores nos seus dançados. As portas daquelas acanhadas choupanas fechavam por meio de laços de cipós. Entramos em algumas delas e mal nos demos, pois quando menos cuidávamos, vimos uma multidão de pulgas subirem-nos pelas calças, o que nos fêz sair com tôda a presteza. Enchemo-nos também de *bichos*, espécie de pulga de menor tamanho que se introduz na carne, aí forma um saco onde deposita ovos em quantidade e, se não é extraída, toma o volume de um grão de milho. Quando sai, deixa um buraco redondo e fundo. Êste incômodo e nojento inseto acha-se por todo o Brasil, pelo menos na parte intertropical. Haja pouca limpeza e cuidado, e o bicho produz feridas dolorosas, como acontece com os negros novos, cujos pés, lugar atacado de preferência, ficam cheios a ponto de não lhes permitir mais o andar.

Depois de meia hora de estada nessa aldeia, o Sr. cônsul deixou um presente de facas, machados e outros objetos de ferro. Voltamos então às canoas e partimos para o salto de *Urubupungá*, mas, não podendo alcan-

çá-lo pela hora adiantada, fomos pousar um quarto de légua abaixo. Já aí o rio se estreita, ganha em profundidade e correnteza o que perde em superfície. Grandes maciços de rochas formam as margens; alguns isolados, mas a pequena distância uns dos outros. Apoiando de encontro a essas enormes pedras as zingas (compridas varas que terminam em ponta de ferro) é que se sobe o Paraná.

Dia 12. Não tardou muito que ouvíssemos um estrondo surdo como artilharia ao longe, que nos anunciava a proximidade do salto. Daí a pouco com efeito o vimos de um lado e, depois de dobrada a ponta de uma grande ilha de rochas, descortinamos a queda em sua quase totalidade. Tem menos altura que a de Itapura, mas largura de um quarto de légua. Difícil fôra descrevê-la, pois forma grande número de saliências e reentrâncias, além de ficar certo lado oculto por uma vasta ilha e dividido por pontas de rochedos. Êste imenso salto parece ser produzido pela mesma base de pedras que corta o Tietê em Itapura, a uma légua daí em linha reta.

Na margem esquerda, onde abicamos, havia uns ranchos, feitos pelos *Caiapós,* e de construção muito inferior às míseras choupanas de seu aldeamento. Nada mais eram do que fôlhas de palmeiras apoiadas em forquilhas de paus, como mostra o desenho ao lado.

Depois do jantar, descemos o rio e fomos nos reunir à monção no Tietê.

Dia 13. Entrados novamente no Paraná, passamos, por volta do meio-dia, uns baixios que tornam a navegação difícil. O rio fica aí tão largo, que a vista alcança mais de légua para a frente, ao passo que as margens se fundem em dilatado horizonte. Fizemos alto na embocadura do Sucuriú, o qual se lança no Paraná pela margem direita com 70 braças de bôca e depois de umas 50 léguas de percurso.

Ao cair da noite, foi o ajudante do guia à caça e na margem esquerda, fronteira ao nosso acampamento, viu uma onça. Quando êle já tinha a pontaria firmada e ia fazer fogo, outro desazado caçador feriu o animal com carga de chumbo fino. A fera soltou um urro de dor e safou-se, não sem ter levado o tiro que a todo o dar lhe foi descarregado.

Dia 14. Mandamos ver se a onça morrera; só se acharam rastos de sangue e a bala do guia tôda achatada.

Costeamos à direita a *Ilha Grande* que tem duas léguas de comprido. Contaram-nos que já ali houvera um estabelecimento de jesuítas, formado para ser o centro de suas excursões entre Iguatemi, na fronteira do Paraguai, Camapuã e Goiás.

Nosso pouso foi num mato de grandes árvores, em terreno elevado e que findava numa praia de areia fina cavada pelas águas em vários degraus, alguns de dois pés de altura e tão largos, que três pessoas de frente podiam nêles passear livremente. Foi o que fizemos à saciedade, tanto mais que a beleza do luar a isso convidava. O Paraná aí tem 500 braças de largura. Não ouvíamos, naquelas horas de melancolia e calma, senão as notas do *curiango*, pássaro que canta de dia e parte da noite, e o forte e ininterrompido coaxar dos sapos. De repente atroou um tiro, e o eco repercutiu-o logo na margem de lá, acordando outros que o levaram, mais e mais fraco, para longe, talvez perto de meia légua.

Dia 15. Alcançamos a embocadura do rio Verde, o qual deságua pela margem direita do Paraná. A vegetação luxuriante das barrancas transmite-lhe refletida a côr a que deve o nome. Passamos, um pouco abaixo, defronte da *Ilha Comprida*, cuja ponta superior se abre em dilatada praia. Diversas espécies de pássaros a procuram para buscarem o pasto habitual ou porem ali seus ovos; entre outras, as *gaivotas* que entram em ex-

traordinária agitação e ansiedade, quando algum animal caminha na areia, onde elas os depositaram. Inquietas, não cessam de gritar e de voar em tôrno do viajante, chegando às vêzes a atacá-lo.

Dia 16. Em sobressalto fui acordado pelo estrondo de um tiro de espingarda dado contra uma onça que viera até ao acampamento a perseguir um dos nossos cães. A bala varou-lhe o crânio, e, a preparar a variegada pele, ficamos parados o dia inteiro.

Na manhã seguinte, fomos fazer pouso na foz de um riozinho chamado *Orelha-de-onça,* cujas barrancas (nome que têm as margens, quando a inclinação é superior a 45º) são íngremes e de difícil subida.

Dia 18. Vimos umas laranjeiras que mão benfazeja ou o acaso havia feito nascer naqueles desertos. Colhemos alguns frutos ainda verdes, que contudo muito apreciamos.

Atingimos a embocadura do rio Pardo, célebre entre os paulistas, de um lado pelos perigos e canseiras que aí esperam o viajante ao querer vencer a fôrça de suas correntezas e transpor numerosas cachoeiras e duas quedas; de outro afamado pela beleza das campinas em que corre e que, oferecendo à vista, já farta da monotonia de ininterrompidos matos, vastas perspectivas cortadas de outeiros, riachos e capões, facilitam viagem terrestre, enquanto as canoas sobem, lenta e custosamente, o estreito e tortuoso curso. Pode então cessar o incômodo de estar-se obrigatòriamente sentado ou deitado numa barraca de quatro a cinco pés de largo.

No meio dêsses campos ao caçador fàcilmente se deparam veados, perdizes e outros animais, cuja carne lhe enriquece a mesa, aumentando destarte o prazer de atravessar tão bela região. O olhar não se cansa de admirar as côres várias que de todos os lados o embelezam: aqui é uma verdejante várzea; ali fica o *cerrado*

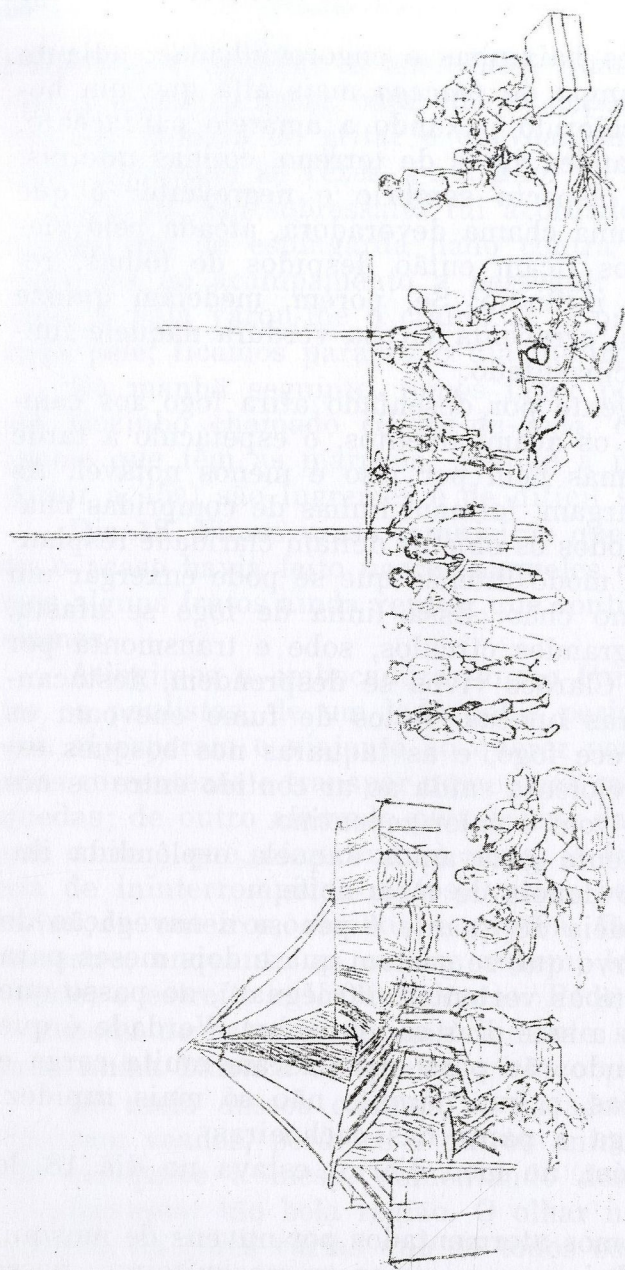
com suas árvores baixinhas e engorovinhadas; adiante se alarga um campo de *macega* mais alta que um homem e de um colorido puxando a amarelo pardacento. Muitas vêzes grandes áreas de terreno, colinas inteiras, apresentam um aspecto sombrio e negrejante: é que por ali passou uma chama devoradora, ateada pelo viajante. Os troncos ficam então despidos de fôlhas, requeimados pelo incêndio. Se, porém, medeiam quinze dias ou um mês, arrebenta viçosa verdura naquele fundo lúgubre e acinzentado.

Quando a gente por desenfado atira fogo aos campos que cercam os acampamentos, o espetáculo à tarde se transforma, mas nem por isso é menos notável. As labaredas se alargam, formam linhas de compridas chamas que sôbre todos os objetos deitam claridade resplandecente, por tal modo intensa que se pode enxergar um alfinête caído no chão. Essa linha de fogo se afasta, estende-se em grandes círculos, sobe e transmonta por vêzes outeiros. Clarões vivos se desprendem, destacando-se de sombras opacas. Rolos de fumo enevoam os céus: o rio parece fogo, e as taquaras nos bosques estouram, dando violenta saída ao ar contido entre os nós e que se dilata com o calor repentino.

Não raramente gozávamos daquela esplêndida iluminação até ao depois de meia-noite.

Para dar idéia do quanto é penosa a navegação do rio Pardo, observo que se gastam quase dois meses para subir por êle até às vertentes (60 léguas), ao passo que na descida seis a sete dias são de sobra. Verdade é que as canoas, quando vão para cima, levam muita carga e regressam vazias, o que permite não só mais rapidez, como não obriga a parar nas cachoeiras.

Volto, porém, ao meu diário: estava no dia 18 de agôsto.

À noite, fomos atormentados por nuvens de mosquitos, que nos obrigaram a armar os mosquiteiros: nesse

Acampamento no rio Pardo. Grupos do desenho anterior

asilo, porém, tivemos que suportar calor quase intolerável.

Desde o dia 19 até 24, não me lembro de fato algum digno de nota, a não ser que subíamos a parte do rio chamado Morto, por não ter cachoeiras nem baixios. As margens mostram-se sempre umbrosas, o que nos fazia desejar de coração chegar aos campos, por isso que desde Pôrto Feliz densa cortina de arvoredo limita o nosso horizonte à simples vista do rio.

No dia 24, houve falha, a fim de coordenar as coleções. O ajudante do guia, bom caçador, matou dois veados brancos. A mataria já foi ficando mais rala: as árvores menos altas. A 100 passos do rio, abrem-se os campos.

Quando o caçador via um veado, tirava logo a roupa e nu em pêlo marchava quase de rastos quanto possível até dar alcance à espingarda.

Jantamos, a 27, na embocadura do rio *Anhanduíguaçu*. Aí o Pardo perde metade da largura, estreita-se e fica com perto de 40 braças.

Dia 28. A chuva nos reteve parados todo êste dia.

A 30, deixamos à direita o ribeirão *Orelha-de-gato*.

No dia seguinte, também à direita, o riozinho *Orelha-de-onça*.

Ainda à direita, a 1 de setembro, o ribeirão dos *Patos*, passando, a 2, por outro que tem novamente o nome de *Orelha-de-onça*.

No dia 3, passamos pela foz do ribeirão *Orelha-de-anta*.

O rio, acima dêsses pouco avolumados tributários, fica ainda mais estreito.

Fêz-se alto de jantar às 10 horas, para ter tempo de empalhar um lôbo que fôra morto à bala. Era do tamanho dos da Europa e estava bastante magro, prova de que, apesar da abundância de veados e caititus, cuja carne é deliciosa, pouco achava que comer.

Desde o rio Anhanduí víamos campos cortados de outeirozinhos e salpicados de árvores baixinhas, ou de palmeiras pouco mais altas que um homem e chamadas *guacumás.* Outras, de viso maior e conhecidas por *guarirobas,* dão palmito extremamente amargoso, mas, sôbre muito salubre, de sabor agradável para quem está habituado. O palmito do guacumá é gostoso e doce. Ambos figuravam à nossa mesa, preparados com môlho branco ou simplesmente cozidos.

Outra palmeira, essa muito alta e conhecida por *gerivá,* fornecia-nos também excelente palmito, tão doce como o de guacumá, único alimento vegetal que tirávamos daqueles desertos, como nos aconteceu também na viagem de Diamantino ao Pará, colhendo-o então de outras espécies de palmeiras.

Nos campos do rio Pardo comemos alguns frutos silvestres. O *marmelo brabo,* por exemplo, que agradaria mesmo fora dêstes ínvios recantos, é pouco mais ou menos do tamanho de uma maçã; desfaz-se na bôca numa massa cheia de grãos muito miúdos, é agridoce e tem dentro algumas sementes: a *mangaba,* cuja côr é de um amarelo desmaiado, quando bem madura; tão mole como o sôrvo, porém mais suculenta, saciando mais e sabendo ao paladar deliciosamente: o *caju* que é também muito saboroso, e outras frutas, enfim, umas muito boas, outras de gôsto medíocre.

Os campos mostram-se alastrados de plantinhas e lindas flores. Notarei de passagem uma muito freqüente e côr de rosa; outra branca, vistosa em extremo; outras amarelas, roxas ou rubras. Nas margens do rio, ou nos capões (bosques isolados), vêem-se *embaíbas,* árvore de fôlhas largas de um verde carregado por cima e prateadas por baixo; *embiruçus,* com grandes fôlhas verdegaio e ainda algumas corpulentas figueiras.

No dia 4, o Sr. Taunay achou uma flor que deu viva alegria ao botânico.

A 5, passamos o baixio das *Capoeiras*.

Falha a 6.

Com muito trabalho vencemos a *Sirga da Capoeira*, onde os zingadores desenvolveram grande atividade, fazendo subir as canoas a poder de seus varejões.

No dia 8, transpusemos a cachoeira de *Cajuru-mirim*, transportando metade da carga por terra.

A 9 chegamos, depois da cachoeira *Quebra-Proa*, ao salto de *Cajuru*, que pode ter 20 pés de altura sôbre 60 braças de largo. Aí estivemos até ao dia 13 para fazer passar cargas e canoas. Estas foram por água, porque o salto permite em certos pontos a subida: rascando o fundo, iam puxadas com imensa dificuldade. Tôda a nossa gente trabalhou nos cabos.

No dia 13 estava tudo além do salto. O rio é muito estreito; corre lentamente por entre verdejantes colinas. Fomos dormir abaixo da cachoeira *Sirga do Mato*.

A 14, vencemos a *Sirga Preta*, outra cachoeira.

A 15, o *Banquinho*.

A 16, a *Sirga Comprida*.

A 17 e 18, a *Embiruçu*, *Gente dobrada*, *Sirga Corredeira do Mangual*. Chegamos à do *Tejuco*.

No dia 19 falhamos.

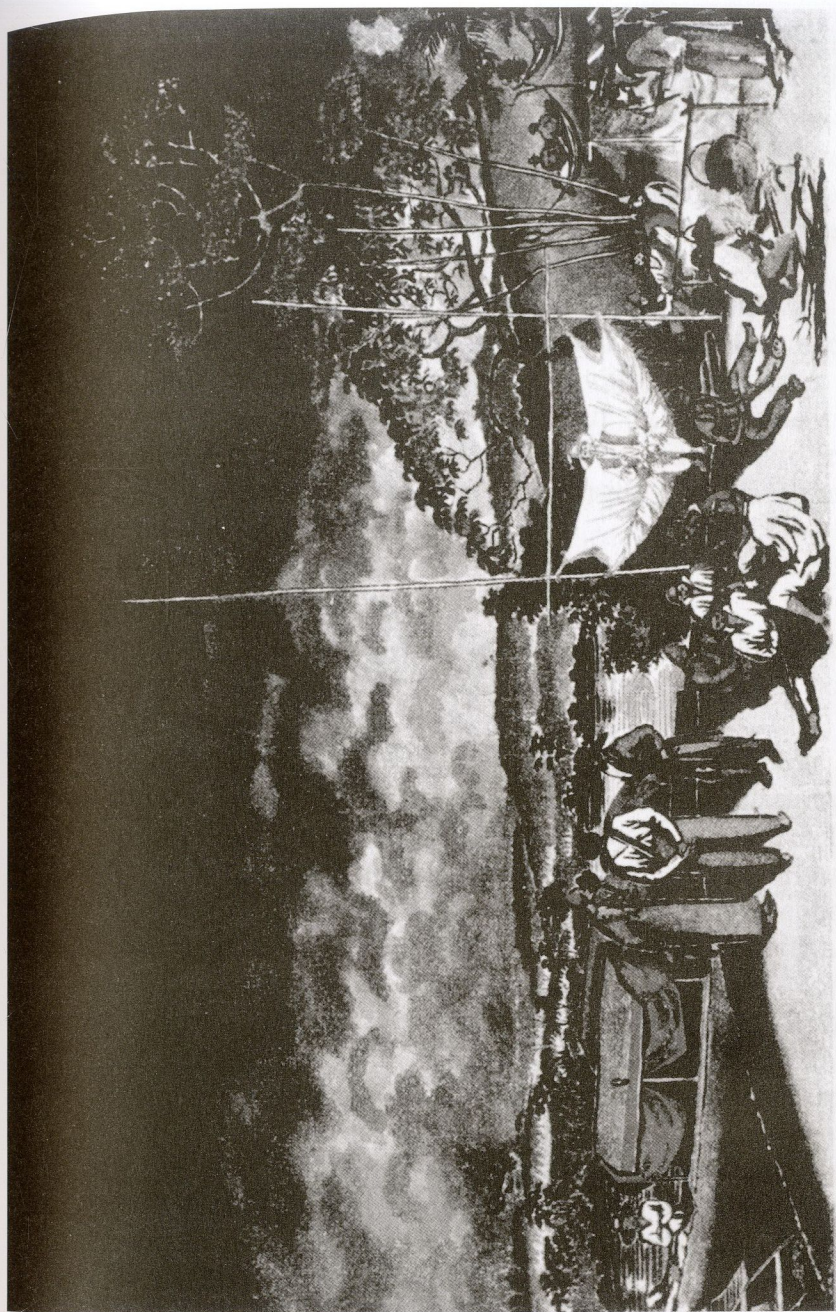
A 20, passamos a *Sirga do Jupiá* e chegamos à cachoeira *Anhanduí*.

Deixamos, no dia seguinte, à esquerda o rio *Anhanduí-mirim* e alcançamos a cachoeira *Taquaral*, onde foram todas as cargas transportadas por terra.

Falha no dia 22.

A 23, passamos os *Três Irmãos*, que são três cachoeiras muito chegadas uma à outra. Nossa gente carregou as bagagens desde a inferior até à superior, junto à qual havia uma cruz, e onde fizemos pouso.

Aí entram as águas em funda bacia e formam um torvelinho perigoso no qual, segundo nos contou o guia,

Salto do Cajuru

Rio Pardo. Queimada nos campos

perdeu-se, nos primeiros tempos do descobrimento das minas de Cuiabá, uma canoa com 80 arrôbas de ouro em barra, metidas em caixotes. Procuraram alguns mergulhar, mas nunca chegaram ao fundo por causa do redemoinho que existe embaixo das rochas. A ser verdade o que referiu aquêle homem, valeria a pena desviar o rio de seu leito.

No dia 24, passamos a cachoeira do *Tamanduá.*

Enquanto ali estávamos, chegou a gente do negociante José da Costa Rodrigues que vinha de Cuiabá e voltava para Pôrto Feliz. Eram uns 15 ou 20, e não tinham senão um batelão e uma canoa tripulada por índios *Guatós*, dos que habitam as margens do Paraguai e São Lourenço.

Dia 25, falhamos.

26. Passagem da *Sirga do Campo.*

27. Dita da *Sirga do Mato:* chegada à do *Balo.* Chama-se *sirga* o lugar em que se puxam as canoas por meio de cabos.

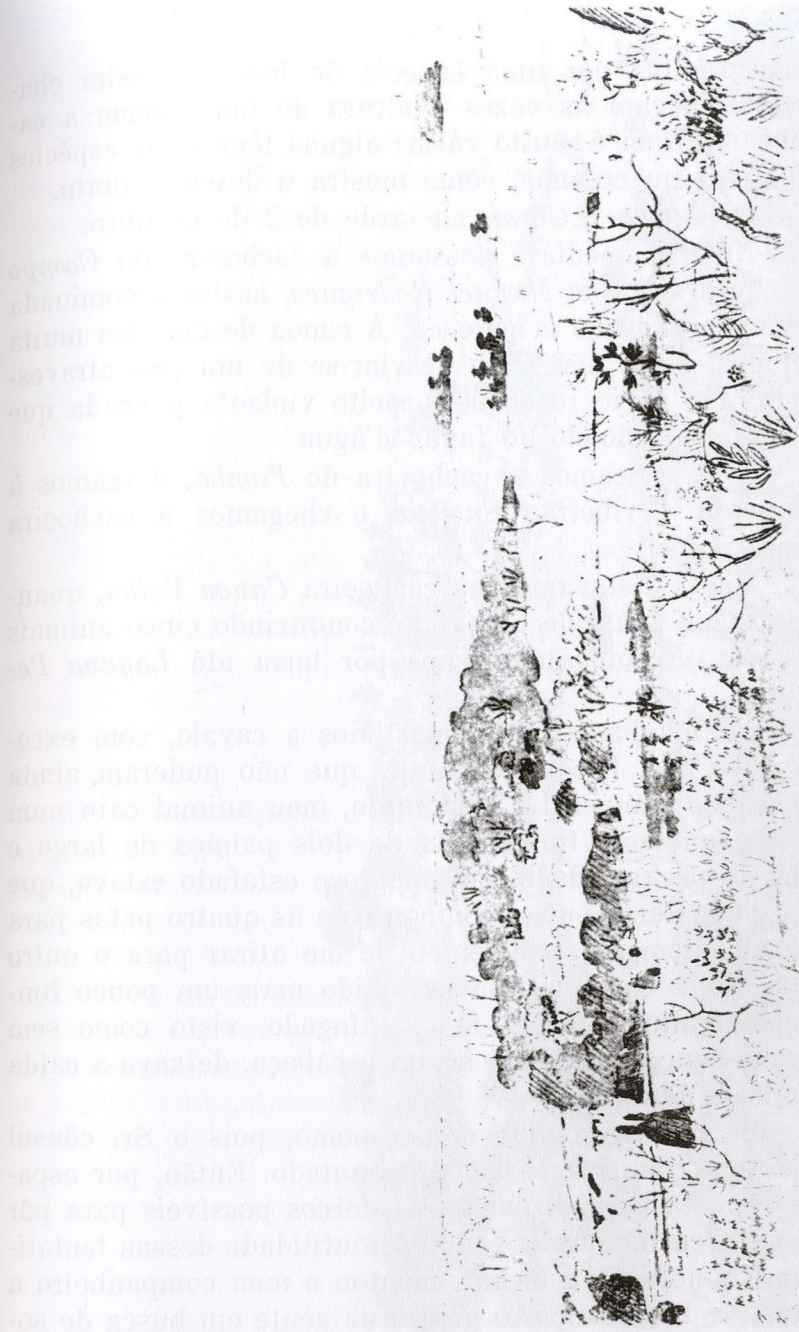
Deixando a monção continuar a subir o rio com a habitual lentidão, fomos, eu e os Srs. Riedel e Taunay, por terra umas duas léguas até ao salto do Corau. Não leváramos senão uma espingarda de caça, algumas cargas de chumbo fino, uma bala e dois biscoitos que constituíram nosso jantar. Chegados antes do pôr do sol ao salto, demo-nos pressa em formar provisório abrigo com fôlhas de palmeira *guacuri.* Felizmente matou o Sr. Taunay um lagarto que nos serviu de ceia e que a fome transformou em manjar suculento. Deparou-se-nos também um cacho de bananas que pendia de raquítico tronco. Caso houvessem estado maduras, não teriam escapado à gente de Costa Rodrigues: por incomíveis as deixaram, mas nosso apetite era tal que assadas, assim mesmo verdes, foram regalo precioso.

Durante a noite, cada um de nós, por causa das onças, fêz duas horas de sentinela. Quando de todo clareou o dia, chegaram as canoas.

O salto do *Corau* terá de altura 30 pés, de largura quando muito 10 braças. A água sai de um maciço de árvores altas, de folhagem copada e côres várias, e de um só jacto cai numa grande bacia onde parece ficar estagnada, de tão tranqüila que é. Escoa-se por um canal apertado, tornando-se então agitada por ser o leito muito inclinado e cheio de rochas. Corre assim meio quarto de légua até outra bacia também arborizada, onde forma grandes rebojos junto às margens. Transportaram-se por terra as cargas até acima do salto. É um caminho de mais de um quarto de légua. As canoas foram arrastadas ora em sêco, ora por água até ao lado direito da queda, onde há um varadouro de subida tão íngreme que para galgá-lo, nossa gente empregou grandes esforços. Todos êsses penosos trabalhos nos consumiram quatro dias.

Dois camaradas, que o Sr. cônsul, dias antes, despachara para Camapuã a fim de requisitar cavalos, chegaram ao *Corau,* mas sem as cavalgaduras pedidas. O comandante daquele ponto mandara desculpar-se, dizendo que não tinha animal em estado de agüentar marcha tão longa. Todos quantos possuía o estabelecimento estavam exageradamente fracos e magros, de modo que o mais que poderia fazer era mandar esperar-nos em *Laguna Grande,* cachoeira menos distante de Camapuã.

Com aquêles camaradas, de lá vieram uns negros crioulos, todos com papeiras do tamanho da cabeça, que pendiam até aos peitos, tornando-lhes a voz opressa. A fisionomia denotava pouquidade de inteligência. Observei em São Paulo, Cuiabá e principalmente Camapuã, que os idiotas têm quase todos enormes bócios.

Tirei uma vista do *Corau* e dos campos vizinhos, onde se acham muitos *cupins.* São cúmulos de terra

Salto do Corau

escura feitos por uma espécie de formiga assim chamada: chegam às vêzes à altura de um homem a cavalo. A forma é muito vária: alguns têm umas espécies de tubos ou colunas, como mostra o desenho junto.

Deixamos o *Corau* na tarde de 2 de outubro.

No dia imediato passamos a cachoeira do *Campo* e, a 5, a sirga de *Manuel Rodrigues*, assim denominada de um pilôto que lá pereceu. A canoa descia com muita rapidez, e êle não pôde desviar-se de um pau atravessado. Em cheio recebeu no peito violenta pancada que o atirou atordoado ao fundo d'água.

A 6, vencemos a cachoeira do *Pomba*, deixamos à esquerda o ribeirão *Sucuriú* e chegamos à cachoeira dêsse nome.

Dia 7. Estávamos na cachoeira *Canoa Velha*, quando chegou gente de Camapuã, conduzindo cinco animais de sela. Acompanharam-nos por terra até *Laguna Pequena*.

Na manhã seguinte, partimos a cavalo, com exceção dos Srs. Riedel e Taunay que não puderam ainda deixar as canoas. Lá pela tarde, meu animal caiu num riacho que não tinha mais de dois palmos de largo e três de profundidade. Tão magro e estafado estava, que não pôde dar o pulo e tombou com as quatro patas para o ar. Felizmente tive tempo de me atirar para o outro lado. Se a corrente houvesse sido mais um pouco funda, sem dúvida ter-se-ia êle afogado, visto como sem fôrças nem sequer para suster a cabeça, deixava-a caída dentro d'água.

Só estava comigo o astrônomo, pois o Sr. cônsul com sua comitiva se havia adiantado. Então, por espaço de meia hora, fizemos os esforços possíveis para pôr de pé a cavalgadura. Vendo a inutilidade dessas tentativas e a noite já a fechar, montou o meu companheiro a cavalo e foi alcançar o grosso da gente em busca de so-

Cachoeira da «Canoa Velha»

corro. Fiquei só naquele deserto, sem ter sôbre mim a menor arma e no meio de escuridão que o clarão da lua modificava um tanto. Procurei novamente e, desta vez com melhor resultado, safar o animal da água onde estivera metido uma hora, naturalmente a descansar um pouco. Quinze minutos depois, encontrei-me com as pessoas que vinham me ajudar e com elas atingi o pouso.

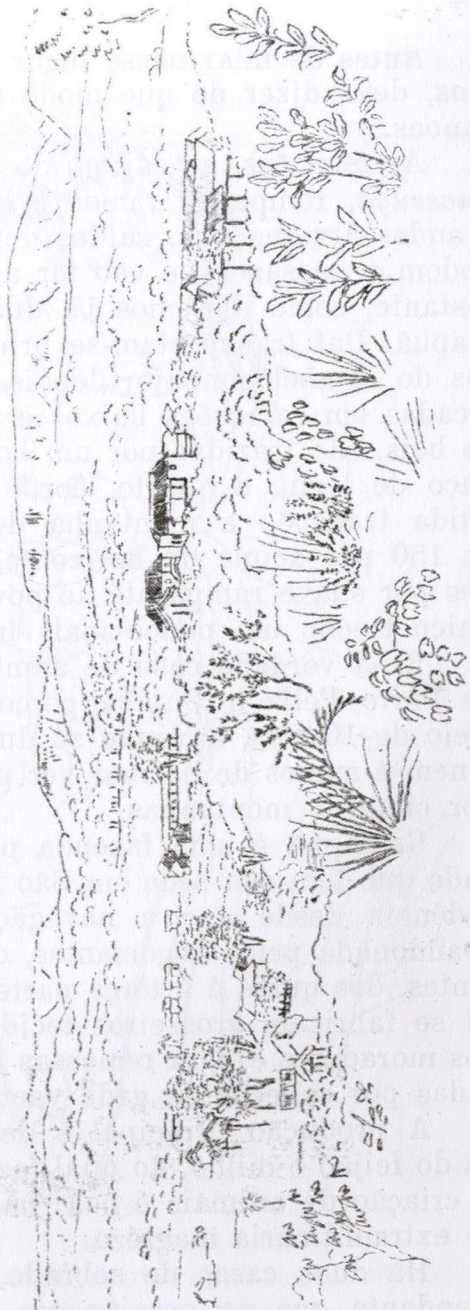
No dia 9, passamos o rio Pardo a vau, num ponto onde se vêem afluir o *Sanguessuga* e o *Vermelho,* rolando êste águas rubras ao fraldejar uma montanha, aquêle pelo contrário linfa tão pura que parece cristal. A reunião dos dois produz a côr que distingue o Pardo desde aí até à confluência no Paraná.

O *Sanguessuga* e o *Vermelho* são de pouco volume e fàcilmente vadeáveis na estão sêca.

Depois de cortarmos várias chapadas e terrenos mais ou menos ondeados, vimos o *Sanguessuga* que se desliza com sinuosas curvas numa bela e ridente planície. Aí não tem êle mais de três a quatro braças de largo: dava-me água pelo peito.

Jantamos no pôrto chamado *Sanguessuga* e logo após montamos a cavalo, ameaçados por temporal que não tardou a cair, acompanhado de violentos trovões, mas que pouco durou.

Por declive suave chegamos ao alto de uma montanha, donde avistamos *Camapuã,* bem embaixo de nós. É ela o espigão mestre de uma vastíssima zona. Por trás de nós ficavam os afluentes da bacia do Paraná; para diante quantos vão ter ao Coxim e ao Taquari, na bacia do Paraguai. A descida pareceu-me tripla da distância que havíamos subido.

Com duas léguas pequenas de marcha desde o pôrto do *Sanguessuga,* chegamos a *Camapuã,* às 3 horas da tarde. O comandante do ponto esperava-nos à porta da casa que nos havia sido destinada.

Vista de Camapuã

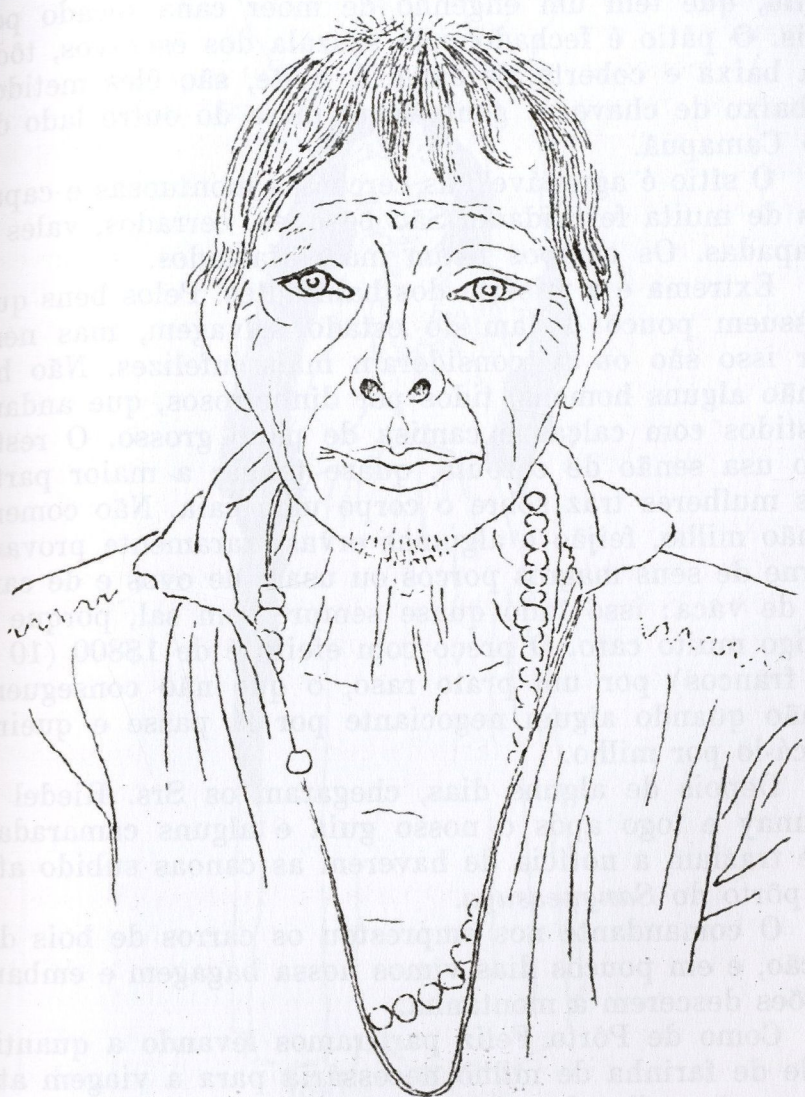
Antes de falar nesse lugar e na estada que aí fizemos, devo dizer de que modo são varadas as cargas e canoas.

As monções, ao saírem do rio Pardo, sobem o *Sanguessuga*, rompendo ramos e ervas, cortando às vêzes grandes árvores que, caídas de margem a margem, impedem a passagem, e vão ter ao pôrto do *Sanguessuga*, distante, como dissemos já, duas léguas ao sul de Camapuã. Daí transportam-se primeiro as cargas em carros do estabelecimento; depois as próprias canoas, colocadas em carroções baixos e puxados por sete juntas de bois, são trazidas por um bom caminho que, por espaço de légua e quarto, corta uma planície e em seguida transpõe a montanha de que falei, alta talvez de 150 pés acima do horizonte, descendo perto de 450 pés por suave rampa até ao povoado. Não há senão um único trecho um pouco mais íngreme.

É na verdade caso de admiração poder pensar que de Pôrto Feliz a Cuiabá percorrem-se 530 léguas por meio de 10 rios, havendo só duas léguas de varadouro, e nem é menos de pasmar ver passarem grandes canoas por cima de montanhas.

Camapuã é uma fazenda pertencente a uma sociedade que tem sua sede em São Paulo. Em estado de decadência desde que a navegação dos rios vai sendo abandonada pelos negociantes, conta perto de 300 habitantes, dos quais é a têrça parte escravatura dos sócios. Aí se fabricam grosseiros tecidos de algodão para uso dos moradores e para remessas que em Miranda são trocadas por cabeças de gado vacum e cavalar.

A produção principal é de cana-de-açúcar, depois da do feijão e milho, do qual fazem péssima aguardente. A criação de animais é boa: há muita galinha e porcos de extraordinária magreza.

Há duas casas de sobrado, uma onde mora o comandante que na ocasião era um alferes de milícias

Desenho « d'après nature » em Camapuã

(guarda nacional); outra fronteira, separada por vasto pátio, que tem um engenho de moer cana tocado por bois. O pátio é fechado pela senzala dos escravos, tôda ela baixa e coberta de sapé. À noite, são êles metidos debaixo de chave. A gente fôrra mora do outro lado do rio Camapuã.

O sítio é agradável; as cercanias montuosas e capazes de muita fertilidade. São bosques, cerrados, vales e chapadas. Os campos ficam mais afastados.

Extrema é a miséria dos habitantes. Pelos bens que possuem pouco distam do estado selvagem, mas nem por isso são ou se consideram mais infelizes. Não há senão alguns homens, tidos por dinheirosos, que andam vestidos com calças e camisa de pano grosso. O resto não usa senão de ceroula, quase tanga; a maior parte das mulheres traz sôbre o corpo uma saia. Não comem senão milho, feijão e algumas ervas: raramente provam carne de seus magros porcos ou usam de ovos e de carne de vaca: isso tudo quase sempre sem sal, porque é artigo muito caro. O preço com efeito é de 1$800 (10 a 12 francos) por um prato raso, o que não conseguem senão quando algum negociante por lá passe e queira trocá-lo por milho.

Depois de alguns dias, chegaram os Srs. Riedel e Taunay e logo após o nosso guia e alguns camaradas que traziam a notícia de haverem as canoas subido até ao pôrto do *Sanguessuga*.

O comandante nos emprestou os carros de bois da nação, e em poucos dias vimos nossa bagagem e embarcações descerem a montanha.

Como de Pôrto Feliz partíramos levando a quantidade de farinha de milho necessária para a viagem até Camapuã, a fim de não carregar demais as canoas, tivemos que encomendar 120 alqueires que os moradores se puseram logo a preparar, desperdiçando contudo muito tempo em socar o milho a poder de braços, por-

Negra em Camapuã

que nem sequer possuem um *monjolo,* a máquina mais estúpida que jamais foi inventada e que é de uso no interior do Brasil para com o emprêgo da água pilar o arroz e milho.

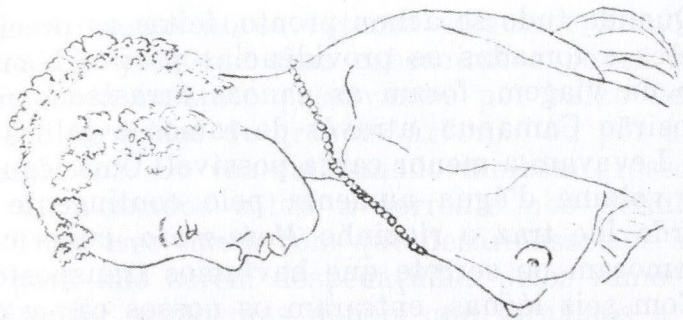
Existira já um em Camapuã, mas como uma enchente do rio o quebrara, êsses desgraçados vadios não tinham pensado em substituí-lo por outro.

Consiste em grande e pesadíssima peça de madeira de 25 a 30 pés de comprido que tem numa extremidade uma cuba e noutra um furo, onde se adapta um pilão. Coloca-se tudo isso em equilíbrio debaixo de um veio d'água que caia dentro da concavidade. Quando esta se enche, o pêso faz descer um dos braços e subir o outro, isto é, o pilão, que esmaga na queda os grãos de milho, mal se entorne a água. Semelhante maquinismo não pode trabalhar senão muito lentamente: medeiam 10 a 12 segundos de uma pancada à outra, e a água não faz a sexta parte do serviço que poderia prestar.

Satisfizemos todos os pagamentos em gêneros, porque em Camapuã não há necessidade de dinheiro.

Durante nossa estada, ouvimos falar na aparição de índios nos arredores: foram reconhecidas as pegadas, e chegou-se mesmo a surpreendê-los, procurando furtar umas reses. Fugiram. Não podiam ser senão *Caiapós* ou *Guaicurus.*

Uma onça matou alguns cavalos no espaço de poucas noites.

Em Camapuã não havia senão uma moça branca, que o comandante cercava de guardas pouco fiéis ou maus vigias. Nascida em Diamantino, fôra para ali trazida pelo irmão do oficial que encontráramos com Sabino. Estava desesperada por se ver em lugar tão tristonho, no meio de tão vasta solidão, queixando-se amargamente do amante que a havia enganado, afiançando-lhe ser Camapuã em população e vida comparável com a localidade de que era filha.

Negra Rebôlo

O geral da escassa população é de prêtos crioulos; poucos são os mestiços e mulatos. Dessa côr era o comandante.

Quando tudo se achou pronto, feitas as precisas reparações e tomadas as providências para o bom seguimento da viagem, foram as canoas arrastadas no leito do ribeirão Camapuã, através de ramos e galhos de árvores. Levavam a menor carga possível. Uma légua abaixo, o volume d'água aumenta pelo contingente que à esquerda lhe traz o riozinho *Mata-mato*, cujas cabeceiras demoram no serrote que havíamos transposto.

Com seis léguas, entraram os nossos camaradas no rio Coxim e abicaram num pôrto chamado *Furado*, onde é costume irem embarcar os viajantes. Daí voltaram com as canoinhas e fizeram diversas viagens para levar tôdas as cargas àquele ponto.

No dia 21 de novembro, depois de uma estada de 43 dias em Camapuã, montamos a cavalo e partimos com direção ao Furado, onde chegamos depois de atravessar sete léguas de terreno montanhoso e em geral desnudado. O aspecto do pôrto é pitoresco: o Coxim aí não tem mais de 25 braças de largura e, entre copada mataria, corre por sob arcos formados de uma taquara chamada *guaitivoca* que se ergue à altura das árvores mais elevadas. De cada nó do colmo irradia-se basta ramificação de fôlhas compridas e finas, que, a modo de ramalhetes, vão progressivamente se tornando menores, à medida que se chegam à ponta. O pêso obriga êsses enormes caniços a se arquearem até que a extremidade livre, que finda numa bola de fôlhas, penda perpendicularmente ao terreno. Diversos pés parecem sair da mesma soqueira. As duas margens estão cheias dessas elegantes monocotiledôneas que cruzam os colmos de lado a lado, formando majestosas e verdejantes arcarias.

Dia 22. Ao nascer do sol, chegaram alguns homens de Camapuã, trazendo dois presos amarrados e deserto-

res de Miranda. Ao sr. cônsul pedia o comandante o favor de entregá-los em Albuquerque, quando por lá passasse.

Recomeçamos nossa extensa viagem e, como o rio estava ainda perto de suas cabeceiras e pouca largura tinha, a cada instante passávamos por baixo de caramanchões formados de grandes árvores, ou por arcadas de *guaitivocas*. De vez em quando também grossos madeiros atravessados sôbre a corrente nos detinham o passo. Tudo isso fizera com que desarmássemos as barracas, para não serem despedaçadas pelos ramos e galhos. Não foi senão dias depois que tornamos a levantá-las, ficando todo êsse tempo expostos ao sol e ao sereno. Felizmente o tempo conservou-se sempre favorável.

Descíamos depressa, virando a todo o momento à esquerda e à direita, conforme as voltas estreitas e múltiplas do rio.

Vimos a bôca do ribeirão do *Barreiro Grande* e transpusemos o baixio *Coroinha*.

No dia 23, vencemos as cachoeiras *Mangabal* e *Pedra Branca* e fomos acampar acima da do *Peralta*.

Avistamos alguns descampados e colinas bastante altas. Quanto às margens, mostraram-se cobertas, ora de mato e *guaitivocas*, ora de árvores como *embaúvas*, *embiruçus*, etc.

No dia 24, passamos pela embocadura à esquerda do ribeirão *Barreiro Grande*, à direita do da *Cilada* e transpusemos a cachoeira *Abaré*.

A 25, vencemos a *Culapada*, o *Boqueirão dos Três Irmãos*, o baixio *Itaguaçava* e fomos pernoitar na foz do ribeirão da *Figueira* que entra no Coxim pela margem esquerda. Abrigamo-nos debaixo de uma dessas grandes árvores a que deve a corrente o nome e que ficava na base de um montículo escarpado, ao cume do

qual subi para devassar o terreno em tôrno. Nada pude, contudo, ver por ser o mato em tôrno muito alto.

Perto de 10 braças de largura tem aí o ribeirão, mas dois pés tão-sòmente de profundidade, sendo o fundo de areia fina. Pescamos muitos pacus e dourados. Quando ao banho nos deleitávamos naquelas límpidas águas, não pouco receio tínhamos das arraias, peixe armado de um ferrão, cuja fisgadela causa cruéis sofrimentos durante 24 horas. Nossos camaradas contaram-nos que no Pará, onde são muito grandes, aplica-se para de pronto dissipar aquelas dores um remédio eficaz: é queimar pólvora sôbre o ponto ofendido.

No dia 26, entramos no *Boqueirão das Furnas.* Aí o rio, estreitando entre margens de penhascos quase perpendiculares, ganha mais forte correnteza: o leito se afunda, e numa hora fazem-se duas léguas. É o mesmo canal que observei em seguimento às grandes quedas, igual, comprido, tortuoso e correndo por sôbre uma plataforma de rochas.

No dia 27, passamos a cachoeira das *Furnas,* onde a canoinha dos caçadores foi ao fundo, atirando à água uma espingarda, uma pistola e vários outros objetos que ficaram perdidos.

Vencemos a cachoeira das *Anhumas,* perto do morro do mesmo nome. O país era então montuoso. Desde há dias navegáramos junto à base de montanhas cobertas de mato, das quais nascem córregos que com alegre ruído se atiram no rio. Fomos parar junto àquele morro e alí vimos batidas feitas por antas.

Passamos, a 28, entre *paredões* (grandes rochas talhadas a pique) tão altos como o mastro grande de um navio. Ora os víamos à direita de 300 a 400 passos de largura, ora à esquerda: por vêzes varávamos pelo meio dêles, como por entre enormes muralhas de pedra. Então nosso horizonte se restringia a poucos passos: o

rio corria estreito e fundo, mas silencioso: a claridade do dia se esbatia, ao passo que as vozes e o ruído tomavam mais sonoridade.

O Coxim é pitoresco pelas suas corredeiras, paredões, campos, capões e montanhas: a pouca largura, as matas, as belas *guaitivocas*, as praias argênteas, a abundância e variedade de peixes trazem o viajante sempre entretido.

As cachoeiras são numerosas; entre essas algumas há compridas e perigosas: as rochas, a água em borbotões, a espuma formam um verdadeiro caos.

Passamos a cachoeira *Canela de André Alves.*

No dia 29, deixamos o rio Jauru à direita: varamos as cachoeiras *Jauru, Embiruçu* e chegamos a *Avanhandava-guaçu,* onde nos demoramos todo o dia para fazer passar as canoas e bagagem por essa extensa corredeira. Como em todos os grandes obstáculos daquela espécie, há muitas rochas nas margens e outras esparsas no meio das águas que de encontro a elas fervem e espumam.

Tôda a carga sai das canoas, nas quais se metem cinco ou seis homens dos mais entendidos. Sobem então um pouco o rio e, virando de repente, enfiam o canal. Eis que o frágil batel se inclina; voa que não corre; num redemoinho de espuma mergulha a proa ou a empina temeroso. Mas aí vigia o guia, de pé com um varejão na mão; à pôpa, o ajudante e os pilotos estão alerta, e no meio trabalham os proeiros. Todos êles manobram com precisão, energia e habilidade. Curvados para maior firmeza das pernas, manejam o remo e a zinga, desviando a todo instante os choques de encontro aos penhascos, onde as canoas se fariam em mil pedaços.

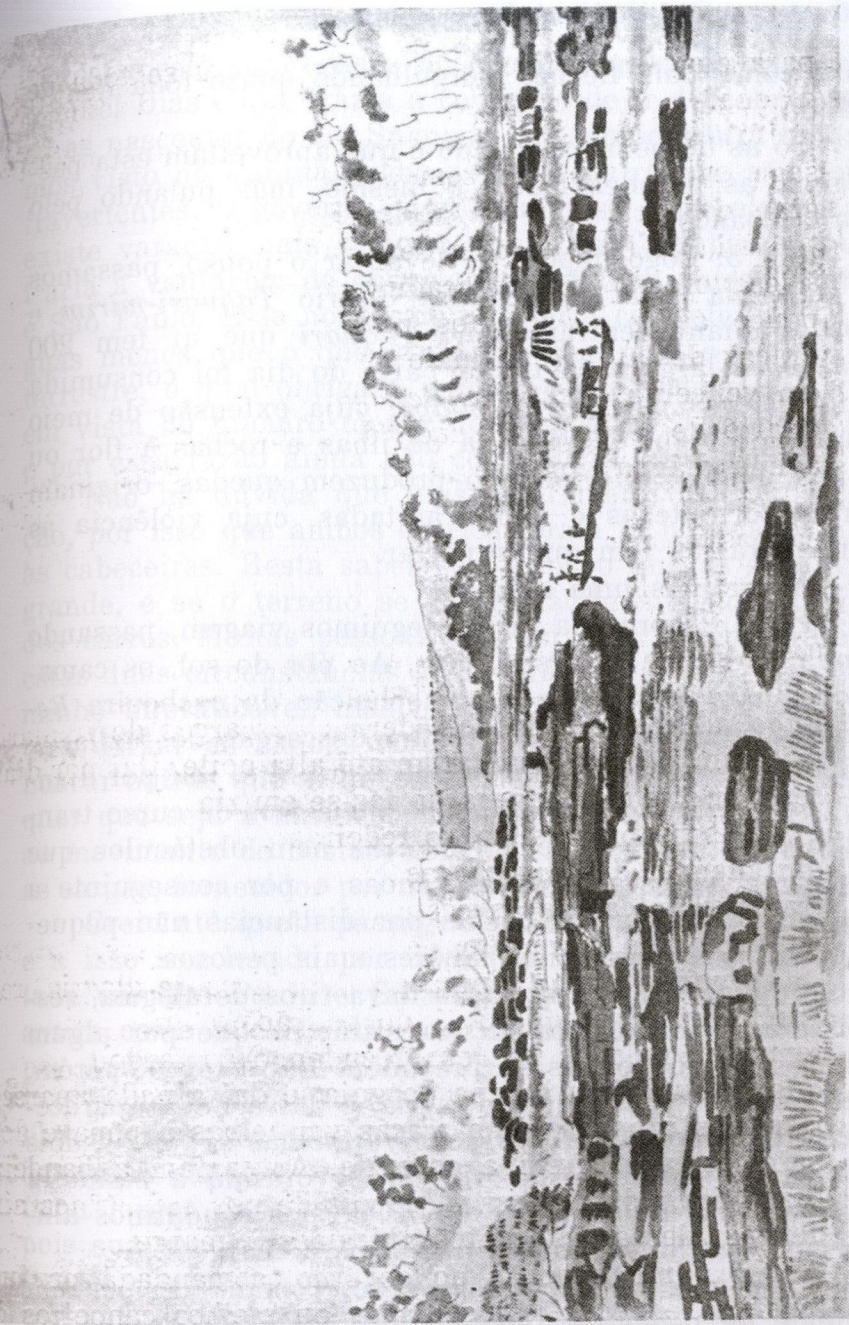
Em várias rochas vimos inscrições: algumas datam de 30 anos.

Chegamos, a 30, à cachoeira *Avanhandava-mirim*. Abicamos à esquerda ao pé de um barranco de íngreme acesso. Descida a cachoeira, fomos fazer pouso numa praia cômoda, no fundo de uma espécie de baía, onde a água era tranqüila, mas muito suja. Novas inscrições em rochas. Esta cachoeira, menos extensa que a *Avanhandava-guaçu*, tinha, contudo, mais inclinação e fôrça. Também foi espetáculo curioso assistir ao desfilar das canoas.

Talvez se tornem por fim enfadonhas as descrições que faço de cachoeiras, porque sou obrigado a repetir quase sempre a mesma coisa e tudo se resume em água, espumas, rochas e ruídos, mas delas tôdas dou conta, do mesmo modo que um diário de bordo relata as menores alterações da atmosfera. Para trabalho posterior e mais limado, ficará suprimir o que fôr supérfluo: entretanto tenho para mim que tais pormenores não deixam de interessar, ainda quando se reproduzam algumas vêzes, por darem o conhecimento circunstanciado dos lugares e a história individuada de uma navegação penosa e um tanto fora do comum.

Armamos novamente as barracas: aí o rio já se tornara bastante largo.

1 de dezembro, vencemos a cachoeira *Choradeira* e fomos dormir junto à *Jequitaia*.

No dia seguinte, chegamos à da *Última Ilha*, um dos maiores obstáculos do rio Coxim, por isso que a corrente transpõe, quase de um salto, um banco de rochas de três pés de altura. Arrastam-se as canoas descarregadas por um canal à direita, de pouco fundo e muita pedra e, depois de fazê-las passar por entre dois rochedos, onde há uma quedazinha de $2^{1}/_{2}$ pés, ficam retidas por um cabo passado à pôpa. Dando-se corda, a proa ergue-se alta fora d'água. Então pulam dentro alguns homens e de repente solta-se o cabo. A canoa dis-

Cachoeira da Ilha

para como uma flecha, mergulhando quase tôda dentro d'água.

Só as de pequeno calado é que aproveitam esta passagem: as grandes fazem o mesmo, mas pulando pelo grande banco.

Dia 3. Logo depois de levantar o pouso, passamos à esquerda pela embocadura do rio *Taquari-mirim* e pouco adiante entramos no *Taquari* que aí tem 200 braças de largura. A maior parte do dia foi consumida em vencer a cachoeira *Beliago,* cuja extensão de meio quarto de légua é semeada de ilhas e rochas à flor ou acima d'água, que, se não produzem quedas, originam fortes correntezas e ondas agitadas, cuja violência as canoas vazias têm que suportar.

Agarramos uma *arraia.*

Pelas 2 horas da tarde, seguimos viagem, passando ainda por entre diversas ilhas. Ao pôr do sol, os camaradas, para festejarem a transposição da cachoeira *Beliago,* última até Cuiabá, deram descargas de fuzilaria, gritaram a valer e cantaram até alta noite. Daí por diante, com efeito, a navegação faz-se em rios de curso tranqüilo, sem perigos de corredeiras nem obstáculos que obriguem a descarregar as canoas e por conseguinte a transportar cargas às costas por distâncias não pequenas. Aí, pois, findam os labôres mais penosos.

Quando nossa tripulação dava tiros de alegria, responderam outros para lá do estirão, o que por algum tempo não pouco nos surpreendeu. Não tardou, porém, que se ouvisse a buzina do guia, e daí a nada apareceram três canoas com barracas vermelhas à pôpa e dois batelões, a subirem a corrente. Arvoraram a bandeira brasileira, nós a russa e, depois de nos saudarmos ainda com descargas, juntos abicamos à margem.

Era uma monção do govêrno, comandada por um tenente de pedestres (soldados ou melhor canoeiros de

Mato Grosso, empregados no serviço dos rios) chamado Manuel Dias e que trazia a comissão de ir descobrir não só as nascentes do rio Sucuriú, cuja embocadura havíamos visto no Paraná, como as do Itiquirá que são contravertentes. O govêrno queria saber se entre elas duas existe varação mais cômoda que a de Camapuã, o que traria a vantagem de encurtar a distância entre Cuiabá e São Paulo. Êsse novo caminho teria com efeito 84 léguas menos que o que vínhamos seguindo e 61 que o terrestre, o qual obriga a ir até Goiás. Seria mais fácil em vista do número menor de cachoeiras e corredeiras e por essa razão ainda não consumiria tanto tempo.

Não há dúvida que exista tal meio de comunicação, por isso que ambos os rios foram já navegados até às cabeceiras. Resta saber se o espaço que as separa é grande, e se o terreno se presta fàcilmente ao trânsito dos carros. Muitas pessoas pensam que, a concorrerem estas duas circunstâncias desfavoráveis, será o novo caminho impraticável, mas pondero que, neste caso, bastará deixar as canoas na parte superior do Itiquirá e buscar outras que se achem colocadas no Sucuriú. Qualquer que seja a natureza do terreno, nunca obstará êle ao movimento de bêstas, bois ou cavalos que carreguem as cargas, fornecidos por um estabelecimento aí fundado.

Creio até que a passagem será boa para a rodagem e a isso sou levado por uma tradição que me foi contada em São Paulo e Cuiabá, e que o *Patriota* refere, assim como a carta da América Meridional, publicada por Arrowsmith em 1810.

Diz essa tradição que, em outros tempos, um paulista, perseguido pela justiça pública, fugiu com a família numa canoa e foi até às nascentes do Sucuriú. Aí ficou largos anos, plantou e colheu milho; passou depois sua canoa para o Itiquirá e por êle chegou a Mato Grosso. O mapa, cuja exatidão tive ocasião de verificar pela indicação quase sempre acertada dos lugares

por onde passei, dá três léguas de distância entre êsses dois rios; ora, se nesse intervalo um homem pôde arrastar uma embarcação que não devia ser menor que um batelão, é muito natural que haja até facilidade em romper um caminho próprio para carros.

Fôra êsse resultado de utilidade para o govêrno, porque facilitaria o transporte da artilharia enviada para Cuiabá e para a fronteira desde Nova Coimbra até ao Jauru e cuja remessa, durante muito tempo ainda, só poderá ser feita por água. De outro lado, aceleraria a catequese dos numerosos índios *Caiapós,* que procuram já se chegar aos brasileiros na estrada de Goiás a Mato Grosso, em extensão de mais de 150 léguas, e traria conhecimentos mais preciosos da vasta zona situada entre essas duas grandes províncias do Império.

Pouco custaria fundar o estabelecimento de que falei, o que se conseguiria com um destacamento de pedestres destinados a fazer plantações. Os animais de tiro iriam depois pelos rios.

A navegação por Camapuã vai sendo muito menos freqüentada depois que se abriu o caminho por terra, porém as remessas do govêrno têm continuado a seguir pelos caudais, não só em vista de menor despesa, como por ser o único meio de transportar artilharia. Alguns negociantes, que em outras épocas tinham tirado lucro dessas viagens, recomeçaram a fazê-las em razão da carestia das tropas de animais. Abrir esta nova linha de comunicação é, pois, serviço prestado à província de Mato Grosso, o qual redunda em bem geral.

O tenente Manuel Dias tinha por companheiro o alferes Pedro Gomes, que empreendera, já com o mesmo fim, uma viagem à procura das nascentes do Sucuriú. Encontrando as do Taquari, meteu nesse rio as canoas e, apesar das observações dos camaradas que procuravam despersuadi-lo do êrro, veio por êle descendo, cren-

te de que navegava certo. Foi preciso chegar à embocadura do Coxim e à cachoeira Beliago para que se desse por convencido, mas então voltou para Cuiabá desgostoso por ter se saído tão mal de sua incumbência.

Desde já direi que a nova exploração a que êle procedia com outro oficial não trouxe senão gastos inúteis de dinheiro. Nada fizeram, o que logo à primeira vista se podia prever. Ambos com efeito, além de ignorantes, nada conheciam do país e nem sabiam usar da bússola. O tenente apresentou-se-nos de pés no chão e em mangas de camisa: o alferes não dizia coisa com coisa e parecia teimoso. Finda a comissão, nem sequer puderam dar notícias da varação, se era praticável ou não.

Tinha eu, porém, ficado no dia 3 de dezembro.

Nossa camaradagem passou essa noite a dançar com a gente de Manuel Dias, o qual nos deu parte do rompimento de hostilidades, precedido de traições, dos índios *Guaicurus*, a cujo respeito havíamos já ouvido falar em Camapuã por notícia vinda de Miranda.

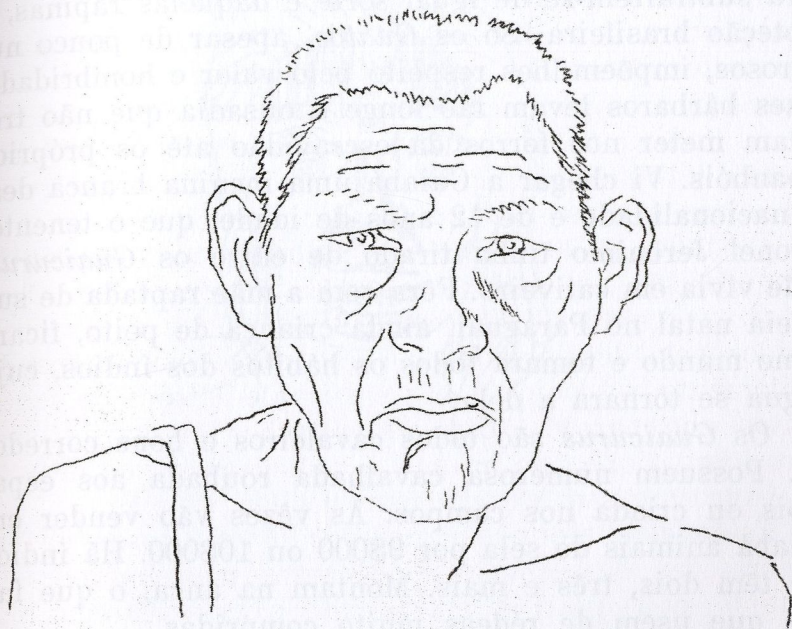
Durante a paz e no tempo em que recebiam do govêrno favores de víveres e presentes, mataram à falsa fé um brasileiro que vivia em um sítio pouco distante do forte de Miranda: depois atacaram e degolaram um cabo de esquadra e vários soldados que formavam um destacamento bastante afastado daquele forte. Em seguida a essas provas de deslealdade, abandonaram os arredores de Nova Coimbra onde viviam aldeados e puseram-se a bater campo como inimigos. Manuel Dias deu-nos conselho de tomarmos precauções, quando atravessássemos o país dêles.

Cesso por instantes de me ocupar com o diário para fazer conhecido o resultado da perfídia dos *Guaicurus* e ao mesmo tempo retratar, embora ligeiramente, o caráter daqueles índios.

Logo depois do rompimento, o comandante do forte de Nova Coimbra mandou a Cuiabá pedir socorros por

um próprio que encontramos no Paraguai já de volta, no dia 10 de dezembro. Iam três homens numa canoinha e disseram-nos que na capital se preparava uma monção de 14 igarités (grandes canoas) com 300 homens, entre soldados de primeira linha e milícias, comandados pelo tenente-coronel Jerônimo, vice-presidente da província. Com efeito essa frota passou por nós no dia 3 de janeiro seguinte e, dez meses depois, estando em Cuiabá, vímo-la voltar com a tropa que tinha ido pacificar os revoltosos. Do presidente recebera Jerônimo instruções para impedir, segundo as ordens do Imperador, que os índios, ainda levantados, fôssem tratados com dureza, devendo-se o mais possível procurar, por meio de dádivas e boas palavras, congraçar com êles.

De todos os selvagens que habitam as margens do Paraguai, são os *Guaicurus* os mais numerosos. Ouvi até dizer que têm 4 000 homens em armas. Tornam-se temidos pela deslealdade com que procedem, rompendo sùbitamente, no meio da paz e durante a troca de sentimentos que parecem cordiais, relações amigáveis sem outro motivo que não o amor à pilhagem, o que decerto não executam sem sangue nem muitas vítimas.

Estão com efeito os anais de Mato Grosso cheios das traições dêsses infiéis. Errantes nas margens do Paraguai e Taquari e estendendo suas excursões em vastíssimo território, fizeram no princípio do descobrimento grande dano às monções que por entre êles passavam. Foram já por vêzes até Camapuã e, não há muito tempo, arrebataram de lá perto de 500 cavalos. Costumam também entranhar-se pelo país dos *Caiuás* e *Caiapós* perto do Paraná, a fim de os reduzir à escravidão. Não poupam em suas devastadoras correrias nem sequer os espanhóis das margens do Paraguai, indo mesmo em tempo de paz saquear-lhes as povoações, cujos despojos vendem aos brasileiros. Não sei se depois de pacificados continuam nessas práticas.

Indio Caiapó

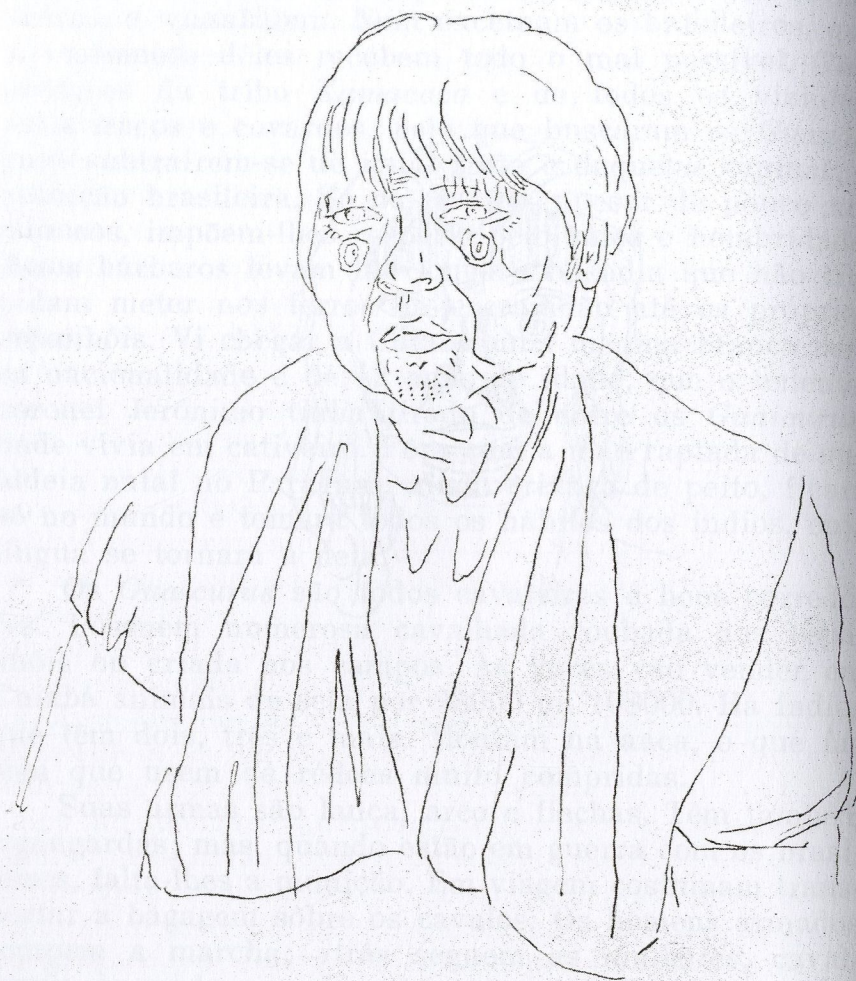
Aldeam-se perto de Nova Coimbra.

Nutrem a convicção de que constituem a primeira nação do mundo, a quem portanto tôdas as mais devem tributo e vassalagem. Nem excetuam os brasileiros, que no momento dêles recebem todo o mal possível. Têm escravos da tribo *Xamacoco* e de todos os vizinhos mais fracos e covardes, pelo que buscaram os *Guanás*, para subtraírem-se de igual sorte e daquelas rapinas, a proteção brasileira. Só os *Guatós*, apesar de pouco numerosos, impõem-lhes respeito pelo valor e hombridade. Êsses bárbaros levam tão longe a ousadia que não trepidam meter nos ferros da escravidão até os próprios espanhóis. Vi chegar a Cuiabá uma menina branca dessa nacionalidade e de 12 anos de idade, que o tenente-coronel Jerônimo tinha tirado de entre os *Guaicurus*, onde vivia em cativeiro. Fôra com a mãe raptada de sua aldeia natal no Paraguai, ainda criança de peito, ficara só no mundo e tomara todos os hábitos dos índios, cuja língua se tornara a dela.

Os *Guaicurus* são todos cavaleiros e bons corredores. Possuem numerosa cavalhada roubada aos espanhóis ou criada nos campos. Às vêzes vão vender em Cuiabá animais de sela por 9$000 ou 10$000. Há índios que têm dois, três e mais. Montam na anca, o que faz com que usem de rédeas muito compridas.

Suas armas são lança, arco e flechas. Têm também espingardas; mas, quando estão em guerra com os brasileiros, falta-lhes a munição. Em viagem costumam transportar a bagagem sôbre os cavalos. Os homens armados rompem a marcha; atrás seguem as mulheres, cavalgando de modo singular, pois vão alcandoradas no alto de cargas, às vêzes muito volumosas.

Vi uma mulher *Xamacoco* que fôra comprada aos *Guaicurus* pelo comandante de Albuquerque. Tinha a cara picada de pontinhos (*tatouée*) a modo do que usa-

Mulher da tribo dos Xamacocos

Índia Xamacoco, servente em Cuiabá

vam seus senhores. O retrato dessa rapariga acha-se na coleção que foi mandada para São Petersburgo.

De 3 a 6, nada nos aconteceu de notável.

Neste último dia, os Srs. Riedel e Taunay embarcaram num batelão bem equipado, a fim de tomarem a dianteira até Cuiabá.

Duas horas depois dêles, partimos, e com duas léguas de viagem vimos os pontos ou melhor portos em que o caminho de Miranda a Cuiabá corta o rio, muito largo aí, mas em parte vadeável. Na margem esquerda havia vestígios recentes de grande cavalhada: podíamos com razão recear que fôssem *Guaicurus*.

Esquecia-me dizer, quando me referi aos anais de Mato Grosso, que os *Guaicurus* foram desafiar os portuguêses até em Vila Maria, que saquearam uma vez, levando tudo a ferro e fogo. Em não poucas ocasiões travaram renhidos combates com as monções. Uma delas, composta de 50 a 60 canoas e cêrca de 600 homens, sofreu completa derrota. Em outro ataque mataram êles a tripulação inteira, escapando só cinco pessoas que se esconderam na mata.

Contam que num dêsses encontros, um mulato de São Paulo, famigerado pela colossal corpulência e fôrça extraordinária, sustentou com o auxílio de sua espôsa, o choque de várias canoas tripuladas por *Guaicurus*. A princípio, matou muitos a tiro, tomando as espingardas e pistolas que a mulher ia à medida carregando; depois, quando os selvagens quiseram dar abordagem, defendeu-se com varapaus, arpões e afinal com a coronha das armas, conseguindo sempre mantê-los em distância.

Já estávamos cortando a zona que os *Guaicurus* percorrem mais freqüentemente.

Até ao dia 11 de dezembro, nada houve digno de nota.

Durante êsses dias, o Taquari pareceu-nos pitoresco e alegre. Com 250 braças de largura, tem paragens

variadas, numerosas ilhas em que se vêem grandes árvores isoladas, de tronco alto, direito e liso, folhagem escura e densa. Mostram-se aqui e ali, em vasta planície de um verde-gaio que se estende a perder de vista, com capões no extremo horizonte. As margens do rio têm algum matagal.

Passávamos várias vêzes por entre ilhas e em canal estreito e bastante raso. Já era tempo das chuvas, mas, como a atmosfera conservava-se quase sempre pura, o rio ainda tinha pouca água, pelo que não raramente encalhávamos, permitindo, contudo, a diminuta correnteza que com facilidade nos safássemos.

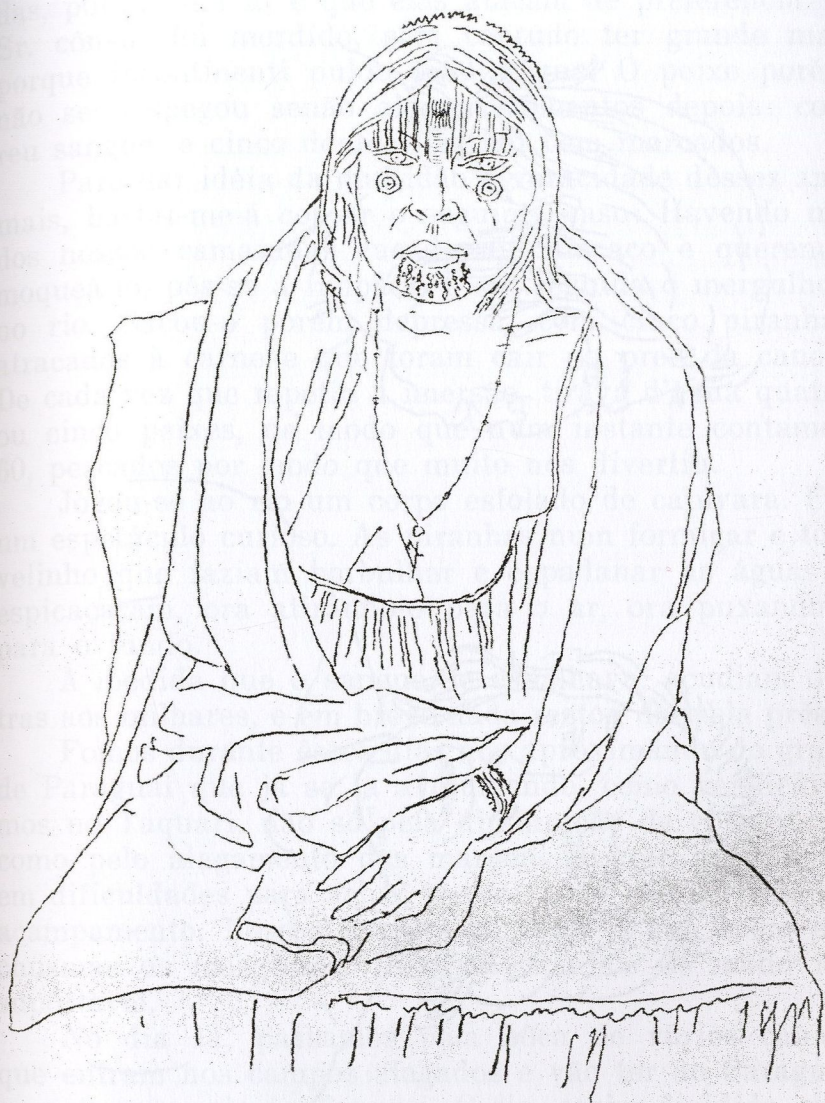
Nestes pontos aparecem com mais freqüência as onças.

Na margem vimos uma que fugiu, mal foi avistada; outra ficou ferida, mas conseguiu também escapar.

Começamos a pescar *piranhas*, peixe abundantíssimo no Paraguai e seus tributários. Nos rios que vão ter ao Amazonas os há também, assim como nos de Minas Gerais, mas pululam nos lagos e campos inundados do Paraguai. Não tem mais de oito polegadas de comprido e seis de largo, entretanto é o mais temível de todos os peixes dêsses rios pela voracidade com que acomete todo e qualquer animal que caia dentro d'água. Possui dentes agudíssimos.

Com essas armas atira-se à onça e obriga-a a acelerar sua passagem em rios. Não é raro pescarem-se peixes sem cauda, nem nadadeiras: é obra da piranha.

Ai do imprudente que entrar nu em lugar infestado por aquêles vorazes habitantes; está perdido, sobretudo se tiver no corpo alguma ferida ou sarna. Êles se precipitarão sôbre as chagas; farão verter sangue e em poucos instantes o infeliz perderá a vida.

Quando a gente se banha em lugar de poucas piranhas, o perigo é diminuto, mas assim mesmo é preciso

Índia Xamacoco, servente em Cuiabá

ter o cuidado de cobrir com as mãos as partes pudendas, porque por aí é que elas atacam de preferência. O Sr. cônsul foi mordido, sem contudo ter grande mal, porque incontinenti pulou fora d'água. O peixe porém não se despegou senão alguns momentos depois: correu sangue, e cinco dentes ficaram bem marcados.

Para dar idéia da multidão e voracidade dêsses animais, bastar-me-á contar o seguinte caso: Havendo um dos nossos camaradas caçado um macaco e querendo moqueá-lo, pôs-se a limpá-lo e em seguida o mergulhou no rio. Sacou-o porém depressa, com cinco piranhas atracadas à carne e que foram cair na proa da canoa. De cada vez que repetia a imersão, tirava d'água quatro ou cinco peixes, de modo que num instante contamos 60, pescados por modo que muito nos divertiu.

Jogou-se ao rio um corpo esfolado de capivara. Foi um espetáculo curioso. As piranhas num formigar e torvelinho que faziam borbulhar e espadanar as águas o espicaçaram, ora atirando-o para o ar, ora puxando-o para o fundo.

À medida que o sangue se espalhava, acudiam outras aos milhares, e em breve nada restou daquela prêsa.

Fomos durante êsses dias nos aproximando do grande Paraguai que já se ia avolumando, como verificávamos no Taquari, não só pela diminuição de correnteza, como pelo alagamento das margens, o que nos punha em dificuldades para achar terreno sêco que servisse de acampamento. Nesses tempos de cheia é que caem em chusmas os mosquitos. Incomodavam-nos de modo insuportável.

No dia 11, passamos pela bôca de vários canais que entram nos campos alagados e vão ter ao Paraguai ou voltam a cair no Taquari. O rio, assim dividido, não deixa mais discernir se se navega ou não no leito principal: transformar-se num sem-número de baías e desaguadouros, em que é difícil haver-se sem um guia bem

prático, que assim mesmo pode levar as canoas ao meio dos pantanais. Em alguns lugares, o que dá a conhecer as margens são as plantas e árvores a surgirem de dentro d'água.

O país é uma planície imensa que começava a ser inundada pelo transbordamento do Paraguai, em cujas cabeceiras já haviam caído chuvas. É aí que começa o vasto *Pantanal* que se estende de norte a sul desde a embocadura do Jauru até à do Taquari, 45 léguas portuguêsas, no meio das quais correm os rios Jauru, São Lourenço e Taquari, e limitados ao ocidente por uma serra paralela ao curso do Paraguai.

Essa vasta zona encharcada vem assinalada por muitos geógrafos debaixo da especificação de *Lagoa dos Xaraies* ou Laguna Xaraies.

No tempo sêco, as águas se escoam e deixam um grande número de pequenas enseadas. Perto do ponto da confluência do Paraguai com o São Lourenço, há uma chamada Guaíva que se divide em três menores, cada qual de duas a três léguas de extensão.

Na época das inundações, as canoas abandonam o álveo do rio num lugar sito a 25 léguas N. E. da embocadura do Taquari, por onde passei e que por esquecimento deixei de mencionar, chamado Pouso Alegre, e varam pelos campos afora em linha reta, descambando para O. até entrarem no Paraguai pelo *Furo-mirim*, distante 18 léguas, e acima da grande ilha *Paraíso*, caminho marcado erradamente no mapa de Arrowsmith como um braço do Taquari que vai findar no Paraguai.

Nessas vastidões alagadas cresce em grande abundância o arroz selvagem, cuja altura há de exceder de sete a oito pés, pois só fora d'água tem dois a três, sendo o terreno submerso em profundidade de cinco a seis. Quando os *Guatós*, índios canoeiros, fazem a colheita, sacodem as espigas dentro de suas barquinhas e num

instante as enchem até às bordas; entretanto por falta de cultura, é a qualidade do grão inferior à do nosso.

Na tarde de 11, descemos ainda uma hora por um canal estreito, de rápida correnteza, entre barrancas bastante altas e cobertas de mato.

Nosso guia escolheu o pouso na margem direita, porque receava podermos do outro lado ser atacados pelos *Guaicurus.* Acampamos debaixo de árvores baixinhas que orlavam em pouca distância o rio. Além ficava um campo de arroz de dois pés de altura, campo vastíssimo, a perder de vista e de um verde belíssimo. Alguns grupos de árvores se destacavam aqui, ali, na esplêndida alfombra, madeiros de tronco liso e direito como fustes, cuja folhagem se expandia à maneira das chapeletas dos cogumelos.

Ao longe e a rumo de N. O. víamos as altas montanhas que acompanham o Paraguai de lado e de outro e em cujas fraldas moram os índios *Guatós.*

Pela manhã de 12 de dezembro, entramos nas águas do Paraguai, caudal célebre nos anais das missões espanholas e portuguêsas pelas vantagens excepcionais que sua navegação proporciona aos vastos territórios em que corre. Tem as cabeceiras no Alto Diamantino, na chapada central da América Meridional; dirige para o sul o majestoso curso e recebe o contingente de sete grandes rios até confluir com o Paraná, onde perde injustamente o nome para cedê-lo ao afluente. Grandes embarcações podem sulcá-lo desde Buenos Aires até Vila Maria e, subindo pelo rio Cuiabá, até à capital de Mato Grosso. É uma extensão de 600 léguas, livre do menor obstáculo, sem cachoeiras, nem corredeiras: em todo o percurso deslizam mansas águas fundas e largas. É o mais belo canal que a natureza formou para permitir ao homem devassar desertos tão dilatados, para povoá-los e dar-lhes as regalias de ativa navegação e imenso comércio. Em qualquer ponto achariam os barcos a va-

por florestas para abastecê-los de combustível abundante e fácil.

Não fôra o singular sistema do ditador Francia, e os habitantes da república do Paraguai, assim como os de Mato Grosso, estariam já no gôzo das mais francas relações comerciais.

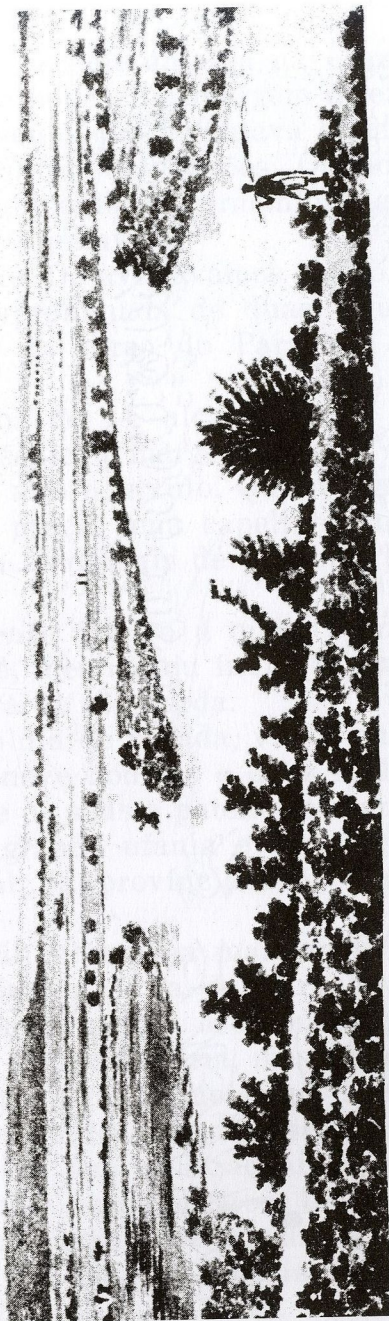
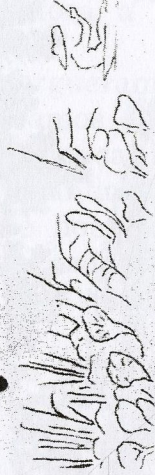
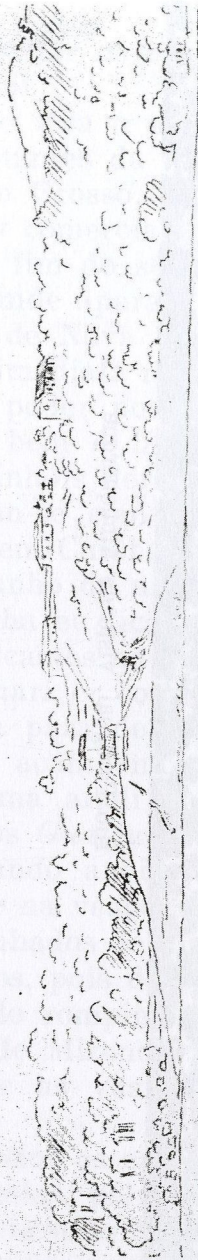
No fim do século XVIII, uma expedição espanhola com grande aparato de artilharia por êle subiu a atacar o forte de Nova Coimbra. Intimou ao comandante português imediata rendição, mas recebeu resposta que sinto não poder por esquecimento aqui transcrever, pois lembra bem o heroísmo dos conquistadores da Índia. Os espanhóis deram então o assalto; foram repelidos e retiraram-se com perdas sensíveis.

Vi em Cuiabá lançarem à água um barco de quilha, do tamanho de uma lancha de nau de guerra.

Tinha eu ficado no dia 12 de dezembro.

Abicamos na margem do Paraguai em frente à bôca do Taquari e, como nos devíamos demorar até ao dia seguinte para deixar o astrônomo fazer suas observações, aí acampamos. À tarde vimos passar o próprio a que acima aludi e que fôra a Cuiabá pedir socorros contra os *Guaicurus*.

Quando anoiteceu, ergueram-se do lado dos campos, que na véspera havíamos deixado, grandes clarões, acompanhados de muita fumaça. Eram fogos ateados pelos índios, pois decerto nenhum brasileiro se arriscaria, depois do rompimento de hostilidades, a andar tão arredado de Miranda, o povoado dali mais próximo, e a percorrer as vastidões em que imperam aquêles selvagens.

A todos os camaradas distribuiu o cônsul espingardas, pistolas, pólvora e balas e mandou colocar sentinelas que durante a noite estiveram alerta a fim de impedir qualquer surprêsa.

Rio Paraguai, visto de Albuquerque

Povoação de Albuquerque

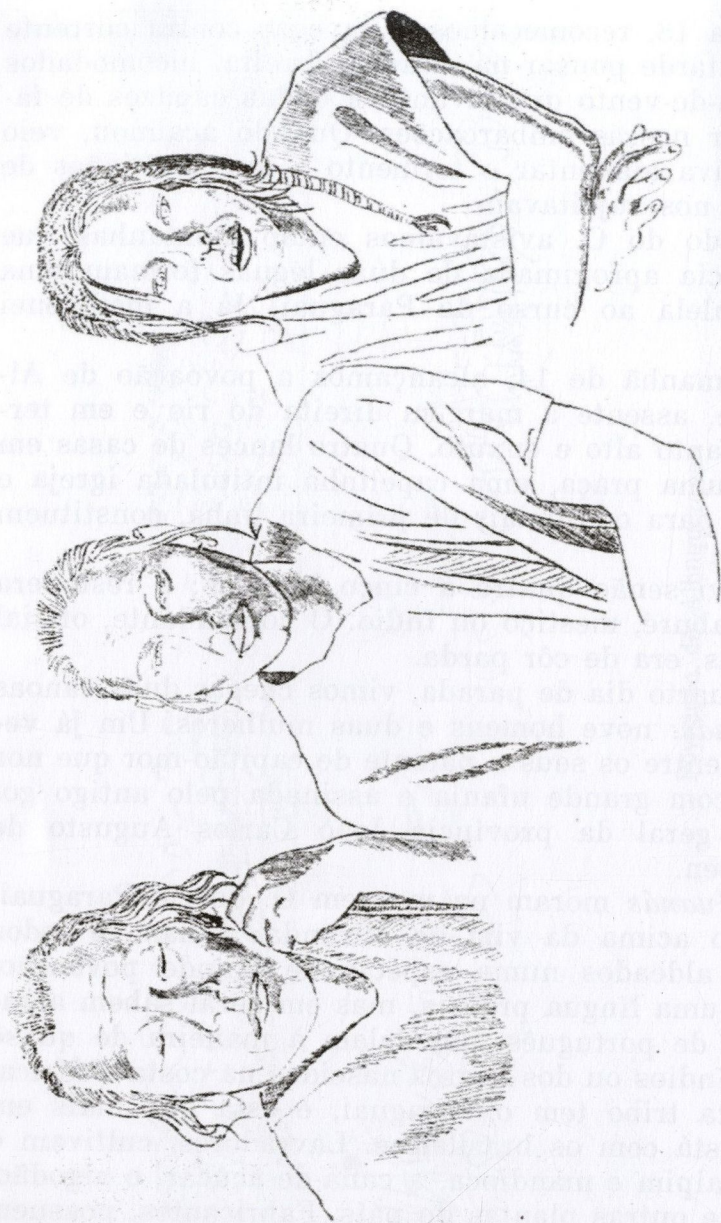
No dia 13, recomeçamos a navegar contra corrente e fomos à tarde pousar na margem direita, incomodados por um pé-de-vento que levantava ondas capazes de fazer perigar nossas embarcações. Quando acalmou, veio grossa chuva aumentar o tormento a que multidões de mosquitos nos sujeitavam.

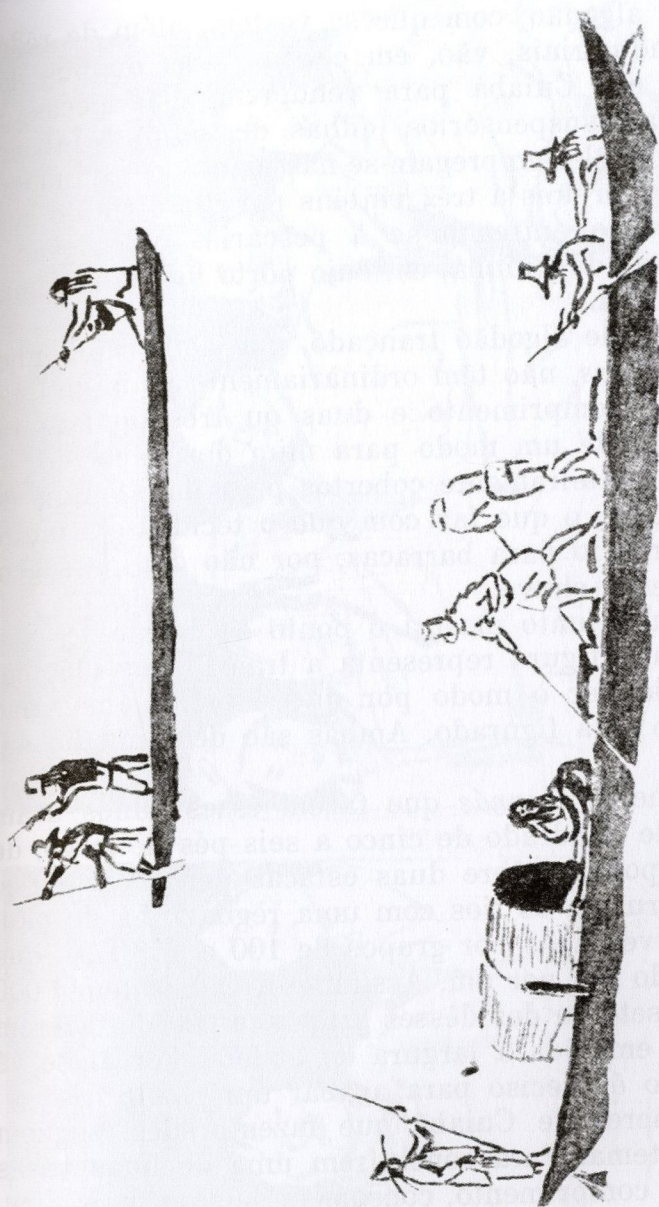
Do lado do O. avistávamos então montanhas que em distância aproximada de duas léguas formam uma serra paralela ao curso do Paraguai. Já a mencionei atrás.

Pela manhã de 14, alcançamos a povoação de Albuquerque, assente à margem direita do rio e em terreno um tanto alto e enxuto. Quatro lances de casas em tôrno de uma praça, uma capelinha intitulada igreja e uma casa para os oficiais de primeira linha, constituem o povoado.

Não vi senão quatro a cinco brancos; o resto era crioulo, caburé, mestiço ou índio. O comandante, oficial de milícias, era de côr parda.

No quarto dia de parada, vimos chegar duas canoas com *Guanás:* nove homens e duas mulheres. Um já velho tinha entre os seus a patente de capitão-mor que nos mostrou com grande ufania e assinada pelo antigo governador geral da província João Carlos Augusto de Oyenhausen.

Os *Guanás* moram na margem O. do rio Paraguai, um pouco acima da vila de Miranda: acham-se todos juntos e aldeados numa espécie de grande povoação. Usam de uma língua própria, mas em geral sabem alguma coisa de português, que falam à maneira de quase todos os índios ou dos negros nascidos na costa d'África. De quanta tribo tem o Paraguai, é esta que mais em contato está com os brasileiros. Lavradores, cultivam o milho, o aipim e mandioca, a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco e outras plantas do país. Fabricantes, possuem alguns engenhos de moer cana, e fazem grandes peças

Índios Guanás

Guanás que vão a Cuiabá

de pano de algodão, com que se vestem, além de rêdes e cintas. Industriais, vão, em canoas suas ou nas dos brasileiros, até Cuiabá para venderem suas peças de roupa, cintas, suspensórios, cilhas de selim e tabaco. Grande parte dêles empregam-se nas plantações ou moendas a ganharem dois a três vinténs por dia além do sustento, ou então entregam-se à pescaria, indo levar o peixe à cidade de Cuiabá, em cujo pôrto habitam numas choupanazinhas.

As peças de algodão trançado, que aqui são conhecidas por *panões*, não têm ordinàriamente mais de quatro varas de comprimento e duas ou três de largura. São tramadas de um modo para mim desconhecido, os fios verticais inteiramente cobertos pelos horizontais de lado e de outro, o que faz com que o tecido seja muito espêsso e próprio para barracas, por não dar passagem à mais violenta chuva.

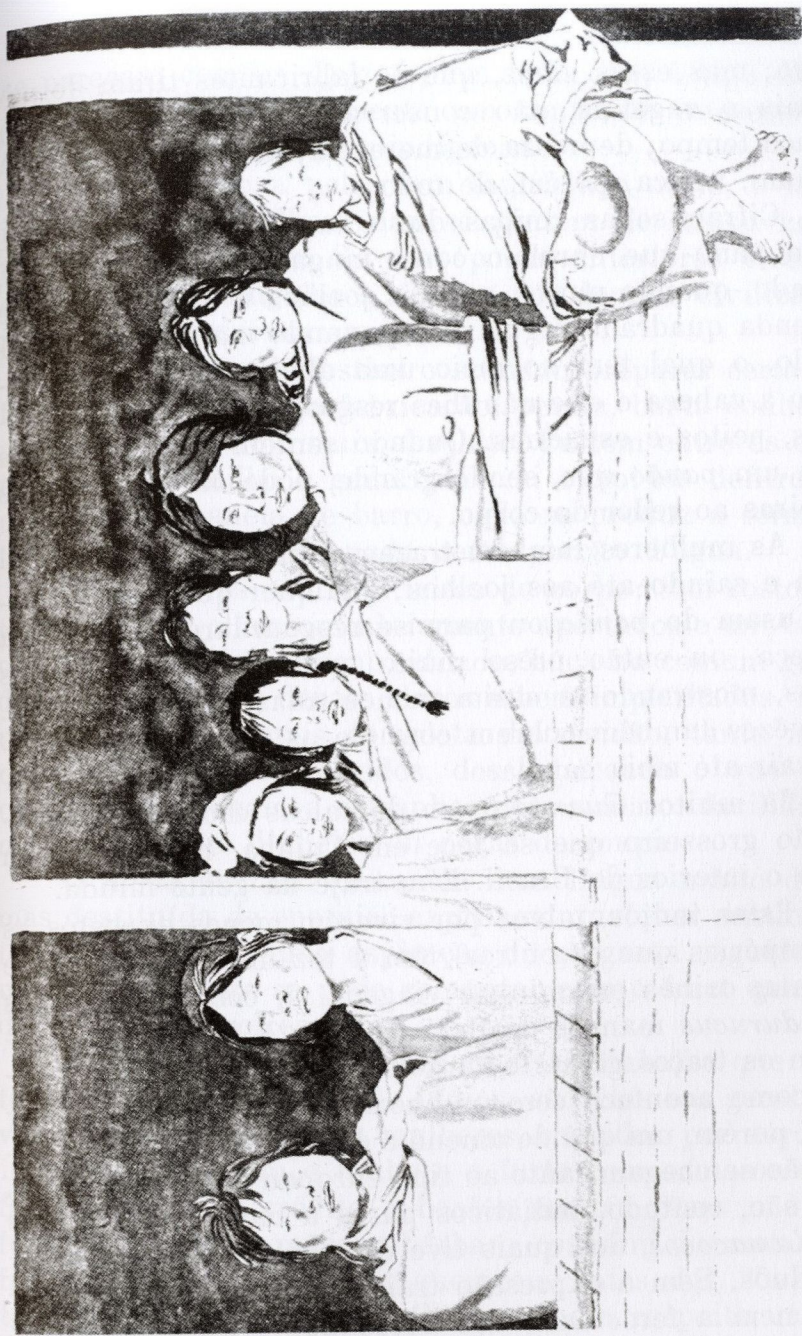
O desenho junto mostra o ponto do tecido.

A segunda figura representa a trama já usada: então deixa ela ver o modo por que é tecida, mas não tanto quanto está figurado. Ambas são de tamanho natural.

As mulheres *Guanás* que fazem êsses panos usam de um grande quadrado de cinco a seis pés de largo, de madeira e apoiado sôbre duas estacas perpendiculares. Nesse tear cruzam os fios com uma règuazinha de pau, não de uma vez, mas por grupos de 100 a 150 fios, que vão segurando um por um. Assim se a cadeia tem 1 000 fios cruzam sete ou dez dêsses grupos, a fim de fazerem passar o fio em tôda a largura da cadeia. Por aí se vê quanto tempo é preciso para acabar um *panão*.

As mulheres de Cuiabá que fazem rêdes, seguem o mesmo sistema. Para concluírem uma de duas varas em largura e comprimento, consomem seis ou mais dias.

Os *panões* têm riscas largas e de diferentes côres: escuro carregado, prêto, branco, pardacento, ruivo e azul-

Índios Guanás. Desenho executado em São Paulo, em 1830

claro; mas essas côres, que os fabricantes tiram de minerais e vegetais, não conservam a viveza senão por pouco tempo; depressa desmerecem; parecem sujas; desmaiam, nunca, porém, de todo.

Ciframe-se as roupas dos *Guanás* para os homens, num pano que enrolam como tanga e atado à cintura, caindo, quando muito, até aos joelhos e num pedaço de fazenda quadrado regular ou puxando mais para o comprido, o qual tem no meio uma abertura por onde enfiam a cabeça e que não lhes resguarda mais que os ombros, peitos e espáduas. Quando sentem frio, cobrem-se com um *panão* que, sendo grande, pode dar duas voltas inteiras ao redor do corpo.

As mulheres também trazem o pano enrolado à cintura e caindo até aos joelhos; qualquer que seja o tempo, usam do *panão* ou para se resguardarem dos pés à cabeça, ou então prêso muito apertado por cima dos seios, mostrando-se assim menos nuas que os homens. Às vêzes também cobrem com êle os ombros e deixam-no cair até meia canela.

Já muitos *Guanás* usam de calças e camisas de algodão grosseiro que se tece em Cuiabá, bem como em todo o interior do Brasil. E' o traje da gente miúda.

Êstes índios, talvez por viverem menos expostos às intempéries que os outros, têm a tez mais clara do que quantas tribos em minhas viagens vi, com exceção dos *Mundurucus* mansos do Pará. Quanto à fisionomia, possuem os traços gerais e característicos da raça mongólica, como acontece com os aborígenes do Brasil; acheilhes, porém, um quê de ameno e de suave muito especial. Se não se chegam tanto ao tipo europeu como os *Guatós*, não são, contudo, indiáticos puros a modo dos *Caiapós* ou *Xamacocos*, dos quais tive ocasião de ver alguns indivíduos. Sem a expressão traiçoeira e má dos *Guaicurus*, nem a ferocidade dos *Botocudos* e *Bororós*, talvez

se pareçam com os *Apiacás;* em todo caso é tipo digno de atenção e que apresenta um contraste interessante com o das outras nações indígenas.

Não marcam a pele, nem mutilam o nariz, o lábio inferior ou as orelhas; não se pintam de urucu como tantas outras tribos. Se em épocas anteriores tiveram essas práticas singulares, já são por demais civilizados para nelas perseverarem.

Em vésperas de festins costumam preparar certa bebida fermentada, cuja fabricação, porém, basta conhecer para ter dela o nojo mais absoluto. Partem entre os dentes grãos de milho e cada qual vai cuspi-los dentro de uma grande panela de barro, onde se produz a fermentação depois de adicionada certa porção d'água.

As mulheres são bem feitas de corpo: têm rosto interessante, os olhos ordinàriamente apertados e um tanto oblíquos, o nariz pequeno, afilado, bôca no comum grande, lábios grossos, dentes claros e bem implantados. Reina entre elas a mais completa devassidão, tanto mais quanto os próprios maridos, desconhecendo o que seja ciúme, as entregam a estranhos com a maior facilidade, mediante algum dinheiro ou peças de roupa.

O modo de falar denuncia uma língua muito doce, mas destituída de energia: exprimem qualquer sentimento mais forte por uma aspiração de garganta seguida de um som que bem se pode comparar com o fraco gemido de quem está sofrendo.

Com tôda sua indústria e amor ao trabalho que tanto os distinguem dos mais índios, são êles em geral covardes; prostituem suas mulheres, movidos por sórdido interêsse; cometem o roubo e o furto com a maior desfaçatez e, a dar crédito a boatos muitas vêzes não infundados, têm as mães o bárbaro costume de matar os filhos no ventre, por não quererem antes dos 30 anos ter o trabalho de criá-los. Citaram-me a respeito vários

exemplos; acredito, porém, que prática tão horrorosa tenha já cessado há algum tempo.

Narrarei, quando tratar dos *Guatós*, cujo caráter é sob todos os aspectos completamente oposto, um fato que deixa bem patente a índole dêstes dois povos, ou melhor destas duas tribos.

No dia 19 de dezembro, partimos de Albuquerque. O comandante acompanhou-nos até à praia e, em honra ao sr. cônsul, mandou dar umas salvas. Iam conosco vários *Guanás*.

Continuou nossa navegação com extrema lentidão, tanto mais incômoda quanto os mosquitos não nos deixavam um instante de sossêgo. É um suplício indizível.

Tornava-se, além disso, de dia para dia mais penoso o modo de subir contra corrente pelo crescimento do rio que tendo, naquela estação de chuvas, recebido já bastante água nas cabeceiras, não permitia mais às zingas alcançarem o fundo. Recorriam então nossos camaradas a umas varas compridas, terminadas em forquilha, com as quais, agarrando os ramos de árvores e troncos ou apoiando a extremidade de encontro a êles, empurravam as canoas por diante. Raros eram, porém, os galhos resistentes e cada vez mais violenta a correnteza. Por isso também nos movíamos com morosidade desesperadora, que os mosquitos, a chuva e a monotonia transformavam em sofrimento quase intolerável.

Os aguaceiros não pouco nos vexavam: tudo molhavam, até dentro das barracas que eram muito mal feitas. Quando vinham acompanhados de ventania, por todos os lados entrava água, porque umas cortinas de pano, que nos serviam de único anteparo, voavam com violência, arrebatando pregos e cordéis. Se chovia simplesmente, fechávamos essas cortinas, mas então quase nos faltava ar para respirar.

Ao chegar ao pouso, achávamos um solo encharcado, onde não se podia dar um passo sem meter o pé no

lôdo. Não havia remédio senão dormir em rêde e dentro do mosquiteiro, sob o qual sentíamos dobradamente o calor daquele clima abrasador.

As margens do Paraguai são tôdas bordadas de *aguapés*, planta que alastra na superfície das águas e cujas fôlhas grandes e redondas formam maciços que seguem desde abaixo das barrancas até acima às ondulações do terreno. Se se destaca um torrão de terra, correm os *aguapés* para o rio e, levados pela corrente, formam às vêzes ilhas não pequenas.

De há dias, ainda a navegar o Taquari, ouvíramos com muita freqüência o cantar das *anhumapocas* e *aracuãs*. A primeira dessas aves é um belo pássaro do tamanho de uma perua: tem o porte alto, os olhos vermelhos, um colar de penas pretas, além de outro formado pela pele nua. A plumagem é acinzentada, os pés compridos e vermelhos, as asas armadas cada uma delas de dois esporões, com que pode ferir perigosamente.

Víamos com freqüência êste interessante pássaro, sempre aos pares, quando muito três juntos. O canto que ergue na solidão dos pântanos faz lembrar o som do sino no campo.

O casal de *aracuãs* é inseparável. Se canta o macho, responde a fêmea, repetindo as mesmas notas, mas em tom diferente. Quando avultam os pares, então o alarido é forte. Êsse canto imita os gritos de uma galinha que está sendo perseguida, com a diferença de que é cadenciado e repetido alternadamente por um e outro.

À direita e esquerda íamos deixando muitas enseadas: numa delas eu e outro pescador apanhamos pacus a deitar fora, peixe de fácil e valioso recurso nestas viagens, porque, além de andar em numerosos cardumes, tem dimensões não pequenas, muita gordura e sabor delicado. Darei mais ampla informação no trecho em que falar da cidade de Cuiabá.

Anhumapoca

Jovem Guaná e Guanita

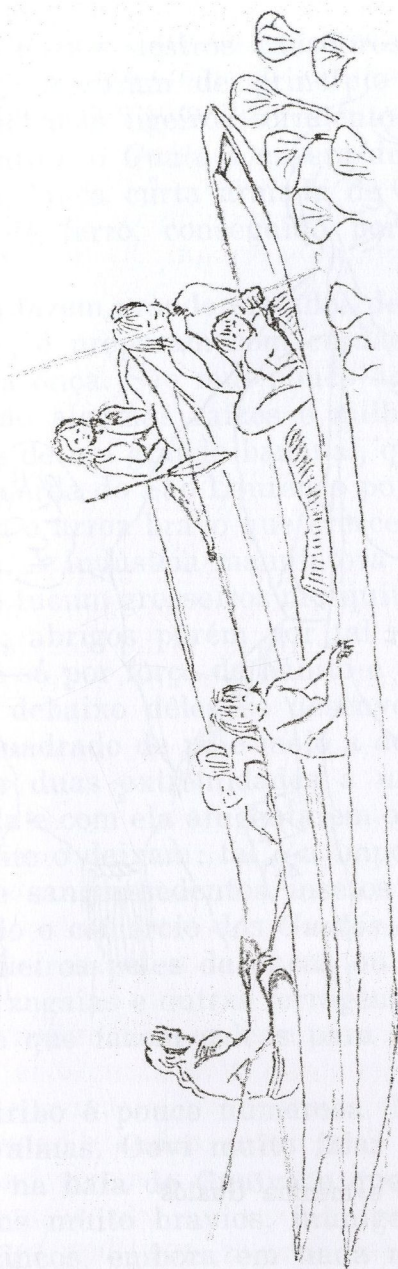
Anhuma. Desenho de Adriano Taunay

Nada houve de notável até ao dia 26 de dezembro, em que ouvimos, por volta de meio-dia, o latido de cães e cantar de galos. Alcançávamos um ponto habitado. Que consôlo!

Estávamos então nos Dourados; abicamos, e daí a instantes chegaram umas canoas cheias de *Guatós*.

Em pé à proa os maridos remam; as mulheres sentadas à pôpa vêm governando por meio de uma pá: as crianças acocoram-se no meio sôbre esteiras. As embarcações, com três palmos e meio de largo sôbre 20 ou 25 de comprido se tanto, levam sempre no bôjo cães, arcos e flechas para caçadas e pescarias. Os homens apresentam-se vestidos de uma calça de algodão; as mulheres com uma saiazinha, deixando o resto do corpo descoberto. Estas roupas que conseguem dos brasileiros por meio de barganhas são em geral muito sujas por não serem lavadas, ou, se passadas por água, não levarem nunca sabão. Não vi senão um velho completamente nu: trazia o membro viril prêso por um cordel que dava volta à cintura.

Os varões deixam crescer o cabelo: amarram-no no alto da cabeça e fazem uma espécie de penacho; as mulheres e crianças usam-no corrido. Os adultos andam nus; as moças, porém, cobrem as partes pudendas com um rôlo de cordas da casca da palmeira *tucum*, suspenso a uma embira amarrada à cinta. Todos êles trazem nas orelhas a modo de brincos penas vermelhas, negras ou de côres várias.

Vivem quase sempre sôbre a água, metidos em barquinhas que, como acima disse, têm dimensões diminutíssimas. Quando tôda a família está embarcada, a borda da canoa fica com dois dedos acima d'água, o que não os impede de manejarem com a maior habilidade as flechas para fisgarem peixes ou traspassarem pássaros. Matam além disso *jacarés* que lhes servem de principal alimento, porque dêles nunca há falta. Em terra

Guatós em duas canoas

Velho e menína Guatós

não são menos destros caçadores. Valentes agressores da onça, procuram de princípio enfurecê-la, fazendo-lhe a flechadas ligeiros ferimentos: quando a fera irritada se atira, o *Guató* a espera de pé quêdo e crava-lhe a *zagaia,* lança curta armada de um osso de *jacaré* ou espigão de ferro, conseguido por troca com os brasileiros.

Êles fazem grande matança de bugios, guaribas, lontras, etc., e preparam com cuidado as peles, assim como as da onça. São mui pouco agricultores e não plantam senão algumas raízes e milho. Costumam apanhar os frutos de um grande bananal, que foi plantado à margem esquerda do São Lourenço por um antigo sertanista, e colhem o arroz bravo que cresce nos pantanais circunvizinhos. A indústria manufatora consiste em tecer com casca de tucum grosseiros mosquiteiros, dentro dos quais dormem; abrigos porém por tal modo espessos e pesados, que só por fôrça de hábito é possível suportar o calor que debaixo dêles se desenvolve. Fazem ainda um tecido quadrado de pé e meio a dois de lado e que prendem por duas extremidades a um pau para servir de ventarola e com ela afugentarem os temíveis pernilongos. Só à noite o deixam: tal é a importunação daqueles teimosos e sanguissedentos insetos!

Todo o comércio dos *Guatós* consiste em trocar com os brasileiros peles de onças ou canoas por facas, machados, zagaias e outras ferragens ou então por peças de pano de que fazem calças para si e saias para as mulheres.

A tribo é pouco numerosa. Não a calculo em mais de 300 almas. Ouvi muito falar numa taba de *Guatós*, assente na baía de Guaíva e que contém mais de 2000 selvagens muito bravios, inimigos de qualquer contato com brancos, embora em nada malfeitores, e tão arredios que, segundo contam, não fraternizam com os que

víramos em São Lourenço, por causa do comércio a que se entregam com os brasileiros.

Apesar do muito que se diz sôbre a existência dêsse núcleo de população, tenho minhas dúvidas em dar-lhe fé, pela exageração com que os naturais do país costumam contar qualquer fato. Quis por mim tirar informações dos *Guatós* de São Lourenço, mas não tive senão respostas ambíguas: verdade é que, segundo a voz geral, guardam êstes o mais completo segrêdo.

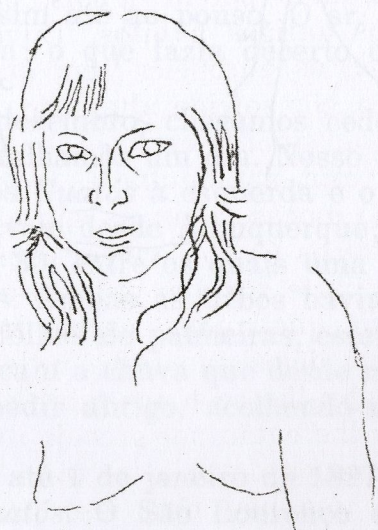
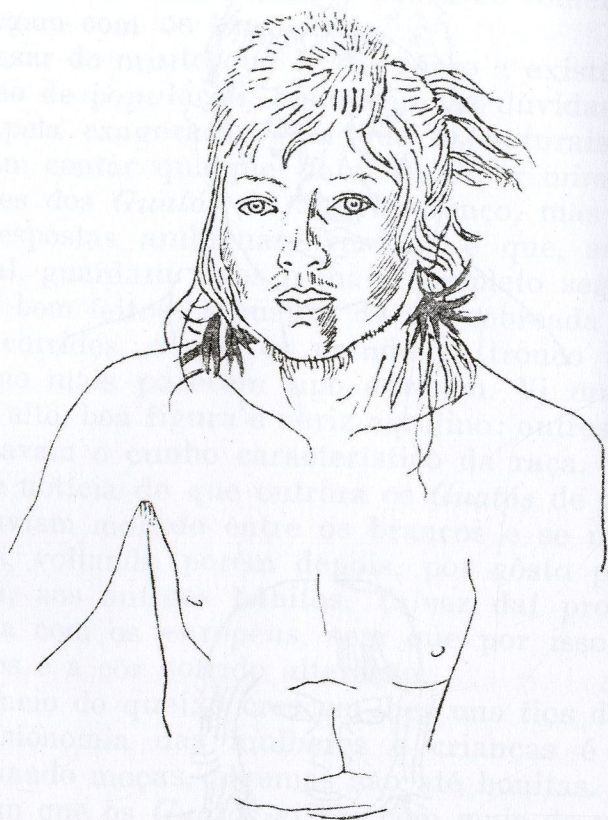
São bem feitos, robustos, de tez cobreada escura e cabelos corridos, o que os prende ao tronco indiático, porque no mais parecem tipo europeu. Vi um homem de porte alto, boa figura e nariz aquilino: outros contudo apresentavam o cunho característico da raça.

Tive notícia de que outrora os *Guatós* de São Lourenço haviam morado entre os brancos e se misturado com êles, voltando porém depois, por gôsto pela vida primitiva, aos antigos hábitos. Talvez daí provenha a parecença com os europeus, sem que por isso tenham os cabelos e a côr sofrido alteração.

No meio do queixo crescem-lhes uns fios de barba.

A fisionomia das mulheres e crianças é interessante: quando moças, algumas são até bonitas.

Dizem que os *Guatós* vivem com mais de uma mulher: a maior parte dos que vi levavam uma única. Lembro-me, porém, que numa ocasião troquei algumas palavras com um dêles que tinha na sua canoa três mulheres. Perguntei-lhe se tôdas eram suas; respondeu-me que sim. Pedi-lhe então por gracejo uma e êle retorquiu-me zangado que eu deveria ter trazido comigo a minha. Repliquei-lhe que não fôra isso possível. «Pois bem, disse-me êle, se você tivesse aqui sua mulher, eu a trocava por uma destas».

Bem em contrário dos *Guanás*, são muito ciosos de suas espôsas a quem amam extremosamente e das quais

Bororó e Guató

Guató, de nome « Tohé »

recebem grandes provas de ternura e fidelidade. Aos filhos dedicam vivo afeto e os mais cuidadosos carinhos.

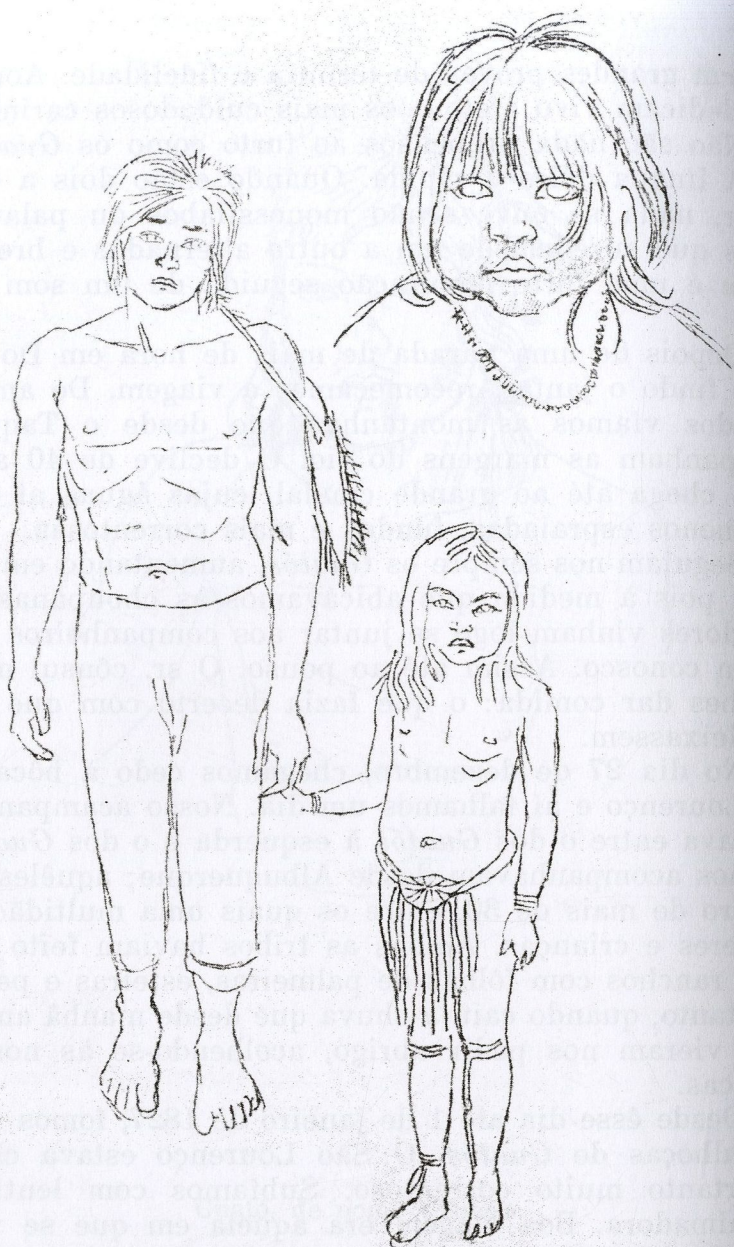
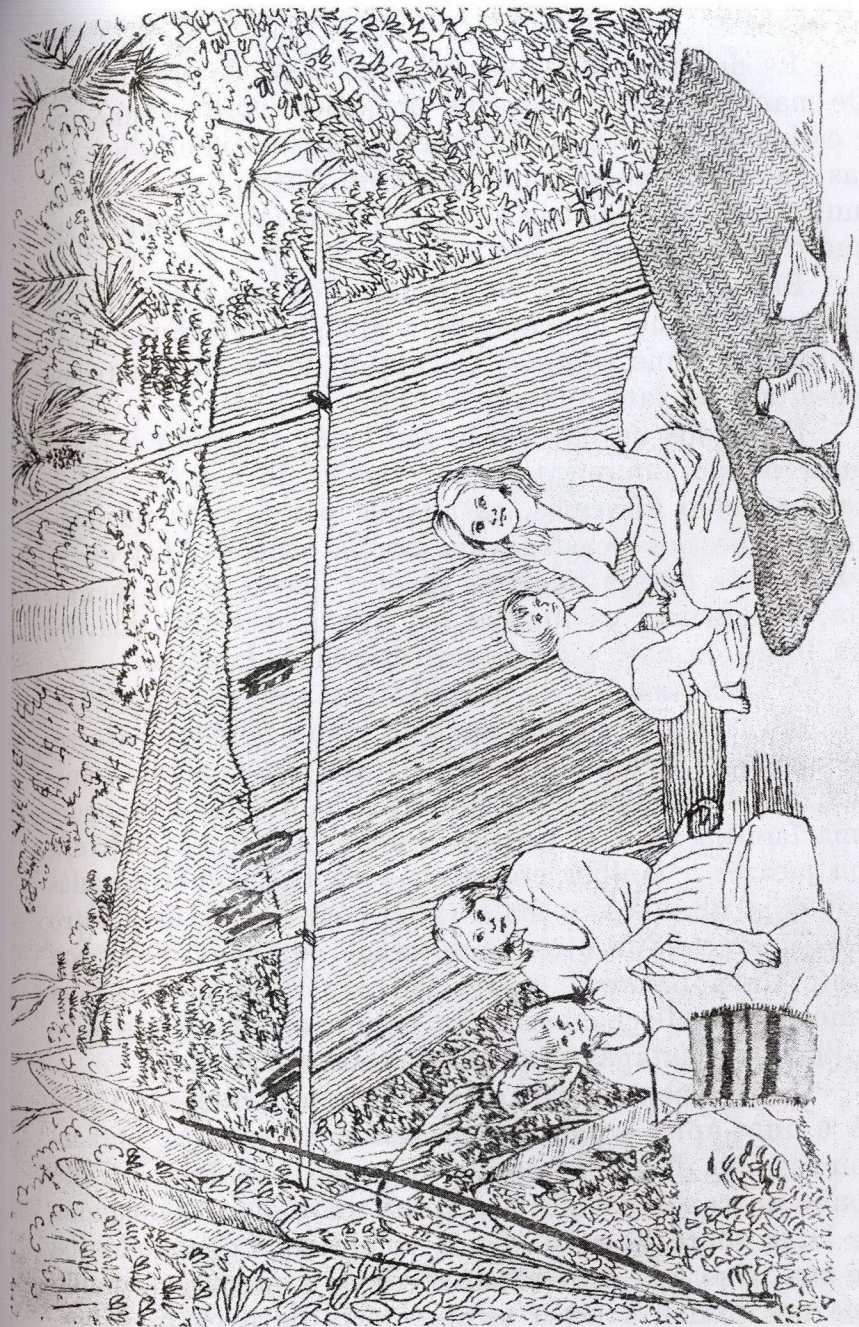
Não são nada propensos ao furto como os *Guanás*.

A língua dêles é rápida. Quando estão dois a conversar, nada se ouve senão monossílabos ou palavras curtas que sucedem de um a outro alternadas e breves. O *sim* é uma forte inspiração seguida de um som gutural.

Depois de uma parada de mais de hora em Dourados e findo o jantar, recomeçamos a viagem. De ambos os lados víamos as montanhas que desde o Taquari acompanham as margens do rio. O declive de 40 a 45 graus chega até ao grande caudal, cujas águas aí correm menos espraiadas, fundas e mais correntosas.

Seguiam-nos sempre os *Guatós*, aumentando em número, pois à medida que abicávamos às choupanas, os moradores vinham logo se juntar aos companheiros que já iam conosco. Assim até ao pouso. O sr. cônsul mandou-lhes dar comida: o que fazia decerto com que nos não deixassem.

No dia 27 de dezembro, chegamos cedo à bôca do São Lourenço e aí falhamos um dia. Nosso acampamento ficava entre o dos *Guatós* à esquerda e o dos *Guanás* que nos acompanhavam desde Albuquerque; aquêles em número de mais de 30, entre os quais uma multidão de mulheres e crianças. Ambas as tribos haviam feito uns como ranchos com fôlhas de palmeiras, esteiras e peles; entretanto, quando caiu a chuva que desde manhã ameaçara, vieram nos pedir abrigo, acolhendo-se às nossas barracas.

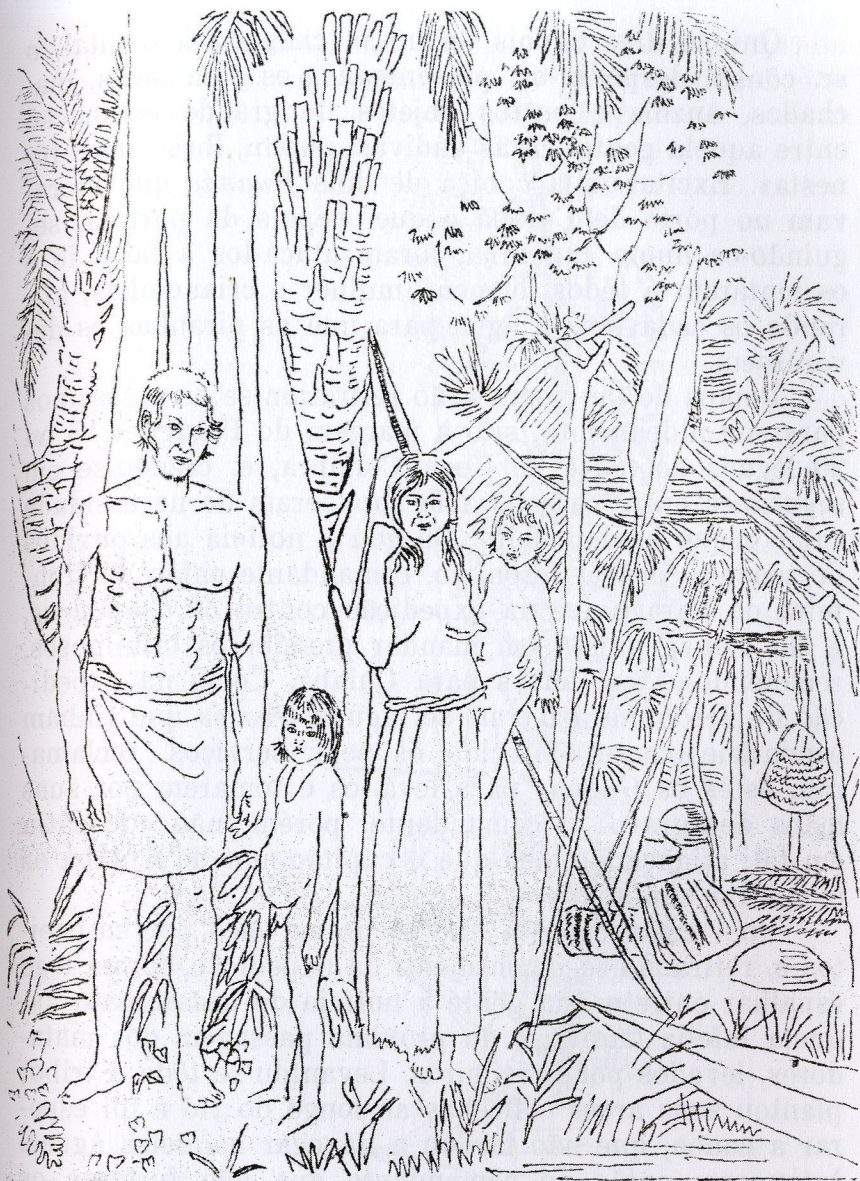
Desde êsse dia até 1 de janeiro de 1827, fomos vendo palhoças de *Guatós*. O São Lourenço estava cheio e portanto muito correntoso. Subíamos com lentidão desanimadora. Boa viagem era aquela em que se venciam duas léguas no fim de um dia inteiro de incessante fadiga.

Guatós da Passagem Velha, a 4 léguas de Vila

Índios Guatós, na confluência do rio São Lourenço

1.º de janeiro. Deixaram os *Guatós* de nos seguir. De manhã vimos a choça de um dêles, muito conhecido e estimado dos camaradas que já tinham viajado por estas paragens: chamava-se Joaquim Correia e negociara muito com os brasileiros, cuja língua falava melhor do que o resto de sua gente.

Eis a história de um *Guató* e de sua família que tiveram destino lamentável, acabando miseràvelmente às mãos de uns *Guanás*. O caráter de ambas as tribos ressaltará do fato que vou contar.

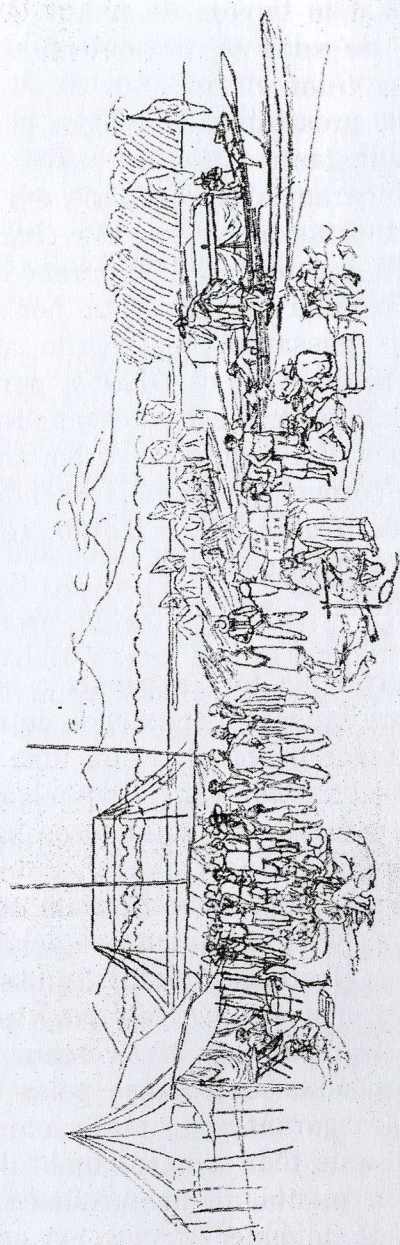
Fatigados de navegação tão lenta e penosa como o subir o São Lourenço nessa estação de águas, víamo-nos, segundo dissemos, assaltados por nuvens de mosquitos que nos ocasionavam cruéis aflições. Tal era a quantidade dêsses temíveis insetos que o ar se escurecia; enegreciam os lugares em que pousavam; voavam em tôrno de nós, picando-nos desapiedadamente.

A vista, um dia, de uma choupana de *Guatós*, situada num bonito local que por isto tem o nome de *Alegre*, dissipou por instantes nossa tristeza e deu alguma animação aos remadores. Desembarcando, avistamo-nos com uma família feliz. O marido voltava da caça e trouxera um jacaré: a mulher era moça e de fisionomia agradável: dois filhinhos, o mais velho com menos de quatro anos, mereciam-lhes os mais ternos cuidados. Essa boa gente tinha bananas, raízes de cará e mandioca, uma canoa, arcos, flechas, esteiras, cêstos, panelas, dois mosquiteiros e matapás. Um cão guardava a casa.

O Sr. cônsul propôs ao *Guató* irem juntos até Cuiabá e num ápice a família, acedendo ao convite, embarcou-se, não deixando em terra senão a palhoça. Tudo coube na canoinha que não tinha mais de 18 polegadas de largo sôbre 14 a 15 pés de comprido. Como todos os de sua tribo, era êste hábil em caçar e pescar, de modo que nos trouxe a mesa sempre farta de aves e peixes.

Família de Guatós

Quinze dias depois de nossa chegada à capital, o sr. cônsul despediu-os, presenteando-os com facas, machados, anzóis e outros objetos de grande estimação entre aquela gente. Estas dádivas, porém, lhes foram funestas. Excitaram a cobiça de dois *Guanás* que moravam no pôrto de Cuiabá e que, depois da partida, seguindo-os numa canoinha, foram atacá-los à falsa fé e os mataram a todos, homem, mulher e criancinhas, atirando os cadáveres à água para que as piranhas os devorassem.

Depois de tão negra ação retiraram-se os assassinos para seu aldeamento, sito à margem do Paraguai 15 ou 20 léguas ao norte de Nova Coimbra, e, crendo-se em segurança entre os seus, não supuseram de necessidade calar o que haviam feito. Chegou a notícia aos ouvidos do tenente-coronel Jerônimo, comandante então da fronteira do Paraguai e da expedição contra os *Guaicurus*, e êle deu-se pressa em mandar prender os criminosos, remetendo-os em ferros para Cuiabá. Como na expedição de Jerônimo achavam-se alguns *Guatós* que tinham espontâneamente oferecido os seus serviços, reclamaram êstes os *Guanás* para levá-los e tomarem por suas mãos desagravo: o comandante, porém, não consentiu em tal, afiançando-lhes que o capitão-mor de Cuiabá os mandaria supliciar.

Com esta resposta não se deram êles por satisfeitos e, retirando-se incontinenti da expedição, foram logo espalhar entre a sua gente a notícia do assassinato daquela infeliz família e da próxima passagem dos matadores, levados por brasileiros. Levantou-se tôda a tribo; plantou seus arcos e flechas ao longo do rio e foi esperar a canoa, que não tardou a navegar naquelas águas. Intimaram então ao comandante que não furtasse os homicidas à legítima vingança, ameaçando, em caso de recusa, arrebatá-los à fôrça e tornarem-se inimigos dos brasileiros. Êsse comandante, que não passava de sar-

Encontro com uma expedição imperial

gento, não tendo talvez armas suficientes e vendo a inferioridade de suas fôrças contraposta à firmeza e resolução dos *Guatós,* entregou os dois miseráveis que, apesar de se prostrarem de joelhos pedindo misericórdia, foram num instante feitos em postas. Cortaram as cabeças e as fincaram à beira do rio em paus com pedaços de pele, expostas às vistas dos *Guanás,* cujo caminho para Cuiabá é êste de São Lourenço, a menos que não queiram dar uma grande volta por Vila Maria. Daí a poucos dias passaram com efeito alguns *Guanás* que nada sabiam do fato; os *Guatós,* porém, lhes asseguraram que, satisfeita a sêde de sangue, nada mais havia a temer dêles. Em seguida levaram as correntes de ferro ao tenente-coronel Jerônimo, dizendo-lhe: «Eis o que vos pertence. *Guató* não é ladrão. *Guaná* tinha matado *Guató: Guató* mata *Guaná*».

Continuemos, porém, o diário. Estávamos a 3 de janeiro de 1827.

Impossível me fôra exprimir o sofrimento que diàriamente nos causam os enxames de mosquitos. É praga capaz de trazer o abandono de uma região inteira por quem não tenha a constância do selvagem. Em tal quantidade nos cercavam, tão teimosos se precipitavam sôbre nós para sugar-nos, que o ar em derredor parecia escuro. Quando comíamos, ficavam os pratos inçados, o môlho cheio dêles; entravam-nos pela bôca. Debalde dos pés à cabeça vestíamos roupas grossas; debalde calçávamos botas e luvas. Através das vestes e pela costura das botas, por pouco que tivessem uso, ferravam-nos tremendas picadas metendo-se pelas calças a dentro. É horrível! Para garantir um tanto mais o corpo, era preciso por cima de tôda a roupa embrulhar-se numa grande colcha ou manta, o que produzia calor intolerável; como meio de defender o rosto, só havia, desde o alvorecer até ao cair da tarde, agitar um leque ou um abano.

Guatós

Minhas luvas tinham furos. Nos pontos descobertos, a pele já estava tão insensível às mordeduras que por vêzes matei alguns daqueles infernais insetos, cheios de sangue a mais não poder. O mesmo acontecia no rosto, quando cansava de me abanar. O interior das barracas ficava todo negro, tal a quantidade dos que pousavam: negras as bordas das canoas e qualquer ponto em que, por algum tempo, pudessem manter-se quietos. A camisa, a calça que vestíamos num momento se tingiam de nòdoazinhas de sangue, pois o menor movimento matava uma grande porção que de pesados não podiam mais voar.

Os infelizes remadores, mais pacientes e sofredores que nós, sentiam ainda maiores torturas, não só por estarem menos bem cobertos, como pela obrigação do trabalho. Para se livrarem dêsse flagelo, queimavam à proa das canoas uma espécie de terra chamada *copim*, cuja fumaça espêssa, se enxotava os mosquitos, para nós tornava-se novo mal, ameaçando asfixiar-nos.

À hora do almôço, alguns camaradas, que tinham ido adiante, deram-nos parte de que descia uma monção. Vimos, com efeito, aparecer uma canoa de bandeira imperial à pôpa, carregada de munições e de soldados, logo após outra e mais 12. Era a expedição do tenente-coronel Jerônimo, o qual parou um quarto de hora para trocar algumas palavras conosco.

No dia 4 de janeiro, entramos no rio Cuiabá, deixando o São Lourenço à direita. Já então abrandara a praga dos mosquitos. Que alívio! A 8, chegamos a um lugar chamado Bananal, pela grande quantidade de pés de bananas que aí se acham. Nos primeiros tempos das explorações dos paulistas, um dêsses intrépidos descobridores de ouro quis atender para o bem dos viajantes e fundar até um estabelecimento de agricultura. João Lemos, assim se chamava êle, aí se fixou: construiu uma casa num alto, que para fugir das inundações, teve que

aterrar, plantou bananeiras, laranjeiras e mamoeiros; mas depois, por motivos especiais que não souberam contar-nos, abandonou o muito que já estava feito.

Não achamos mais que o ponto aterrado, algumas têlhas quebradas, pés de mamão e uma floresta de bananeiras que se tinha alargado numa área considerável.

Nossa gente, apenas abicamos, saltou em terra, sôfrega de dar busca ao bananal e colhêr os cachos daquela saborosa fruta; infelizmente passaram pela decepção de não encontrar senão os restos que a expedição de Jerônimo havia deixado. Assim mesmo apanharam quanto cacho verde puderam descobrir para comerem as bananas assadas, ou então esperar que amadureçam. Encheram canoas com êsse precioso achado.

Não me lembro de nada digno de nota até ao dia 17, em que o sr. cônsul despachou uma canoinha para ir buscar nos primeiros moradores os mantimentos que já nos iam faltando.

No dia seguinte, chegamos de manhã cedo a um lugar onde, no tempo das cheias, os navegantes que sobem deixam o leito do rio e tomam à direita pelos campos inundados a fim de aproveitarem as águas estagnadas. Vendo que o rio tinha já bastante volume, fêz o guia parar as canoas e, procedendo a um reconhecimento, foi saber se havia passagem.

No meio de grande impaciência, ficamos a esperá-lo, desejosos de acabar tão penosa navegação e de atravessar em linha reta e em 24 horas distâncias que pelo rio consomem quatro e mais dias.

Afinal voltou o homem e deu logo ordens para que entrássemos nos campos. Em poucos instantes também deixamos de ver o rio e suas margens. As canoas, empurradas por zingas e tocadas a remos, corriam com velocidade de um barco que deita três milhas por hora, em água de pouca profundidade, donde cresciam gramíneas de dois a três pés de altura. Dir-se-ia que viajáva-

mos em terreno enxuto: a cada momento roçávamos por grandes árvores ou furávamos matagais.

Por volta das 2 horas da tarde, abicamos num pouso úmido, lamacento, espécie de cabeço isolado, onde jantamos. Era local cheio de árvores altanadas, cujo tronco liso e direito sustenta copada folhagem.

Até ao anoitecer navegamos do mesmo modo, mas quando se tratou de voltar ao álveo do Paraguai, surgiram não pequenas dificuldades que por algum tempo fizeram-nos recear ter que voltarmos ao ponto donde havíamos de manhã saído. Em busca de água um tanto mais funda, íamos para diante e para trás, a sondar a todo instante. Por fim varamos pelo mato e, derrubando árvores e cortando galhos, entramos depois de muita canseira, no rio. Só então cessaram nossos receios.

Era um ramo do Paraguai chamado *Braço do Guacurituba:* aí nos esperava péssimo pouso, tão encharcado que impossível foi acendermos fogo.

No dia 20, trouxe-nos a canoinha víveres frescos. Dois dias depois alcançamos a casa de um homem chamado Lourencinho, primeira habitação anunciadora da proximidade de Cuiabá. Não há sete anos, era local deserto.

Aquêle homem industrioso ali se estabeleceu com três escravos; trabalhou muito, chegou a levantar uma casa, plantou, colheu bastante mantimento, fêz uma moenda de cana, chamou para junto de si a numerosa parentela e muitos pobres e para todos êles preparou elementos de abundância e felicidade. Hoje há uma igreja e mais de 100 habitantes.

Dia 25 de janeiro. Lourencinho deu-nos um guia para furarmos caminho pelos campos. Tomando, pois, à esquerda, viajamos o dia inteiro, parando só para jantarmos num lugar sêco e pedregoso, onde se matou uma jaguatirica. À tardezinha, depois de muito traba-

lho para transpor um lugar onde havia falta d'água, chegamos a um canal fundo, cujas águas tinham tal ou qual correnteza, entre margens de quase dois pés de altura e cobertas de basta vegetação. Numa delas passamos a noite, em extremo incomodados por formigas.

No dia seguinte, subimos contra corrente um quarto de légua, notando a cada passo nas bordas as muitas quedas d'água que são outros tantos escoadouros às inundações dos campos. Quanto mais nos adiantávamos, mais se estreitava o canal até um ponto enfim onde esbarramos numa bacia em que caía de dois a três pés de altura a água da chapada superior. Era uma cachoeira que parecia dar nascimento ao canal.

Ninguém na nossa tripulação tinha conhecimento dêsse obstáculo. Tornou-se, pois, necessário descarregar as canoas a fim de arrastá-las numa distância de perto de 100 passos até que achassem fundo, levando os remadores às costas a bagagem e cargas com água pelo joelho. Depois de Beliago, decerto não contávamos com semelhante trabalho.

Foi por diante nossa singular viagem, não sem muita fadiga, porque lugares havia com menos de pé e meio d'água. Felizmente iam as canoas com diminuta carga, estando já os mantimentos quase esgotados. O terreno, bem que vasta planície, oferecia trechos daquela natureza ou então lagos tão fundos, que a zinga não podia alcançar o chão.

À tarde recomeçaram com mais vigor os esforços. Estávamos perto do rio e suspirávamos por alcançá-lo antes da noite; tudo, porém, nos era contrário, pouca água e *cerrado* espêsso; também a muito custo é que conseguimos cair no sangradouro (canal de comunicação), derrubando a todo instante árvores e galhos que se opunham ao nosso trânsito.

Êsse sangradouro era quase tão estreito como as canoas; nem sequer tinha um pé d'água, mas as margens

elevavam-se a três ou quatro pés de altura, em alguns pontos até a mais de 10. Aí nos surpreendeu a noite e não saímos dos barcos, não só porque o terreno em tôrno era muito sujo de mato, como também cheio de coqueirozinhos espinhentos chamados *tucuns* e de *novatos*.

Vem a pêlo falar aqui nesta árvore que entre os paulistas é conhecida por *pau de novatos* e em Cuiabá por *formigueiro*, árvore em que habitualmente vivem formigas ruivas, cuja dentada causa intensíssima dor por espaço de dois a três minutos. Basta que simplesmente rocem a pele e incontinenti ferram os dentes, convindo, pois, caminhar com cautela nos matos em que abundem tais árvores. Se por acaso o viajante desprevenido agarra um de seus ramos ou encosta-se ao tronco, dores agudas trazem-lhe imediato arrependimento.

O nome que tem provém de que os incautos não põem dúvida em buscar sua sombra e até nela armar as rêdes. O ensino, porém, é pronto, e não tarda que os gritos dos noviços provoquem boas gargalhadas aos que já são sabidos.

Suas fôlhas pendentes e grandes têm às vêzes um pé de comprimento e quatro a cinco polegadas de largura, maiores nos indivíduos novos. Eleva-se mais do que esgalha. Comecei a vê-la no São Lourenço; daí por diante a mataria das margens está cheia.

Ao raiar do dia 27 de janeiro, descarregaram-se as canoas. Foram depois arrastadas pelo sangradouro afora com custo, porque, como acima referi, o canal, além de muito estreito, fazia voltas tão rápidas que tornava quase impossível mover os barcos afundados mais no lôdo que n'água. Em alguns lugares houve até que cortar a enxada a margem para abrir espaço.

Afinal, ao meio-dia, tôda a monção caiu no rio. Recomeçando a subir, chegamos já com noite à casa do capitão Bento Pires. O gasalhado simpático que nos

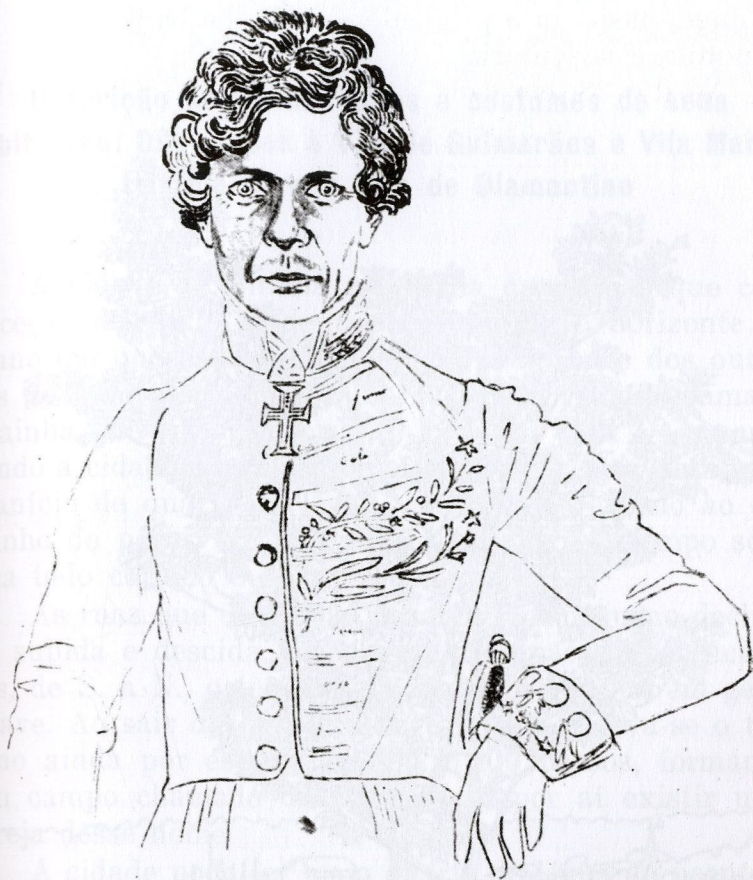
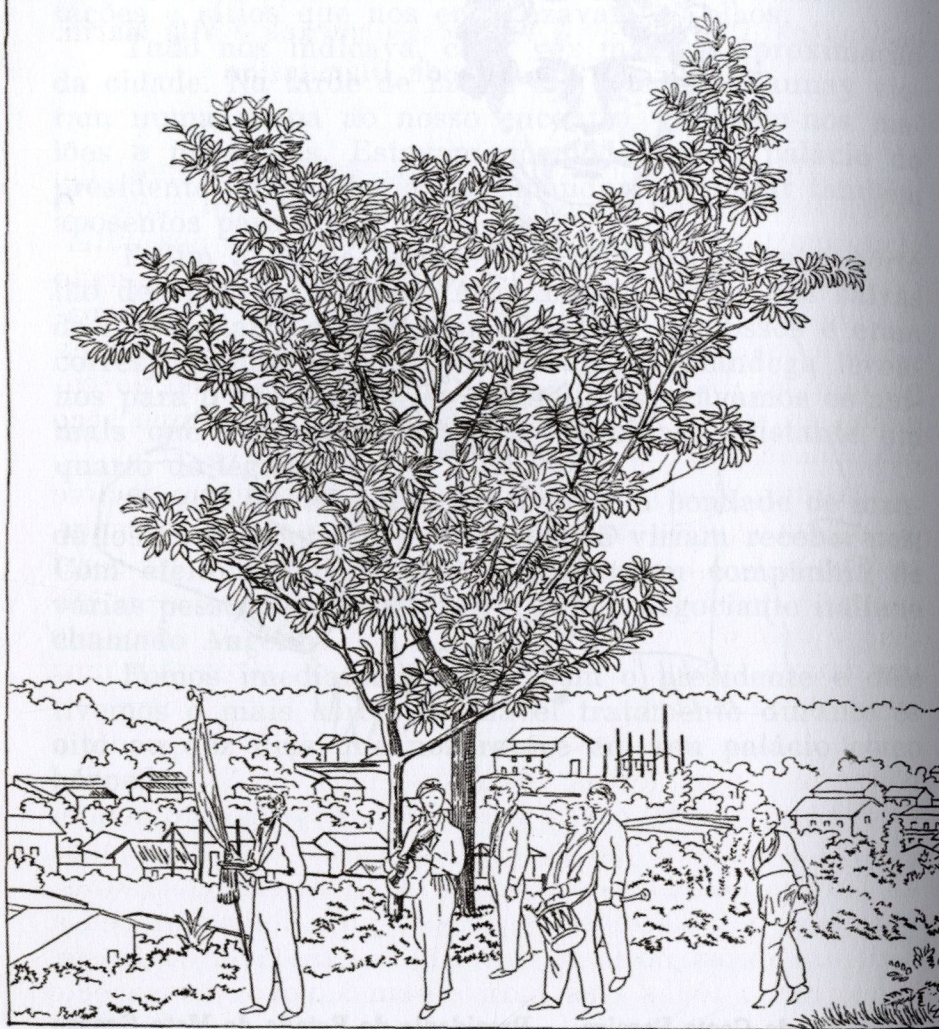
esperava deu-nos os gozos da vida civilizada, partilha de quem assisada e prudentemente sabe fruir existência tranqüila e sedentária.

No dia 28, em cada volta do rio avistávamos habitações e sítios que nos embelezavam os olhos.

Tudo nos indicava, cada vez mais, a aproximação da cidade. Na tarde de 29, os srs. Riedel e Taunay vieram numa canoa ao nosso encontro, trazendo-nos melões e melancias. Estavam acomodados no palácio do presidente da província, que mandara preparar também aposentos para nós.

Enfim a 30 de janeiro de 1827, atingimos o pôrto tão desejado de Cuiabá. Aproamos ao troar das salvas de mosquetaria que partiam de entre os nossos e eram correspondidas de terra. O guarda da alfândega levou-nos para o seu escritório, enquanto esperávamos os animais que deviam levar-nos até à cidade, distante um quarto de légua.

Os srs. Riedel e Taunay tiveram a bondade de mandá-los com prontidão, avisando que viriam receber-nos. Com efeito não tardaram a chegar em companhia de várias pessoas da localidade e de um negociante italiano chamado Angelini.

Fomos imediatamente ter com o presidente e dêle tivemos o mais cortês e amável tratamento durante os oito ou dez dias que nos reteve em seu palácio como hóspedes.

Saturnino da Costa Pereira — Presidente do Estado de Mato Grosso

« Bandeira do Divino »

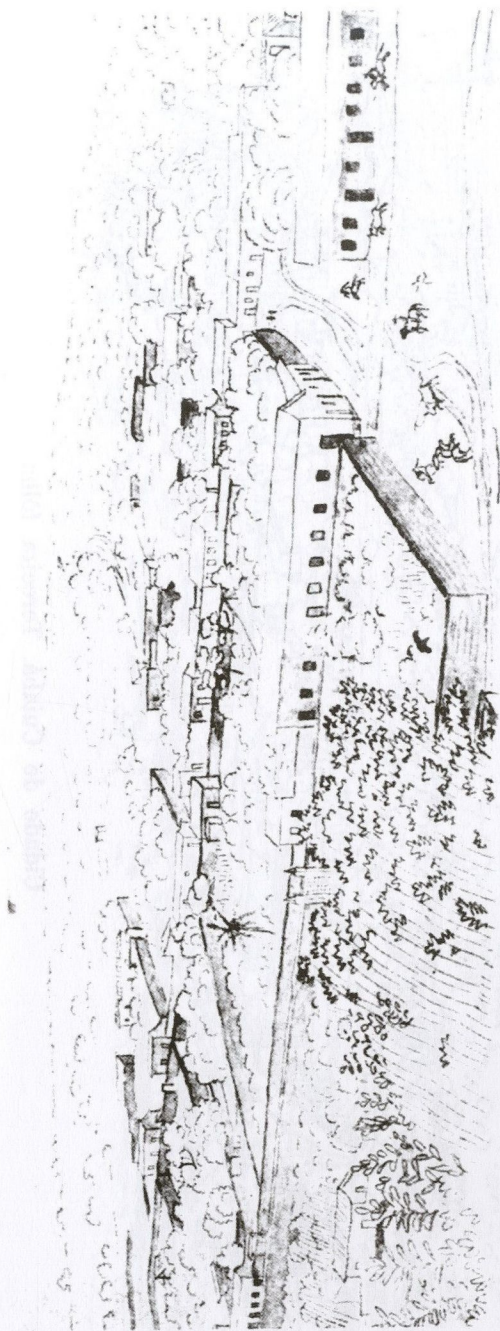
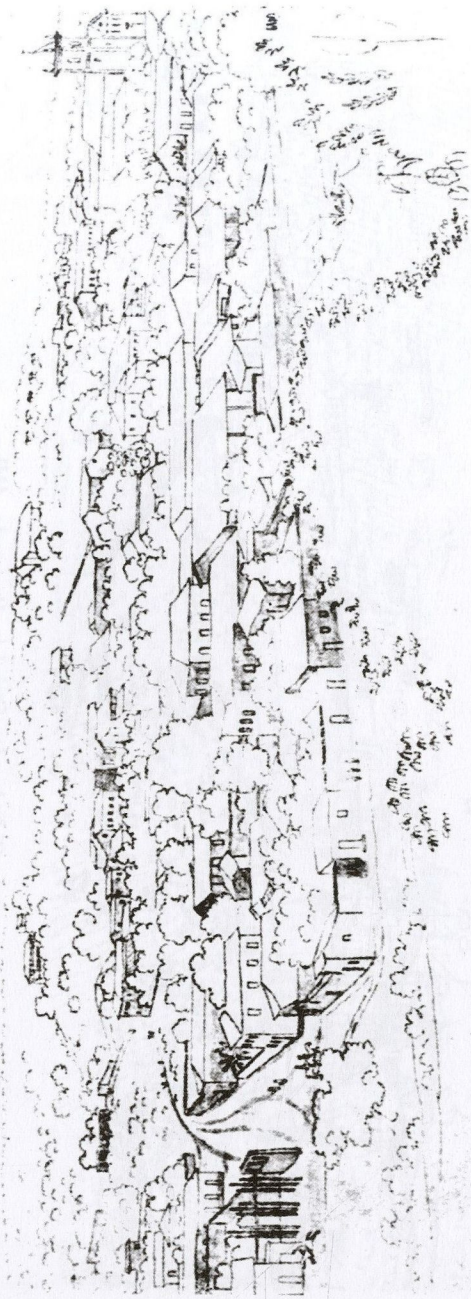
Descrição de Cuiabá. Usos e costumes de seus habitantes: Digressões à Vila de Guimarães e Vila Maria. Partida para a Vila de Diamantino

A cidade de Cuiabá é cercada de colinas que com exceção da parte ocidental limitam-lhe o horizonte. O plano em que assenta é inclinado até à base dos outeiros do lado meridional, onde corre um riacho chamado Prainha que em direção quase reta vai para O. e, separando a cidade de um de seus arrabaldes, atravessa uma planície de quarto de légua, com curso paralelo ao caminho do pôrto, até cair no rio Cuiabá. No tempo sêco fica todo cortado e chega a desaparecer.

As ruas que de E. vão para O. têm pequeno declive de subida e descida, mas as que lhe são perpendiculares, de S. a N., o têm mais sensível, bem que em geral suave. Ao sair da cidade para o lado N., eleva-se o terreno ainda por espaço de 300 a 400 passos, formando um campo chamado da Boa Morte, por aí existir uma igreja dêsse nome.

A cidade pode ter meio quarto de légua de poente a nascente e dois terços dessa distância de N. a S. Não há senão 18 ou 20 casas de sobrado, êsse mesmo pequeno: tôdas as mais são térreas. Cada casa tem nos fundos um jardim plantado de laranjeiras, limoeiros, goiabeiras, cajueiros e tamarindeiros, árvore cuja folhagem densa e escura forma no meio das outras agradável contraste, concorrendo tôdas elas para darem à povoação aspecto risonho e pitoresco.

Rebocam-se por fora as habitações com tabatinga, que lhes dá extrema alvura: entretanto muitas há, prin-

Cidade de Cuiabá. Primeira fôlha

Cidade de Cuiabá. Segunda fôlha

Cidade de Cuiabá. Terceira fôlha

Cidade de Cuiabá. Quarta fôlha

cipalmente nos arredores, que conservam a côr sombria da taipa de que são feitas, bem como todos os muros e cercados.

Não há uma só casa que tenha chaminé: a cozinha faz-se no jardim debaixo de um telheiro.

O edifício em que estão o presidente e a intendência chama-se palácio: é térreo; as janelas, únicas na cidade, têm caixilhos com vidros.

Há uma cadeia, em cujo sobrado trabalha a câmara municipal; um quartel para a tropa, uma casa da moeda e quatro igrejas: a de Bom Jesus, que é a catedral, sem nada exteriormente que a recomende, a de Nossa Senhora do Bom Despacho, a de Nosso Senhor dos Passos, e a da Boa Morte, além de uma capela consagrada a Nossa Senhora do Rosário.

Outra capela fica no hospital da Misericórdia, edifício não concluído e onde mora o bispo. Para os morféticos há uma casa, situada a meia légua S. da cidade. A meio quarto E. vê-se perto do pôrto uma grande construção que havia sido começada para quartel. Por enquanto não é senão um corpo de guarda.

Na casa da moeda bate-se sòmente o cobre que é mandado do Rio de Janeiro e ao qual se dá valor duplo do que tem no resto do Império. Há também uma fundição para pôr em barras o ouro.

O único passeio que tem a cidade é o caminho de meio quarto de légua de extensão que vai ter ao pôrto. Aí só se vêem 15 ou 20 casas, algumas canoas, *Guanás, Caburés,* negros e mulatos.

Quando chove, as crianças entretêm-se em procurar ouro no meio das ruas, porque nos regos d'água que se formam descobrem sempre algumas palhêtas. Por tôda a parte anda-se aqui por cima dêle; nas ruas, nas casas que não são ladrilhadas, nos jardins, não há polegada de terra que deixe de o conter. O pescador na sua

choupana pisa o precioso metal; metade de um dia, porém, de trabalho em buscar arrancá-lo do solo lhe traz menos vantagem que a pesca de um único pacu. É contudo o objeto de extração que os habitantes conseguem. Os diamantes se acham no Quilombo, distante 14 léguas e daí a 30 no distrito Diamantino. Êstes dois artigos, ouro e diamantes, constituem a riqueza da província; nada mais se exporta a não ser diminuta porção de açúcar e de tecidos de algodão, com destino ao Pará.

Não tratam da agricultura nem da criação de animais senão para acudir às necessidades da alimentação. Por tôda a parte cercados de desertos, dos quais o menos vasto tem 100 léguas de largo, não poderiam os cultivadores exportar o sobressalente de suas colheitas ou os resultados de sua indústria sem gastos que elevariam o preço dos produtos de modo a não suportarem a mais ligeira concorrência.

As produções do país são a cana, da qual se extrai o melhor açúcar do Império: o fumo que é excelente; o algodão, o café, feijão, milho, mandioca e tamarindo que aí se acha mais abundante que em qualquer outra parte e do qual se faz uma massa para exportação.

Limita-se a indústria à exploração de minas e ao fabrico de peças de algodão grosso de que se veste a gente pobre. Faz-se aguardente de cana de superior qualidade. É a principal bebida do país, bem que esteja também em uso o vinho, cuja procura é limitada em razão do alto preço. Cada garrafa custa com efeito de 1$200 a 1$800, o que faz com que sejam motivos de luxo e ostentação franqueá-las aos convivas por ocasião de festas de casamento ou batizados.

Assisti às bodas de um homem apatacado, nas quais se beberam 200 garrafas de vinho, o que representa uma despesa de mais de 200$000 (1 250 francos). Quase igual quantidade consumiu-se num batizado. Os casos de embriaguez não são raros.

Cria-se muito gado vacum que por tôda a parte encontra excelentes pastos; também a carne de vaca em Cuiabá é suculenta: há muitos porcos cuja banha serve para o preparo da comida; galinhas em abundância e tão baratas que por 400 réis (50 soldos) podem-se tê-las à mesa do almôço, jantar e ceia: carneiros e cabras, êstes em menor quantidade, etc.

Não há falta de cavalos; a qualidade, porém, é inferior. Parte dêles vem dos *Guaicurus*. As bêstas são mandadas de São Paulo. Em viagem, é de uso servirem os bois mansos de animal de carga.

Não se acha ouro em porção que dê algum lucro, senão nos arredores da cidade ou a algumas léguas de distância. Se, porém, se empregassem os meios de que usa a companhia inglêsa em Minas Gerais, cavar-se-ia melhor a terra, achando-se ainda tesouros imensos. Hoje o dia de trabalho de um prêto não rende mais de 300 a 400 réis, salvo o caso de algum achado feliz.

Cuiabá deve sua fundação à grande quantidade de ouro que deu o terreno em que assenta, cujas escavações e buracos atestam hoje quanto foi revolvido. Nos primeiros tempos dos descobrimentos dos paulistas encontraram-se *folhetas* que pesavam até uma arrôba, único incentivo que chamou uns sertanistas ávidos de riquezas e os impeliu em solidões desconhecidas, levando tão-sòmente espingardas, pólvora, bala e sal. Embarcaram em Pôrto Feliz e seguiram a rêde de rios que lhes pôde proporcionar dilatadíssima viagem. Chegados ao ponto onde hoje é Cuiabá, a um caçador depararam-se grandes pedaços de ouro no alto da colina em que se ergue presentemente a igreja de Nossa Senhora do Rosário. Parou então a caravana. Meteram as canoas no ribeirão Prainha, que nesse tempo era navegável e hoje não por terem sido desviadas as águas, levaram quanto puderam do encantado tesouro e voltaram para São Paulo, contando maravilhas.

Reuniram-se logo multidões de aventureiros que formaram novas expedições, ficando muitos dêles no país novamente descoberto em companhia das mulheres indígenas que encontravam ou das que haviam levado consigo. O número foi crescendo e com êle aparecendo dissenções e lutas causadas pela avidez em tirar ouro. Então cuidaram de constituir uma espécie de govêrno e para legalizá-lo mandaram pedir chefe em São Paulo. A colônia, debaixo do nome de Cuiabá, nome dos índios que aí habitavam, fêz rápidos progressos, aumentando continuadamente com a chegada de novas *bandeiras*, que, não se satisfazendo mais com o que encontravam, seguiram para diante e foram descobrir, a 100 léguas para O., Mato Grosso, donde provém a denominação de tôda a província. Aquêles intrépidos sertanistas teriam sem dúvida ido até ao oceano Pacífico, se os espanhóis não ocupassem as costas. Suas ousadas explorações chegaram com efeito a dar cuidados à côrte de Madrid que se queixou à de Lisboa, mandando reclamações a tal respeito.

O modo de extrair ouro é o seguinte: fazem-se grandes escavações e transporta-se a terra, à medida que vai sendo tirada, para uma área preparada à beira de um rio, córrego ou lagoa em paralelogramo de terra batida e conseguintemente dura, cujos lados são fechados por tábuas, exceto o que encosta à água. O plano é inclinado e o todo se chama uma *canoa*. Deposita-se a terra que se quer lavar na parte superior e sôbre ela lança o trabalhador de contínuo água para que fàcilmente corra a porção que fôr mais destacada e leve. Em seguida, depois de repetida esta operação, põe êle certa quantidade na beira de uma espécie de alguidar de pau chamado *bateia* e com um pouco d'água imprime ao todo um movimento circular, de modo que de cada vez o monte de terra seja lambido pela água. Se

houver ouro, as menores partículas depositam-se logo no fundo.

Costumes dos habitantes de Cuiabá

Descrever os costumes gerais da população de Cuiabá, é decerto descrever os de todos os brasileiros; entretanto aqui várias circunstâncias locais concorreram para dar hábitos peculiares à terra, imprimindo-lhes cunho característico e, embora pernicioso, de certo modo original.

A população não passa de 6000 habitantes, a de tôda a província de 30000, sem contar os índios mansos e muito menos os bravios. Entretanto pelo conhecimento mais ou menos exato dos aldeamentos de uns e hordas dos outros, creio que seu número não chegará a 6 ou 7 mil almas, de modo que numa zona muito maior que tôda a França não há mais de 37000 habitantes.

Tão pouca população provém de que não há 125 anos que Cuiabá foi descoberta e todos quantos procuraram estas terras atraídos só pela posse do ouro, uma vez conseguido êsse fim, trataram de se ir embora para gozarem das riquezas ganhas em país mais civilizado. Os que se deixavam ficar, ricos em pouco tempo e no meio de solidões, só cuidaram em satisfazer os sentidos. Entregaram-se a grosseiros prazeres e viveram com amásias, não se lhes dando de formar famílias e educar os filhos, quando os tinham, nos sãos princípios da religião e da moral.

As mesmas causas ainda hoje persistem em Cuiabá, embora se manifeste salutar tendência para a modificação. Os casamentos ainda são pouco freqüentes. Geralmente só se casam os homens já maduros que buscam uma companheira para os tempos da velhice. Os mais vivem amancebados e nem se limitam a isso, en-

tretendo intrigas amorosas com pessoas casadas e solteiras.

As mulheres de classe média e sobretudo inferior, são muito livres nas suas conversas, modos e costumes. Além do contínuo exemplo da licença geral e quase desculpada, recebem pernicioso influxo do contato dos escravos, negros e negras, cujas paixões violentas não vêem peias à sua expansão.

A fidelidade conjugal é, muitas vêzes, falseada. Apesar de temerem os maridos e considerá-los como amos e senhores, sabem perfeitamente enganá-los.

Não faz muito que elas começam a aparecer à mesa de jantar ao lado dos parentes e maridos. Entretanto em tôdas as casas do sertão, onde recebi hospitalidade, nenhuma delas se apresentou, ficando sempre no fundo dos aposentos, a menos que não seja a pessoa já muito familiar.

Conheci, contudo, uma senhora muito bem falante, civilizada e espirituosa. Três outras nas mesmas condições tinham, porém, já sua idade e, apesar do muito que haviam dado que falar em sua mocidade, passavam por tipos de virtude.

As moças filhas de pais pobres nem sequer pensam em casamento. Não lhes passa pela cabeça a possibilidade de arranjarem marido sem o engôdo do dote e, como ignoram os meios de uma mulher poder viver de trabalho honesto e perseverante, são fàcilmente arrastadas à vida licenciosa, na qual, justiça se lhes faça, apesar de pertencerem a todos, nunca mostram a ganância e as baixezas das mulheres públicas da Europa.

Quem exercita em Cuiabá ofícios e artes são quase todos mulatos. Conheci um padre de côr parda, muito eloqüente no púlpito e na conversação; outro, quase negro, era um dêsses raros talentos modestos, cuja ambição única é instruir-se.

O clima da cidade é muito quente: sua latitude 15º 36′ S.

O rio é farto de pescado, sobretudo de junho até fins de dezembro. Então é o alimento principal do povo. Pescam-se muitos *pacus*, *dourados*, *piracanjubas*, *piaus*, *piracachiaras*, *giripocas*, *palmitos*, *cabeçudos*, *corimbatás*, *peixe-rei*, etc. É tanto o peixe que os bois, cavalos e prêtos ou *Guanás* vão curvados ao seu pêso vendê-los pela cidade.

De todos é o *pacu* o mais gordo e mais abundante, bem que não seja o mais delicado; sabe, contudo, bem ao paladar e a quantidade é tal que fornece o combustível com que se iluminam tôdas as casas. Acontece até que os pescadores atiram fora grandes montes, quando não querem nem mesmo dar-se ao trabalho de extraírem o azeite.

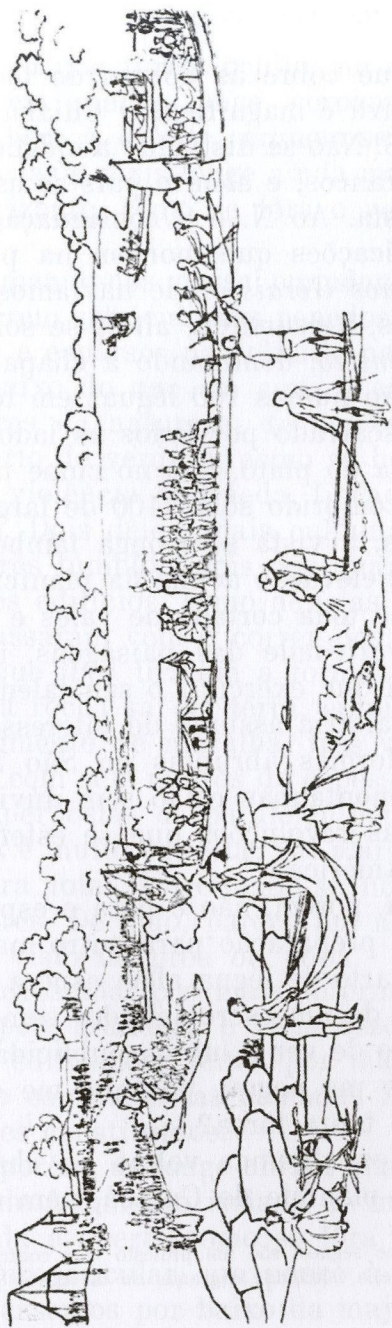
Digressão à Vila de Guimarães [1] *e às lavras de diamantes do Quilombo*

De Cuiabá partimos no dia 28 de abril de 1827 e, transpondo, a duas léguas E., o riozinho *Coxipó-guaçu*, fomos pousar, uma légua adiante, em casa de um morador daqueles lugares.

No dia seguinte, atravessamos um país chato até à base da serra da *Chapada*, que fica a sete léguas E. da cidade e começamos a vencer uma subida íngreme, de mau caminho, cheio de matacões e pedras sôltas e com muitos ziguezagues. Cinco vêzes passamos um córrego encachoeirado que faz muitas voltas na fralda da montanha e, ao aproximarmo-nos da chapada que a coroa, ouvimos o ruído da queda que êle dá numa garganta, queda de uns 50 pés de altura, mas oculta pela

---

(1) Criada em 1751 pelo conde de Azambuja e ereta em vila em 1817, é hoje conhecida por vila de Sant'Ana da Chapada.

N. do T.

Expedição do pôrto de Cuiabá, contra os índios Guaicurus

densa vegetação que cobre as dobras de tôda a serra. No alto a perspectiva é magnífica. O Cuiabá serpeia ao longe e foge para S. Não se distingue a cidade senão por uns pontozinhos brancos, e além o país se estende para O. a perder de vista. Ao N. é a continuação da serra, donde saem ramificações que morrem na planície. Ao S. ficam os *Pântanos Gerais*, onde havíamos navegado, e bem junto de nós, à esquerda, alteia-se sobranceiro o *Morro de São Jerônimo,* dominando a chapada, a serra e tôda aquela região numas 100 léguas em tôrno.

Êsse morro, escalvado por todos os lados e de 300 pés de altura acima do platô, tem no cume um planalto de 200 braças de comprido sôbre 100 de largo. Do ponto a que chegamos, a vista se alonga também para E. pela chapada, cuja elevação acima da planície de Cuiabá é de 1 400 pés e tôda cortada de vales e colinas.

Pela grande variedade das paisagens, muito teria aqui um pintor em que exercitar o seu talento; ao geólogo também não faltaria assunto de interessantes indagações, pois nas formas abruptas do São Jerônimo e nas camadas das montanhas estão sem dúvida impressos os vestígios das revoluções que se estenderam por todo o centro da América.

Êste panorama, porém, não é para o espírito maravilhado senão uma preparação para outro mais extraordinário que um quarto de légua além espera o viajante. Sei que não passo de um escrevinhador sem letras, cujos escritos não hão de ver a luz da publicidade (1), mas se a natureza tudo me negou, por que me concedeu o dom de sentir com tanta fôrça?

Apenas déramos algumas voltas na chapada e já não víamos nem a planície de Cuiabá, nem o morro de

---

(1) As descrições que seguem são um protesto vivo contra êste rasgo de excessiva modéstia. Cabe-me a felicidade e grande de ter talvez impedido a realização daquele prognóstico.

N. do T.

São Jerônimo que ficara oculto por umas colinas à direita, mas eis que ao longe, coroando verdejante eminência também à direita, erguem-se rochas de formas extraordinárias e mais longe ainda maciços azulados enchem o horizonte, como se fôra o velame de numerosa esquadra.

Aproximando-nos dessa eminência, vimos pouco a pouco surgirem sete enormes penedos de 50 pés de altura, isolados e esparsos na colina e na planície, mais estreitos embaixo do que em cima e saindo, não se sabe por que fôrça da natureza, de um terreno falto de pedras e coberto de verdura, como se houvessem caído do céu e, pela violência da queda, fincado a base pela terra a dentro. Dois dêles, mais culminantes, representam como que três túmulos, dois dos quais juntos, ou então três enormes edifícios, como aquelas tôrres antigas que na Itália passaram com o correr dos tempos por transformações que lhes tiraram a forma primitiva.

Terceira rocha sai da terra, empina-se a prumo como um fragmento de muralha, três vêzes mais alta do que larga e com seis metros de espessura. É formada de camadas superpostas de paralelepípedos e cubos: a base quadrada é muito estreita; vai alargando até dois terços de altura total, estreitando-se novamente em stratus irregulares. De lado, parece um navio com todos os panos fora, visto da proa ou pôpa.

Três outros maciços mais informes, não são notáveis senão pela grandeza e idéia associada de enormes túmulos ou edificações feitas por mãos humanas, para o que muito concorrem as camadas horizontais de que são todos êles constituídos.

O que, porém, de longe obriga mais a atenção é ainda um grande fragmento isolado de muralha, atravessado na estrada e aberto como se fôra um pórtico, tendo acima um furo circular, um pouco à direita, figurando de janela. Passamos por baixo da majestosa arcada, ad-

mirando a espessura e perpendicularismo dessa rocha que, a modo de uma porta, ainda de pé, da arrasada Babilônia, dá entrada a vasto recinto de ruínas.

Atravessa-se então uma planície cheia de contrafortes circulares encostados aos montes, como se houvessem sido primeiro construídos para, com atêrro de rochas e terra, sustentarem esplanadas artificiais, onde árvores e relva produzem a impressão de jardins suspensos. Do meio dêsses contrafortes saem umas espécies de enormes pedestais, circulares e emoldurados, alguns até com restos de colunas. O caminho plano serpeia por entre essas majestosas massas que para nós se destacavam num céu toucado das suaves côres do crepúsculo.

Nos montes e na planície, por tôda a parte, avistam-se grupos de pedras que, com os contrafortes, semelham os restos de uma cidade imensa, em que durante séculos imperara a mais nobre arquitetura. Fica a gente pasma ao achar-se de repente no meio de uma natureza que fala linguagem desconhecida até então, pois onde só há rochas julga-se ver os destroços de soberbos monumentos levantados por uma raça de arquitetos gigantes.

Caiu a noite; mas ao longe lobrigamos entre sombrios maciços a casa do proprietário dêsses lugares, o qual estava à nossa espera para oferecer-nos a franca hospitalidade brasileira.

Era o alferes de milícias Domingos Monteiro, comandante do distrito; bom homem que não sabia senão seu poucochinho de agricultura, mas muito estimado de todos os vizinhos. A morada estava muito aquém do *confortável;* entretanto a franqueza de quem a ocupava tudo supriu. Assistiu sua mulher à nossa refeição que se compunha, como de costume, de seis a oito pratos, sem vinho, colocados sôbre uma toalha de algodão grosseiro, alvíssima, porém, e enfeitada com grandes ren-

dados. A boa qualidade dos alimentos e nosso apetite deram sabor a tudo. Excelente marmelada e doces de diversas qualidades terminaram o jantar, ao qual sucedeu o *benedicite* que de pé e com as mãos postas é rezado baixinho. Lamento sinceramente que êste hábito respeitável e tão justificado tenha caído em desuso.

De manhã muito cedo, tomei os meus lápis e álbum de desenhos e fui, desejoso de tirar umas vistas, percorrer a cavalo os lugares que tanta admiração me causaram na véspera. Por todos os lados não se enxergam senão túmulos, pedestais, colunas partidas, escadarias, anfiteatros e urnas. Três destas parecem feitas pela mão cuidadosa do homem. Uma, de 30 pés de alto e 20 de diâmetro, descansa numa base de seis pés colocada sôbre pedestal de 40 pés que forma o canto de um contraforte da mesma altura.

Nesse mesmo baluarte, duplo soco formado por cornijas circulares sustenta um resto de gigantesco fuste, e pontas de rochas horizontais surgem do meio das árvores, suspensas como se fôssem varandas e socalcos.

Por trás dêsse contraforte, em plano mais afastado, há um maciço maior que a urna, mas tendo também base estreita e semelhando a proa de uma galera antiga. Mais longe, outro baluarte, comprido e sustentando à esquerda uma grande rocha esférica e quatro penedos de pé como canudos de órgão, fecha uma das quatro vistas que tirei por me parecerem mais assombrosas e dignas de serem reproduzidas.

Nela pus um grupo de índios *Guanás* que vinham trabalhar nas fazendas por 60 réis diários. O traje que mal lhes cobre a nudez do corpo e os cabelos compridos dão-lhes tal ou qual parecença com certas tribos que vivem perto de ruínas célebres no Oriente.

Voltando à esquerda do caminho no fundo da fazenda, apresenta-se um vasto grupo de rochas que dei-

xa o olhar atônito de ver tanta singularidade. Uma, porém, prende logo mais fortemente a atenção, ficando-se a princípio em dúvida se aquilo é simples capricho da natureza ou um magnífico arco de triunfo, erigido por altivo e grande conquistador. O bloco ergue-se isolado, cortado em ângulos retos, de 40 pés de altura e 25 de largo sôbre 20 de espessura, ornado de frisos em distâncias iguais, rostros e entablamento.

À esquerda, no primeiro plano, duas grandes rochas, separadas ao quarto da altura por estreita abertura, mas tendo uma base comum, mostram aspecto muito diferente. Uma é formada de cornijas reentrantes embaixo, como um púlpito ou a pôpa de um navio de bateria circular: a outra, composta de camadas horizontais de paralelepípedos verticais e cubos salientes, como se fôsse o resultado de colossal cristalização, apresenta no lado direito saliências que se podem comparar com aquêles pequenos modilhões que nos altares saem do plinto e recebem as imagens dos santos.

Atrás dêsses dois rochedos e do arco triunfal uma última decoração limita tão extraordinária paisagem: é um bosquete que se vê de frente e donde saem lanços de rochas, verdadeiras muralhas coroadas de vegetação, separados por vielas oblíquas como bastidores de teatro e cheias de arbustos.

Depois de umas voltas que dei, apresentou-se às minhas vistas quarta perspectiva não menos admirável. No primeiro plano estende-se um terrapleno de relva, e do meio de uns fragmentos de camadas pedregosas ergue-se uma tôrre redonda de 35 pés de altura sôbre 30 de diâmetro, tão regular em sua forma que difícil será dar crédito às minhas palavras e lápis. Cinco faixas indicadas por linhas de cornijas a compõem: as três primeiras, a partir da base, nada têm de extraordinário a não ser o arredondado bastante regular, mas a quarta

parece uma arquitrave, cuja parte visível é dividida em três seções convexas coroadas por três cornijas iguais. Depois aparece acima um friso, que mostra idêntica divisão em três arcos convexos. O que porém, mais admira é que cada um dêsses arcos por seu turno está cortado em três reentrâncias de forma quadrada. Todo o friso produz a impressão de um friso que cai em ruínas, no qual se distinguem ainda os vestígios de nove tríglifos e outras tantas métopas. Êsse brinco da natureza, com a competente cornija por cima, coroa de modo estupendo aquela tôrre, mas não a termina, porque o todo é rematado por pontas de rochas irregulares.

À direita, e como que para figurar ao lado dessa ruína, levantam-se duas rochas, uma de 10 pés de altura semelhando um candelabro, a outra, de quatro, um vaso.

Êsse primeiro plano é limitado à esquerda por um baluarte que parece ter uma guarita no ângulo. Na base fica-lhe uma urna de seis pés de alto.

Imenso túmulo oval aparece por trás dêsse baluarte, em parte encoberto por arbustos.

Mais adiante abre-se um vale pouco fundo, cujo declive suave é semeado de árvores de entre as quais sai um obelisco que se vê no intervalo que separa o candelabro da tôrre, ao passo que entre esta e o túmulo aparece naquele mesmo mato uma grande rocha cúbica, suportada por base estreita e terminando um muro que se estende além. Enfim do meio do montículo arborizado e mais distante surgem três grandes pedras, colocadas umas sôbre as outras e que sobrepujam em altura a tôdas as mais. Azuladas colinas formam ao longe o horizonte dessa bela e singular paisagem.

Satisfeito por levar no meu álbum as quatro mais notáveis vistas dêsses sítios, tornei a tomar caminho da fazenda, onde achei o vigário da vila de Guimarães, distante umas três léguas, o qual viera visitar-nos. É um

moço robusto de 26 a 28 anos de idade. O resto do dia passou-se em descanso e no gôzo não só da sociedade que aumentara com a chegada do filho do governador militar da província, como da temperatura fresca e agradável dêsses lugares elevados e da beleza dos horizontes.

No dia seguinte, havendo o sr. Langsdorff determinado subir ao alto do São Jerônimo a fim de executar o que poucos têm empreendido, partimos para essa excursão, o cônsul, Riedel e Rubzoff, o comandante, o vigário, o filho do governador e eu. Em caminho, contou-nos o comandante que numa ocasião, de 25 pessoas que haviam tentado essa ascensão, só cinco chegaram ao píncaro e dessas teriam duas na descida perigado, caso não se houvessem agarrado a uma corda.

Fizemos uma légua por país cortado de vales estreitos e fundos, onde há árvores seculares, com cuja folhagem as samambaias arbustivas confundem suas rendadas palmas. A cada volta, a cada subida, aparece o São Jerônimo como um gigante que se vem aproximando.

Vencemos, por fim, uma última rampa e achamo-nos numa plataforma à base do monte. É a crista de uma vertente abrupta de 1 400 pés que desce para a planície de Cuiabá, a qual então víamos cercada do seu imenso horizonte e onde distinguíamos, como anteontem, as tôrres das igrejas da capital. Grandes pedras que fazíamos rolar iam, aos saltos cada vez maiores, cair na fralda da montanha.

O sr. Rubzoff, apesar de ser oficial da marinha russa, não se atreveu a subir o São Jerônimo: ou por prudência, ou por querer com mais vagar aproveitar o tempo, declarou que, enquanto subíssemos, ficaria a fazer observações astronômicas. Começamos então a ascensão, agarrando-nos às plantas por um declive de 45º e numa altura de 60 pés. Chegados ao fim dêsse primeiro trecho, deparou-se-nos uma grande fenda que separa

um enorme bloco do flanco do São Jerônimo. Daí a vista mergulha a prumo até embaixo. Então apresentam-se à direita rochas que têm de ser galgadas, umas após outras. Para os meus companheiros foi um instante; quanto a mim, mal me abracei com pés e mãos a um dêsses rochedos, vertigens seguidas me puseram a cabeça ourada. Debalde tentei dois ou três arrancos; todos os mais passaram e sumiram-se; e eu ali fiquei, contristado de minha derrota.

Não tive remédio senão tornar a descer e ir fazer companhia ao sr. Rubzoff. Enxergamos os outros senhores a caminharem mui sossegadamente ao longo de uma esplanada de verdura, que é base da última barreira, mais difícil ainda de vencer. Desapareceram entre pedras e árvores; não os vimos trepar, mas daí a pouco apareceram a passear na esplanada do São Jerônimo.

Desceram uma hora depois e contaram-nos que tiveram que pular fendas e buracões agarrados a rochedos e arbustos, transpondo do mesmo modo grandes rochas destacadas. No último trecho, achando-o por demais perigoso, mandaram adiante o *Gavião*, escravo do sr. Langsdorff, para amarrar uma corda, por meio da qual içaram-se até ao cume.

Tomamos então rumo da fazenda e fomos ainda ver uma gruta de 100 passos de diâmetro, formada na concavidade inferior de uma pedra isolada que fica no meio de um terreno descampado, no qual descansa como se estivesse sôlta. Límpido córrego, que provàvelmente furou a entrada e saída, a atravessa, dando acesso aos homens e feras, bem como entrada a tênues raios de luz que permitem devassá-la. Sem dúvida foi outrora guarida de onças; hoje não é visitada senão por cabritos.

À casa do comandante chegou o sr. Angelini, negociante italiano, com quem traváramos relações em Cuia-

bá e que esperávamos. É um cavalheiro que enriqueceu no Rio de Janeiro e veio a Mato Grosso negociar em diamantes, pedras finas e jóias. Visitara Potosi, Chuquisaca e Cochabamba na Bolívia; estivera com Bolívar e vivera na intimidade dêsse herói, acompanhando-o por vêzes nas suas excursões pelo Peru. Angelini gozara da estima dos *Independentes;* tinha por costume, e bom costume, abrir a bôlsa e fazer donativos patrióticos.

Era aliás um dêsses homens generosos por natureza e que têm fé em sua estrêla. Tratava-se à fidalga, tendo à mesa 10 e 12 pessoas; em viagem levava bonitos cavalos e um trem escolhido e de gôsto.

Referiu-nos uma circunstância de sua vida, contada por êle próprio, que prova que uma primeira culpa pode muitas vêzes ser remida por existência sempre honrada e respeitável.

Tendo na sua mocidade cometido a falta de fugir da casa de seu pai, rico negociante de Trieste, e o que é pior, fugir furtando-lhe certa soma de dinheiro, pôs-se a passear pela Europa e a divertir-se enquanto tinha a bôlsa cheia, mas quando se viu sem recursos, tomou a resolução de embarcar para o Brasil a fim de esconder a sua vergonha longe dos países em que tantas loucuras fizera. Desembarcou no Rio de Janeiro com 700$000. Comprando umas jóias, começou a mascatear pelas ruas. Era então o bom tempo de D. João VI, bom pelo menos para os negociantes que vendiam por 100 francos uma vara de renda. Angelini, ladino e vivo como é, depressa ajuntou dinheiro, montou casa de joalheiro e, a freqüentar a alta sociedade e a dar jantares de 4 a 5 000 francos a embaixadores e ministros, foi fazendo fortuna, apesar dos seus hábitos de luxo. O gôsto das grandes especulações o levara do Rio de Janeiro às minas de ouro e diamantes de Mato Grosso e às de prata do Potosi; entretanto asseverou-nos que êstes países para o comércio não valem o Rio de Janeiro e que tal viagem,

longe de lhe trazer vantagem, dava-lhe o prejuízo de cem mil francos.

Angelini vai para o Rio de Janeiro, donde tomará passagem para a Inglaterra: tem largos projetos sôbre mineração de Cuiabá e Goiás. Eu soube porém, mais tarde que, voltando da Europa, regressara com mineiros para Goiás, e nessa emprêsa sofrera grandes perdas.

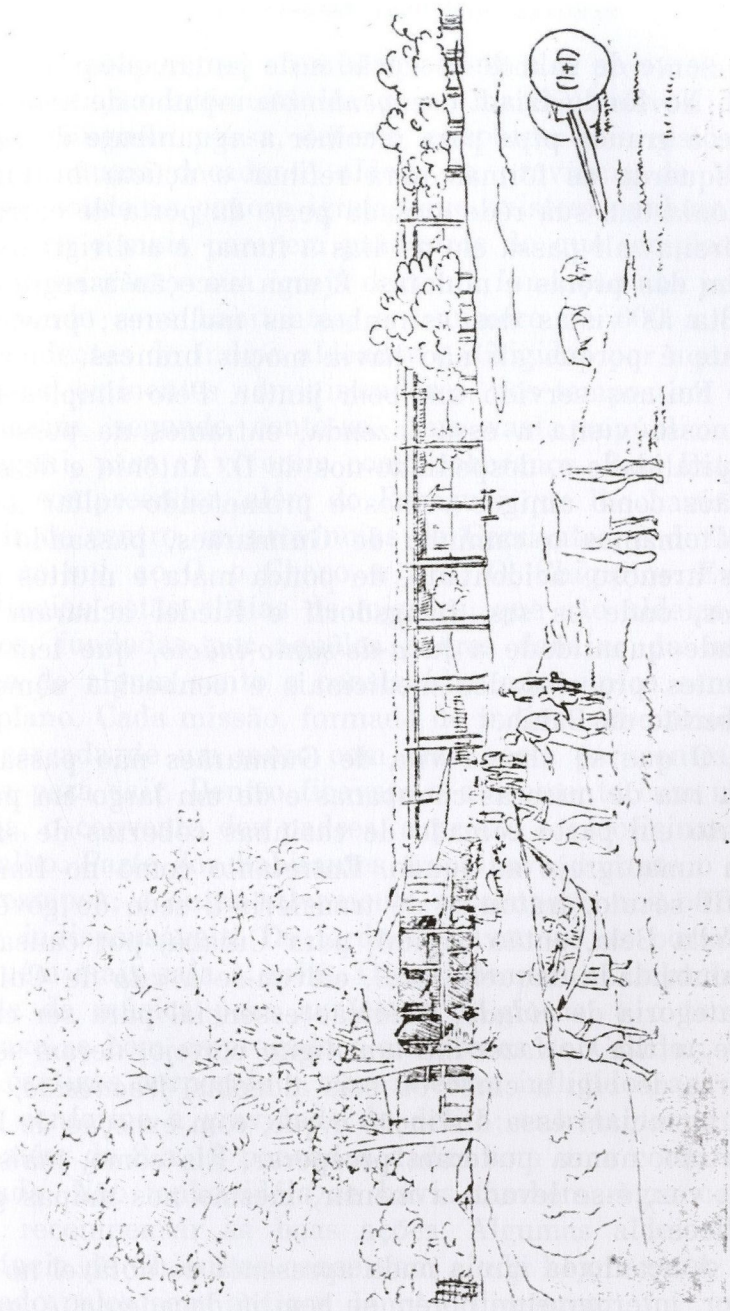
No dia 1 de maio de 1827 partimos para a vila de Guimarães. Em caminho fomos visitar a fazenda do *Buriti*, de cana-de-açúcar e pertencente a uma velha chamada D. Antônia, a qual chegou ao mesmo tempo que nós, vindo de Cuiabá. Viajava de um modo novo para nós, carregada por dois negros numa rêde suspensa a uma grossa taquara de *Guativoca*. De muda iam outros dois prêtos aos lados. Acocorada nessa rêde e a fumar num comprido cachimbo, vinha ela seguida de negras e mulatas, tôdas vestidas limpamente e carregando à cabeça cêstos, trouxas e roupas, vasilhas de barro e outros objetos comprados há pouco. O administrador, que era irmão dela, e o feitor adiantaram-se ao seu encontro, e os negros e negras que haviam ficado em casa se chegaram para dar o *louvado*.

Dar «*louvado*» é pôr as mãos juntas e pronunciar as seguintes palavras: «*Seja louvado Nosso Senhor Jesus Cristo*», ao que responde o senhor: «*Para sempre seja louvado*» ou simplesmente «*Para sempre*». E' o *bons-dias* do escravo para o amo, do filho para o pai, do afilhado para o padrinho, do aprendiz para o mestre. Os prêtos, que estropiam todos os vocábulos portuguêses, fizeram dessa frase uma corrutela que exprimem por esta bárbara palavra «*Vasucris*».

Em São Paulo e Cuiabá dá-se *louvado:* no Rio de Janeiro pede-se a bênção por êste modo «*a bênção?*».

Tínhamos, porém, chegado ao Buriti.

Dona e hóspedes, pusemos pé em terra diante da casa e juntos entramos numa vasta sala ao rés-do-chão

Fazenda do *Buriti*

que serve de sala de recepção e de jantar, além de cozinha. No fundo ficam o *engenho* ou moinho de moer cana e a grande *pipa* para recolher a aguardente de cana; à esquerda as fôrmas para refinar o açúcar bruto. D. Antônia tem sua rêde armada perto da porta de entrada, à direita: ali passa ela os dias a fumar e a dirigir o trabalho das pretas e mulatas. É uma exceção à regra que oculta às vistas dos estranhos ás mulheres; provàvelmente é porque ali não havia moças brancas.

Foi-nos servido um bom jantar. Pelo simples fato de nossa visita a essa fazenda, entramos na posse da hospitalidade e, despedindo-nos de D. Antônia e de seus irmãos como amigos velhos e prometendo voltar a vê-los, tomamos o caminho de Guimarães, passando por país arenoso, acidentado, de pouca mata e muitos *cerrados,* onde os srs. Langsdorff e Riedel acharam em grande quantidade a *fava-de-santo-inácio,* que tem excelentes propriedades medicinais e conhecida sòmente no sertão da Bahia.

O que se chama vila de Guimarães não passa de uma rua de míseras choupanas e de um largo em parte aberto em parte cercado de casinhas cobertas de sapé, com uma igreja no fundo. Entretanto como no fim do XVIII século, tratou-se de transferir a sede do govêrno de Vila Bela, então capital, para Cuiabá, por causa da insalubridade daquele local, elevou-se a *vila* de Cuiabá à categoria de *cidade,* condição essencial para ser capital e, a fim de fazer-lhe um digno cortejo, deram-se as honras de *vila* a cinco ou seis aldeolas, *freguesias,* que não mereciam essa distinção e que, com exceção de Diamantino, nunca puderam prosperar. Eis como, mais de uma vez, é-se levado a mentir, mesmo nos mapas geográficos.

A acanhada igreja nada apresenta de notável no exterior, internamente porém se bem já decadente, é, guar-

dadas as proporções, a mais rica de tôda a província em ornamentação arquitetônica e em baixos relevos dourados. Ninguém pensa, decerto, encontrar tais restos de riqueza numa decadente aldeia da província de Mato Grosso, onde as poucas igrejas que existem nenhum ornato têm e mais parecem pardieiros do que templos.

Guimarães e sua igreja devem a fundação aos jesuítas, sendo seus habitantes, em número de 600 a 800, descendentes de índios aldeados e dirigidos por aquêles homens, eminentes administradores, nos tempos em que fundaram, segundo conta-se, uma vasta república no Paraguai, para aí viverem como soberanos. Êsse Estado devia compreender, além do Paraguai que lhe havia de servir de centro, as províncias de Corrientes, e de Missões ao sul, ao O. o Chaco, e a N. O. Chiquitos. Estas províncias estão cheias de missões, que são aldeias de índios, fundadas por aquêles padres debaixo da invocação de algum santo e construídas num único e mesmo plano. Cada missão, formada de índios catequizados, era cercada de um muro com uma porta para entrar e outra para sair. Dentro ficavam o aldeamento com uma igreja, o convento dos padres, a prisão e as oficinas de trabalho. Parte dos habitantes trabalhava durante o dia nos campos; a outra ativamente se ocupava nos ofícios mais indispensáveis. De tarde fechavam-se as portas e ninguém mais saía à noite. Cada aldeamento tinha uma banda de música para as festas religiosas, e o tempo passava-se bem empregado e em preces ao Criador. Vários castigos corporais e morais eram infligidos aos índios, conforme a gravidade do delito; entretanto nunca iam além de 8 a 12 pancadas dadas com uma corda enroscada. Não tenho idéia se havia também regra certa para recompensar as boas ações. Algumas aldeias da província de Chiquitos conservam ainda hoje o muro levantado pelos seus antigos donos e diretores.

dadas as proporções, a mais rica de tôda a província em ornamentação arquitetônica e em baixos relevos dourados. Ninguém pensa, decerto, encontrar tais restos de riqueza numa decadente aldeia da província de Mato Grosso, onde as poucas igrejas que existem nenhum ornato têm e mais parecem pardieiros do que templos.

Guimarães e sua igreja devem a fundação aos jesuítas, sendo seus habitantes, em número de 600 a 800, descendentes de índios aldeados e dirigidos por aquêles homens, eminentes administradores, nos tempos em que fundaram, segundo conta-se, uma vasta república no Paraguai, para aí viverem como soberanos. Êsse Estado devia compreender, além do Paraguai que lhe havia de servir de centro, as províncias de Corrientes, e de Missões ao sul, ao O. o Chaco, e a N. O. Chiquitos. Estas províncias estão cheias de missões, que são aldeias de índios, fundadas por aquêles padres debaixo da invocação de algum santo e construídas num único e mesmo plano. Cada missão, formada de índios catequizados, era cercada de um muro com uma porta para entrar e outra para sair. Dentro ficavam o aldeamento com uma igreja, o convento dos padres, a prisão e as oficinas de trabalho. Parte dos habitantes trabalhava durante o dia nos campos; a outra ativamente se ocupava nos ofícios mais indispensáveis. De tarde fechavam-se as portas e ninguém mais saía à noite. Cada aldeamento tinha uma banda de música para as festas religiosas, e o tempo passava-se bem empregado e em preces ao Criador. Vários castigos corporais e morais eram infligidos aos índios, conforme a gravidade do delito; entretanto nunca iam além de 8 a 12 pancadas dadas com uma corda enroscada. Não tenho idéia se havia também regra certa para recompensar as boas ações. Algumas aldeias da província de Chiquitos conservam ainda hoje o muro levantado pelos seus antigos donos e diretores.

Os índios de Guimarães vivem na miséria e quase nada possuem de seu. Alguns se empregam em procurar ouro numa mina, distante quatro léguas, muito pobre, mas cujo metal é superior ao de Cuiabá. Há nas proximidades da vila brancos que têm alguma escravatura; cultivam a cana, de que fazem açúcar e aguardente; colhem feijão e milho; criam muitos porcos e vão vender tudo isto no mercado da capital.

O sr. Taunay que se tinha demorado em Cuiabá a fim de acabar um retrato do Imperador, veio reunir-se conosco em Guimarães.

Despediu-se de nós o sr. Angelini, que volta para o Rio de Janeiro. Tendo, a pedido do sr. Langsdorff, tido a bondade de se encarregar de nossas coleções, leva boa porção de caixotes cheios de objetos de história natural, diversos relatórios e manuscritos, cartas nossas para o Rio e a Europa, e um maço de desenhos do sr. Taunay e meus, tudo endereçado ao sr. Kielchen, vice-cônsul da Rússia, que deve dar destino às cartas e fazer chegar o mais a São Petersburgo.

Não foi sem saudades que vimos partir para tão longa viagem aquêle digno companheiro.

Durante a estada em Guimarães, sentimos algumas vêzes frio bastante intenso, o qual aperta quando o vento vem do sul e o tempo se torna encoberto. O nevoeiro é tão espêsso então, que a 15 passos não se enxerga coisa alguma. Tudo fica úmido: o ar, os móveis e a roupa dentro das canastras.

Crer-se-á fàcilmente que o frio na chapada é tão forte que tem acontecido matar gente como na Rússia?

Um homem que conduzia seis ou sete escravos recém-chegados da Africa, meio nus e coberto ainda da sarna que êsses desgraçados apanham na viagem marítima, foi surpreendido por um dêsses nevoeiros no seguir estrada que êle não conhecia bem. Perdeu-se e

achou-se no meio dos campos, sem ver nada diante de si e sem saber onde estava. Os negros passaram a noite tolhidos de frio e no dia seguinte estavam tão inanimados e tesos, que o negociante, supondo-os mortos e não podendo mais consigo, montou a cavalo e começou a vagar ao acaso. Andou todo o dia, indo e voltando sôbre seus passos. À tarde o tempo clareou e foi o que o salvou, porque viu um *sítio* e lá chegou mais morto do que vivo e já sem fala. Desceram-no do cavalo, aqueceram-lhe os membros gelados, deram-lhe um caldo de galinha, e pouco a pouco foi voltando a si. Havia dia e meio que nada comera. Foram à procura dos negros e os encontraram sem vida no lugar onde o negociante os deixara.

Nas matas das vizinhanças de Guimarães foi que vi pela primeira vez a palmeira chamada *pindoba,* cujas fôlhas se abrem num só plano como um leque. É um belo tipo da opulenta e magnífica família das palmeiras.

Desconhecendo ainda a forma achatada dessa espécie, fiquei, ao enxergar os primeiros indivíduos que se me apresentaram de perfil, surprêso e confuso, sem poder dizer se eram ou não palmeiras, tanto mais quanto, se são elegantíssimos vistos de frente, de perfil tornam-se informes. É então uma flecha comprida, bem a prumo e que tem no tope um leque de fôlhas caídas, como aquelas caudas de cavalo que os turcos levam à guerra, à guisa de estandartes. Não foi senão depois de rodear o tronco, que pude verificar o achatamento num dos sentidos.

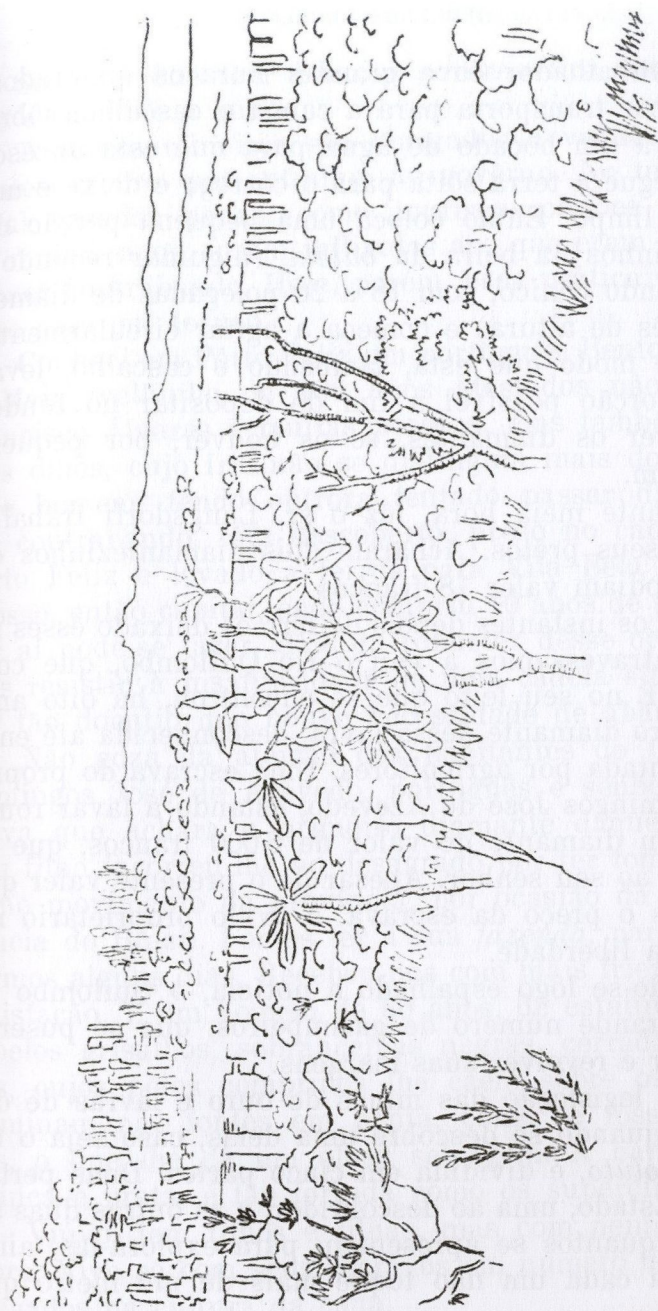
Depois de nos demorarmos mês e meio em Guimarães, continuamos nossa digressão até ao Quilombo, rica lavra de diamantes, sita a 12 léguas N. E. daí. Em caminho há uma paisagem notável. O terreno é uma planície lisa como a superfície do mar tranqüilo e coberta de *cerrados*, nos quais abundam as *canelas de ema.* À nossa esquerda começa no chão um rasgão, cujo ângulo

de abertura é tão agudo que não lhe vimos o ápice. Vai-se alargando até 400 passos de bôca e 40 de profundidade. As beiras são de pedra e cortadas em ângulo reto. A do lado oposto é uma linha rigorosamente horizontal, ao nível do solo, e estende-se um quarto de légua para a direita até à base da serra, que fazendo aí uma reentrância, fica a pouca distância de nós. O fundo dêsse rasgão ou desbarrancado, cheio de árvores cujo cimo só podíamos ver, é em declive e vai prender-se à serra, tomando altura de 60 a 80 pés acima das beiradas até esconder-se por trás de uma quebrada do terreno em que estávamos.

Não longe da beirada oposta, um pouco à esquerda há um amontoamento de rochas empinadas, como colunas de basalto.

No dia seguinte chegamos ao Quilombo. A vegetação se opulenta com o magnífico *uauaçu*, palmeira de estípite muito alto que ergue aos céus o altivo pendão, sem curvar as fôlhas para a terra. Vimos grupos, cujas arcadas em ogiva, formadas pelas palmas a se cruzarem, davam-lhe semelhança com construções de arquitetura gótica. Essa bela monocotiledônea, cujo nome indígena significa — palmeira grande — ensombrando o solo diamantino que pisávamos, aumenta pela nobre presença o maravilhoso desta região.

O terreno está cheio de seixos grandes e miúdos: é a matriz ordinária ou ganga em que se encontram os diamantes.

Estivemos uma hora parados perto de mineiros ocupados em catar a preciosa gema. Vêem-se muitas *canoas* ao longo de um filête d'água. Dá-se o nome de *canoa* a um paralelogramo de cinco pés de comprido sôbre três de largo, de terra batida, e junto a um córrego, riacho ou lagoa: tem a superfície em declive e os lados, com exceção do que é formado pela água, fechados por toros de pau deitados, que servem de encaixe.

Vista tirada no caminho de Guimarães ao Quilombo

O trabalhador cava grandes buracos quadrados e aos poucos transporta para a canoa o cascalho, sôbre o qual atira um bocado de água para que esta ao escorrer carregue a terra sôlta para o córrego e deixe o monte mais limpo. Então coloca uma pequena porção dêsses seixinhos na beira da *bateia*, (alguidar redondo de pau e fundo cônico, com 18 a 20 polegadas de diâmetro sôbre três de altura) e começa a agitar circularmente a água, de modo que esta, lambendo o cascalho, leva a menor porção possível a fim de depositar no fundo e deixar ver os diamantes, se os houver, por pequenos que sejam.

Durante meia hora, fêz o sr. Langsdorff trabalhar dois de seus prêtos. Acharam dois diamantezinhos que juntos podiam valer 18 francos.

Poucos instantes depois de têrmos deixado êsses mineiros, atravessamos a vau o rio Quilombo, que corre para E. É no seu leito que se encontrou, há oito anos, o primeiro diamante dessa lavra, desconhecida até então e só habitada por agricultores. Uma escrava do proprietário Domingos José de Azevedo, estando a lavar roupa, achou um diamante do valor de 6 000 francos, que ela foi levar ao seu senhor. Apesar de o presente valer quatro vêzes o preço da escrava, o ávido proprietário não lhe deu a liberdade.

Tendo-se logo espalhado a notícia, o Quilombo viu chegar grande número de garimpeiros, que se puseram a escavar e revolver suas margens.

Pela legislação das minas de ouro e lavras de diamantes, quando se descobre uma delas, caso seja o terreno *devoluto,* é dividida em cinco partes. Duas pertencem ao Estado, uma ao descobridor, e as outras duas são dadas a quantos se apresentem para explorá-las, ainda quando a cada um não toque mais de um metro quadrado.

Se o terreno tem dono, o govêrno fica com a metade e cede-lhe a outra.

Todos os mineiros são obrigados a vender os diamantes e ouro que extraiam ao govêrno. No tempo colonial pesadas penas, como confisco, prisões e ferros por muitos anos, foram infligidas aos que eram pilhados a fazer contrabando. Hoje, porém, essa prática da legislação caiu em desuso.

Conheci em Pôrto Feliz um português, Bento da Costa Maia, velhinho de 106 anos atestados não só por Francisco Álvares e muitas pessoas, mas também pelos seus olhos, cujo íris não se distinguia mais do branco. Êsse homem, tendo outrora tentado passar diamantes por contrabando, fôra descoberto, prêso no caminho de Pôrto Feliz e levado a ferros para Vila Bela de Mato Grosso, então capital, onde cumpriu 10 anos de sentença. Por aí pode-se fazer idéia da robustez dêsse organismo, pois resistiu à insalubridade de uma cadeia sita em lugar tão doentio que houve necessidade de abandoná-lo.

Não goza da afeição dos habitantes do Quilombo Domingos José de Azevedo, português e senhor da escrava que achara o primeiro diamante daquela lavra. Seu filho incorreu-lhe no desagrado por ter tomado parte no movimento da província, por ocasião da independência do Brasil. Fomos ter à sua *fazenda*, para aí passarmos alguns dias. Recebeu-nos com mais frieza do que satisfação. É um homem de 60 anos, de estatura média, cabelos grisalhos, sobrancelhas negras, cerradas e unidas, cujos pêlos compridos lhe caem sôbre os olhos e terminam nas fontes em ponta, como se fôssem bigodes, o que lhe dá um olhar selvagem. A barba, entre branca e preta, é tão fornida como os supercílios.

Viúvo, tem filhos e filhas, mas com nenhum dêles mora. Vive só com seus escravos em número de 30, empregados na cultura da cana.

Durante a ceia tornou-se mais comunicativo; contou-nos as canseiras que tivera para fundar o sítio e ganhar algum dinheiro; queixou-se do filho e explicou-nos o modo por que governava sua casa.

Depois da comida fomos assistir à ladainha que se reza no alpendre ou sala de entrada, onde para isso reúnem-se todos os escravos. A primeira oração é cantada e começa por estas palavras: «*Triste coisa é nascer*». Julgo que essa maneira singular de louvar a Deus é composição de nosso anfitrião.

Acabada a reza, mandou pôr camas sob êsse alpendre e deu-nos boas-noites.

No dia seguinte, disse-nos ao almôço que costumava contar os grãos de café para não ser roubado pelos escravos.

Falou-nos na mulher, e ao nos levantarmos da mesa, levou-nos para os seus aposentos, que eram dois quartinhos. No fundo suspendeu do soalho um alçapão e mostrou-nos uma salinha colocada no primeiro pavimento, escura, úmida e com uma única janela de grades que dava para o engenho de cana. «Aqui em baixo, disse-nos êle, é que eu guardava a mulher, quando tinha de sair de casa. Ela descia por uma escadinha que eu recolhia e recebia alimentos pela janela do engenho».

Tal homem dispensa, nem merece qualquer reflexão.

Supúnhamos que, como acontecia em tôdas as fazendas, pudéssemos ir ao engenho, mas vendo que êle se mostrava cioso de suas mulatas, conservamo-nos no alpendre e no terreiro que ficava diante da casa.

Tornamos a passar o rio para examinarmos as lavras que se exploram na outra margem. Um garimpeiro acolheu-nos no seu rancho de sapé com melhores agrados do que Domingos José de Azevedo. Essa gente não levanta casas, porque sua profissão é esburacar o terreno.

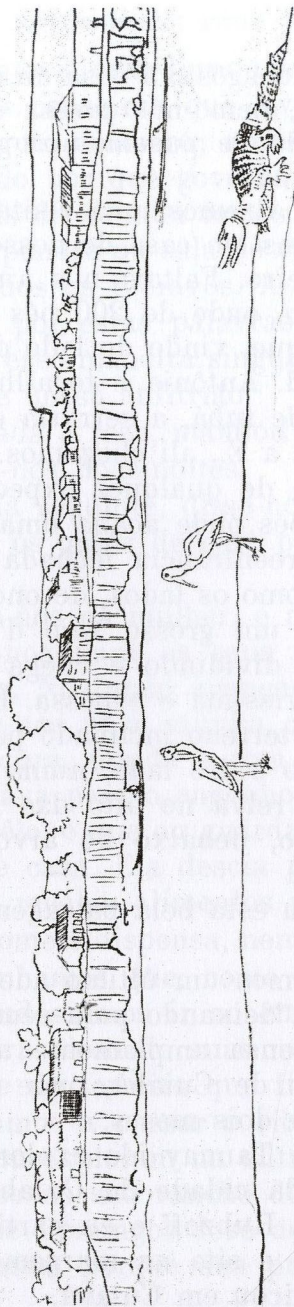
À tarde voltamos com desgôsto à casa de nosso hospedeiro e no dia seguinte, demo-nos pressa em deixar aquêle desprezível originalão e pusemo-nos a caminho de Guimarães.

Na volta para Cuiabá, fizemos uma visita a d. Antônia e seu irmão e paramos em casa de nosso bom comandante Domingos Monteiro. Faltava-nos ainda ver a famosa *Bocaina do Inferno,* onde de 200 pés de altura cai o ribeirão do Inferno, que, vindo do lado de Guimarães, passa pelo sítio de d. Antônia e toca-lhe o engenho de açúcar, o moinho de fubá, a serraria e os monjolos. Depois de uma légua a E., ali chegamos. A beleza da cascata foi muito além de qualquer expectação.

É um rasgão de 200 pés onde acaba uma garganta de serra: como que uma reentrância fechada por uma muralha talhada a pique como os lados, de onde se despenha perpendicularmente um grosso veio d'água que no meio da queda se vai dividindo e chega embaixo, transformado em chuva alvíssima e espêssa. Ficamos à esquerda da bocaina, num terreno inclinado para o precipício e todo gramado. Do outro lado, numa distância de 50 braças, há também relva no alto das rochas. O ribeirão perde-se no fundo, debaixo de arvoredo que víamos a vôo de pássaro.

O sr. Taunay desenhou esta bela paisagem e voltamos à chapada.

No dia seguinte, dissemos um último adeus ao comandante e sua senhora e, deixando para sempre êsses lugares, cuja beleza compensa amplamente as fadigas da viagem, tomamos rumo de Cuiabá, onde chegamos depois de uma ausência de dois meses.

Tendo os srs. Riedel e Taunay ido explorar o Diamantino, a 30 léguas N. da cidade de Cuiabá, no dia 26 de agôsto de 1827 o sr. Rubzoff e eu partimos para *Vila Maria* a 40 léguas O. e sita na margem do Paraguai. O sr. de Langsdorff ficou em Cuiabá.

Vila Maria

Não sem canseira transpusemos o rio Cuiabá, pois é preciso passar arreios e cargas em canoas, e fazer nadar os animais para o outro lado, no qual se achavam alguns casebres quase abandonados.

Por terreno chato e cheio de *cerrados* pouco vigorosos fizemos três léguas, vencendo, porém, depois duas e meia por outros dos mais luxuriantes em verdura, dos mais floridos que jamais víramos. Por todos os lados mostravam-se árvores cobertas de tal quantidade de flores que nenhuma fôlha aparecia; assim umas eram totalmente amarelas, outras roxas, outras azuis, côr-de-rosa, carmíneas, o que produzia combinações gratas à vista.

O terreno tapizado de veludo verde era, ainda mais, esmaltado das mais lindas flores com o colorido vivo e ardente próprio da zona tórrida. Fôlhas, flores, gramado e plantas, tudo acabava de renascer com essa celeridade do clima que faz a gente crer que os vê crescerem e se expandirem. Ao calor do dia substituíra o frescor da tarde. Respiravam-se os mais sutis aromas; as mais esplêndidas côres brilhavam num fundo de céu ou de relva. O firmamento azulava e maciços de vaporosas nuvens transparentes e com cerúleos reflexos, sombras quase apagadas em roxas tintas, erguiam-se como Andes suspensos, cujos diversos planos davam perspectiva aos ares e ao olhar do espectador abriam as profundezas do espaço.

Um pintor que não tenha contemplado painéis feitos pela mão dos mestres poderia, parece-me, na composição de seus quadros, aprender com a natureza. A paisagem que ante nós se desdobrava não mostrava muitas vêzes senão um horizonte acanhado, entretanto aí afigura-se-nos que da sua parte houvera desejos de não desviar a atenção de algum de seus graciosos caprichos, formados também pelo acaso para terem mais originalidade. De pronto não nos era fácil adivinhar a razão por

que todos os troncos e ramos das tortuosas árvores dêsses cerrados negrejavam como azeviche e o capim resplendia de verde tão uniforme. É que o fogo por ali passara e que tudo ressurgia simultâneamente; devendo êsse hábito do *caipira*, que sem trabalho quer todos os anos renovar as pastagens para seu gado, produzir a esterilidade dessas belas regiões, caso não repare cultura mais inteligente tantos e tão seguidos estragos.

No meio dessas verdejantes campinas, onde tudo tomava ares festivos, travamos conhecimento com o *carandá*, palmeira de elevado caule cheio de espinhos e cujos pecíolos lisos e espinhosos sustentam um leque de folíolos a modo do *buriti*. Também o encanto da novidade exaltou ainda mais o bem-estar, que em nós infundia uma natureza inimiga da monotonia e pródiga, sobretudo para o viajante, de novas perspectivas.

Chegamos a Cocais. Há uma casa, uma capela e palmeiras *guaguaçus*. Disseram-me que Cocais fôra outrora uma freguesia, mas em razão de sua decadência rebaixaram-na dessa categoria para a transferirem à povoação do Santíssimo Sacramento, duas léguas além, de modo que a igrejinha de Cocais, antigamente paroquial, estava então deserta e quase tapera.

É o destino dos países onde os homens só se ocupam na exploração das minas: nada se funda durável. O solo pedregoso dêsse lugar dá ainda ouro de qualidade superior, mas essa gente, não sabendo senão esgaravatar a terra, só conseguia pequenas quantidades do metal.

28 de agôsto. — Marcha de duas e meia léguas até um sítio, cuja casa além de bastante suja achava-se em muito mau estado. Os habitantes eram dados à pescaria e dos mais ignorantes, mas nos forneceram boa e frugal refeição. Vencemos ainda duas e meia léguas até à fazenda de São Benedito, sita no meio de vasta pla-

nície, outrora bastante florescente, então porém bem decaída. O dono não possuía senão quatro escravos e só plantava para viver.

Montanhas a O. durante a viagem do meio-dia para a tarde.

29 de agôsto. — Desenhei uma *embaúba,* notável pelo tamanho, espêssa folhagem verde desmaiada, e ramos tortuosos embora horizontais.

Atravessamos como nos dias anteriores vários cerrados, mas êstes mudaram diversas vêzes de viso. Aqui eram grandes árvores de folhagem escassa e côres várias, deixando ver um entrelaçamento de ramos retorcidos como o coral, de casca rugosa e enegrecidos pelo fogo; ali outras, cujas fôlhas haviam sido devoradas pelas chamas, ficando só a negra rama. Adiante tudo desabrochava em flores amarelas e roxas; mais longe não se via senão ramalhada sêca, cujo matiz ia do pardo ao ruivo. Enfim nos terrenos úmidos reapareciam as flores amarelas, azuis, carmíneas e roxas.

À tarde variou o panorama. Não era mais uma paisagem avivada alegremente por maciços floridos, mas um quadro grandioso. Cortamos florestas de *guacuris,* coqueiros de grosso caule, fôlhas compridas, espêssas e curvas em arco de círculo. Os folíolos inferiores de umas, encontrando-se com os das outras, formavam abóbadas, cujas colunas eram os troncos das palmeiras.

Dificilmente acha-se água por êsse tempo em tal caminho, não que falte, mas a dos córregos é salitrosa e a estagnada de má qualidade. É levada, pois, em odres, sendo também o viajante obrigado a fazer buracos na lama para tirar alguma e essa pouco límpida.

O país continua chato; para a tarde, porém, passamos entre as montanhas que ontem avistáramos.

Grande número de *carandás* dos dois lados borda a estrada. Esta palmeira dá menos sombra que o guacuri: é mais alta e menos folhuda.

Pousamos em Cacundá, sítio que pertencia a um alferes de ordenanças, comandante do distrito e naquela época ausente.

Agôsto 30 de 1827. — Não fizemos mais que quatro léguas e fomos dormir no sítio do padre Manuel Alves.

A fazendola era florescente: além dos escravos, viam-se muitos agregados. O padre tinha filhas já em idade de casar, mas não vimos sua família. Passava por ser um dos homens mais instruídos da província, da qual fôra presidente, eleito pelo Govêrno Provisório, por ocasião da Independência. Fôra porém um dos que caíram no êrro de mandar ocupar por 50 soldados brasileiros a província de Chiquitos, a qual queria colocar-se sob a proteção do Brasil, repelindo o govêrno de Bolívar.

31. — Depois do meio-dia partimos e, após três léguas de marcha, chegamos à outra fazenda do padre. O feitor e a família eram muito miseráveis e a casa tão porca que preferimos pernoitar fora. Nada achamos que comer, não tendo remédio senão nos contentarmos com uma *jacuba* (mistura de farinha de milho, água fria e açúcar).

Havia ali asnos, os primeiros que vi no Brasil.

Achamo-nos ao pé de altas montanhas cobertas de florestas, e só habitadas por onças e outras bêstas-feras.

1 de setembro. — Tendo partido às 3 horas da madrugada, vencemos três léguas antes de surgir o sol, modo de viajar que, livrando-nos do grande calor do dia, não enfraquecia tanto as cavalgaduras. A manhã estêve linda e a paisagem era uma bela campina de seis léguas. À direita erguiam-se as montanhas que víramos de véspera. Deixâmo-las por detrás de nós. Cortando algumas vêzes florestas de *guacuris* e *carandás*, víamos por entre os estípites vigorosamente sombreados das palmeiras, a côr vaporosa e roxeada das montanhas ao longe.

Passamos o ribeirão das Flechas, cujas águas são límpidas mas muito salobras, e chegamos à fazenda do tenente-coronel de milícias João Pereira Leite, proprietário da fazenda da Jacobina, distante umas seis léguas além e lugar de sua residência.

Do ribeirão das Flechas a Jacobina tôdas as águas são salobras, o que provém da qualidade salitrosa dos terrenos donde decorrem e que contêm cobre e outros metais.

Mesma miséria de víveres ali como na véspera: não faltavam galinhas, mas o guarda dessa fazenda tinha ordem de não vender uma única.

2 de setembro. Novo aspecto do país: é uma planície cortada de montanhas alongadas e paralelas umas às outras. Se ela fôra inundada, as cumeadas formariam um arquipélago Ilírico.

Depois de andarmos três léguas no meio dessas montanhas por estrada plana como um caminho de ferro e sempre no sentido de seu comprimento, chegamos à base de uma delas, chamada *Criminosa* por ser de difícil acesso, e com caminho tão mau que, ainda a pé, há risco de quebrar as pernas entre grandes penhascos cortantes.

Antes de empreendermos a subida, paramos junto a um córrego chamado *Guacurizal*, porque passa por uma floresta dessas palmeiras. Matamos um jacaré. Eu não esperava encontrar êsse anfíbio perto de um córrego que não tinha quase água. O pouco que corre é salobro, mas muito perto há outro de águas doces.

Depois de subirmos ao alto da *Criminosa,* fizemos ainda légua e meia por declive suave e chegamos à *Jacobina,* alvo de nossos maiores desejos, não só por causa das comodidades que esperávamos encontrar e que se prodigalizavam segundo diziam a tôdas as classes de viajantes, como também pela sua importância, cada vez

mais exaltada neste caminho, à medida que as distâncias se iam encurtando.

O aspecto da fazenda desmentiria essas informações, quanto à segunda parte, comparada com estabelecimentos dêsse gênero em outras províncias do Brasil, mas a *Jacobina* era a mais rica fazenda da província e por conseqüência não tínhamos razão de achar que nada fôsse exagerado.

Atravessando um grande pátio, fomos parar diante de uma casa de sobrado, à espera, conforme a regra brasileira, que nos viessem convidar para pormos pé em terra. Apressaram-se em nos dirigir êsse convite e nos fazer subir ao alpendre do sobrado, onde o tenente-coronel nos recebeu como hóspedes, título bastante de recomendação. Depois de trocarmos algumas palavras de polidez, tomamos assento entre outros comensais, alguns dos quais eram nossos conhecidos de Cuiabá.

O alpendre é uma grande e comprida varanda ao longo da fachada da casa. O lado que deita para o pátio é aberto e simplesmente guarnecido de parapeito. Dois esteios de madeira sustentam nesta parte o telhado.

Uma mesa de 20 pés de comprido, cercada de bancos pesados e maciços, achava-se no meio do alpendre; ficava, porém, muito espaço ao redor dela.

Aí se pôs o jantar, ao qual não assistiu a família do tenente-coronel.

Gozávamos ao mesmo tempo da vista do céu e do campo. Depois da refeição, retirou-se o tenente-coronel, e o vigário, tio da mulher dêle, levou-nos para o primeiro pavimento, onde entramos num grande edifício, cujas portas abriam para o terreiro (pátio da frente). Mais de cem pessoas entre escravos e gente fôrra, na maior parte do sexo feminino, aí se achavam em movimento, e cada qual ocupado com sua tarefa. O vigário apresentou-nos ao chefe dessa grande oficina, que dirigia tudo, tudo vigiava, obras, engenhos, plantações,

gado, escravos, agregados, enfim a fazenda inteira, sem esquecer o tenente-coronel e sua família. Êsse chefe, atlético no corpo e no espírito, era a sogra do tenente-coronel e irmã do nosso vigário, matrona de cinco pés e oito polegadas e de corpo proporcionado à altura. Sua cara de queixo tríplice parecia confundir-se com o largo pescoço, cercado de muitas voltas de colares de contas grossas de ouro. Sua voz de estentor dominava quase incessantemente todos os ruídos, não direi o vozear dos que trabalhavam, pois todos estavam em silêncio ou falavam baixinho, mas o estrondo das máquinas, da água que as movia, das grandes caldeiras onde fervia a *garapa*, etc. O que havia, porém, de notável era que essa mulher, tão corpulenta e que mostrava ter cinqüenta anos, andava e mexia-se com a agilidade de uma garrida mocetona. Sua fisionomia, seu olhar e bôca exprimiam simultâneamente a energia, a franqueza e a bondade. Todos os escravos e agregados a estimavam tanto quanto a temiam, sendo com efeito a mãe de tôda a redondeza, principalmente pelos cuidados com que tratava os enfermos e pelos socorros que com pródiga mão distribuía aos necessitados.

«Não quero que meu genro se ocupe de lavoura, disse-nos d. Ana; isto é bom para mim que nasci no meio dos trabalhos do campo.» E com efeito João Pereira Leite, cujo porte baixo e ar fanadinho, apesar de ser assaz robusto, contrastavam com os de sua sogra tão devotada à sua felicidade, não pensava senão em fazer figura e viver à fidalga de suas rendas.

E saudoso tempo, êsse bom tempo colonial (saudoso para alguns retrógrados, felizmente já raros e que desaparecerão em breve), em que os portuguêses da Europa achavam ricas herdeiras com quem casarem só pelo fato de serem brancos. O tal nosso tenente-coronel não tinha só esta qualidade: quando chegara à provín-

cia, vindo pelo Amazonas, Tapajós, etc., era tenente de 1.ª linha e, como se sabe, na antiga monarquia, êsse pôsto não se dava a todos.

A Jacobina era a mais rica fazenda da província, com território de quatro léguas em quadra, das quais dois quartos, quando muito, cultivados: o resto de florestas virgens, lezírias e pastarias. A parte oriental é montanhosa: um ribeirão precioso a corta de E. para O. e vai lançar-se no Paraguai, que dista umas quatro léguas. A fazenda é ainda abastecida de águas por diversos córregos que vão ter ao ribeirão ou ao Paraguai.

Duzentos escravos de trabalho dos dois sexos e sessenta crianças formavam tôda a escravatura dêsse estabelecimento; mas havia quase igual número de gente fôrra entre agregados, crioulos, mulatos e índios, que trabalhavam mais ou menos para si, ou pagos pelo proprietário.

Além da Jacobina, possuía João Pereira Leite ainda dezoito sesmarias, das quais a menor de três léguas em quadra, mas incultas e só em seis ou sete delas, chamadas fazendas, havia um rancho miserável, um feitor com sua família, alguns camaradas e gado.

A posse de tantas sesmarias fazia com que o tenente-coronel dissesse que tinha tantas terras quantas o rei de Portugal. Vê-se que êle pouco sabia de geografia.

Gado imenso cobria as ricas pastagens da Jacobina e outras fazendas. O dono avaliava seu número em 60 000 reses; a maior parte, porém, tornara-se selvática.

Eram todos da terra os cavalos e uns duzentos a trezentos mais ou menos. Vi cinco jumentinhos de raça miúda, que as fazendas possuem para a produção das bêstas, muitos cabritos, e alguns carneiros importados de pouco e que não serviam senão para darem um bocado de lã e para regalo do tenente-coronel sòzinho, pois sua família e mais gente, como aliás todos os ha-

bitantes de Cuiabá e há pouco o geral dos brasileiros, tinham horror ao leite e carne de carneiro.

Uma tropa de um cento de burros de carga era quanto bastava para transportar os produtos da fazenda, ou para Cuiabá, Poconé, Diamantino ou Vila Bela de Mato Grosso. Grande parte era exportada pelas tropas que vinham de fora buscá-los na fazenda.

A província possui o mais belo caminho do mundo, o Paraguai: poderia ter excelentes estradas de rodagem, mas ali estão ainda no século da barbaria.

O principal gênero de cultura era o da cana-de-açúcar, da qual se extrai também aguardente. Seguiam depois a mandioca, feijão, milho, etc., e o café para o consumo sòmente local. O cacau dá maravilhosamente, mas só se viam raros pés, sendo o pouco que se consumia na província proveniente do Pará e Rio de Janeiro.

Eram os meios de transporte tão pouco proporcionados à produção da Jacobina, que no ano anterior d. Ana mandara seis grandes canoas cheias de víveres à Nova Coimbra no Paraguai para sustento gratuito da guarnição. «Não sabia que destino dar aos mantimentos, disse-nos ela, e preferi a perdê-los presentear o govêrno». E entretanto a Jacobina demora duas léguas do Paraguai, o rio mais navegável do mundo! Ainda hoje, em 1855, fazem-se os transportes às costas de burros desde Cuiabá, Rio, Bahia e São Paulo, em distância de 300 léguas, ao passo que o Paraguai corre solitário para o mar, passando por Assunção, Santa Fé, Buenos Aires e Montevidéu! Fôrça é confessar que os filhos da raça ibérica não correm parelhas com os descendentes dos anglo-saxões.

Magníficos pés de café e de cacau vi em Jacobina; mas aí não estavam senão para provar que, a não ser a política chinesa dos governos desta parte da América Meridional, a bela província de Mato Grosso tomaria incremento extraordinário.

Disse-nos o vigário que na *Criminosa* havia uma abundante mina de cobre, e mostrou-nos uma barra muito pura dêsse metal tirada no lugar.

Estão os campos cheios de salitre.

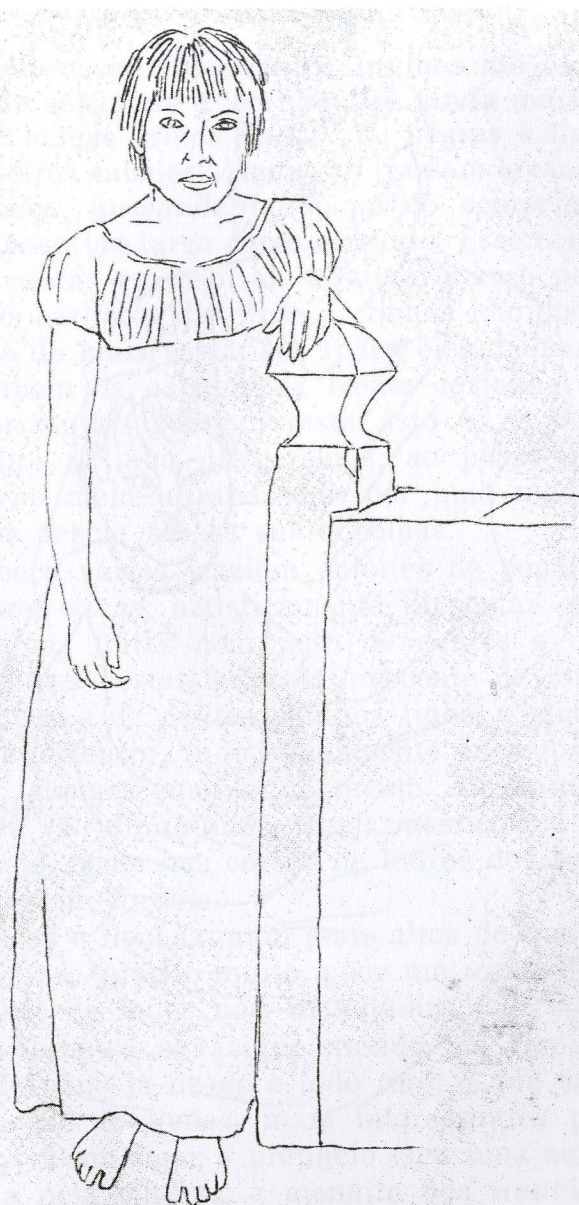
A habitação ficava agradàvelmente colocada. Além da morada de João Pereira Leite e das oficinas adjacentes, à direita, trinta ou quarenta casas cobertas de telhas cercavam um vasto pátio retangular, mais para o comprido. No meio erguia-se uma igrejinha com o seu campanário. Grandes armazéns, quatro engenhos de açúcar, dois tocados a água e dois por bois, uma olaria, uma máquina de socar milho, ranchos, tudo isso dava ao estabelecimento às aparências de uma aldeia.

Pelo meio da habitação passa um córrego piscoso; jardins e pomares a embelecem; vasto açude perto, belas matas e montanhas ao longe tornam a paisagem sobremaneira pitoresca.

1827 — 4 de setembro. — Quando estávamos acabando de almoçar, ouvimos um barulho de corneta e pela avenida da direita do grande pátio apareceu-nos um grupo de índios. Vermelhavam de urucu: adiantaram-se um a um, tocando o primeiro da frente um instrumento que parecia ser um chifre de boi, e cujo som é singular. Vinham 11 homens, 3 mulheres e 2 crianças, todos nus, com exceção de um único, trazendo alguns dêles à cabeça como ornamento penas de variegadas côres.

Era um cacique da tribo vizinha dos *Bororós* que acudia, com alguns dos seus, a um convite do tenente-coronel, o qual nos preparara, por sua amável simpatia, esta surprêsa.

Quando chegaram ao meio do pátio, fomos ter com êles. Eram todos altos, bem feitos e robustos. Suas fisionomias tinham uma fereza que ainda não víramos em outros índios, nem jamais tornaremos a ver. As com-

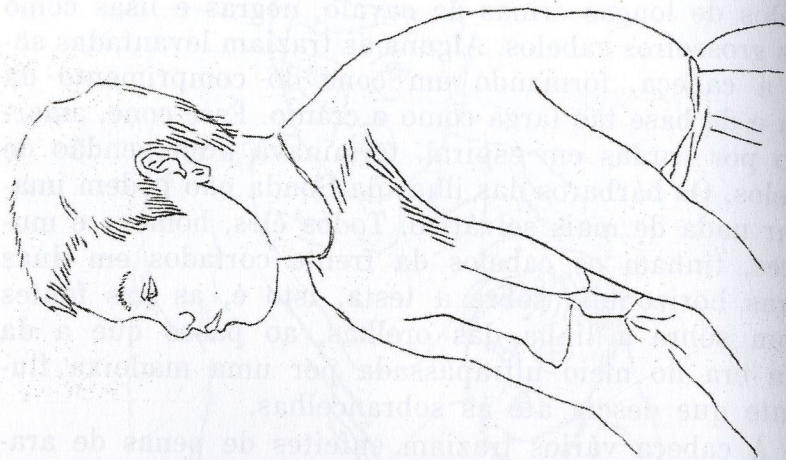
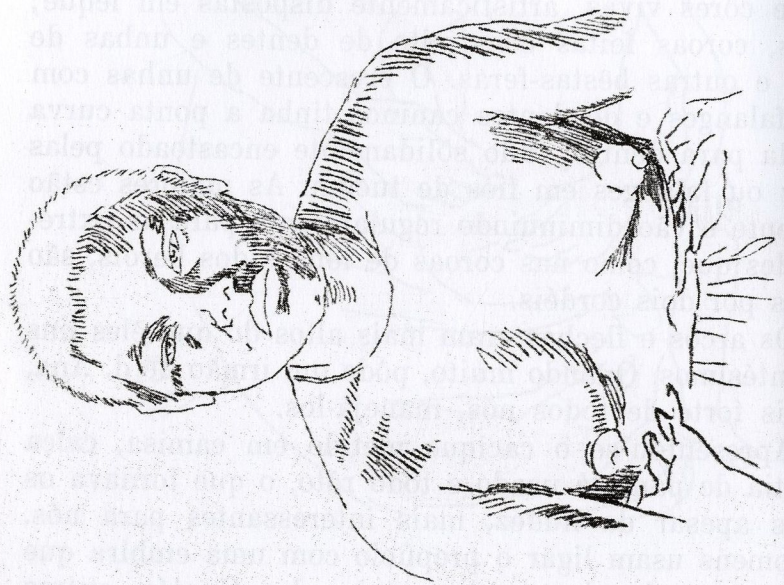
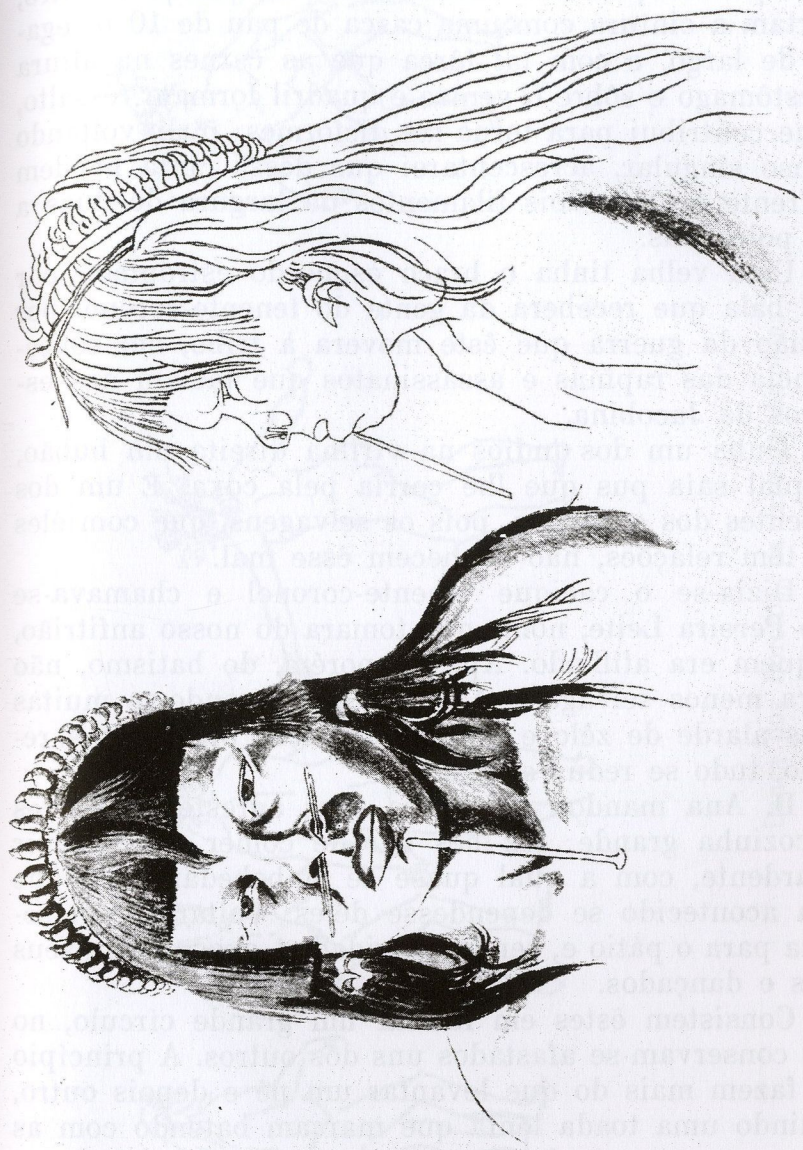
Índia Bororó, servente em Cuiabá

Índia Bororó, com filho

pridas e espêssas cabeleiras caíam-lhes até ao quadril, cobrindo as espáduas e avolumadas ainda mais por punhados de longas crinas de cavalo, negras e lisas como seus grosseiros cabelos. Alguns as traziam levantadas sôbre a cabeça, formando um cone do comprimento da cara e de base tão larga como o crânio. Êsse cone, amarrado por cordas em espiral, terminava num pendão de cabelos. Os bárbaros das ilhas da Sonda não podem imaginar nada de mais selvático. Todos êles, homens e mulheres, tinham os cabelos da frente cortados em duas fieiras horizontais sôbre a testa, isto é, as das fontes caíam sôbre a linha das orelhas, ao passo que a da testa era no meio ultrapassada por uma madeixa flutuante que descia até às sobrancelhas.

À cabeça vários traziam enfeites de penas de araras de côres vivas, artìsticamente dispostas em leque; outros, coroas feitas com jeito de dentes e unhas de onças e outras bêstas-feras. O crescente de unhas com suas falanges e de dentes caninos tinha a ponta curva voltada para dentro, tudo sòlidamente encastoado pelas raízes ou falanges em fios de tucum. As maiores estão na frente e vão diminuindo regularmente para as extremidades que, como nas coroas de louros dos heróis, são atadas por dois cordéis.

Os arcos e flechas eram mais altos do que êles uns 50 centésimos. Quando muito, pôde um irmão de d. Ana, o mais forte de todos nós, manejá-los.

Apresentou-se o cacique metido em camisa, calça e véstia de pano já usado e todo rôto, o que tornava os outros apesar da nudez, mais interessantes para nós. Os homens usam ligar o prepúcio com uma embira que lhes passa pela cintura, à maneira dos *Guatós;* outros o cobrem com um cartucho de fôlhas. As mulheres têm um hábito singular, não sei se para se cobrirem, no qual caso longe ficam da louvável intenção. Antes de tudo

Índia Bororó, de Jacobina

Bororó, de frente e de lado

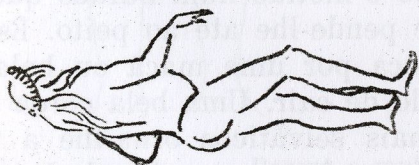
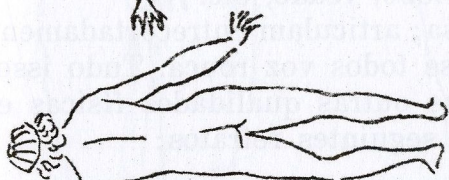
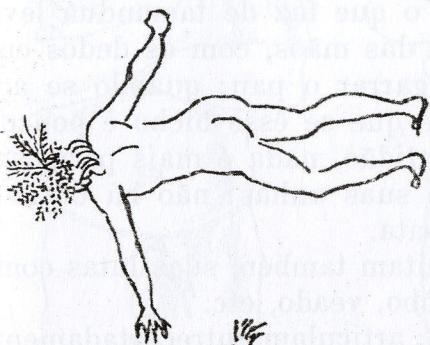
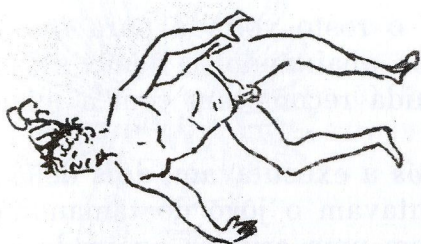
direi que ou por êsse motivo, ou por qualquer outro, apertam a cintura com uma casca de pau de 10 polegadas de largo, e com tal fôrça que as carnes na altura do estômago e sôbre o ventre e quadril formam ressalto, o que contribui para torná-las disformes; mas, voltando ao uso singular, acrescentarei que dessa cinta pendem na frente e atrás dois filamentos da largura de duas a três polegadas.

Uma velha tinha o braço esquerdo estropiado por uma bala que recebera da gente do tenente-coronel por ocasião da guerra que êste movera à tribo, em conseqüência das rapinas e assassinatos que faziam nos escravos da Jacobina.

Tinha um dos índios na virilha direita um bubão, do qual saía pus que lhe corria pela coxa. É um dos presentes dos europeus, pois os selvagens, que com êles não têm relações, não conhecem êsse mal.

Dizia-se o cacique tenente-coronel e chamava-se João Pereira Leite, nome que tomara do nosso anfitrião, de quem era afilhado. Apesar, porém, do batismo, não ficara menos selvagem. Assim é que fazendo-se muitas vêzes alarde de zêlo e grandes serviços prestados à religião, tudo se reduz a nada.

D. Ana mandou entrar os seus agrestes hóspedes na cozinha grande: fêz-lhes dar de comer e distribuir aguardente, com a qual quase se embebedaram, o que teria acontecido se dependesse dêles. Voltaram em seguida para o pátio e, sendo convidados, executaram seus jogos e dançados.

Consistem êstes em formar um grande círculo, no qual conservam-se afastados uns dos outros. A princípio não fazem mais do que levantar um pé e depois outro, seguindo uma toada lenta que marcam batendo com as mãos, e acompanhada de um canto rouquenho, baixo e demorado como o compasso. De repente param, dão um grande berro e saltam, uns fazendo contorções, outros

Dança dos Bororós, na fazenda Jacobina

abrindo os braços com o rosto voltado para o céu e o olhar desvairado, outros abaixando-se como se fôssem a acocorar-se. Em seguida recomeçam com a monótona dança.

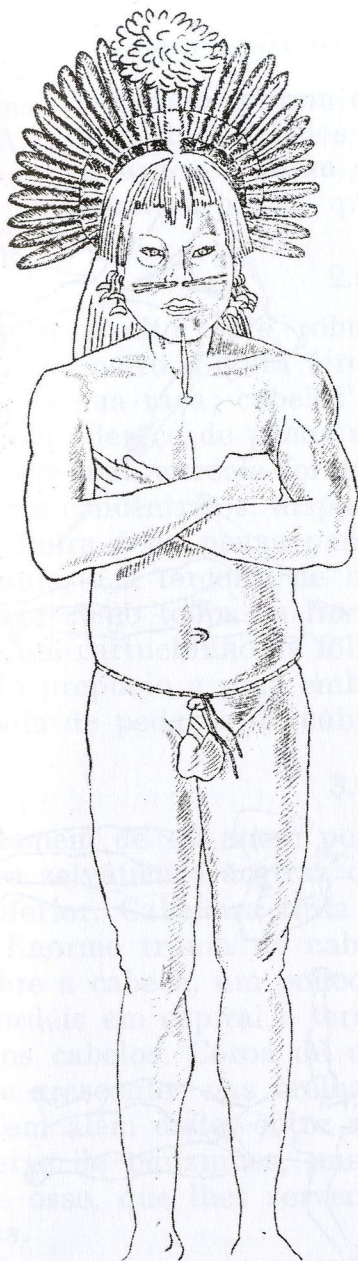
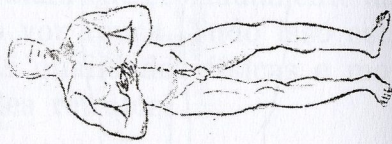
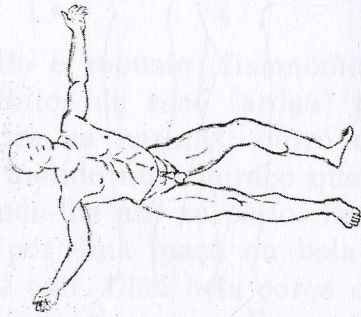
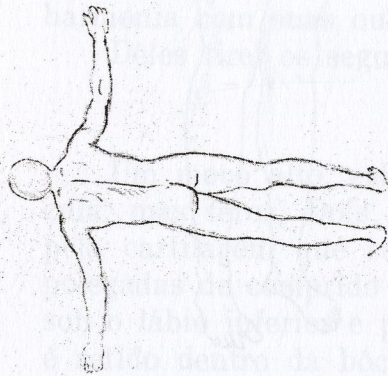
Enquanto os *Bororós* a executavam, dois dêles, dentro do círculo, representavam o jôgo do tamanduá. Um põe-se de quatro pés com uma criança agarrada às costas: é a fèmea do tamanduá-bandeira e seu filhote. Outro vem o incitar, pondo-lhe a ponta de um pau no nariz. Imitando com muita fidelidade os movimentos letárgicos do animal, o que faz de tamanduá levanta devagar a cara e uma das mãos, com os dedos curvos como que querendo agarrar o pau: quando se adianta, o outro recua. Sabe-se que se êsse bicho é pouco temível em razão de sua lentidão, nada é mais perigoso do que pôr-se a alcance de suas unhas: não há outro remédio senão cortar-lhe a pata.

Êsses índios imitam também suas lutas com a onça, a caçada da anta, lôbo, veado, etc.

Falam depressa; articulam entrecortadamente as palavras, e têm quase todos voz rouca. Tudo isso está de harmonia com suas outras qualidades físicas e morais.

Dêles tirei os seguintes retratos:

1.º

Um moço alto, esbelto e robusto; fisionomia máscula, mas feroz. Dois cúbitos de *socó* (árdea) passam pela cartilagem que separa as narinas: outro de oito polegadas de comprido é metido num buraco que existe sob o lábio inferior e pende-lhe até ao peito. Êsse osso é retido dentro da bôca por uma maçã ou bola que o termina para impedi-lo de cair. Uma bela coroa de dentes e unhas de animais selváticos orna-lhe a testa, e diversos crescentes nacarados servem-lhe de brincos. Os espessos e longos cabelos aumentados de um punhado

Bororó e mulher

Dança dos Bororós, na fazenda Jacobina

de crinas de cavalo cobrem os ombros e descem até aos rins. A cara, peito e cabelos estão pintados de vermelho por meio do urucu. Faltam sobrancelhas que êle arrancara; igualmente a barba: quanto a esta não sei se pelo mesmo motivo.

2.º

Moço de alto porte, robusto, mas não tão bem feito como o primeiro. Figura feroz, acompanhada dos traços comuns à sua raça; cabelos espessos. Traz em lugar de coroa um aderêço de penas amarelas e vermelhas, e por trás dêste uma auréola formada de três fieiras de penas em arcos concêntricos, dispostas a modo de raios. A primeira fieira é de penas pardacentas, a segunda de penas azuis, e a terceira de brancas.

Tem como todos os *Bororós* o membro oculto dentro de um cartuchinho de fôlha de palmeira e prêso pela pele do prepúcio a uma embira que passa pela cintura, e ornada de pedaços de cúbitos de pássaros.

3.º

Homem de 40 anos; porte elevado, figura risonha, embora selvática. Não traz o osso do nariz; só o do lábio inferior. Cabeleira tinta de urucu e um tanto anelada. Enorme trunfa de cabelos formando um cone de pé sôbre a cabeça, um pouco penso para trás, amarrado por cordéis em espiral e terminado de um punhado dos mesmos cabelos. Coroa de unhas em tôrno da base do cone e crescentes nas orelhas.

Tem além disto, entre a coroa e o cone, na frente, um feixe de pauzinhos, uns singelos, outros com pontas de osso, que lhes servem de facas para fazerem as flechas.

Traz suspensa ao peito uma cabacinha cheia de furos, donde saem penas amarelas e azuis, e na qual assobiava quando entrou na fazenda.

Bororó, sexdigitário, em Jacobina

É sexdigitário do pé esquerdo. O arco e flechas que empunha ultrapassam de um têrço sua altura.

4.o

Mulher carregando, além de uma criança a cavalo sôbre os ombros, um cêsto suspenso às costas por uma embira que passa pela testa. Êsses fardos a obrigam a curvar a cabeça e o corpo, e não lhe permitem levantar uma fronte altiva, como os injustos homens de sua horda. Os cabelos, embora cortados do mesmo modo que os dos homens, são mais curtos e em desordem. Não tem, como único ornamento, senão os crescentes nas orelhas.

O largo cinto de casca e os fios que caem sôbre as partes naturais são informes objetos que às mulheres *Bororós* parecem indispensáveis, pois tôdas os trazem. A criança tinha já os traços ferozes de sua gente. A todos mandou d. Ana dar feijão, farinha de milho e aguardente, com a qual, como já dissemos, estiveram a embebedar-se.

Não há 10 anos eram êsses *Bororós* ainda mais selvagens, pois não tinham relações algumas com brasileiros. Faziam muito dano ao tenente-coronel, matando-lhe escravos e devastando as plantações. Não podendo mais suportar tais hostilidades, e tendo já em várias épocas perdido 11 escravos mortos por êles, pediu João Pereira Leite a D. João VI permissão para repeli-los à fôrça. Ora, o govêrno português tinha para com os índios intenções muito filantrópicas, mas concedeu essa licença, e os brasileiros, que não eram menos inclinados à ferocidade do que os selvagens, aproveitaram-se dela para exercerem tôda a casta de barbaridades. O coronel fêz-lhes uma guerra que durou seis anos, durante a qual sua gente matou 450 *Bororós* e agarrou 50 prisioneiros que mais ou menos se sujeitaram aos trabalhos da fazenda, principalmente costeio dos gados.

Não foi senão depois de aprisionado o cacique, êsse mesmo que viera ver-nos, que êsses índios consentiram em se tornar amigos. O tenente-coronel concedeu-lhe a liberdade; presenteou-o; fê-lo batizar; serviu-lhe de padrinho e lhe deu seu nome, o que parecia lisonjeá-lo muito. Com efeito, perguntando-lhe eu como se chamava, respondeu-me enfàticamente: «Eu me chamo o tenente-coronel João Pereira Leite».

Quando êsse cacique caiu prisioneiro declarou que, se fizera mal à gente do tenente-coronel, fôra por ser ela de côr preta e que êle e os seus os tomavam por malfeitores e não por homens como êles, mas que por serem comandados por tão bom chefe queriam doravante ser amigos. À vista disso, o tenente-coronel mandou-o para a sua taba, sob promessa de voltar com os seus e ameaçando-o ir atacá-lo, caso faltasse à palavra dada. O cacique prometeu tornar a vir passadas duas luas, e com efeito voltou com muitos outros, mas sem mulheres nem crianças, por desconfianças que ainda tinha. Ficando, porém, satisfeito com o acolhimento que recebeu, tornou-se realmente às boas com o tenente-coronel, e desde então êsses índios de vez em quando apareciam com mulheres e crianças para receberem víveres e presentes, e sobretudo beberem aguardente, de que são muito ávidos, como é de crer.

Mais fàcilmente acostumam-se as mulheres nas fazendas, porque em sua tribo são escravas e infelizes. Têm fôrça de trabalho, gostam de se vestir decentemente e ufanam-se de ser cristãs, não querendo mais passar por caboclas.

Nem todos os *Bororós* haviam contudo sido pacificados pelo tenente-coronel. Dividem-se êles em *Bororós* dos campos, dos quais fazem parte os que vieram nos ver, e *Bororós* do Cabaçal, indomáveis ainda e que praticavam roubos e assassinatos, não na gente da Jacobina por temerem represálias, mas em viajantes e nou-

tras fazendas. Num dêsses dias, tinham morto o correio de Mato Grosso no caminho que devíamos então seguir.

5 de setembro de 1827. — Às 11 horas da noite partimos com efeito para Vila Maria. Cheios de obséquios da parte do tenente-coronel e de sua sogra, levamos uma lembrança repassada de gratidão. Para a viagem, mandou d. Ana carregar nossos animais de mantimentos de excelente qualidade.

Até uma hora da madrugada caminhamos, mas vencidos pelo sono armamos as nossas rèdes na floresta e dormimos três horas. Ao romper do dia, chegávamos a Vila Maria, assente à margem esquerda do Paraguai.

Do mesmo modo que os outros povoados de Mato Grosso, não merece êste a qualificação de vila. Um renque de casas em mau estado, de cada lado de uma grande praça, uma igrejinha sob a invocação de São Luís de França, muros de separação por trás das casas, eis tudo. Mas o grande rio aí está, cercando a O. a praça e a povoação, e ao qual se desce por uma barranca em curva reentrante. Do outro lado estende-se uma praia de areia fina, orlada de lindo e verdejante matagal, cortado pelo caminho que vai ter a Mato Grosso.

Além disto quanto prazer em ver o Paraguai, êsse rio sempre calmo e majestoso até escoar-se no mar! Também, depois de tomado algum descanso na casa chamada do govêrno e que nos deram por ser a melhor da localidade, entrei numa piroga quando a hora começava a refrescar, e voguei águas acima, atraído não só pela sombra que já se estendia por sôbre o rio, como pelos encantos da corrente que sai silenciosa de entre margens cheias de belas e altanadas árvores. Em breve vi à minha direita furos que levavam a enseadas, que banham a povoação pelo lado setentrional. Penetrei nêles e vaguei num labirinto de canais, ínsuas e árvores, a surgirem de dentro d'água. É uma floresta inundada,

onde reinam o frescor e a escuridão, e as águas são fundas e piscosas. Num passeio dêsses respira o peito com expansão, pois a alma sente-se calma como a paisagem que a cerca e infunde-lhe benéficas impressões.

A custo obrigou-me a noite a deixar êsses lugares, onde o ar, a água e a floresta concorriam para a serenidade e paz de espírito. Minha piroga, que nenhuma corrente impelia, cedia ao movimento da pá que com mão lerda eu manejava em direção ao povoado. Nas trevas da noite, as árvores inundadas semelhavam grandes navios ancorados. O céu enchia-se de estrêlas, e um ou outro planêta brilhava já com vivacidade entre as franças da floresta, deitando bruxuleante esteira sôbre as águas. Cortei a larga baía e, entrado no rio, entreguei-me à correnteza que me levou à barranca donde, em dois pulos, alcancei a casa.

De manhã, ao raiar do dia, o tambor da praça, que aliás não tem guarnição, tocou, metido em umas calças, à nossa porta a alvorada. O que me causou admiração, foi que, tendo ouvido tambores de tropa francesa e sarda, no mar e em terra, não me recordo ter apreciado execução melhor nem mais variada.

Seis ou sete homens brancos, trezentos *Caburés* descendentes de índios aldeados no tempo de d. Maria I, mulatos e negros, eis tôda a população da vila. Muitos homens e mulheres andam nus da cintura para cima.

Vila Maria, sita à margem do Paraguai e no caminho de Cuiabá a Vila Bela, está destinada a tornar-se um ponto importante para o comércio, logo que cessem os óbices da tacanha política moderna.

7 de setembro de 1827. Uns vaqueiros laçaram um boi para cortá-lo. Aquêle meio empregado em tôda a América do Sul, onde êsses homens mostram tanto jeito e destreza, é tão conhecido, que não o descreverei. Disseram-me que na Jacobina há vaqueiros que por simples distração, em número de dois ou três, atacam um

touro bravo a pé e sem laços. Um dêles corre para o animal, agarra-se-lhe ao pescoço e aí se mantém grudado, ora arrastado pelo animal enfurecido, ora peando-lhe a carreira. Os companheiros atiram-se também em cima e conseguem derrubá-lo.

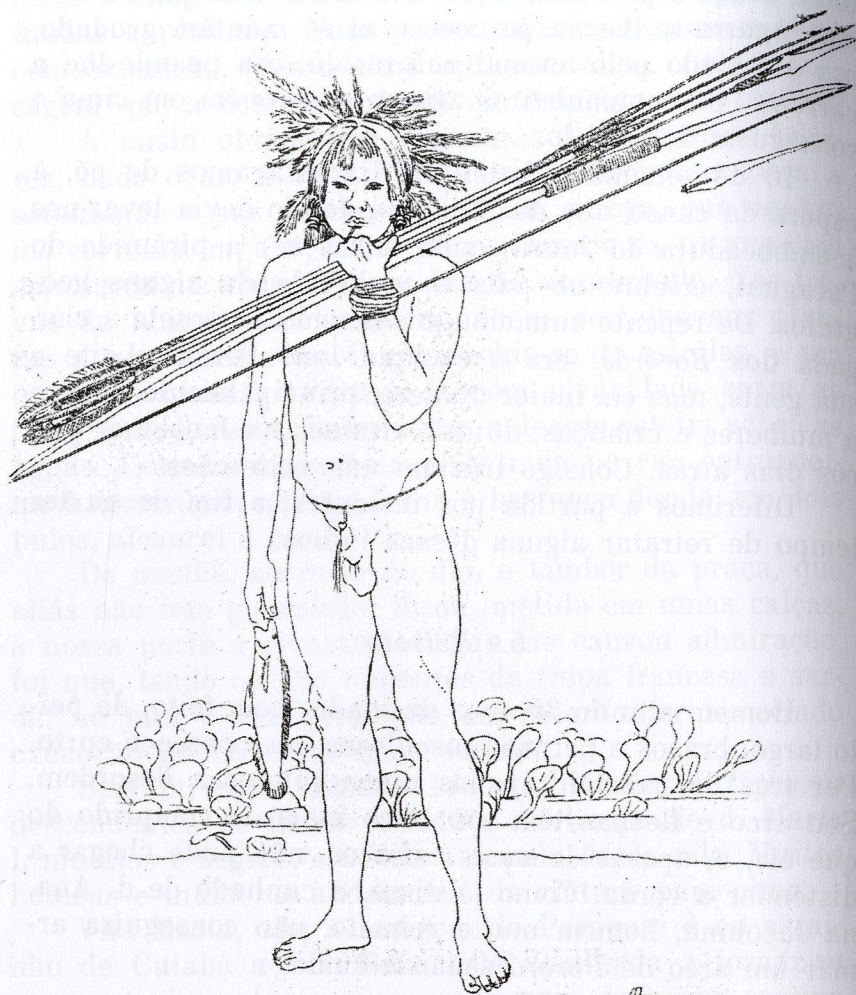
10 de setembro. Antes do dia estávamos de pé, à espera da canoa que da barranca do rio devia levar-nos à embocadura do Jauru, onde íamos ver a pirâmide do Paraguai, célebre no país e conhecida de alguns geógrafos. De repente anunciou-nos o som da corneta a chegada dos *Bororós:* era o cacique João Pereira Leite e sua gente, mas em maior número, principalmente quanto a mulheres e crianças, do que víramos na Jacobina poucos dias atrás. Consigo traziam uns vinte cães.

Diferimos a partida por instantes, a fim de eu ter tempo de retratar alguns dêsses índios.

5.º *Retrato*

Homem alto de 35 anos de idade; bem feito, de peito largo, braços e pernas musculosos, mas pescoço curto. Por trás da cabeleira penas numa pitoresca desordem. Seu arco e flechas têm um têrço mais de comprido do que êle, e, apesar de meus esforços, não pude chegar a distender a corda. Como já disse, o cunhado de d. Ana, na Jacobina, homem muito robusto, não conseguira armar um arco de *Bororó* senão a custo.

Retrato de duas mulheres

A da esquerda parece ter 40 anos; mostra-se alegre e é um tanto cheia de corpo. Carrega às costas um fardo, que pôsto em terra era da altura dela. Êsse fardo compõe-se de esteiras, couros, peles enroladas, e jacás

Bororó, em Vila Maria

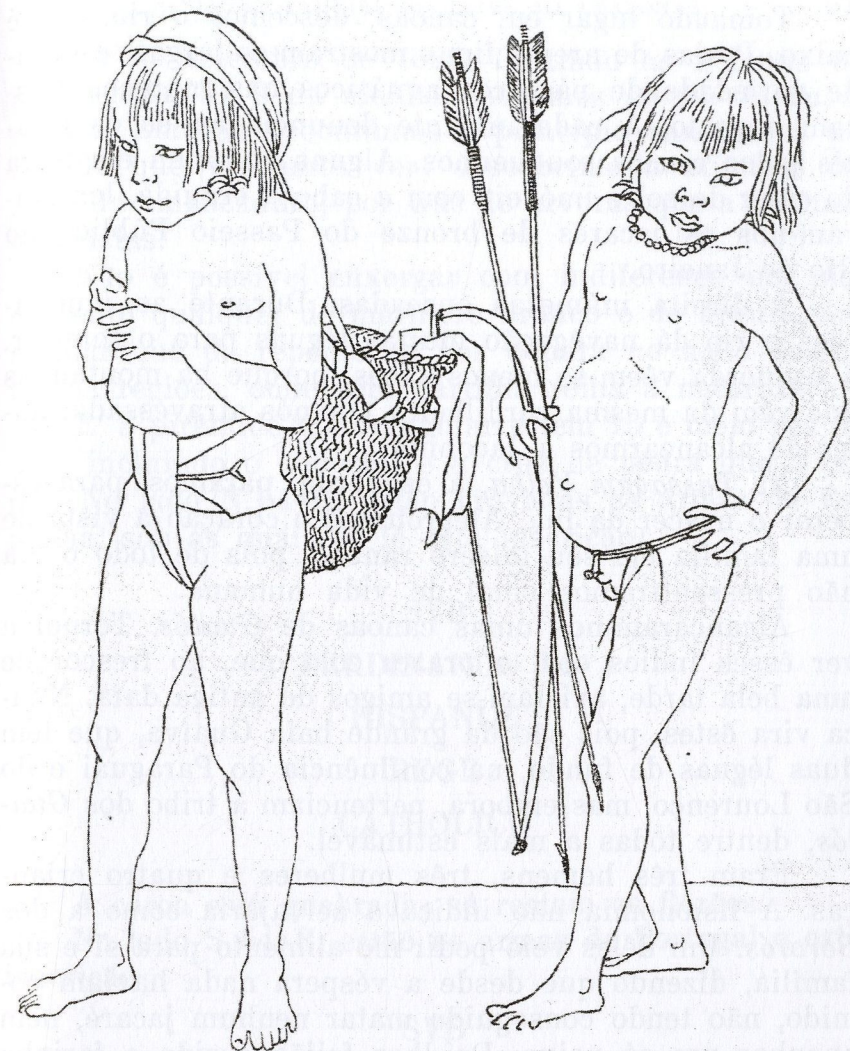
Mulheres Bororós, com grande carga

cheios de vários objetos, pêso enorme para essas infelizes mulheres que são os animais de carga daqueles índios. Tudo aquilo é amarrado com embiras e suspenso por uma faixa mais larga que lhes passa pela cabeça, acima da testa, o que as obriga a abaixarem o pescoço e a fronte, e a curvarem o corpo para diante.

Com tal carga, levam por cima uma criança escanchada nos ombros e um cãozinho. Ainda não é tudo, pois quando os maridos matam um porco do mato ou qualquer outra caça, metem-no num dos jacás que elas trazem às costas.

Mais moça, de cinco pés de altura, robusta e bem feita é a segunda mulher. Tem também sua carga e criança. Em sua fisionomia tristonha e de olhos fixos no chão julga-se quase lobrigar a impressão secular de uma reação lenta transmitida de mães a filhas contra as injustiças dos homens.

A vista daquelas desgraçadas, assim reduzidas à dura escravidão, e dêsses índios de fronte altiva, fêz-me lembrar o que disse Orellana a respeito de povoações de mulheres que viviam segregadas dos homens para se subtraírem à tirania dêles e assentes à margem do grande rio que êle ia descobrindo, pelo que o chamou das Amazonas. Talvez sejam os *Bororós* descendentes de alguma tribo emigrada daquelas bandas, visto como, depois da ocupação portuguêsa, muitas hordas selvagens, como os *Tupinambás*, não querendo sujeitar-se ao domínio dos invasores, retiraram-se para o Sul do Brasil.

Desenhei ainda um rapaz e uma menina. Aquêle não carregava senão um arcozinho e flechas, ao passo que esta levava já um cêsto com diversas coisas, pouco pesadas em verdade. Tinha o corpo pintado de urucu e já trazia a cinta de casca de pau e os filamentos. Era sexdigitária do pé esquerdo.

Crianças Bororós

Tomando lugar em canoas, descemos o rio que é baixo. Praias de areias finas mostram-se largas, e grande variedade de pássaros aquáticos nas margens buscam o pasto. A cada instante denunciavam-se os jacarés pelos roncos rouquenhos. Alguns gozavam em terra do calor do sol e imóveis com a cabeça erguida, lembravam-nos os jacarés de bronze do Passeio Público do Rio de Janeiro.

À direita inúmeras enseadas. Durante as inundações o rio dá navegação muitas léguas para o interior. À esquerda vêem-se menos sacos, porque há montanhas que vêm da mesma cordilheira por nós atravessada, antes de alcançarmos a Jacobina.

Na *Passagem Velha*, à esquerda, paramos, para esperar o nascer da lua. Alegrou-nos o coração a vista de uma família em seu mísero rancho, pois de todo o dia não pressentíramos sinal de vida humana.

Alcançaram-nos umas canoas de *Guatós*. Tornei a ver êsses índios com o prazer com que, ao frescor de uma bela tarde, avistam-se amigos de antiga data. Nunca vira êstes, pois são da grande baía Guaíva, que tem duas léguas de fundo, na confluência do Paraguai e do São Lourenço, mas embora, pertenciam à tribo dos *Guatós*, dentre tôdas a mais estimável.

Eram três homens, três mulheres e quatro crianças. A fisionomia não indicava selvajaria como a dos *Bororós*. Um dêles veio pedir-me alimento para si e sua família, dizendo que desde a véspera nada haviam comido, não tendo conseguido matar nenhum jacaré, nem apanhar um só peixe. Dei-lhes feijão cozido e farinha de milho.

Tinham vindo, poucos dias antes, em maior número de Guaíva e de São Lourenço para venderem peles de onça e de outros animais a um *engenheiro*, morador umas quatro léguas daí. Uns haviam voltado logo; êsses ficado para construírem uma piroga.

11 de setembro de 1827. Partindo às 2 horas da madrugada, às 9 da manhã chegamos ao rio Jauru, à direita. Em vão procuramos a princípio enxergar a pirâmide que vínhamos ver: descobrímo-la afinal à direita da embocadura, por trás de árvores que a ocultam das vistas.

Não é possível enxergar com indiferença um monumento qualquer de mármore branco e de arquitetura regular que de repente se nos depara no meio dessas vastas regiões, onde sem partilha reina a natureza.

E' a pirâmide quadrangular e tem 15 e meio pés de alto, incluindo o pedestal e a cruz de pedra que a coroa. No lado N. 54º O. estão gravadas as armas de Espanha, sob as quais se lê esta inscrição:

SVB

FERDINANDO VI

HISPANIÆ

REGE

CATHOLICO

A coroa está quebrada; só restam os florões.

No lado S. 54º E. estão as armas de Portugal e esta inscrição:

SVB

IOANNE V

LVSITANORVM

REGE

FIDELISSIMO

Pirâmide «Sub Ferdinando VI»

Falta de todo a coroa.
Lê-se no lado N.36º E.:

EX PACTIS
FINIVM. RE
CVNDORVM
CONVENTIS
MADRITI.
IDIB IANVAR
M.DCCL.

Enfim no quarto lado:

IVSTITIA
ET PAX
OSCVLATÆ
SVNT.

As duas coroas das armas de Espanha e Portugal estão mutiladas; pelo tempo ou pelos homens? Na minha infância vi os sinais da realeza destruídos pelos revolucionários de 92. Inclino-me a crer que o mesmo sentimento impeliu os americanos a apagarem o assinalamento da antiga servidão.

A pirâmide, compreendendo o pedestal, é de alto a baixo separada em duas metades, ambas de uma só pedra. A junção forma, nos lados N. 36º E. e S. 36º O., duas linhas que marcam a direção de um raio de mais de 100 léguas de limites. Dizem que uma metade foi feita em Lisboa e outra em Cádis. Contaram-me que não tendo sido aprovado pelo gabinete de Lisboa o rumo de

limitação, o tenente-coronel português desterrou-se para Buenos Aires, e aí acabou seus dias feito mestre-escola.

Como as duas peças da pirâmide não juntaram bem e, para facilidade de transporte da Espanha para Buenos Aires, e pelo Prata daquela cidade até ao lugar marcado, não foram feitas maciças, há sempre no interstício colmeias de abelhas. Na fenda introduzimos um facão e de pronto correu delicioso mel que encheu uma cabaça e misturado com farinha deu-nos ótimo regalo.

Às 2 horas da tarde, fizemo-nos na volta de Vila Maria.

12 de setembro. Duas vêzes abicamos à tarde para pernoitar e duas vêzes vimo-nos obrigados a seguir além por causa dos mosquitos. Navegamos durante as horas da noite para alcançarmos *Passagem Velha*, onde descansamos até sol fora.

No dia 13 chegamos de manhã cedo a Vila Maria.

14. Voltamos a Jacobina.

Dessa fazenda partiu a 21 o astrônomo para ir esperar-me numa outra chamada *Baía*, no caminho do arraial de *Poconé* ou *São Pedro d'El-Rei*.

Na Jacobina fiquei para assistir à festa que dava o tenente-coronel por ocasião do batizado de um filho recém-nascido. Dois dias antes de nós chegara o padrinho. Era o governador das armas da província que regressava de giro à fronteira da Bolívia, passando por Vila Bela, Casalvasco e Forte do Príncipe da Beira, tendo ido ver a pirâmide, donde voltara para Vila Maria e a Jacobina. Viajava acompanhado de um major de engenheiros, alguns oficiais e um piquête de cavalaria.

A propósito do Forte do Príncipe da Beira fizeram-me uma descrição pitoresca, assim como de Vila Bela, e perdi de memória a pessoa que ma fêz. Quando se desce o Guaporé, todos os dias vêem-se as mesmas margens, a mesma mataria, mas de repente fica-se pasmo ao se perceber uma fortificação construída segundo as

regras da arte moderna e que até na Europa causaria impressão. O que chama o viajante à realidade, é que não aparecem senão uns vinte pedestres, seminus e que vivem só do anzol.

Vila Bela, de fundação moderna, foi começada debaixo de vasto plano. Praças espaçosas, ruas largas e marcadas a cordel, o palácio, as igrejas, a intendência, a fundição, a casa da câmara, a cadeia, tudo foi delineado ao mesmo tempo, mas nada passou dos alicerces ou de alguns metros acima do chão. A maior parte das casas começadas teve a mesma sorte. Julga-se que se o marquês de Pombal houvesse continuado no poder, os grandes trabalhos com que tencionava dotar o Brasil teriam chegado à conclusão.

Não conta hoje Vila Bela senão uma família de côr branca, composta de cinco pessoas, D. Matilde e suas filhas, o capitão-mor e poucos mais. Alguns centos de *Caburés* constituem o resto da população.

No dia do batizado tudo foram festas. Os músicos da fazenda que eram negros cativos tocaram desde a aurora árias debaixo das janelas da casa e passearam em bando ao redor do pátio grande. O ar estrugia com os foguetes que a cada momento se soltavam. Donos, hóspedes, agregados e escravos, todos assistiram à missa celebrada pelo vigário, irmão de d. Ana. A igrejinha mal podia conter as 200 pessoas presentes. Fêz-se o batismo logo depois da missa, e durante a cerimônia, a música, os rojões e foguetes atroavam com extraordinário estrépito. Esplêndido almôço foi-nos servido no alpendre da casa; e depois do meio-dia regalou-nos o tenente-coronel com um banquete, no qual correu em abundância o generoso vinho do Pôrto, coisa tanto mais agradável quanto ainda não bebêramos vinho de qualidade alguma nessa casa.

Embora restabelecida, a espôsa do tenente-coronel não assistiu ao festim, nem d. Ana, nem os meninos.

À tarde houve a idéia de dançar-se o *batuque*. Como sinal de respeito a essa família que me recebeu e obsequiou com tamanha urbanidade, abstenho-me de fazer a descrição dessa dança. É de sentir que um povo, dotado de qualidades recomendáveis, algumas vêzes apresente tais torpezas aos olhos do viajante.

Setembro 26. Durante minha estada na Jacobina, tive a felicidade de tornar-me útil aos meus hóspedes, tirando-lhes os retratos. Tratado por êles sempre com benevolência e redobrada amabilidade nas vésperas da partida, com mostras de recíproco pesar separamo-nos enfim.

O tenente-coronel deu-me um guia que serviu também para carregar os mantimentos no trajeto que tive de fazer até à fazenda da Baía, distante nove léguas, onde me esperava o astrônomo.

Tira essa fazenda o nome de um lago próximo e que nas inundações do Paraguai com êle comunica. Em si mesmo parece um rio, pois estreito em todos os pontos tem quatro léguas de profundidade no sentido do *Poconé*. Encerra ínsuas e forma enseadas de um e de outro lado. Todo o terreno é uma vasta planície, na qual grande quantidade de gado excelente pastagem encontra; na estação borraceira, porém, alaga, e não se pode transpô-lo senão embarcado.

A fazenda da Baía, onde não há senão um prêto velho, sua mulher e alguns moleques, tem contudo movimento e ruídos. É que o lago é povoado de uma imensidade de pássaros aquáticos, como garças, colhereiras, carões, biguás, frangos d'água, socós-bois, etc.

De tal modo pululam as piranhas que é um perigo entrar n'água. O anzol que se atira só pega piranhas, e tal é a avidez, que cortam, não raro, a linha, qualquer que lhe seja a grossura.

Se por si sós podem êsses peixes tirar o desejo de tomar um banho no lago, a presença de enormes jaca-

rés em número superior a tudo quanto até então eu vira, basta para que até em tal nem se pense. Ouvem-se roncar; vêem-se no meio dos aguapés das margens, por tôda parte. O lago semelha uma caldeira de azeite a ferver, por tal modo agitam êsses anfíbios a água, nadando rentes à superfície.

27 de setembro de 1827. Atravessamos a planície acima indicada, onde não havia uma só árvore para nos abrigar do sol: via-se muito gado vacum e cavalar.

Uma vez erramos o caminho e não o achamos senão a custo, porque há muitas batidas feitas pelos animais. Não podendo mais de calor, fizemos alto de descanso por volta de 3 horas num lugar chamado *Barranco Alto* à beira da baía, cujas águas são aí mortas. Tínhamos tenção de lá passar a noite, mas como deixáramos os cortinados em Cuiabá, não pudemos resistir aos mosquitos e à meia-noite fizemo-nos de partida.

Antes de surgir o dia vencemos três léguas de planície e duas de terreno sêco, desigual, pedregoso, cheio de matos e cerrados. Depois de nascido o sol, ainda caminhamos uma légua até um lugar onde havia algumas casas, mas, não tendo encontrado senão um velho e várias crianças e nenhum meio de almoçarmos, impelidos aliás por um bom apetite matinal e pelas esperanças que nos deu o velho, fomos adiante ainda légua e meia até um sítio, onde achamos gente pobre, mas hospitaleira. Cansados de sete e meia léguas de marcha, aí pousamos até ao dia seguinte.

28 de setembro. Mesmo terreno de ontem, mas embelecido de nascente verdura. Cerrados de troncos enegrecidos pelo fogo e de folhagem virente. Uma ema passou por diante de nós seguida de três filhotes com a velocidade quase da flecha.

Depois de duas e meia léguas, chegamos ao arraial de Poconé ou São Pedro d'El-Rei, sendo o primeiro nome o de uma tribo de índios já extinta e o segundo o

que lhe foi dado quando quiseram elevar o povoado à categoria de arraial a fim de formar um condigno cortejo à localidade de Cuiabá, ereta em cidade e em capital da província.

Ver um povoado do Brasil, é vê-los quase todos. Uma praça oblonga com a igreja e a cadeia nos lados estreitos; uma ou duas ruas de cada lado traçadas a cordel; casas baixinhas, eis o que compõe um arraial. Poconé não tem senão duas ruas: a igreja é nova e pequena: a cadeia está em ruínas. Não se vê viva alma: muitas casas estão abandonadas; perto não passa um riacho sequer, e os habitantes têm que abrir poços na terra. Um cerrado espêsso serve de cintura à localidade que não tem nenhum horizonte.

Foi outrora São Pedro de El-Rei mais rico e habitado: também então se achava mais ouro. Há 20 anos começaram os seus moradores a emigrar para o Diamantino, rico das lavras de diamantes há pouco descobertas. De tôda a província é o ouro do Poconé o mais estimado.

Partindo no dia 2 de outubro, chegamos a Cuiabá depois de vencermos 15 léguas em dois dias.

Partida de Cuiabá e viagem fluvial pelos rios Prêto, Arinos, Juruena e Tapajós

A 5 de dezembro de 1827, dez meses e cinco dias de nossa primeira chegada à cidade de Cuiabá, dela saímos, os srs. Langsdorff, Rubzoff e eu, com destino à vila de Nossa Senhora da Conceição do Alto Paraguai Diamantino. Adiantaram-se de oito dias na partida os srs. Riedel e Taunay que se dirigiam para Vila Bela de Mato Grosso. Havíamo-nos separado a fim de explorarmos mais terras. Deviam êles alcançar aquela cidade, descer os rios Guaporé, Mamoré e Madeira, ao passo que seguíamos para o Diamantino, onde iríamos ao Amazonas pelo Arinos, Juruena e Tapajós. Era a Barra do Rio Negro, no Alto Amazonas, o ponto de nosso encontro.

A uma légua de Cuiabá pousamos na *Capela* e aí ouvimos o murmúrio de uma cachoeira.

6 e 7 de dezembro. Tendo feito três léguas e um quarto, dormimos junto ao ribeirão Coxipó-guaçu e aí permanecemos no dia seguinte.

Saídos a 8, alcançamos na tarde de 9 a *Passagem*, assim chamada porque ali se transpõe o rio Cuiabá. Havia alguns casebres de moradores. Desde a véspera vínhamos vendo *carandás brabos*, palmeirazinhas de estípite espinhoso e de fôlhas flabeladas como o *buriti*. Desenhei algumas.

10. Pouso na *Passagem*.

11. Vencidas quatro léguas, subimos o *Tombador*, cêrro abrupto. Galgâmo-lo por trilha estreita lançada no dorso resvaloso de um precipício, onde cai e rola com estrondo uma torrente que desaparece por sob altanado arvoredo, visto por nós a vôo de pássaro.

Pedregoso e desigual é o terreno até ao *Campo dos Veados*, sítio onde a pureza e frescor dos ares, a vista de campos e amenas pradarias recrearam nossos fatigados espíritos.

O dono da casa estava fora, mas sua mulher acolheu-nos com singela e digna franqueza. No meio da grata simplicidade rústica, fruíamos verdadeiro descanso.

Embelecem o sítio florestas de *guaguaçus*, aquela alterosa e bela palmeira que víramos no Quilombo, e demais o Paraguai, êsse majestoso caudal, não nasce a um quarto de légua do Campo dos Veados?

12. Despedimo-nos de nossa hóspeda e de suas duas filhas, das quais a mais velha era bela moça de 15 primaveras, que ali via correr desconhecidos os seus mais formosos dias, e a outra tinha fisionomia jovial e atraente: atravessamos matos de *guaguaçus*, no meio dos quais serpeia um ribeirão chamado *Pedra de Amolar*. Recebe, não longe daí, outro tão estreito que para transpô-lo dei um pulo, mas que tem já o nome de *Paraguaizinho* e vem das Sete Lagoas, chamadas cabeceiras do Paraguai e distantes meia légua quando muito. Com mais razão caberia aquela denominação ao ribeirão das *Pedras de Amolar*, que corre de umas quatro léguas de distância e tem maior cabedal de águas, mas, enfim, depois da junção com o *Paraguaizinho*, aparece já o pomposo e célebre nome de Paraguai.

Tão perto de nós achavam-se as *Sete Lagoas* que não tivemos mão no desejo de ir vê-las. Tomando à esquerda, em menos de uma hora chegamos a um terreno alagadiço, onde se vêem, aqui e acolá, alguns banhados e pés de buritis. Nada de notável assinala o sítio: decorre um regato, e é o *Paraguaizinho*.

Ali se acham as cabeceiras do Paraguai.

Das Sete Lagoas conta o povo fábulas aterradoras. Essas poçazinhas, pelo que dizem, são de profundidade insondável; enormes jacarés e monstros aquáticos ocul-

tam-se debaixo de grandes rochas submergidas, prestes a devorar os que por desgraça lá caírem.

Tornamos ao caminho e chegamos à borda do planalto, donde avistamos uma planície de duas léguas.

À nossa esquerda ouvimos o ruído do Paraguai a cair num grotão da crista em que estávamos e o vimos serpear na várzea que se abre ao pé do declive.

A descida é inclinada, cheia de pedras: os cavalos viam-se obrigados a dar pulos da altura da metade de um homem. A cada momento parecia que nos íamos despenhar com êles.

Afinal chegamos, às 4 horas da tarde, ao Diamantino.

Assenta a vila nas duas encostas de um vale que corre na direção de O. para E. No meio passa uma corrente chamada o ribeirão do Ouro, o qual durante a sêca se reduz a quase nada, mas cujo leito é largo e pejado de rochedos. Quando cai um violento aguaceiro, êsse insignificante ribeirão transforma-se em furiosa torrente.

Ao sul é a vila flanqueada pelo córrego Diamantino que recebe o ribeirão do Ouro e vai, a algumas léguas de distância, juntar-se a E. com o Paraguai. A parte que fica no outeiro N. é a maior. As ruas que descem para o ribeirão são de forte declive, semeadas de pedras e buracos que fazem os transeuntes dar pulos e na escuridão só consentem o trânsito às apalpadelas a quem não seja vaqueano no lugar.

Nada de notável à vista apresenta a localidade.

Tomamos casa no quarteirão da colina S., entre o ribeirão do Ouro e o Diamantino, e nos relacionamos logo com todos os vizinhos que formam quase uma única família, a dos Pais Leme.

Pelo menos já indicam alguma coisa êsses nomes de ribeirão do Ouro e córrego Diamantino.

13 de dezembro. Voltei à base do planalto, a fim de tirar a vista da cascata, cujo ruído ouvíramos na véspera. Na garganta e a 100 pés acima da planície, sai o Paraguai do meio de um matagal e desce por uma escadaria de 40 pés, ocultando-se por sob densas árvores, antes de chegar embaixo. São cascatinhas tão regulares que parecem obra da arte, como a cascata artificial de Wilhem's Hòhe, em Cassel, com a qual tem semelhança, menos quanto ao arvoredo que aqui é muito mais luxuriante.

Regressei à vila.

O horizonte é limitado em Diamantino; os arredores incultos e o clima por demais insalubre. Reinam muitas febres intermitentes, cuja perniciosa influência é atestada pela falta de côres dos habitantes.

Durante nossa estada de três meses, dessas febres morreram três rapazes, uma mocinha, cuja enfermidade não durou mais de três dias, duas ou três pessoas de idade e cinco ou seis crianças. Por tôda a parte só se vêem doentes; entretanto a população não passa de 3000 almas.

Tão-sòmente puderam as pedras preciosas levar os aventureiros a fundar a vila de Diamantino, não que o solo deixe de ser produtivo, mas não é no centro da América, sem estradas, sem meios de transporte, nem escoadouros, que se vão arrotear terras. Além disto os mineiros só sabem revolver o terreno, o que faz com que não se enxerguem plantações, além do que exige o consumo da localidade e que se empreguem meios destruidores a bem das únicas exigências do progresso.

As lavras do cascalho amontoado à beira de um córrego ou ribeirão consistem numa casinha de sapé ou telha para o senhor, em miseráveis ranchos para os escravos, em 30 ou 40 negros a trabalharem à cata de diamantes, e nos pontos mais ricos, em plantações de milho e de feijão. Cada mineiro tem sua lavra.

No meio, contudo, dêsses áridos locais, e sobretudo nos têrmos em que não há diamantes, alguns sítios, onde só se ocupam em plantações produzem mantimentos, gado, açúcar, aguardente e outros gêneros do país.

Ainda se encontram diamantes, mas raro é achá-los de valor um tanto importante. Quando lá estávamos, uma negra apanhou um do valor de 300$000. Pouco mais ou menos no mesmo tempo, descobriu-se uma mina bastante rica, cuja divisão era feita entre os pretendentes pelo modo que indiquei, ao falar das minas de ouro.

Principalmente nos arredores da vila é que reinam as febres, o que faz com que os mineiros, para não caírem doentes, vão muito raras vêzes às suas lavras. Ora, como em parte alguma pode-se furtar tão fàcilmente como em minas, ainda debaixo dos olhos do próprio dono, podem os prêtos sonegar diamantes, donde resulta que os mineiros se vêem forçados ou a empregarem um feitor que os engana ou fixarem aos escravos um tanto por dia que obrigatòriamente êles têm que dar. Quase sempre segue-se o segundo alvitre, isto é, impor ao negro a obrigação de dar por semana um diamante de 4$800, devendo êle sustentar-se e vestir-se com o excedente que achar. Se encontrar uma pedra de grande valor, tanto melhor para êle, coisa rara contudo hoje, acontecendo muito pelo contrário não conseguir no trabalho, nem sequer com o que pagar o tributo ao senhor. Neste caso tem que dar na seguinte semana o dôbro; mas, dizia-me um mineiro: «Como devo exigir de meus escravos que me dêem o que não acham? Muito ao invés, não só é freqüente não receber coisa alguma do serviço de minha escravatura, como ainda me vejo na necessidade de a sustentar, pois não posso deixá-la morrer à fome».

Outrora eram as minas mais copiosas em gemas de todo valor, o que facilitava não só aos escravos pagarem o quantitativo semanal aos senhores, como também

a alguns permitiu reivindicarem a liberdade e até atirarem-se a grandes despesas, algumas tresloucadas.

Conheci um velho prêto de nação cabinda que, depois de conseguir a dinheiro sua libertação, a de sua mulher e filhos, comprara por seu turno lavras e escravos. Êsse estimável negro tinha já por vêzes dado a liberdade a uns vinte cativos seus e possuía ainda trinta, todos sãos, fortes e contentes.

No dia de São Benedito, santo de côr preta e padroeiro de sua raça, deu êle uma festa, para a qual convidou os principais habitantes, sem se esquecer de nós. Depois de assistirmos à solenidade religiosa na igreja, fomos levados com os mais a uma mesa de doces muito bem servida. Em seguida executaram os escravos um bailado da terra dêles, percorrendo no resto do dia a vila e dançando nas ruas e casas.

Uma vez os negros fizeram uma festa, na qual desenvolveram luxo tão ostentoso quão estúpido. Segundo o uso, elegeram um juiz e uma juíza prêtos, que deviam presidir aos festejos e ainda atender às despesas. Estenderam pela terra uma peça de sêda de França, a começar da porta da igreja, para que a juíza, ao sair da missa cantada, não pisasse no chão.

Em geral não sabem tirar proveito das riquezas que lhes caem às mãos. Há no Diamantino e em tôdas as lavras, uma classe de homens chamados *garimpeiros* que são os que fazem bons negócios, e nunca os mineiros ou seus escravos. Aquêles chegam ao lugar pobres, mas aguilhoados pela ganância, sentimento afortunado que nem todos nutrem, estabelecem uma *venda* e metem-se a vender cachaça, panelas, rolos de fumo e bananas. No fim de um ou dois anos, transformam-se em negociantes, fazem o comércio dos diamantes e não tardam a ficar ricos. Provém essa rápida fortuna da compra de pedras pela quarta parte do valor real que conseguem dos

escravos, os quais, ou por desconhecerem o exato preço, ou porque as furtaram aos seus senhores, tratam logo de vendê-las. Os garimpeiros não gozam de estima; são, contudo, considerados quando têm muito dinheiro.

Ociosamente vivem os habitantes do Diamantino daquilo que lhes trazem seus prêtos ou do que acham quando assistem aos trabalhos, e não pensam senão em satisfazer à paixão dominante, que é o jôgo. Todos os dias se reúnem, ou numa ou noutra casa, e ali jogam desde manhã até meia-noite, uma hora da madrugada ou até ao dia seguinte. Para cada indivíduo eleva-se diàriamente o ganho ou perda a 50, 100 ou 400 francos. Quando êles se animam, ganham ou desbaratam, num dia, de 3 a 6000 francos, o que jamais lhes altera a boa inteligência, pois, quando jogam, dão de barato tais somas.

Nas mãos dos garimpeiros vi grandes partidas de diamantes, os maiores dos quais não excediam porém o tamanho de uma ervilha. De 42$000 ou 262,5 fr., é o valor de uma dessas pedras.

Catar diamantes é a indústria do lugar, o que de fato teria grande importância, se as minas fôssem inesgotáveis; parece, entretanto, que o distrito começa a depauperar-se. O comércio, que será pouco animado enquanto não se utilizar a bela navegação do Paraguai, faz-se com o Rio de Janeiro e Bahia, para onde levam diamantes para importarem mercadorias e escravos. Há também algum com o Pará pelos rios que cheios de dificuldades e cachoeiras vão desaguar no Amazonas. Carregam diamantes, alguns tecidos grosseiros de algodão, piastras e cobre em moeda, e trazem vinho, sal, louça, ferro e guaraná.

O dinheiro em cobre que aqui tem curso, está cunhado no dôbro do valor real, roubo feito pelo govêrno de D. João VI, e como a moeda assim falsificada corre no Pará, os americanos do Norte sabem disso aprovei-

tar-se para introduzirem uma mercadoria que lhes dá 100 % de ágio.

Poucos dias antes de chegarmos ao Diamantino, haviam alguns negociantes partido do Rio Prêto, pôrto de embarque, sito a cinco léguas N. N. O. da vila, para quem se dirige a Santarém. Montavam 20 a 30 canoas, levando 150 a 200 pessoas, entre pilotos e remadores.

14 de fevereiro de 1828. Dia nefasto, dia marcado pela mais cruel notícia. Comunicou-nos uma carta do sr. Riedel que o sr. Taunay se afogara no rio Guaporé, em Vila Bela. Encheu-nos de consternação esta desgraça. Diversos habitantes da vila vieram dar-nos os pêsames. Êste moço, dotado de brilhantes disposições para a pintura e membro de distintíssima família, tinha por certo diante de si auspiciosa carreira. Prematura morte arrebatou-o, porém, aos 25 anos, às belas-artes e à família, cuja dor deve ser imensa. Com 16 anos apenas, fizera a volta do mundo na expedição do sr. de Freycinet. Na qualidade de desenhista da nossa comissão remetera para São Petersburgo perto de 100 desenhos, ficando mais 130 entre minhas mãos, para serem coordenados.

A fim de não avivar sofrimentos amortecidos pelo tempo e resignação, deixo de aqui transcrever a carta do sr. Riedel, cheia de dolorosos pormenores.

Partida do Diamantino com destino a Santarém, na província do Grão-Pará

Saindo no dia 1.º de março de 1828 para irmos só visitar o pôrto do Rio Prêto, ponto de embarque para Santarém, fizemos duas léguas e meia e fomos dormir no sítio chamado *Água Fria*. No dia seguinte vencemos igual caminho antes de alcançarmos o pôrto, por uma picada aberta há pouco a foice e machado na floresta, e conseqüentemente erriçada de tocos de tôdas as gros-

suras, cortados a um palmo do chão, o que muito incomodava os cavalos, fazendo-os por vêzes tropicar.

Lugar bastante tristonho é o pôrto do Rio Prêto; a corrente estreita e escura, com fundo de vasa como indica o nome; o terreno úmido; o ar pouco livre, encerrado numa floresta de légua e meia de circunferência, e tão sujeito às febres intermitentes, que os negociantes não se arriscam ali ter senão quando tôdas as canoas estão prontas.

Apesar de todos êsses inconvenientes, há nesse local um não sei que, que impressiona o viajante. É verdade que se cortaram as grandes árvores para abrir uma clareira, mas ao chegar, passa-se por baixo de cipós de diâmetros e dimensões de pasmar, e à esquerda vêem-se pacovas com cachos floridos de tamanho a que não estávamos acostumados. Percebe-se que se atingiu a bacia do Amazonas.

Já se achavam no pôrto, guardadas por alguns camaradas, nossas caixas e bagagens. Havia duas vastas canoas e um grande batelão dados ao cônsul pela fazenda pública, em trôco dos que lhe haviam sido cedidos em Cuiabá, vindos de Pôrto Feliz.

Voltamos à vila, mas poucos dias depois fomos valentemente nos estabelecer no pôrto, contra a praxe sanitária dos negociantes da zona.

Já sôbre nós estendeu a noite seu tenebroso manto. No meio de uma floresta, em estreita barraca, donde não posso pôr pé fora por causa da chuva que nesta estação calmosa cai quase incessantemente, que fazer?

Escrevamos.

Quando de Cuiabá partíramos para o Diamantino, pelo que nos diziam das moléstias que íamos encontrar, bem poderíamos crer que íamos para a costa de Guiné

ou para Batávia. O Rio Prêto está para o Diamantino na mesma relação que esta vila para Cuiabá.

Estiveram logo a braços com as febres intermitentes, chamadas aqui *sezões*, os srs. de Langsdorff e Rubzoff, e mais oito camaradas.

Da vasta província de Mato Grosso são o Diamantino e Vila Bela os dois pontos mais insalubres. Esta cidade está em decadência, e se a vila se mantém é pelos diamantes; entretanto já começa a ser abandonada.

Nesses dois lugares existe uma moléstia mais perigosa ainda e que é conseqüência da outra. Chamam-na *corrução*.

Quem fôr atacado fica, pelo que contam, com o ânus dilatado do tamanho de um punho fechado, e cai em sonolência e insensibilidade. O remédio heróico é então o *sacatrapo*, clister de vinagre, pimenta, pólvora e tabaco. Por meio de um pau, cuja ponta leva um chumaço embebido de cada vez, introduz-se no ânus essa terrível mistura.

Sem tão furibunda medicamentação a morte, dizem, é infalível. Citam-se vários exemplos e até o de um capitão-general dos tempos coloniais, que sendo atacado de *corrução* não quis sujeitar-se a êste violento tratamento do povo. O médico não tinha também fé, mas vendo o mal progredir e tornar-se gravíssimo, não teve remédio senão ceder, e o doente, como que por milagre, voltou à vida.

No Diamantino os habitantes não têm médicos: assaltados de um sem-número de enfermidades, cujo nome, pelo menos, é desconhecido em medicina, recorrem a uma infinidade de remédios, uns naturais e estrambóticos, a maior parte bárbaros e supersticiosos.

Continuaram as sezões a exercitar sôbre nós sua perniciosa influência; quinze dos nossos foram atacados.

Apesar da tristeza do local, desenhei uma bela paisagem: a vista do acampamento nessa mata.

Para uma região é sempre esplêndido enfeite uma floresta virgem. Admira-se, estremece-se, sem pressentir, essa infinda variedade de antigos madeiros, de palmeiras, lianas e gigantescas plantas, cujas fôlhas atingem o tamanho de um homem. Nossas barracas iluminadas pelo sol em fundo de cerrado mato; nossas bagagens; os camaradas a esfolarem uma rês que compráramos a um morador próximo; no primeiro plano pacovas gigânteas; cipós enormes, como eu nunca vira; no fundo, à direita, o rio estreito e sombrio; tudo isso formava uma perspectiva interessante.

Debaixo do ponto de vista da riqueza, mas não da variedade, podem impressionar as belas plantações de açúcar e café. Como prova está o Rio Prêto.

Ali as pacovas, que em São Paulo, debaixo do nome de *caetés* são criancinhas e no Paraguai já parecem adolescentes, se apresentam de repente com o viço e tamanho das maiores bananeiras, ornadas com suas brilhantes flores amarelas e vermelhas em ziguezague; ali os cipós mais grossos não sobem simplesmente como em outros lugares: entrançam as árvores, vão de um tronco para outro como os estais e braços das vêrgas dos navios. Assim é que, ao chegarmos ao pôrto, passáramos por baixo de uma liana nodosa, atravessada por cima de nossas cabeças. Na verdade para mim era novidade.

Por mudanças rápidas assinala a natureza suas zonas, do mesmo modo que o homem assenta marcos nos confins de seus Estados. Não são só as matas que mudam: é o canto dos pássaros, o grito dos animais de espécies novas. Sente-se, aqui, no Rio Prêto, que já se pisam as vertentes equinociais, onde os ventos do cabo Horn, com sôpro amortecido, não podem mais temperar

o clima abrasador. Contra os ardores estivais virá dora em diante o único recurso das trovoadas e das convulsões da atmosfera.

31 de março de 1828. Há 22 dias que viemos nos meter neste maldito pôrto. O sr. de Langsdorff ministra e toma vomitórios e outros medicamentos. Quanto a mim, só tive felizmente dois dias de violentas dores de cabeça, seguidas de fraqueza. Enfim, hoje, pelas 10 horas da manhã, nossa flotilha, composta de duas canoas, um batelão e uma canoinha, montada por um guia, dois pilotos, três ajudantes e 28 remadores, deixou o pôrto para ir ter, pelo meio de regiões insalubres, e por caudais muitas vêzes perigosos, a *Uxituba,* ponto do Tapajós, pouco distante do Amazonas.

Navegação arriscada e incômoda. Forte correnteza tem o rio Prêto; é estreito, cheio de grossas árvores caídas e de galhos inclinados sôbre as águas. Julgue-se de tal navegação; canoas impelidas por violento curso a passarem por baixo de madeiros atravessados, cujos troncos e ramos rasouram as bordas das canoas. Para nós e nossos camaradas, quanto incômodo! Quanto a nós, abaixávamo-nos, encolhíamo-nos no fundo das embarcações, quando era preciso, mas a nossa gente, que tinha que cuidar das manobras, durante todo o dia afrontou verdadeiros perigos, e desenvolveu grande destreza e prática para sair-se sã e salva de semelhante modo de navegar. Quando um tronco tangencia as obras falsas das canoas, como terrível rasoura, convém que de momento saibam se devem abaixar-se ou pular por cima. Poucos deixaram de ser lançados à água ou de a ela se atirarem, expostos a todo instante a ter um dos membros quebrados, se não fôr a vida perdida. Felizmente não tivemos senão dois homens feridos.

1 de abril. Mesmos riscos que na véspera. De tempos a tempos grandes árvores deitadas à flor d'água, e que devíamos cortar a machado, nos faziam parar. Para

a embocadura estreita-se ainda mais o rio, pois divide-se em vários canais, ou melhor, perde-se sob as árvores e plantas da floresta.

Enfim, e com satisfação geral, por volta das 4 horas da tarde, avistamos o tão desejado rio *Arinos*. Tem 60 braças de largura e é orlado de ininterrupta floresta. Abicamos defronte na margem direita. A foz do rio Prêto não aparece. Empregamos o resto do dia a armar as barracas das canoas que tinham sido desmanchadas.

No dia 2 de abril chegamos às 9 horas da manhã ao Registro Novo e ao Velho às 10. No primeiro pôsto não havia ainda alma viva; no segundo um furriel e quatro pedestres, dos quais um embarcou conosco, segundo as ordens do comandante do Diamantino, para completar o número de 15 remadores que nos dera o govêrno.

Êsse pôsto do Registro foi criado para revistar as monções que por aí passarem, cobrar os direitos de entrada de mercadorias e gêneros vindos do Grão-Pará, província do mesmo Império, e vigiar que não transitem desertores, nem escravos fugidos.

Depois do jantar partimos: é grande a abundância de pindovas, palmeiras cujas fôlhas abrem-se em leque e que víramos na Chapada. Ali se chamam *bacavas*.

3 de abril. Mal clareava o dia e estávamos seguindo viagem. Passamos por defronte de várias embocaduras de rios, tais como o ribeirão dos Patos que, pelo que dizem, é rico em ouro e diamantes, mas perigoso devido aos índios. À esquerda vimos terrenos que foram cavados há poucos anos na procura daquele metal e abandonados. No Diamantino disseram-me, porém, uns mineiros que tinham intenção de lá irem trabalhar. Transpusemos várias corredeiras.

Por estar doente o sr. Rubzoff, tomei conta da bússola. Descemos hoje 143 estirões, dos quais alguns ti-

nham um oitavo de légua. Calculei que no curso do Arinos fizéramos oito léguas portuguêsas.

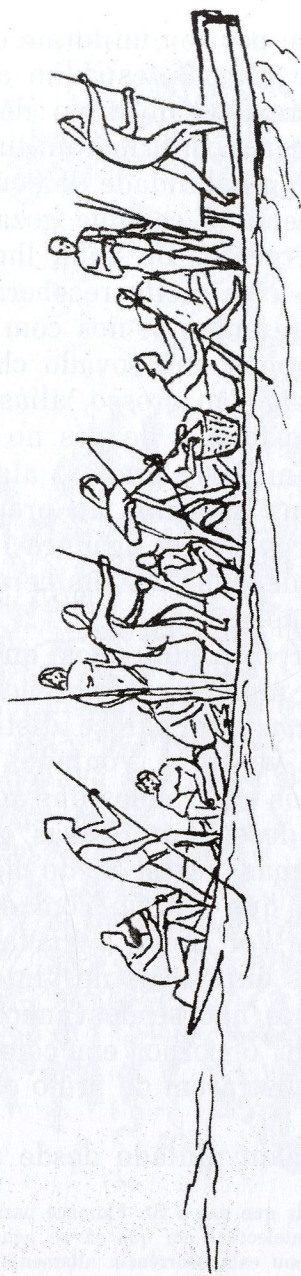
4. Por meu turno vi-me salteado das sezões, o que me fôra de alguns dias atrás anunciado por dores de cabeça, fraqueza e inapetência.

6 e 7 de abril. Tive arrepios de frio e febre.

Como essa moléstia não me deixou senão em Santarém, não pude mais seguir o meu diário, embora menos atacado que meus companheiros. Parte foi escrito nos lugares, parte de memória em Santarém.

Tão calmo é o rio, que antes do dia deixamos o pouso. Almoçamos na embocadura do *Sumidouro*, à esquerda, o qual é mais estreito que o Arinos. Dizem que nas cabeceiras se acoutam quilombolas. Durante todo o dia conservou-se sereno o Arinos.

10. Passamos nesse dia contínuas cachoeiras, entretanto como as águas atingiam sua maior altura essas cachoeiras estavam cobertas, e nada mais eram que maresias e correntes que não nos incomodaram muito. Numerosas ilhas, ínsuas e rochedos tornam o rio pitoresco. Fomos pousar na Aldeia Velha, lugar abandonado pelos índios *Apiacás*, dos quais nos íamos aproximando.

11. De manhã, pouco depois de começarmos viagem, avistamos uma piroga tripulada por cêrca de 20 índios daquela tribo. Sua aparição nos alegrou e surpreendeu, pois não contávamos senão pela tarde chegar às suas habitações. Ao nos verem, soltaram gritos de alegria. Não tardou que à margem esquerda enxergássemos a *maloca* dêles (grande rancho que serve para todos os moradores do lugar), e para a qual dirigimos as canoas. Na praia 20 ou 30 homens, igual número de mulheres e muitas crianças enfileiraram-se para nos verem chegar. Um dêles, que nossa camaradagem chamava de cacique e que de longe tal nos pareceu, envergava uma farda e tinha à cabeça um chapéu armado, o que fêz com

Piroga tripulada por índios Apiacás

que o sr. de Langsdorff fôsse pôr seu uniforme de cônsul geral da Rússia, chapéu de plumas, espadim ao lado e condecorações (1). Desembarcamos no meio dêsses selvagens, cujas mostras de alegria confirmaram tudo quanto ouvíramos contar sôbre a amabilidade de seu caráter.

Não parecia o tal pretendido cacique gozar de nenhuma distinção entre sua gente. De nada lhe valia a patente de capitão-mor que com efeito recebera do presidente José Saturnino. Apresentou-se-nos com uma velha farda militar, sem dragonas, um sovado chapéu armado à cabeça, calças de algodão grosso, aliás sem camisa, nem gravata, nem espadim e de pés no chão.

Inteiramente nus andam êsses índios, alguns vermelhos de urucu. Os homens amarram ao prepúcio um cartuchinho de fôlha de pacova, cuja ligadura faz entrar o membro que desaparece de todo. As mulheres não se cobrem, mas seus gestos são decentes.

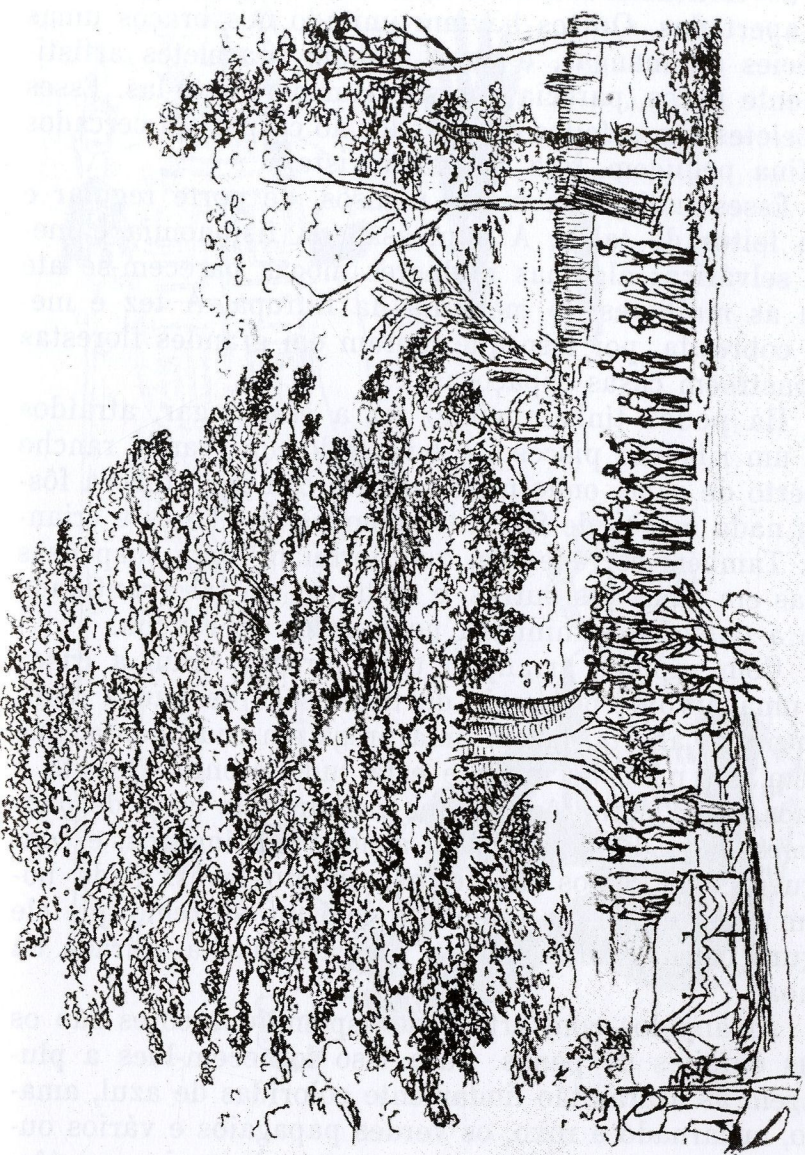
Os homens traçam na cara desenhos que são os mesmos para todos; os das mulheres são menos complicados. Além dessa *tatuagem*, que parece distintiva da tribo, pintam o peito e o ventre à vontade, traçando contudo sempre ângulos retos e paralelos uns aos outros.

Nos braços e pernas desenham figuras grosseiras de animais e peixes; algumas vêzes as do homem ou mulher. Além da tatuagem que é fixa, com o suco do *jenipapo* fazem pinturas de côr preta, variadas conforme o capricho que não lhes dura mais de vinte dias ou um mês, isto é, tanto quanto não se desvanece a tinta. Se as mulheres não tatuam o corpo, em compensação empregam o jenipapo para listrarem de prêto ora o quadril, ora as pernas.

Vi *Apiacás* que se tinham pintado desde a cintura

---

(1) Apesar da reserva louvável de que usa o Sr. Florence para evitar qualquer referência ao lamentável estado intelectual em que já se achava o cônsul Langsdorff, ao verídico narrador escapou esta ocorrência altamente significativa.

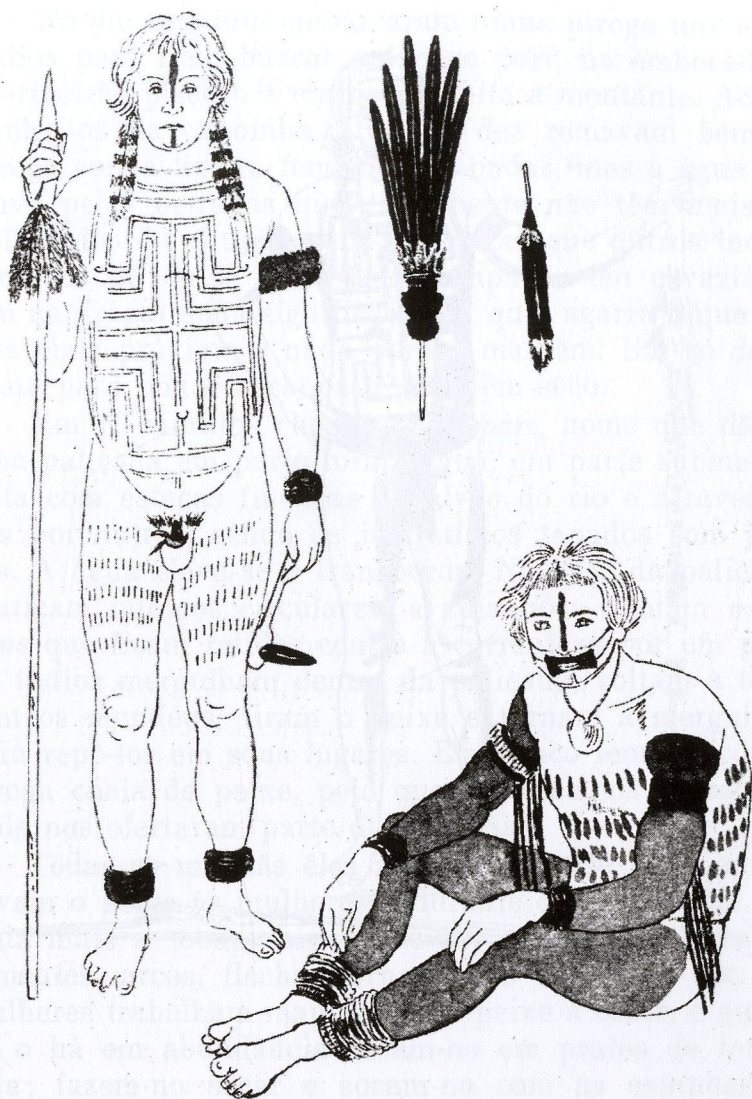
N. do T.

Encontro do Sr. de Langsdorff com os Apiacás

até ao tornozelo. Dir-se-ia que usavam de negras calças apertadas. Outros haviam imitado nos braços umas espécies de mangas, e como tinham braceletes artìsticamente feitos, parecia que serviam para retê-las. Êsses braceletes são enfeites ora colados ao corpo, ora cercados de fina penugem, que agrada à vista.

Êsses índios são muito mansos, de porte regular e bem feitos de talhe. A expressão da fisionomia é menos selvática; algumas mulheres moças parecem-se até com as mulheres do meio-dia da Europa. A tez é menos cobreada, por isso que moram em grandes florestas e constroem casas espaçosas.

Há pouco tinham vindo ter a êsse lugar, atraídos por um ribeirão piscoso, e levantado um grande rancho coberto de sapé, onde moravam em comum, embora fôssem nada menos de 80, entre homens, mulheres e crianças. Também as rêdes em que dormiam eram suspensas umas em cima das outras, e as havia em tal quantidade que a custo se caminhava no interior do rancho.

Com rapidez arranjam uma piroga; tiram a casca de uma árvore; por meio de travessões de pau a mantêm muito aberta, fazem uma prega em cada ponta, que retém por meio de cipós e está tudo pronto. Quanto a remos, nada mais têm do que rachar uma cana de *guatiivoca*, cujo diâmetro chega a nove centímetros, e conseguem dois remos tão fortes, quanto leves. Cada homem rema de pé ou assentado com um só remo que êle segura com as duas mãos e nunca é fixo à beirada da canoa.

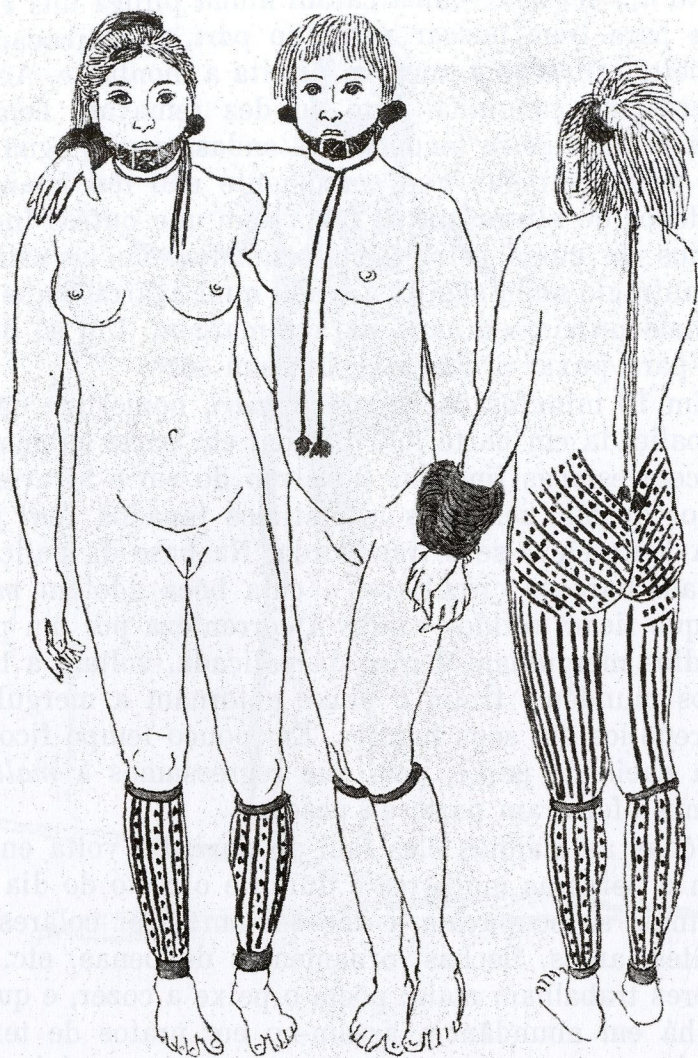
Arranjados com arte e de esplêndidas côres são os seus enfeites de penas. Para isso fornecem-lhes a plumagem as araras tão lindamente coloridas de azul, amarelo, encarnado e roxo, os verdes papagaios e vários outros belos pássaros. Com nozes, grãos de capim que têm a rijeza e o lustre do esmalte, dentes, unhas de animais, etc., fazem também ornamentos.

Apiacás. Ornamento para usar na mão

Apiacá, com azagaia

No dia seguinte embarcaram numa piroga uns vinte índios para irem buscar peixe ao *pari*, na embocadura do ribeirão piscoso à margem direita a montante. Acompanhei-os na canoinha. Oito ou dez remavam bem; a piroga corria ligeira fendendo as ondas, mas a água entrava pelas beiradas que comumente não têm mais de dois dedos de altura, o que fazia com que outros índios armados de cuias estivessem ocupados em esvaziá-la. Um naufrágio nada significa; cada qual agarra o que lhe fica mais próximo e nada para a margem. Um só dêles basta para puxar a canoa e pô-la em sêco.

Em 10 minutos chegamos ao *pari*, nome que dão a uma paliçada em parte fora d'água, em parte submersa, feita com estacas fincadas no álveo do rio e atravessadas por outras, sendo os interstícios tapados com juncos. A água eleva-se e transborda. Na base da paliçada praticam buracos circulares, a cuja bôca adotam *mundéus* que ficam retidos contra a correnteza por um pau. Os índios mergulham dentro da paliçada, voltam à tona com os mundéus, tiram o peixe e tornam a mergulhar para repô-los em seus lugares. Em pouco tempo ficou a piroga cheia de peixe, pelo que regressamos à *maloca*, onde nos ofertaram parte da pescaria.

Tôdas as manhãs êles iam ao *pari*. De volta entregavam o peixe às mulheres e durante o resto do dia em nada mais se ocupavam a não ser em fazer colares de sementes, arcos, flechas, ornamentos de penas, etc. As mulheres trabalham mais: põem o peixe a cozer, e quando o há em abundância assam-no em pratos de terracota; fazem-no secar e socam-no com as espinhas, o que constitui a farinha de peixe, com a qual enchem sacos, que guardam como mantimento.

Preparam o *camuí*, que é milho socado e cozido numa panela de barro cozido cheia d'água. Cada qual vem com sua cũia, quando lhe apraz, tirar dessa bebida.

Jovens Apiacás

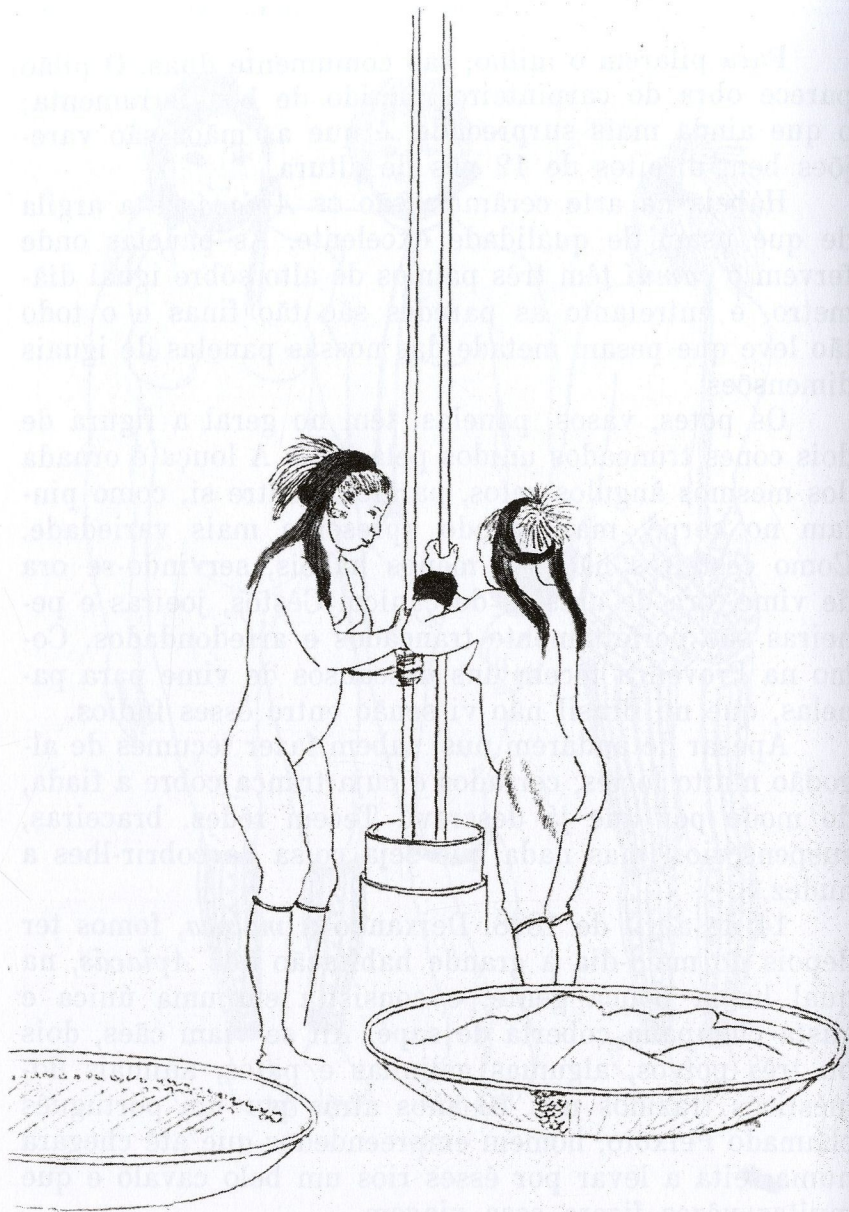
Para pilarem o milho, são comumente duas. O pilão parece obra de carpinteiro munido de boa ferramenta; o que ainda mais surpreende, é que as mãos são varejões bem direitos de 12 pés de altura.

Hábeis na arte cerâmica são os *Apiacás* e a argila de que usam de qualidade excelente. As panelas onde fervem o *camuí* têm três palmos de alto sôbre igual diâmetro, e entretanto as paredes são tão finas e o todo tão leve que pesam metade das nossas panelas de iguais dimensões.

Os potes, vasos, panelas, têm no geral a figura de dois cones truncados unidos pela base. A louça é ornada dos mesmos ângulos retos, paralelos entre si, como pintam no corpo, mas o todo apresenta mais variedade. Como cesteiros não são menos hábeis, servindo-se ora de vime, ora de arestas de caniço. Cêstos, joeiras e peneiras são perfeitamente trançados e arredondados. Como na Provença tecem uns descansos de vime para panelas, que no Brasil não vi senão entre êsses índios.

Apesar de andarem nus, sabem fazer teçumes de algodão muito fortes, cerrados e cuja trança cobre a fiada, do modo por que já descrevi. Tecem rêdes, braceiras, suspensórios, mas nada que seja coisa de cobrir-lhes a nudez.

14 de abril de 1828. Deixando a *maloca*, fomos ter depois do meio-dia à grande habitação dos *Apiacás*, na qual havia pouca gente, e consistia em uma única e vasta choupana coberta de sapé. Ali se viam cães, dois ou três porcos, algumas galinhas e patos, animais domésticos trazidos uns 10 anos atrás por um português chamado Peixoto, homem empreendedor que até chegara numa feita a levar por êsses rios um belo cavalo e que muitas vêzes fizera essa viagem.

Havia ali cerca de 80 araras que êsses índios criavam por causa das belas penas e da carne: alcandoravam-se na cumeeira, na choupana e nas árvores vizi-

Apiacás, mulheres socando pilão

Mulheres Apiacás

nhas. Voavam para a floresta, mas voltavam e deixavam-se apanhar e levar para onde se quisesse.

A roça de milho era em comum, do mesmo modo que a colheita. Essa choupana, bem como a outra, estava apercebida de milho, guardado numa tulha formada de paus atravessados, muito chegados uns aos outros e a pouca distância do teto.

Êles tinham muitos *mangaritos*, raiz tuberosa como a batata inglêsa, mas cujo gôsto agradável faz supor que foram cozidos com manteiga.

A um dia de viagem para O. havia outra *maloca* no caminho da nova habitação que ficava mais longe no Juruena, poucas léguas acima da confluência dêste com o Arinos.

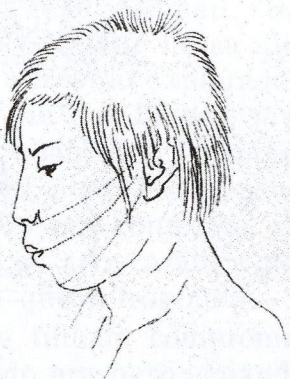
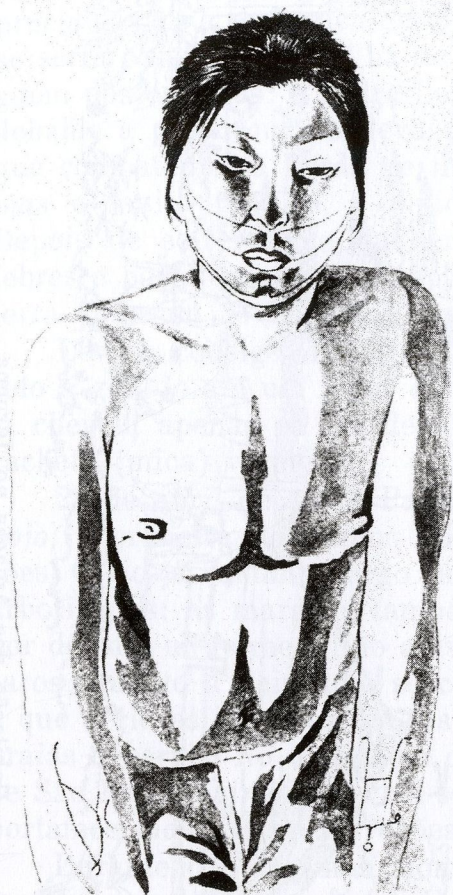
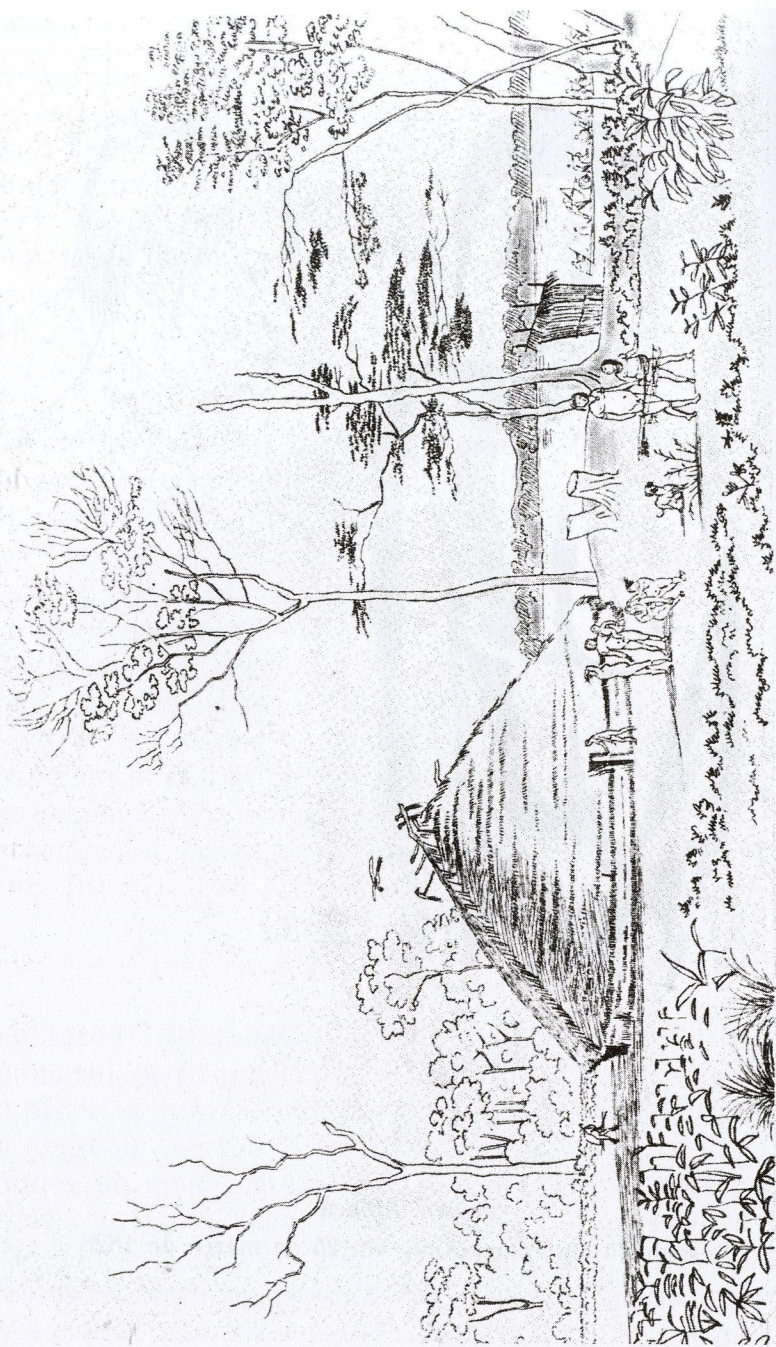
21 de abril de 1828. Vimos um índio paralítico das pernas; assentava-se por cima de taquaras rachadas em duas metades: quando queria caminhar retirava a detrás para colocá-la adiante.

Ser-me-ia difícil tirar uma conclusão qualquer do que vi durante os 10 dias de estada entre os amáveis *Apiacás*.

Nesse tempo, chegou da primeira maloca uma rapariga que viera por terra para ver seu amante, contratado por nós a fim de ir até ao Pará. Ela fêz-lhe muita carícia, e na ocasião da partida o tal argonauta desapareceu com sua Armida. O mesmo fêz, escondendo-se no mato, outro índio, chamado pela camaradagem Alexandre, e que viera conosco do Diamantino, fugido da casa de um morador que o maltratava.

Partimos da maloca dos *Apiacás*, e pelas 3 horas da tarde abicamos na embocadura do rio dos Peixes, onde acampamos cedo para darmos ao guia tempo de pescar.

Uns seis anos atrás subira um padre chamado Lopes êsse rio à procura de uma pretensa serra denomi-

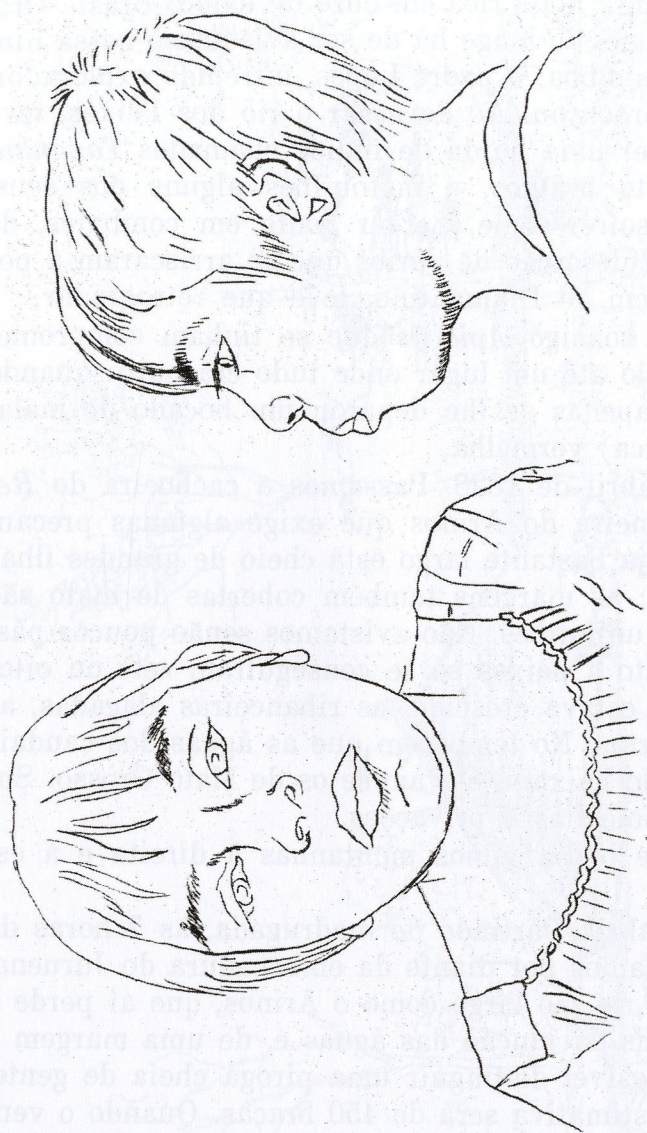
Índio Apiacá

Jovem Apiacá
Desenhado em Diamantino, em 25 de março de 1828

Habitação dos Apiacás no Juruena

nada *Os Martírios*, vista por antigos sertanistas que a proclamavam a mais rica em ouro de todo o Brasil. Ora, se serra existe, de longe há de ser avistada e nessa ninguém pôs os olhos: o padre Lopes, intrépido explorador, debalde a procurou. Ao devassar o rio dos Peixes, teve que combater uma horda de índios chamados *Tapanhumas* e muito bravios, e matou-lhes alguns dos seus. Depois de sofrer fome, perder gente em combates, de febres e por deserção de vários que se arriscaram a por terra voltarem ao Diamantino, teve que retrogradar.

Levara consigo *Apiacás* que se tinham comprometido a guiá-lo até um lugar onde tudo era ouro: quando lá chegou, apenas se lhe deparou um bocado de malacacheta (mica) vermelha.

22 de abril de 1828. Passamos a cachoeira do *Rebojo,* a primeira do Arinos que exige algumas precauções. O rio já bastante largo está cheio de grandes ilhas arborizadas: as margens também cobertas de mato são por demais uniformes. Não avistamos senão poucos pássaros; quanto a peixes só se conseguiram sete ou oito: é que o rio estava crescido, as ribanceiras alagadas, as praias cobertas. No tempo em que as águas dos caudais de São Paulo baixam, elevam-se os de Mato Grosso. Suportamos moléstias e privações.

Durante o dia vimos montanhas à direita e à esquerda.

23 de abril. Partindo de madrugada, às 7 horas da manhã passamos por diante da embocadura do Juruena, à esquerda, rio tão largo como o Arinos, que aí perde o nome. Depois da junção das águas é, de uma margem à outra, impossível distinguir uma piroga cheia de gente. A largura estimativa será de 450 braças. Quando o vento era forte, nossas canoas tinham que deixar o meio da corrente. Foi aí contudo que agarramos uma *preguiça*, que atravessava o Juruena. Metêmo-la numa canoa e à

Bacairi

Jovem Apiacá

noite a amarramos a uma árvore: de manhã, porém, desapareceu.

As ilhas são tantas que é raro divisar-se terra firme. Algumas com duas léguas de comprido.

O pouso que encontramos foi o melhor de todos desde o rio Prêto; deu-nos com efeito o gôzo do passeio e do banho uma praia de areia cortada de rochas.

24 de abril. Todo o dia infinidade de ilhas. Alcançamos às 4 horas da tarde a última *maloca* dos *Apiacás* no Juruena.

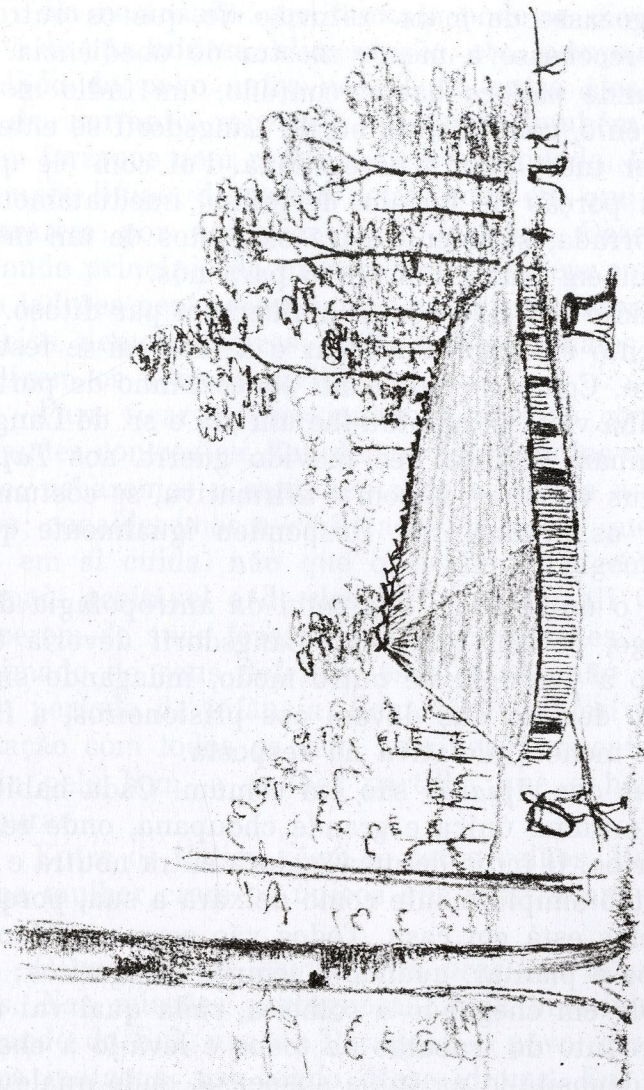
Aí se achavam perto de 100 índios. A casa era no meio de uma clareira feita aos poucos na floresta. A alturas desmesuradas erguem árvores sêcas os troncos; outras ainda verdejantes lançam a ramada em planos horizontais, como se vêem nas Índias Ocidentais. Debaixo de uma dessas havia uma gaiola feita de estacas fincadas em terra e coberta de sapé que continha um *guacami*, espécie de gavião branco, do tamanho da águia.

Trouxe-nos chuva e trovoada um borraceiro. O Juruena que aí tem 450 braças, ficou cavado como se fôra mar alto, obrigando-nos as vagas a levarmos as canoas para um abrigo. Uma hora depois cessara o vento e serenara o céu.

26 de abril. Antes de deixar esta última habitação dos *Apiacás*, sôbre êles direi ainda algumas palavras.

Entre o homem e a mulher, há casais tão duradouros como a vida. A mulher não é escrava como entre os *Bororós;* sua fisionomia é prazenteira, seus modos afáveis. Não vi vestígio algum de poligamia.

Entre êles, como nos povos civilizados, há mulheres que não pertencem a ninguém, com esta diferença, porém, que não tendo essas nem vestidos, nem artifícios, deixam patentes às vistas o funesto presente da sífilis que lhes inocularam os estrangeiros.

Entre os *Apiacás* reina a maior igualdade: nossa camaradagem, acostumada ao estado de civilização, no qual

« Maloca » dos Apiacás

por tôda a parte se depara um superior, julgavam ver um cacique em cada índio apessoado; entretanto não notei que gozasse de mais distinção do que os outros, nem dêles recebesse a menor mostra de obediência.

Na grande *maloca* havia, contudo, um índio moço e bom de gênio, com quem o sr. de Langsdorff se entendia para ter tudo quanto necessitava. Foi com êle que tratou uma porção de farinha de milho, imediatamente socada e torrada, suficiente para os gastos de um mês. Mandou também matar um porco para nós.

Êsse índio formava com a mulher um par ditoso. A cada momento estavam a brincar e a fazerem-se festas um ao outro. Como êle sabia um poucochinho de português, à minha vista perguntou-lhe um dia o sr. de Langsdorff se tinham alguma vez movido guerra aos *Tapanhumas*, seus vizinhos, e, com a afirmativa, se costumavam comer os prisioneiros. Respondeu igualmente que sim.

É êsse o único traço que colhi da antropofagia dos índios; julgo, porém, que o sr. Langsdorff deveria ter apresentado a pergunta de outro modo, indagando simplesmente o destino que davam aos prisioneiros, a fim de evitar a menor iniciativa na resposta.

Os bens dos *Apiacás* são em comum. Cada habitação consiste numa única e grande choupana, onde reside tôda a tribo. O índio de uma maloca entra noutra e se estabelece tão simplesmente como deixara a sua, porque em tôdas elas está em casa. Todos vão semear milho e outros grãos e plantar, quando é tempo, mangaritos; do mesmo modo em chegando a colheita, cada qual vai recolher o produto do trabalho de todos e levá-lo à choupana para depositá-lo na tulha suspensa, onde qualquer tem o direito de tirar quanto queira. Assim também com o resultado da caçada e pescarias, com canoas, covos, utensílios, etc.

De seu não tem o *Apiacá* senão o arco, flechas e enfeites.

Da sociedade que formam pode-se dizer o mesmo que de sua nudeza, alimentação, etc., comparados com o estado do povo entre nós. Tudo entre êles é simples; nada, portanto, repelente. Vão nus; também nunca vestem farrapos nem roupa suja e remendada. O corpo está sempre limpo, dispostos pela nudez em que vivem a se atirarem por qualquer coisa à água. Desconhecem o grande princípio da propriedade; também entre êles não há ladrões nem assassinos, nem envenenadores, nem falsários, nem ratoneiros, nenhum dêsses males morais que afligem os homens civilizados.

Para ficar impressionado é preciso contemplar os grandes contrastes. Estudemos êsses índios em suas matas; acharemos o sentimento de cada um a bem de todos; consideremos a civilização, veremos que cada qual só em si cuida, não que o estado selvagem possa ser jamais aceitável e de desejar — ainda ali vi mulheres fazerem de suas fezes o que fazem os cães. Embora escoimado de seus defeitos, êsse estado não passaria de um período de infância. Cem vêzes preferível é a civilização com todos os seus horríveis tormentos: aí há a luta pelo bem, a melhor partilha que o homem possa aspirar.

Entre os índios vêem-se raros velhos. Um homem e uma mulher eram os únicos que mostravam ter de 50 a 60 anos.

O *guarani* ou *língua geral brasílica* falam os *Apiacás*. Nas missões portuguêsas, hoje brasileiras do Rio Grande do Sul, nas do Paraguai, o povo, e sobretudo a raça indígena, usa ainda dêsse idioma. Em São Paulo, há sessenta anos, as senhoras conversavam nessa língua, que era a da amizade e da intimidade doméstica. Ouvi-a ainda da bôca de alguns velhos. No Paraguai é comum

a tôdas as classes, mas, como outrora em São Paulo, só é empregado em família, pois com estranhos se fala espanhol. As tribos de índios que vi têm cada uma um dialeto que lhes é peculiar; entretanto, começando pelos *Apiacás,* quantos encontrei no Juruena, Tapajós e Amazonas, exprimem-se em guarani.

Pelo que me parece, é essa língua geral que se encontra do norte ao sul do Brasil, um problema etnológico. Na época do descobrimento estava já espalhada, ou o foi pelos jesuítas, ou pelos invasores, ou pelos mesmos índios nas emigrações a que eram forçados para fugirem dos portuguêses. Ainda de mais vulto torna-se o problema quando se reflete que todos os nomes topográficos da imensa superfície do Brasil de norte a sul, de E. a O., são de origem guarani; que o Paraguai inteiro, a república do Uruguai e a parte N. E. da Confederação Argentina, têm denominações nessa língua para seus rios, cidades, etc.

Êste grande fato reproduz-se também nas Guianas portuguêsa, hoje brasileira, e francesa. O que, porém, fôra ainda mais de admirar, se o que me contaram é real, é que na ilha de São Domingos há um rio Capivari, do mesmo modo que em São Paulo e outras províncias do Brasil. A palavra *caraíba* das Antilhas tem muita semelhança com *cariva,* que em guarani significa *branco.*

Do Pôrto dos Apiacás ao Tucurizal

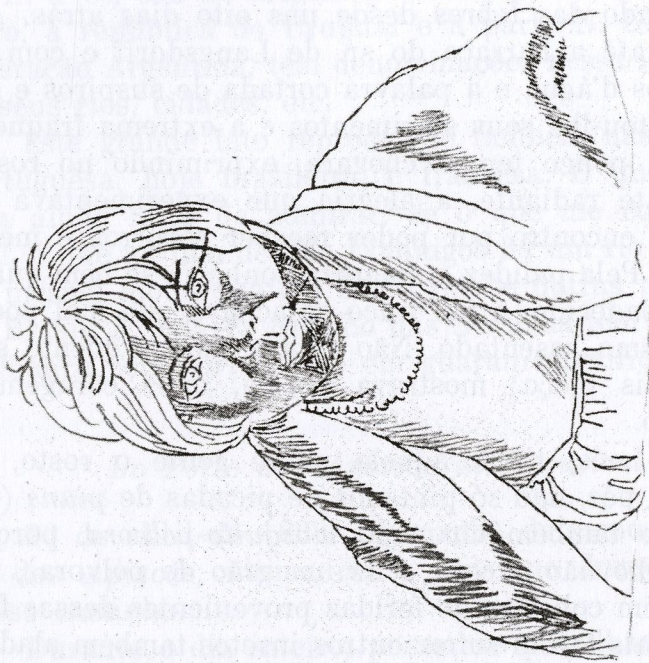
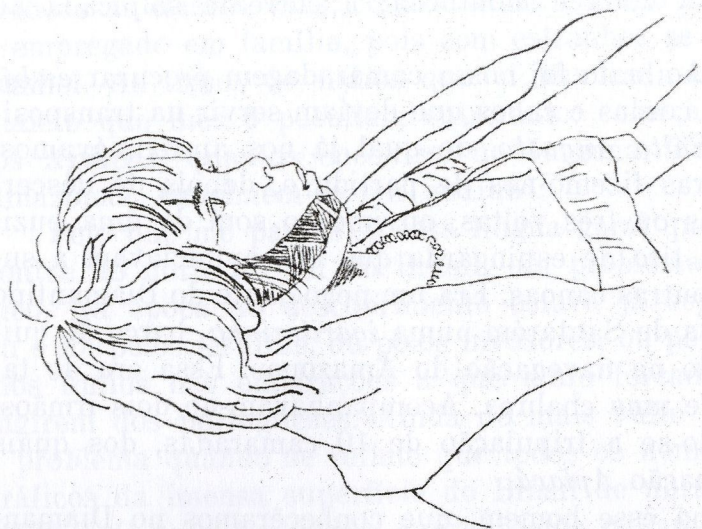
26 de abril de 1828. De manhã deixamos a morada dos *Apiacás,* última dessa tribo no Juruena e em nosso caminho.

Durante o dia inteiro, passamos por ilhas de todos os tamanhos. Pelas 4 horas obrigou-nos um temporal a buscar refúgio num braço estreito do rio.

27. A zona é montuosa; a corrente salpicada de ilhas.

28. Ao mato foi nossa camaradagem procurar *embiras* para cordas e cabos que deviam servir na transposição do *Salto Augusto,* do qual já nos aproximávamos. Às 9 horas fizemo-nos de partida e, depois de descermos duas ou três voltas, ouvimos o som de uma buzina e um tiro de espingarda que nos anunciavam a subida de outras canoas. Era um negociante do Diamantino que vinha de Santarém numa *igaritèzinha,* barco de quilha usado na navegação do Amazonas. Essa era do tamanho de uma chalupa. Acompanhavam-no dois irmãos, compondo-se a tripulação de 10 camaradas, dos quais três de nação *Apiacá.*

Vinha êsse homem, que conhecêramos no Diamantino, atacado das febres desde uns oito dias atrás. Arrastou-se até a barraca do sr. de Langsdorff e com os olhos rasos d'água e a palavra cortada de suspiros e soluços, contou-lhe seus sofrimentos e a extrema fraqueza a que em pouco tempo chegara, exprimindo no rosto, sùbitamente radiante, a alegria que experimentava do inopinado encontro por poder receber socorros e medicamentos. Pela palidez e magreza conhecia-se bem quanto havia padecido, e tão fraco se achava que mal podia ter-se mesmo assentado. Não estava menos doente seu irmão mais moço; mostrava porém, mais coragem e resignação.

Como nós, tinha aquela pobre gente o rosto, as mãos e os pés, não só pintados de picadas de *piuns* (inseto alado também chamado *mosquito-pólvora,* porque em tamanho não excede o de um grão de pólvora), senão também cobertos de feridas provenientes dessas ferroadas. Mais fazem sofrer outros insetos também alados, mas de maior tamanho, os *borrachudos,* porque a parte do corpo tocada inflama-se logo, sobrevindo tal pruri-

Jovem Apiacá, criada em Diamantino

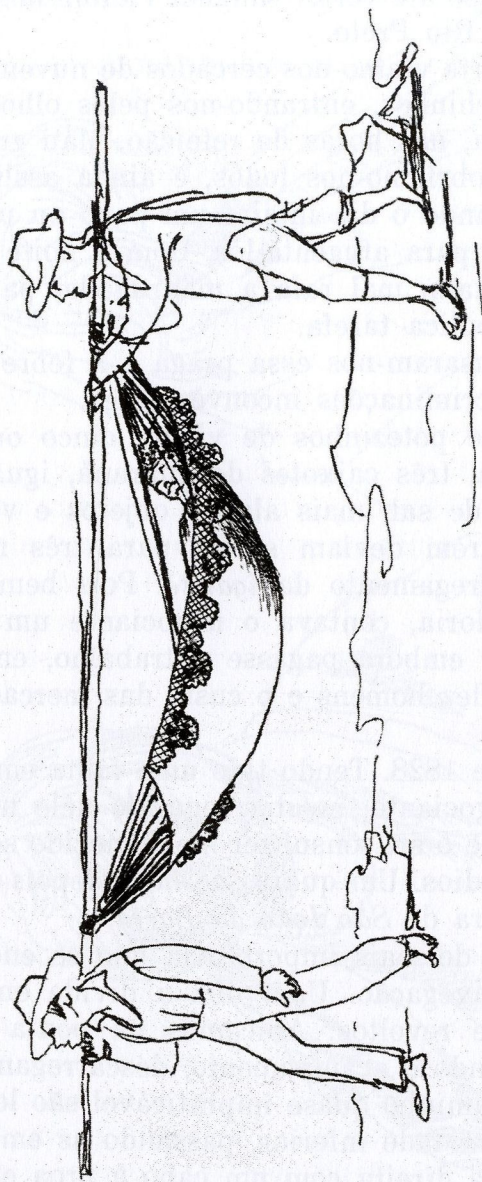
do que é de coçar-se até verter sangue. Vieram-nos martirizando desde o Rio Prêto.

Por tôda a parte víamo-nos cercados de nuvens dêsses malfazejos bichinhos, entrando-nos pelos olhos, nariz, orelhas e bôca, nas horas de refeição. Mau grado o excessivo calor, cobríamo-nos todos, e ainda assim era preciso estar agitando o dia inteiro um pano ou um espanador de penas para afugentá-los. Com a noite desaparecem, mas voltam, mal raia a madrugada, para recomeçarem a diabólica tarefa.

Por vêzes causaram-nos essa praga e a febre acessos de raiva e recriminações inconvenientes.

Uma dúzia de potezinhos de vinho, cinco ou seis caixas de genebra, três caixotes de guaraná, igual número de bruacas de sal, mais alguns objetos e víveres que, desde Santarém deviam servir para três meses, constituíam o carregamento da *igarité*. Pois bem, com tão pouca mercadoria, contava o negociante um lucro certo de 840$000, embora pagasse o trabalho, em viagem redonda, de dez homens e o custo das mercadorias em Santarém.

29 de abril de 1828. Tendo tido uma falha em companhia do tal negociante, no dia seguinte dêle nos separamos, depois de o sr. cônsul ter-lhe fornecido socorro de víveres e remédios. Um quarto de hora depois entrávamos na cachoeira de *São João da Barra*.

É a primeira de mais importância que se encontra nessa linha de navegação. Uma ilha a divide em dois braços igualmente revoltos. Abicamos na ponta superior, e aí preparando o acampamento, descarregamos as canoas. Por um caminho quase impraticável são levadas as cargas à extremidade inferior, passando as embarcações pelo canal da direita com um cabo à proa e outro à pôpa para as reterem na descida. Dois homens nelas se metem, e o resto da gente, ora dentro d'água até a

Transporte de um maleitoso em rêde

cintura, ora nos penhascos, trabalha de varejões ou nos cabos.

30 de abril. Para o pôrto inferior foram levados, cada um em sua rêde, os srs. de Langsdorff e Rubzoff. Apressamo-nos em partir, porque as ondas levavam as canoas de encontro às pedras. Alguns minutos depois, alcançávamos o remanso.

Ergueu-se de repente um cheiro fétido, que me fêz procurar com os olhos qual a causa, e vi boiando uma anta morta, sôbre a qual pousava um urubu que devorava a putrefata carniça.

A anta é animal muito vigoroso, que pode nadar largo tempo e ficar alguns minutos debaixo d'água; era, pois, difícil conjeturar o que lhe produziria a morte; mas com certeza ia o cadáver rolar na primeira cachoeira, tomando então o urubu seu vôo pelos ares afora.

Já ouvíamos o estrondo do *Salto Augusto*.

Passamos perto de dois redemoinhos, dos quais não escaparia quem lá caísse. Um dos nossos pôs-se a rezar e persignou-se: é verdade que era um envenenador, como adiante veremos.

Transpusemos uma cachoeira, cujas ondas por vêzes alagam os barcos. O movimento de bombordo a estibordo quase me derrubou o tôldo; o que tem significação para um tronco de árvore cavado, arredondado e sem quilha.

Em poucos instantes percebemos o branco nevoeiro que se ergue do Salto Augusto.

A aproximação é cheia de perigos. Com rapidez encostamo-nos à margem direita e abicamos com precisão no cotovêlo que ela faz a 200 toesas da catarata. O batelão foi o único que não conseguiu executar essa manobra, porque, tripulado por três homens inábeis, achou-se levado por um torvelinho, donde pôde safar-se, mas para cair na correnteza, cuja violência custa a

vencer. O pilôto não dirigia mais a pôpa, que se voltara para o salto.

Supusémo-los perdidos!

Um dos nossos pilotos gritou-lhes de tentarem galgar a ilha que divide a catarata: ilha inabordável!

Felizmente os dois homens da proa remaram com tanta energia que o batelão tornou a entrar no redemoinho, o que os salvou, porque, aproveitando-se do primeiro impulso tomado pela embarcação e resistindo com os remos ao movimento giratório, conseguiram alcançar a margem em que estávamos, umas quarenta braças abaixo.

Há quatro anos nesses mesmos lugares dera-se um lamentável sucesso, salvando uma criança de 14 anos sua vida por um rasgo de admirável coragem.

Uma monção que subia o rio, tinha já terminado não só todos os trabalhos do Salto, mas ainda as penosas manobras peculiares a essa margem que se adianta em curva sôbre a catarata. Essas manobras, ditadas pela prudência e que exigem as maiores precauções ao subir-se o rio, consistem em ter um número capaz de homens colocados em terra a fim de puxarem por um cabo a embarcação, na qual vão duas ou três pessoas para a governarem até atingir-se um ponto onde não há mais perigo e que é justamente aquêle em que nos achávamos. Tôdas as canoas tinham já transposto êsse trecho perigoso; só faltava um batelão, no qual vinham dois homens e o tal menino de 14 anos de idade. Partiu-se a corda quando puxavam êsse batelão, e a corrente de rôjo o impeliu para o Salto. Os pobres coitados iam da proa à pôpa sem saberem o que fazer e, vendo a morte iminente, levantavam as mãos para os céus gritando misericórdia. Pilotos encanecidos nos perigos dessa travessia ao testemunharem tal desgraça perderam os sentidos. Entretanto o menino, vendo de longe na crista do

Salto um arbusto balançado pelas ondas, atirou-se a nado e agarrou-se aos ramos, enquanto seus infelizes companheiros e o batelão eram precipitados no fundo abismo.

Com tôda a pressa trataram de amarrar cordas umas às outras; correram ao longo da margem até ao ponto mais chegado e daí largaram uma canoa retida por cabos e tripulada por dois intrépidos homens. O menino foi salvo!

Voltemos ao diário.

O guia, os pilotos e seus ajudantes e proeiros, todos gente de escolha, fizeram descer as canoas uma após outra até a reentrância do cotovêlo, onde começa o pôrto, e voltaram de cada vez por terra; executaram duas vêzes manobra idêntica até ao pôrto que fica mesmo acima da catarata.

Não há mais do que caminhar uns cinqüenta passos, dobrar à esquerda e acha-se o viajante numa plataforma de rochedos, da qual descortina a queda do Juruena, célebre pela sua extensão em três seções e pelos perigos que aí se corre. Podem-se molhar os pés na espuma da margem, não alcançando a vista nada mais do que alvacento báratro no qual se engolfa o rio com o estrondo da trovoada, espadanando-se as ondas, rugindo em massas animadas que se embatem, como a quererem devorar-se umas às outras e produzindo vapores condensados que, erguendo-se aos céus em seis colunas, a modo de bulcões rutilantes de alvura, de pronto se dissipam nos ares. Os cachões d'água saltam, correm e atiram-se em segunda queda, onde se formam novos rolos de movediço nevoeiro. Adiante disparam para terceiro e imenso jacto, depois do qual o rio estreitando-se, desliza como sulco branco e esconde-se por trás de umbrosa margem.

Por notável contraste, voltando-se para a esquerda, descansam os olhos, ainda deslumbrados dêsse eterno

Salto Augusto

turbilhão, numa enseada batida de ondas que vêm quebrar-se mansamente no musgo verde da plataforma, e além numa muralha cortada em três planos de rochas, por onde descem mil fios d'água, representando um como anfiteatro de três ordens de liras de brancas cordas, onde a vibração cai e geme na pedra, misturando distintamente eólios sons aos rugidos da catarata.

Do outro lado da grande queda, vê-se a ilha à qual já me referi. Rodeada de líquidos sorvedouros, de ondas tão altas como as do oceano, por todos os lados inacessível, submersa na sua porção superior e em parte oculta pelo nevoeiro, parece surgir da espuma de vasta cratera em liquefação. Coroa-a contudo uma floresta de grandes árvores. Que sêres, porém, buscam sua sombra? Nenhum animal pode alcançá-la com vida. Pé humano ainda não a pisou. Pisá-la-á um dia, quando a civilização tiver penetrado nessas regiões? É o que se pode afirmar com tôda a segurança.

Por trás da ponta inferior da ilha, vê-se surdir a outra metade do rio ainda espumante, pois, no dizer da camaradagem, é a outra parte do Salto, oculta pela ilha, tão grande como esta. Todo êsse quadro agitado é emoldurado em uma fita de floresta como a que víramos em todos os rios e correntes que navegamos, com exceção do Rio Pardo e do Coxim.

Junto ao pôrto inferior e à beira de um barranco de 30º de inclinação formamos pouso. O *varadouro* tem 400 passos de um pôrto a outro, ficando um acima do outro 150 pés, segundo minha estimativa.

Perto demorava um cemitério onde, no ano passado, haviam sido enterradas 40 pessoas, vítimas das sezões que assaltam os viajantes dessas insalubres correntes. Aí fôra plantada uma grande cruz de 20 pés de alto, a fim de colocar essa terra e restos debaixo da proteção do respeito religioso. O tumulto e as agitações da cata-

Planta do Salto Augusto

rata mais exaltam êsse sentimento, tornando-se a presença da morte um dos mais assinalados característicos dessa grandiosa natureza.

Cheiro cadavérico, vindo do lado do cemitério, fêz-nos descobrir a cova de um *Apiacá* que, voltando de Santarém com o negociante, morrera de febres a dois dias de viagem de sua tribo. Havia um buraco, que fôra sem dúvida aberto por um enxame de abelhas, pois as víamos sair em grande quantidade. Demo-nos pressa em cobrir com terra essa cova.

2 de maio de 1828. Todos os nossos puseram mãos ao cabo para arrastar a primeira canoa, mas em vão. Não tínhamos senão uma polé que ali acháramos, deixada pelos que nos precederam. A roda quebrou-se, e o resto do dia passou-se em fazer outra, sem que o conseguíssemos. Um machado e duas tesouras ficaram inutilizados nessas madeiras rijíssimas e preciosas, de que estão cheias as florestas do Brasil.

Continuaram muito doentes os srs. Langsdorff e Rubzoff. A fraqueza era tal que não podiam sair da rêde: a perda de apetite completa. Os calafrios voltavam-lhes diàriamente às mesmas horas, precedendo acessos de febre de tal violência que nos faziam involuntàriamente soltar gritos entrecortados e dar pulos de agitar as árvores, onde a rêde, mosquiteiro e tôldo estavam armados. Vi a folhagem dessas árvores, cujo tronco tinha uns 33 centímetros de diâmetro, tremer na altura de 40 palmos. Cada rêde estava suspensa a duas delas.

Quanto a mim, achei-me restabelecido, mas uma excursão que fiz durante o dia causou-me, em conseqüência de uma trovoada que me pilhou, súbita recaída.

Querendo examinar a parte do Salto que fica por detrás da ilha, passei, por volta das 4 horas da tarde, numa canoinha em que iam também o guia e um camarada, o rio num ponto, em que êle já dá alguma nave-

«Varadouro» no Salto Augusto

gação. Com efeito descortinei a segunda seção da queda, duas vêzes tão larga como a primeira sem poder contudo ver-lhe a base, oculta como é, por árvores e rochedos da margem esquerda, isto é, à nossa direita.

Esta seção é muito larga, porque corta o rio oblìquamente, como mostra o plano aproximativo.

Formou-se uma trovoada que se adiantou sôbre nós. Retido, porém, pelo trabalho de tirar a vista, deixei-me ficar, tanto mais quanto o guia se divertia pegando volumosos peixes, como se costuma pescá-los perto das grandes quedas.

Sôbre nossas cabeças azulava o céu; maciços de nuvens arredondados e iluminados por cima formavam um arco que tomava os pontos extremos do horizonte, arco sombrio no interior e recortado em estalactites, donde caíam colunas mais escuras de chuva, que o vento inclinava para a esquerda.

Arrebentou o raio; abriram-se as cataratas do céu; mas embaixo a paisagem tornou-se ainda mais resplandecente.

Dois grupos de elevado arvoredo também negrejantes coroavam o rio transformado em extensa e alva esteira, cuja franja cortava em linha reta essa soberba perspectiva.

As colunas de chuva pendiam para a esquerda; as mil movediças dobras da esteira para a direita; mais abaixo, porém, tôdas as águas corriam espumantes para a esquerda, isto é, para a ilha, desviadas, como são, por um penhasco ligado a ela na parte submersa, de 14 pés de alto, direito como uma flecha, e de encontro ao qual batem, rugem e espadanam as ondas. Aí se forma a segunda queda que é a continuação daquela que havíamos visto da margem em que ficava nosso pouso.

Para cá do penhasco e da correnteza da ilha, é o rio quase calmo.

Esta queda não dá idéia do caos, como a companheira da direita. Nenhuma coluna de denso nevoeiro aí se vê; pelo contrário vapores adelgaçados pairam horizontalmente sôbre o lençol d'água, como uma miragem, principalmente à direita do espectador, onde o salto nada mais é que um foco de deslumbrante alvura.

Não tive tempo senão de tirar muito às pressas um esbôço. A trovoada desabou sôbre nós com tal fúria que, antes de alcançarmos a canoa, correndo sôbre as rochas, já estávamos varados pela chuva. Despi-me todo, na crença de que a roupa molhada e fria poderia fazer-me mal e pus-me a trabalhar de remo para conservar o sangue em agitação, e não me deixar tolher pela chuva e o vento. Cheguei, porém, à barraca transido de frio; o capote e as cobertas mal me davam algum calor. Tôda a noite ardi em febre, acompanhada de grande dor de cabeça e extrema fraqueza, com todos os sintomas, enfim, das febres intermitentes. Com efeito fui de novo atacado e durante 10 dias por elas muito maltratado, não tanto, porém, como os meus companheiros, a quem eu dava o braço para ajudar a caminhar. Desde então tive mais ou menos calafrios e febre até Santarém.

3 de maio de 1828. Com muito trabalho foi arrastada a primeira canoa uns dois terços do caminho, defronte do cemitério. No dia seguinte puxou-se a mesma canoa e o batelão até nosso pouso e pôs-se a segunda canoa em sêco, na rampa que domina o pôrto superior, sendo trazida até perto do acampamento no dia 5.

A segunda roda de polé partiu-se, e nossa gente nada mais fêz no resto do dia. Um passageiro chamado Carvalho caiu doente. Em 34 pessoas não havia senão 15 de saúde, e entre estas só oito tinham escapado até então das sezões.

Ainda tive fôrças para desenhar um *pirarara*, peixe de um metro de comprido e pouco apreciado.

6 de maio de 1828. Atirou-se a primeira canoa à água. Pouco faltou que na descida ela se despedaçasse de encontro às rochas, porque a camaradagem, não podendo retê-la, deixou-a descer pelo plano inclinado. Só tiveram tempo de saltar para os penhascos da direita e esquerda, correndo o risco de quebrarem as pernas. Isto não lhes deu mais prudência quando arrastaram o batelão, porque, tendo-o levado até à descida e algum empecilho obstando-lhe o avançar, puseram-se todos a forcejar, no meio de grande alarido, uns a puxá-lo, outros a empurrá-lo no sentido da correnteza. De repente moveu-se a embarcação, mas com tamanha violência que, se todos não largassem os cabos, fugindo para o lado da mata, estavam perdidos. O batelão foi feito migalhas nas pontas das rochas, perda sensível para nós, pois era nossa melhor embarcação; tínhamos que transpor muitas cachoeiras perigosas e o carregamento avultava.

Cessei aí de escrever o diário, por causa das febres. De lembrança dei-lhe continuação quando em Santarém. Por esta razão não figuram mais datas. Não tínhamos mais presentes nem sequer os dias do mês, por tal modo estávamos todos doentes.

No dia 7 arrastou-se a segunda canoa com precauções, mas tão pouca perícia, que não puderam deixar de soltar os cabos que a retinham. Por extrema felicidade escangalhou-se só a proa. O sr. de Langsdorff ficou furioso com a camaradagem e sobretudo com o guia, o qual, desde o Rio Prêto, tinha sido causa de muitos sinistros.

O resto dêsse dia e o seguinte até meio-dia foram empregados nas reparações da canoa. Por ela e pela outra distribuiu-se todo o carregamento e excedente da que se perdera. O resto ficou em terra dentro de uma barraca, tendo o sr. cônsul intenção de parar uma légua abaixo numa mata chamada *Tucurizal* para fazer uma

Salto Augusto, parte além da ilha

canoa, sendo então fácil mandar buscar êsses objetos e mantimentos.

Partimos com efeito para essa floresta de *tucuris*, à qual chegamos com uma hora de navegação. Como devíamos ficar aí parados alguns dias, nos dois primeiros mandou o sr. de Langsdorff derrubar várias possantes árvores, a fim de arejar o acampamento, que assentava em terreno bastante inclinado e por isso incômodo. No terceiro dia, os camaradas acharam a 300 passos do pouso um *tucuri* de bom tamanho para dar a canoa precisa e consumiram o dia inteiro a pô-lo em terra. É que nesses casos não se trata só de cortar uma árvore; convém levantar em tôrno um andaime para chegar à altura em que não há mais saliência e o tronco é arredondado.

Os dois terços da extensão total bastaram para o comprimento do bote que nesse sentido deveria ter 25 passos sôbre 80 centímetros de largo. Nossas embarcações eram tôdas de madeira *tucuri*, muito quebradiça, contudo, de que davam prova a segunda canoa e a proa da terceira que se desfizeram em pedacinhos, como se foram vidro.

Esta árvore, que se eleva acima de qualquer outra e cujos ramos e espêssa folhagem coroam um caule reto como uma coluna, e de grossura a não poder ser às vêzes abarcado por cinco homens, dá um fruto das dimensões de um côco da Bahia. O envoltório é ainda mais rijo. Precisa saber manejar um machado quem o abrir, e só é possível parti-lo em círculo, lançando mão de uma serra.

Dentro acham-se quinze ou vinte nozes do aspecto e tamanho que mostra o desenho junto: estas, também com casca muito dura, encerram uma amêndoa, coberta de uma película pardacenta que dificilmente se destaca, mas que esbrugada tem gôsto agradável, embora seja muito oleosa.

Batelão feito em migalhas

O *tucuri* é de grande socorro para o índio e o viajante. Carrega extraordinàriamente, e cada côco basta para fartar um homem.

Esta árvore, dando frutos tão pesados em grande altura, não deixa de inspirar fundado terror aos que passam por baixo dela. De fato a queda de uma daquelas pinhas na cabeça de um homem o derrubaria sem sentidos. Os animais que dela tiram o sustento, às pressas agarram o primeiro fruto que encontram por terra e vão se safando com ligeireza para o comerem sem receio.

De dia, de noite, quando havia ventania, ouvíamos cair essas imensas nozes com um baque surdo. Quando a camaradagem ia trabalhar na canoa atravessavam com cautela a mata e, se havia vento, punham-se todos a correr. Eu mesmo pouca confiança tinha no meu chapéu de palha do Chile e no capote, pois não impediriam que sentisse dolorosíssima pancada na cabeça ou no ombro, receios tanto mais justos quanto ouvia e via cair à direita e à esquerda muitos dêles.

Na nossa estada no Diamantino, muito se regozijava o sr. de Langsdorff com a idéia de que ia ver o *tucuri*. Pelo que dizia, era árvore quase desconhecida na Europa, tendo tido muitas expressas recomendações de sábios para colhêr tôdas as indicações possíveis a seu respeito.

Não pude desenhar senão o fruto e a fôlha, a qual tem três decímetros de comprimento, é lanceolada e pendente.

Pretendiam nossos camaradas que à vontade pode-se fazer cair o *tucuri* do lado que se queira, para o que basta praticar uma incisão mais baixa do que outra acima, coisa que nem em todos os casos se verifica.

A árvore que derrubaram arrastou outras na queda, causando estrondoso ruído, cujo eco nessas solitárias paragens prolongou-se muito ao longe.

Derrubada de um tucuri para a confecção de uma canoa

Fundo e estreito, corre aí com mais rapidez o Juruena, encaixado entre duas colinas, das quais a que enfrenta conosco é também em declive e coberta de mato.

Onze dias levou a camaradagem a fazer a canoa, tempo que nos pareceu sobremaneira melancólico por causa das moléstias e do tédio de estarmos retidos numa floresta. Voltei ao *Salto Augusto* para acabar de tirar a vista da segunda seção e 24 horas depois regressei ao pouso.

Acabrunhavam-nos as enfermidades; os mosquitos causavam-nos duros sofrimentos, não nos dando a menor trégua.

Por cima do mais sobreveio uma chuva torrencial que durou dias seguidos, molhando tudo quanto tínhamos, até dentro das barracas.

A pesca e a caça nada produziam. Tudo concorria para tornar-nos aquela parada intolerável.

Viamo-nos reduzidos a tomar caldos de *coatás* e *barrigudos,* duas espécies de macacos, aí muito numerosos, sem dúvida em razão dos frutos do *tucuri,* caldos aliás excelentes; pois, embora me tivessem as sezões embotado o paladar e me repugnasse essa carne, senti que o estômago enfraquecido dava-se bem com aquêle restaurador alimento.

Nesse lugar foi que se manifestou o estado desastroso em que caiu o sr. de Langsdorff, isto é, a perda da memória das coisas recentes e completo transtôrno de idéias, devido à violência das febres intermitentes. Essa perturbação, da qual nunca mais se restabeleceu, obrigou-nos a ir para o Pará e voltar para o Rio de Janeiro, pondo assim têrmo a uma viagem, cujo plano, antes dessa desgraça, era vastíssimo, pois devíamos subir o Amazonas, o rio Negro, o Branco, explorar Caracas e as Guianas e regressar ao Rio de Janeiro, atravessando as províncias orientais do Brasil. Talvez tivéssemos tam-

Confecção da canoa

bém tomado outra direção, a do Peru e Chile, por exemplo. Não havia sido pelo govêrno da Rússia determinado ao sr. de Langsdorff nem tempo nem caminho certo.

Parece que o canal de Cassiquiare não é ainda bem conhecido, pois, quando estávamos no Diamantino, recebeu o sr. de Langsdorff uma carta, escrita do Pará, do viajante inglês, Mr. Burschell, na qual lhe referia que, chamado à Inglaterra por negócios de família, via-se obrigado a renunciar ao plano de exploração do canal Cassiquiare, projeto que o cônsul não pusera dúvidas em aceitar.

No sexto ou sétimo dia de nossa estada no Tucurizal, passou uma tropa de *Mundurucus* pela floresta fronteira ao nosso acampamento e do outro lado do rio. Um ajudante do pilôto, que estava a caçar, trouxe-nos três dêles na canoinha. Por diversas vêzes foi buscar outros e, dentro em pouco, conosco tivemos 20 índios, dos quais duas mulheres velhas e uma moça. Na margem de lá ficara ainda maior número, composto na maior parte de mulheres e crianças. Os que transpuseram o rio, haviam deixado nas mãos dos companheiros os arcos, flechas e bagagens.

Deram mostras de satisfação em ver-nos. Como os *Apiacás*, andam nus, sarapintados no pescoço, ombros, peito e costas, de um desenho que semelha um mantéu agarrado ao corpo, o que parece indicar certo grau de faceirice, caso sejam capazes de a sentir. Contava-nos o sr. Taunay que em não sei que arquipélago do mar do Sul apareciam os naturais por tal modo pintados dos pés à cabeça que os marinheiros da *Urânia* diziam com graça que êles estavam vestidos e nus.

Os *Mundurucus* raspam os cabelos da cabeça, deixando acima da testa um feixe redondo e curto: por trás usam do cabelo que chega até às fontes, de modo que todos, homens, velhos, mulheres e moços, são calvos por inclinação.

Macaco « Coatá »

Em cada orelha, fazem dois furos, nos quais introduzem cilindros de dois centímetros de grossura. A marcação (*tatouage*) da cara consiste em duas linhas que vão do nariz e da bôca às orelhas, e de um xadrez em losangos no queixo. Além dessas riscas fixas, pintam-se com suco de jenipapo que é da côr da tinta de escrever. Às vêzes traçam linhas verticais em algumas partes do corpo.

Debaixo do braço trazia um dêsses índios um pedaço de *caititu* (porquinho do mato) assado e embrulhado em fôlhas sêcas. A vista dêsse manjar, que tinha cara de ser excelente, acordou-me o apetite modificado uns dias atrás pela moléstia. Pedi-o ao índio que prontamente mo cedeu. Com a mesma satisfação saborearam-no os srs. de Langsdorff e Rubzoff, ainda mais faltos de apetite que eu. Sem sal, nem tempêro algum, achamos êsse assado suculento, provindo a excelência do modo por que os índios o preparam. Embrulham-no em fôlhas e, espetado em comprido pau, fincam-no em terra a distância calculada do fogo, conforme é o calor mais ou menos intenso. Coze tão lentamente que são necessários até dois dias, mas dessa maneira torna-se a carne mais tenra, conservando-lhe as fôlhas o caldo e preservando-a da fumaça.

Em razão da marcha que durara muitos dias, estavam quase esfaimados êsses índios, dos quais um tão útil fôra ao nosso apetite estragado pelos sofrimentos. Demos-lhes uma boa refeição e foram-se para outro lado do rio, depois de terem feito suas despedidas.

A alguns dias de viagem dali moravam, nas margens do rio Tapajós, onde cultivavam mandioca e fabricavam farinha que os negociantes do Pará iam-lhes comprar.

A aparição, pois, dêles em lugares que nunca visitavam, dava lugar a comentários; mas como sabíamos

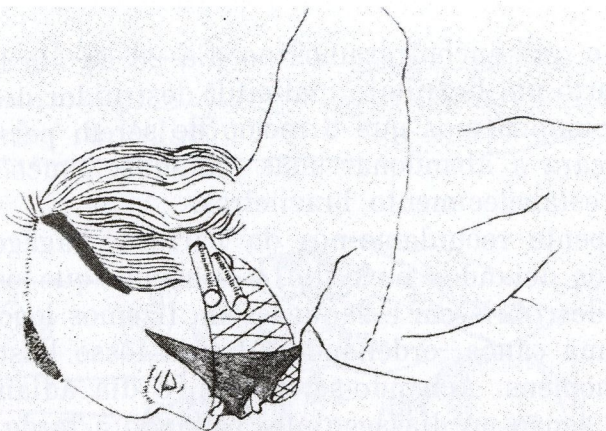
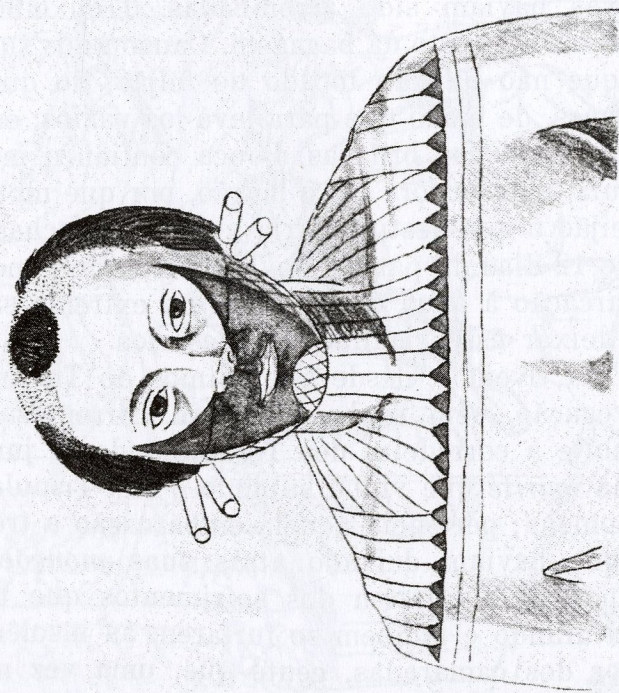
Visita dos Mundurucus ao acampamento de Tucurizal

pelo sujeito que encontráramos no dia 28 de abril, que haviam morto um brasileiro malfeitor destruidor de suas plantações, supusemos que o receio de serem perseguidos os forçara a abandonar suas moradas, pouco afastadas dos estabelecimento brasileiros.

De repente recordamo-nos da barraca, bagagens e mantimentos deixados no Salto, e temendo que os selvagens os descobrissem e saqueassem, fizemos logo descarregar uma canoa, ordenando ao guia fôsse buscá-los com seis homens. Achando-se, porém, o dia adiantado, não partiu senão no dia seguinte, voltando à tarde para nos participar que os *Mundurucus* por lá já tinham passado, tendo desaparecido a farinha de milho, objetos de ferraria, os arcos e flechas com que nos haviam presenteado os *Apiacás*, uma rêde de pescar e outros objetos. Algumas caixas haviam sido arrombadas. Trouxe-nos contudo a barraca e o resto da bagagem. Causou-nos surprêsa saber que não haviam tocado no feijão, do qual havia cinco sacos, de modo que para levá-los vazios, entornaram o conteúdo nas bruacas. Pouca confiança merecia-nos o guia, mas se fôra êle o ladrão, por que motivo traria o feijão e que destino daria a arcos e flechas?

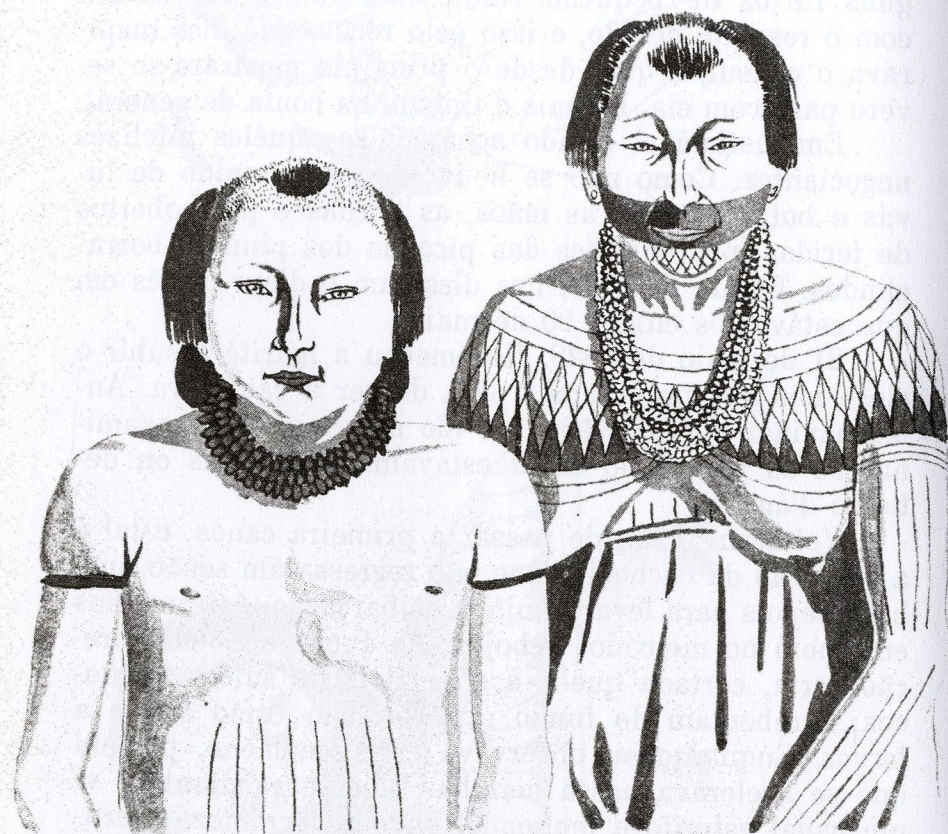
Depois de 12 dias da parada no Tucurizal, deitamos enfim a embarcação à água e partimos, em extremo satisfeitos por deixar êsses malfadados desertos.

Naquele dia tivemos, desde que saímos do Tucurizal, boa navegação, sem cachoeiras nem correntezas, chegando à noite à corredeira dos Ternos, onde se juntou a nós uma *igarité* que vinha subindo o rio. Tripulada por oito homens; pertencia aquela embarcação a três negociantes que haviam deixado atrás suas *monções*, impacientes por se libertarem dos sofrimentos que tinham vindo aturando e tambem se furtarem às insolências e insultos dos camaradas, gente que, uma vez no sertão, perde todo comedimento, chegando a ponto de

Jovem Mundurucu

arrombarem os caixões à vista dos próprios donos e sem rebuço sacarem garrafas de vinho e aguardente para se embebedarem, acrescentando chufas grosseiras a tais desmandos. Nossa marinhagem fazia-nos, é certo, alguns furtos de pequeno valor, mas nunca nos faltara com o respeito devido, e isso pelo receio que lhes inspirava o cônsul, o qual desde o princípio mostrara-se severo para com ela. Demais o tinham na conta de general.

Em lastimável estado achavam-se aquêles infelizes negociantes. Como não se houvessem premunido de luvas e botas, tinham as mãos, as pernas e pés cobertos de feridas, provenientes das picadas dos piuns e borrachudos. Foram êles que nos disseram o dia e o mês em que estávamos então: 20 de maio.

21 de maio de 1828. Recomeçou a igarité a subir o rio e nós nos preparamos para descer a cachoeira. Antes haviam o guia e o pilôto ido na canoa nova examinar se as rochas do canal estavam descobertas ou debaixo d'água.

Voltaram a fim de passar a primeira canoa, e tal é a extensão da cachoeira que não regressaram senão uma hora depois para levar a minha embarcação. Atiramo-nos em cheio no meio dos rebojos. As águas não têm direção certa, cortada que é a superfície de sulcos tortuosos; arrebentam do fundo e borbulham como azeite a ferver. Enquanto eu observava êsse fenômeno, percebi que se acelerava nossa marcha. Olhei para diante e vi um canal estreito e inclinado, onde a correnteza recrudesce de velocidade. Penetramos resolutamente. Aí a canoa verga, voa, e, alagando-se tôda, pula no meio da espuma que dos dois lados espadana como tocada de violento vento. Se esbarrar contra um dos parcéis que pejam o leito, está perdida. O pilôto e seu ajudante à pôpa, à proa o proeiro e remadores desenvolvem admirável perícia para a cada instante virarem de bordo, segundo as sinuosidades e perigos dêsse angusto canal.

Mulher e criança Mundurucus

Afinal dêle nos safamos e abicamos tranqüilamente à esquerda numa praia, onde a gente da primeira canoa já suspendera as rêdes e estendera a roupa.

Novamente esquecemos o dia do mês, tão doentes estávamos todos. Transpusemos diversas cachoeiras, cujo nome e trabalhos se me riscaram da memória. Lembro-me que, alguns dias depois da passagem da das Furnas, por pouco ia se perdendo nosso batelão numa delas. Ao sairmos da de São Lucas, escapou minha canoa de cair num medonho rebojo ou torvelinho onde de repente se some uma embarcação, sem que o melhor nadador possa se salvar. Assim perderam-se já naquele redemoinho muitas canoas com tripulações inteiras.

Nessas paragens tôdas as cachoeiras são *criminosas*, na enérgica expressão da nossa gente, isto é, nelas se têm dado sinistros. Na tarde do dia em que vencemos a de São Lucas, passamos pela de São Rafael.

Aí estavam tôdas as canoas no pôrto inferior, à margem esquerda, quando demos por falta da canoinha. Caiu a noite, quase sem crepúsculo, como acontece nessas latitudes, e nada de ela aparecer. Supusemos então que naufragara num canal apertado e revôlto que separa duas ilhas e que os três homens que a tripulavam se salvaram nas margens. Como a escuridão era intensa, não podíamos subir a corrente à procura dêles sem nos arriscarmos também; limitamo-nos pois a tocar tôda a noite buzina, para avisarmos àqueles infelizes que não estávamos longe.

De manhã embarcamos eu e mais o guia e três camaradas a fim de indagarmos de seu destino e frechamos a cachoeira com dificuldade. Enquanto trabalhavam os remadores, eu dava tiros de espingarda e tocava buzina; ninguém nos respondeu.

Chegados a São Lucas, onde tinham sido vistos e ficando os sinais sem resultado, voltamos ao ponto don-

de saíramos, contristados com a inutilidade de nossos esforços. O sr. de Langsdorff mostrou-se muito aflito com tudo isso.

Partimos às 10 horas e ao meio-dia chegamos a uma grande cachoeira. O primeiro remador que saltou na praia gritou: Rasto de Joaquinzinho! nome de um dos homens extraviados, crioulozinho por nós trazido de Itu e bom caçador. Acudimos todos a ver, mas ficamos tristemente desenganados, verificando que havia muitas pegadas de homens, mulheres e crianças. Por ali tinham os *Mundurucus* passado, deixando um fogo que não se apagara de todo.

No dia seguinte o guia e um caçador voltaram por terra até São Rafael, fazendo sinais para chamar os náufragados. A medida foi ainda infrutífera.

Saindo do pouso ao meio-dia, meia hora depois alcançamos um salto bastante perigoso. O guia, depois de examiná-lo, declarou que as canoas podiam transpô-lo com meia carga. Como de costume iam os srs. de Langsdorff e Rubzoff de rêde. Entrei na primeira canoa para ir observar a passagem, porque o guia não me inspirava mais confiança. Tinha sempre tanta pressa que, por mais de uma vez, pôs-nos a todos em perigo de vida. Descemos com a rapidez de um cavalo a todo o galope: a arfagem era a mais forte possível. A proa cortava as ondas que, entrando de bulcão, lavavam tudo.

À saída do canal, mais um risco corremos. Ali há uma queda de um metro de alto que se não passa ordinàriamente sem ter tirado o resto da carga, para o que é preciso encostar à margem direita, mas nossa canoa, levada de rôdo, tombou e alagou-se. Não víamos mais as margens pela muita espuma: felizmente conseguimos atirar um cabo para a terra, que alcançamos, ajudados pela camaradagem a qual de pronto nos acudira.

No dia seguinte cargas e canoas estavam no pôrto inferior, donde se avista a grande cachoeira chamada

Canal do Inferno, cujo estrondo ao longe ecoa. Em menos de um quarto de hora a atingimos.

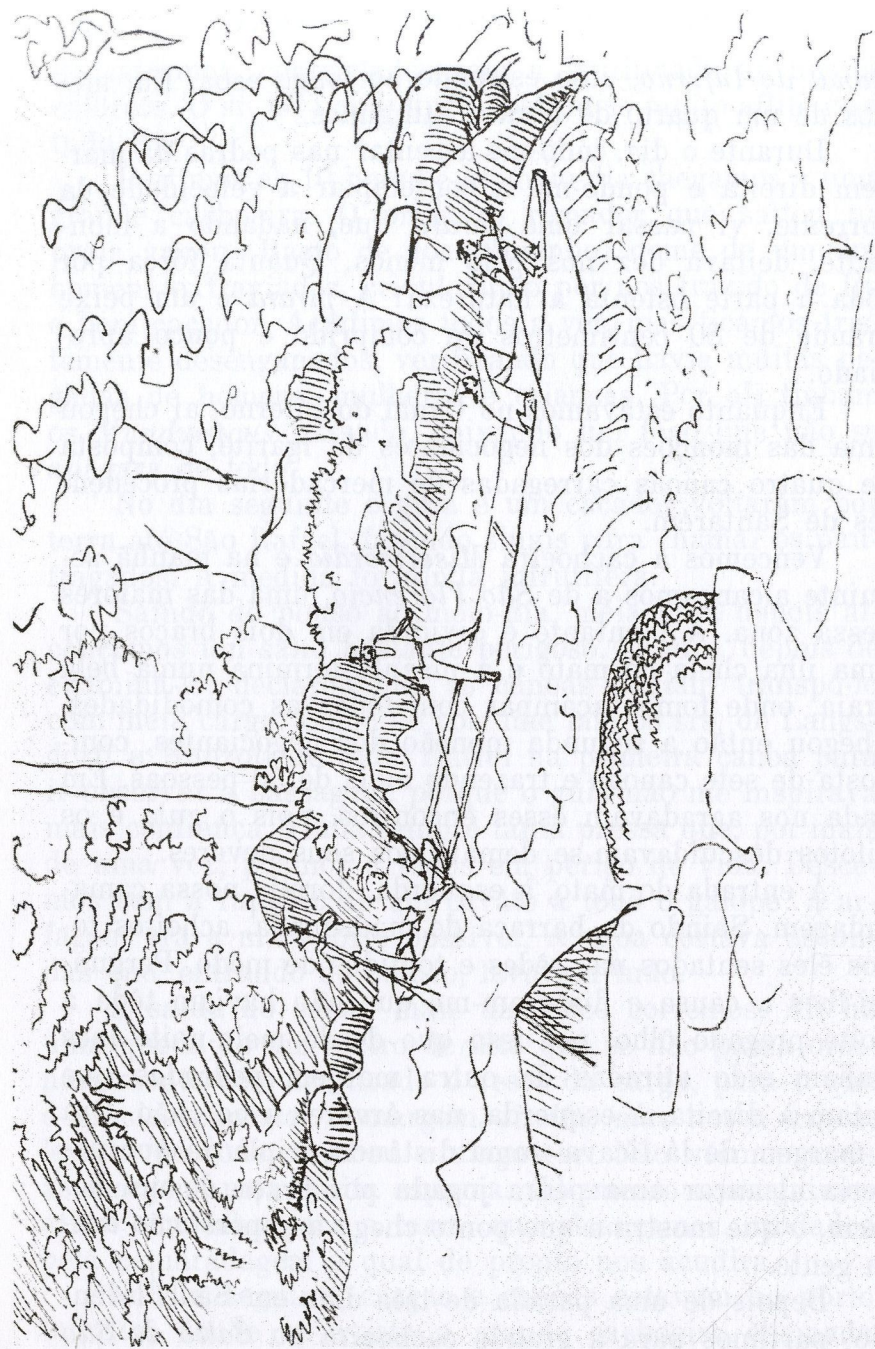
Durante o dia, indo-me assentar nas pedras da margem direita e pondo-me a contemplar a velocidade da corrente, vi passar uma *pirara* que, nadando a montante, deitava dez nós pelo menos. Quanta fôrça por tôda a parte ostenta a natureza! A *pirara* é um peixe grande de 80 centímetros de comprido e pouco apreciado.

Enquanto estávamos no Canal do Inferno, aí chegou uma das monções dos negociantes da igarité, composta de quatro canoas carregadas de mercadorias procedentes de Santarém.

Vencemos a cachoeira *Misericórdia* e na manhã seguinte alcançamos a de *São Florêncio*, uma das maiores dessa zona. A montante é dividida em dois braços por uma ilha cheia de mato e a jusante termina numa bela praia, onde fomos acampar com tôdas as comodidades. Chegou então a segunda monção dos negociantes, composta de sete canoas e trazendo mais de 50 pessoas. Em nada nos agradavam êsses encontros, pois o guia e os pilotos descuidavam-se demais dos seus deveres.

À entrada do mato, à esquerda, dormia nossa camaradagem. Saindo da barraca de madrugada, achei-os todos êles sentados nas rêdes e tolhidos de mêdo. Perguntei-lhes a causa e disseram-me que não haviam tôda a noite pregado ôlho, por isso que desde meia-noite lhes tinham sido atiradas da outra margem pedradas que caíam à direita, à esquerda, nas árvores e no chão. Ora a margem de lá ficava numa distância tripla da que poderia alcançar uma pedra jogada por braço de um homem, o que mostra a que ponto chega a superstição dessa gente.

Depois de uma parada de três dias em São Florêncio, partimos para a grande cachoeira ou *Salto de São*

Descida em uma corredeira

Simão de Gibraltar, acima da qual encontramos uma monção de nove canoas e 90 pessoas, que no dia seguinte seguiu viagem. As sete primeiras embarcações transpuseram com felicidade o canal; a oitava correu três vêzes o perigo de ser levada pela corrente até a queda, que tem 1,5 m de altura e onde se despedaçaria infalìvelmente; a tripulação perdera a cabeça, salva de cada vez pelos esforços da gente da nona canoa que ficara no pôrto para lhes dar socorro.

O que muito nos tocou, foi a ansiedade de um passageiro que consigo levava sua mulher e dois filhos de tenra idade. Empregava tôdas as suas fôrças para ajudar os companheiros. Por fim o pilôto procurou outra passagem e atravessou o canal.

Depois do *Salto Augusto,* é a cachoeira de São Simão de Gibraltar a mais penosa de tôdas dessa navegação, porque é muito comprida, pejada de quedas e cortada de dois saltos de 1,5 m a dois de altura. As canoas têm que ir, em alguns trechos, arrastadas sôbre as pedras. O descarregadouro é o mais extenso de tôda a carreira desde o Diamantino até Santarém. Não foi senão depois de quatro dias de canseiras, que pudemos vencer êsse afanoso obstáculo, passando nesse mesmo dia da partida outro denominado *Todos os Santos.*

A tão pesados trabalhos sucederam dois dias e duas noites de perfeita calma, durante os quais navegamos de dia muito a gôsto, não abicando à terra senão para prepararmos as refeições. À noite ia a branda correnteza nos levando as canoas, que só precisavam de uma sentinela em cada uma delas.

No terceiro dia, porém, penetramos numa infinidade de cachopos, bancos de pedra e correntezas mais difíceis do que as cachoeiras, pois numa distância de quase dois quartos de légua não há um descarregadouro que permita aliviar a carga das canoas. Êsses baixios são

também considerados o trecho mais perigoso de tôda a viagem.

Transpusémo-los com rapidez, tomando vários desvios para fugir de uma porção de rochas à flor e fora d'água. A poder de fadigas imensas, safamo-nos de sucessivos rebojos, cortando correntezas, cujas ondas a cada instante pareciam querer devorar nossos frágeis batéis. Entretanto corríamos por entre duas águas tranqüilas.

Imaginem essa carreira vertiginosa pelo meio de inúmeros parcéis e em ligeiras embarcações. Não cessou a grita dos pilotos um instante sequer, muitas vêzes uma hora a fio, porque avançávamos diagonalmente, ora achegando-nos a uma margem, ora a outra, como um navio que bordeja em estreito canal.

Tivemos ainda metade de um dia e uma noite de rio morto para entrarmos na região dos *Mundurucus*, cujas palhoças começávamos a avistar nas margens. No interior e à esquerda têm êles mais importantes rancharias.

Em duas delas penetramos, saltando em terra. A primeira consistia em duas ou três choupanas, perto das quais via-se uma plantaçãozinha de mandioca e algodão. Numa destas entrei e lá achei cinco mulheres e igual número de crianças sentadas em rêdes, e vestidas tão-sòmente de uma tanga grosseira que os negociantes lhes vendem a trôco de mantimento. Tinham o pescoço cercado de colares de sementes de gramíneas ou de contas de vidros que conseguem também por aquêle meio de permuta. Pareceram-me contudo aborrecidas de nossa visita, naturalmente pela ausência dos maridos que então cuidavam das plantações. Querendo eu desenhar êsse grupo, voltei à canoa para buscar o álbum, mas de volta achei a porta fechada e a gente da parte de fora da choupana. Abri-a devagar, mas como as mulheres tinham acendido dentro um fogaréu, era tal a fumaça

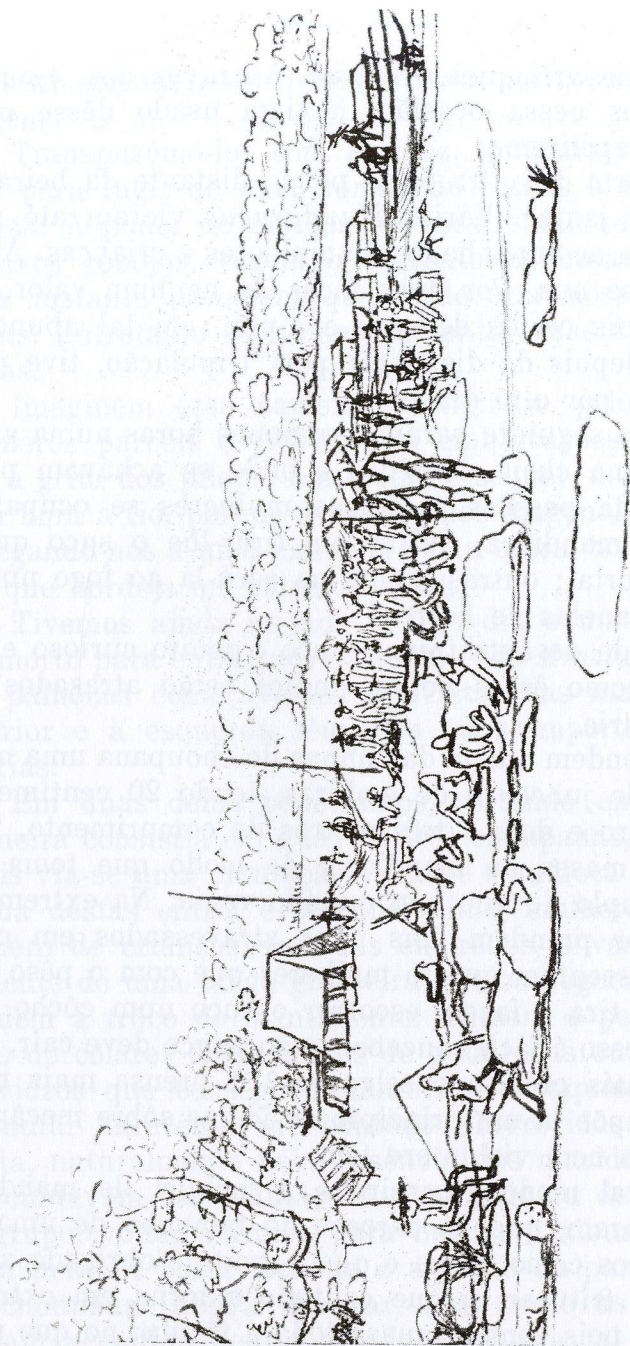
que não me arrisquei a entrar. Ao invés dos *Apiacás*, pelo menos nessa ocasião, haviam usado dêsse meio para nos repelirem.

No pôrto de outra casa, pouco distante da beira do rio, fomos jantar. Vários *Mundurucus* vieram até nossas canoas, acompanhados de mulheres e crianças. Apresentaram-se nus. Por duas facas de nenhum valor, deram-me dois cêstos de cará e aipim, em tal abundância que, depois de distribuir pela tripulação, tive para guardá-los por oito dias.

No dia seguinte paramos algumas horas numa grande choupana cheia de rêdes e onde se achavam perto de quarenta pessoas. Algumas mulheres se ocupavam em socar mandioca, outras em tirar-lhe o suco que é veneno mortal; outras ainda em secá-la ao fogo numas grandes panelas de barro.

O modo de extraírem o suco é muito curioso e demonstra como êsses pobres índios estão atrasados em sua indústria.

Suspendem a uma das linhas da choupana uma manga feita de juncos e de embiras, tendo 20 centímetros de diâmetro e dois a três metros de comprimento, tôda cheia de massa de mandioca, de modo que toma um volume duplo do que tem quando vazia. Na extremidade inferior prendem dois paus atravessados em cruz, onde se assentam quatro mulheres que com o pêso distendem a tira e fazem escorrer o suco num côcho. Por êsse processo é fácil conceber quão pouco deve cair, mas de que mais precisa o selvagem? A prensa mais rudimentar supõe já um princípio de idéias sôbre mecânica, de que êle nem vislumbre tem.

Por tal modo grosseira é a farinha de mandioca que preparam, que há caroços do tamanho de uma ervilha, duros como pedra e que a gente é obrigado a engolir sem triturar; o que contudo a torna em extremo nutritiva, pois contém quase tôda a fécula; no que mui-

Parada em São Florêncio

to diferem êsses índios dos que hoje se dizem civilizados que tiram o mais que podem o amido, para ir vender a fregueses esfaimados serragem lenhosa em vez de farinha de mandioca.

Se, quando sêca, é difícil de comer e assim é que dela usam com tôdas as comidas, pelo contrário é excelente depois de escaldada, qualquer que seja o modo por que a preparem, em conseqüência sempre da abundância de fécula que contém. O mingau de tapioca, de que fazem muito uso no Pará, é uma papa sobremaneira agradável, preparada com farinha dessa qualidade, ovos, açúcar, canela, etc.

No meio daqueles *Mundurucus* fui assentar uma espécie de tenda de negociante, buscando trocar facas, machados e colares de tôdas as côres, por galinhas, patos e raízes nutritivas; única coisa que pude, apesar dos esforços, conseguir. Entretanto, a privação daqueles alimentos nos era extremamente sensível, mais ainda por causa dos nossos dois companheiros, cuja fraqueza era tanta que não podiam sair em viagem da barraca e em terra da rêde.

Como as mais choupanas de *Mundurucus* e aliás as casas de pobres em todo o Brasil, essa era construída de paus-a-pique colocados juntinhos uns aos outros com um trançado horizontal de tiras de palmeiras ou taquaras amarradas com cipós, grade que, tapada com terra amassada n'água, forma muros e tapumes perfeitamente fechados. Fácil é, porém, conceber a pouca duração de tudo aquilo, pelo que depressa se formam buracos e inúmeros interstícios, em que se aninham múltiplos e nojentos insetos. A coberta é feita de sapé ou fôlhas de palmeira.

Alguns dias depois que deixamos essa rancharia, passamos os baixios da *Mangavera* e a cachoeira da *Montanha*, que tem o apelido de uma ilha cônica de cem metros de altura, cheia de árvores e bem no meio do rio.

Ainda transpusemos as cachoeiras *Guapuz*, *Cuatá*, *Maranhão Grande* e *Maranhãozinho*. São perigosas e pejadas de rochas, ilhas e árvores, que lhes dão aspecto sumamente pitoresco. Na saída do *Maranhãozinho*, última cachoeira dessa viagem, estêve minha canoa a ponto de partir-se de encontro a uma pedra submersa, incidente que era aliás o tipo de nossa navegação desde o Rio Prêto, isto é, uma sucessão ininterrompida de perigos, canseiras sem nome, perícia e lances felizes.

Estávamos então no *Rio Morto*, sem a menor correnteza, o mais insignificante baixio, desvanecidos todos os receios. Os pilotos davam-nos os parabéns, trocavam felicitações e deixavam ir as canoas à feição das águas; sem mais cuidados, nem cautelas. De seu lado os remadores, abandonando os remos, bebiam, cantavam e em sinal de regozijo atroavam os ares com tiros de espingarda.

À noite vimos uma fogueira à margem esquerda, donde partiam salvas que respondiam às nossas. Era gente no mato à procura de salsaparrilha com índios.

A festança durou até meia-noite: depois aos poucos entregamo-nos todos ao descanso e ao sono, confiados nos vigias, enquanto as canoas desciam calma e vagarosamente o rio.

13 de junho de 1828. De madrugada avistamos choupanas de *Mundurucus*, mais bem construídas e à esquerda outras de *Maués*, tribo diversa daquela e que mora nessa margem, estendendo-se para o interior, onde fica mais bravia. As plantações e a região, embora pouco cultivada, trouxeram-nos agradável diversão às vistas, cansadas de ver tantos desertos. Ao surgir o sol, arvoramos a bandeira russa que os contra-pilotos salvaram com descargas, ao passo que a camaradagem ia remando e cantando e os proeiros batendo cadencialmente com os pés à proa ou com as mãos no chato das pás.

Com essas festivas demonstrações abicamos em frente à casa de um morador oriundo de Cuiabá e muito conhecido da nossa gente, o qual nos recebeu cordialmente, e nos proporcionou uma refeição de tartaruga e *pirarucu*, pratos que pela novidade nos agradaram. O de tartaruga tinha parecença com um excelente cozido de carne de vaca, ornado demais de colares de gemas de ovos, prato suculento, capaz a um tempo de satisfazer os olhos e o apetite.

Tornando a embarcar, fomos mais abaixo a *Itaituba*, onde morava o comandante do distrito, excelente velho muito estimado. Estabelecido uns cinco anos atrás nesse lugar que achou deserto, reuniu cêrca de 200 *Maués*, os quais, apesar de pouco dados ao trabalho, tinham já levantado 10 ou 12 casas e plantado alguma mandioca, ocupando-se também um tanto na extração da salsaparrilha. Com cachaça, porém, gastam tudo quanto podem receber.

Em Itaituba achamos uma goleta de Santarém, ancorada diante da casa do comandante, vista que me impressionou agradàvelmente, pois era indício de que chegáramos a país marítimo, embora ainda ficássemos distantes do Oceano umas 160 léguas portuguêsas.

O distrito tem o nome de Itaituba. Compõe-se a parca população de portuguêses e seus escravos, brasileiros e *Maués*, êstes em maior número.

Espontâneos são em sua maior parte os produtos de exportação: a *salsaparrilha* que os *colhedores* vão buscar do Pará nas matas do Tapajós; a *borracha*, fonte de grande riqueza futura; o *cravo;* o *pichiri*, preciosas especiarias que atestam o vigor das regiões equatoriais, quando banhadas por grandes rios; o *guaraná* tão procurado da gente de Cuiabá, e que um dia juntará uma beberagem fresca e aromática ao luxo dos botequins das cidades da Europa.

Como complemento dessa produção espontânea, deveríamos acrescentar a da pesca, como o *pirarucu,* que por si só pode dar alimento ao Norte inteiro do Brasil, e a *tartaruga,* da qual tratarei no capítulo intitulado Gurupá, onde então mencionarei não só os produtos nativos do Amazonas e seus afluentes, mas também os cultivados, como cacau, café, açúcar, etc.

Defronte de Itaituba na margem oposta fica o distrito de Uxituba, igualmente habitado por alguns portuguêses e *Mundurucus* que se exprimem em outro idioma que não os *Maués,* embora derivem todos êles da *língua geral brasílica.*

Como a goleta estava prestes a seguir viagem, não perdemos êsse excelente ensejo de cômodamente alcançarmos Santarém. Dissemos então adeus à nossa camaradagem, e adeus eterno, pois ela naquelas mesmas canoas devia regressar para os lugares donde tinha saído, afrontando novamente os perigos, de que nos víamos livres; e, agradecendo ao comandante sua amável hospitalidade, abrimos no dia 18 de junho de 1828 as velas à bonançosa brisa, no meio de salvas que de terra e água saudavam nossa partida.

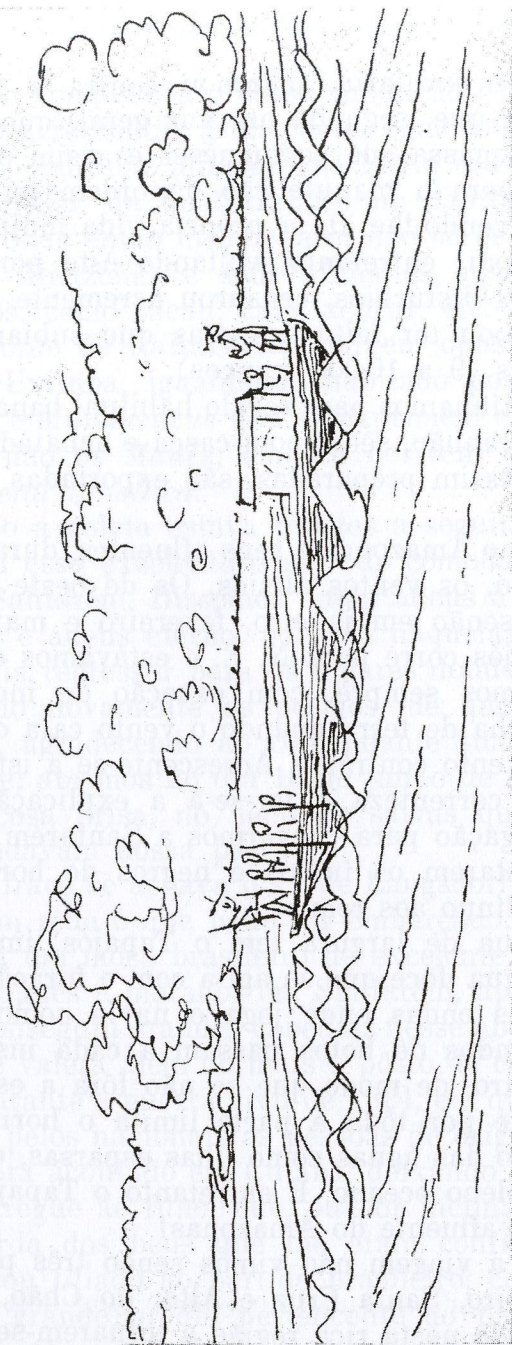
Tão fraco se achava o sr. de Langsdorff, que só carregado em rêde é que pôde ser embarcado. O patrão do navio era um moço brasileiro de excelente caráter, cujo pai, português e morador em Santarém, apesar de analfabeto, conseguiu grandes cabedais nesse abençoado país, o que lhe valera além do mais o pôsto de coronel de milícias. Durante a guerra civil de 1824, em que foram perseguidas pelos nacionais as pessoas de origem portuguêsa, estivera acoutado em Cuiabá, deixando a casa de negócio entregue ao filho, que, ou por inclinação, ou para salvaguarda dos bens que lhe eram confiados, não só se declarou filiado ao partido brasileiro, como transformou um grande prédio pertencente ao pai em quartel de tropa. Organizando e fardando à sua custa uma

companhia de cavalaria, marchou contra a gente de Monte Alegre, que, segundo era voz geral, queria o assassinato em massa dos portuguêses e assim concorreu eficazmente para a manutenção da ordem pública em Santarém, devendo-lhe até a própria vida muitos patrícios de seu pai; entretanto, voltando êste por ocasião de sanados os distúrbios, censurou acremente o filho e não lhe perdoou ter feito despesas que subiam a três contos de réis (9 a 10 000 francos).

A bordo tínhamos para regalo habitual bananas chamadas do Maranhão, sêcas com casca e achatadas, como figos secos. Assim preparadas, são exportadas até para Portugal.

Reinam no Amazonas e seus afluentes, durante quase todo o ano, os ventos alísios. Os de oeste às vêzes não sopram senão em janeiro, fevereiro e março. Ora, como o Tapajós corre para N. E. e estávamos então em junho, tínhamos sempre, com exceção de inconstante brisa que vinha de terra quando o vento caía ou às vêzes à noite, vento contrário. Acrescente-se a isto a quase nenhuma correnteza e ter-se-á a explicação de 13 dias de navegação para chegarmos a Santarém, e ainda assim por estarem os índios e negros de bordo agarrados de contínuo aos remos.

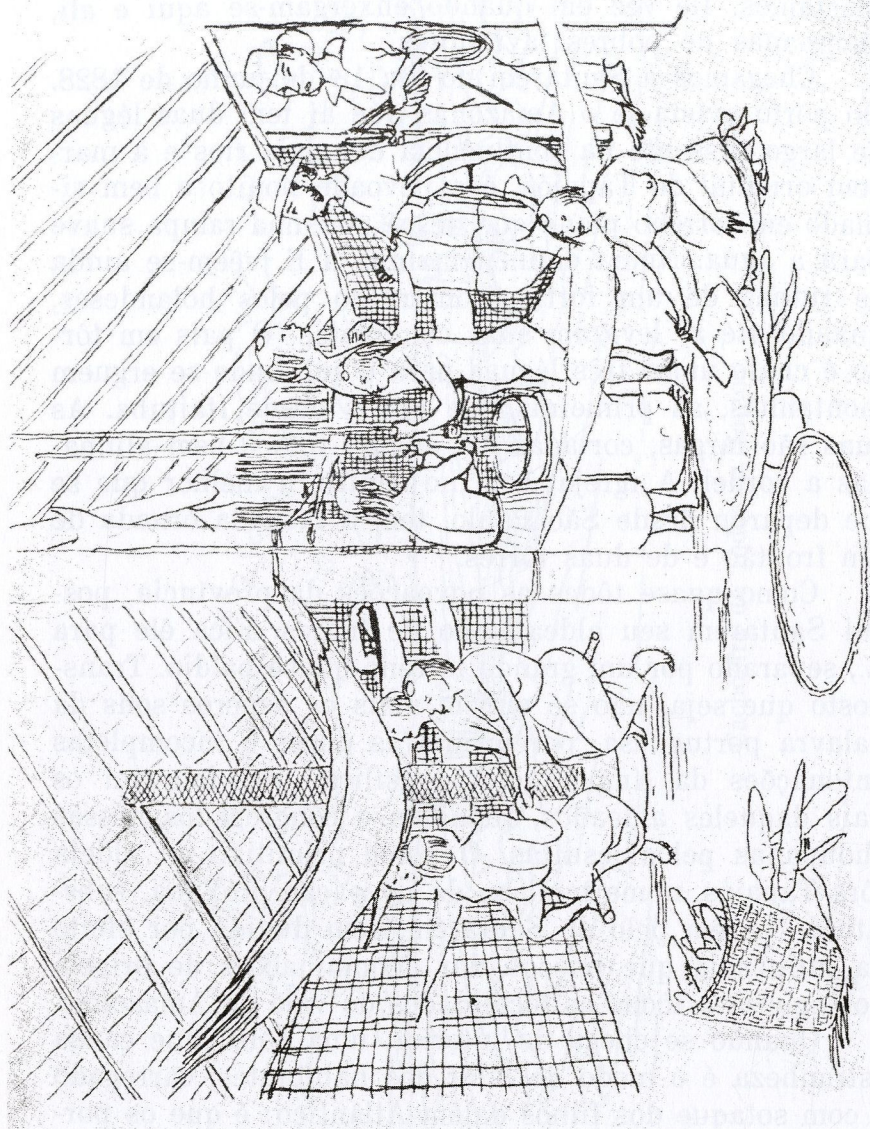
Uma légua de largura tem o Tapajós, imensa superfície de água doce que se agita com o furacão, levantando grandes ondas onde joga o navio como se fôra mar alto. Bandos de botos passam a cada instante de lado e de outro, de modo que se não fôra a esplêndida vegetação que por tôda a parte limita o horizonte ou surge do meio das águas como ilhas esparsas, crer-se-ia a gente em pleno oceano. E entretanto o Tapajós não é mais que um afluente do Amazonas!

Durante a viagem não vimos senão três povoações maiores: Aveiro, Santa Cruz e Alter do Chão, destinadas sem dúvida nesta rica região a tornarem-se grandes

Cachoeira de Todos os Santos

cidades. Há ainda Pinhais, Brim e Vila Franca que não avistamos. De vez em quando enxergam-se aqui e ali, choupanas de pobres lavradores.

Chegamos a Santarém no dia 1.º de junho de 1828. Do pôrto avista-se o Amazonas que aí tem duas léguas de largo. Assente na confluência dos dois rios e à margem oriental do Tapajós, é o povoado bonito e bem situado em terreno plano que desce por uma rampa suave para a água. Numa eminênciazinha a E. vêem-se ainda as ruínas de um fortim construído pelos holandeses, quando até aí levaram suas conquistas. O país em tôrno é chato umas três léguas para o sul, onde se erguem montanhas, as primeiras que vimos desde Itaituba. As ruas são largas, cortadas em ângulo reto e bem alinhadas a cordel. A igreja, bem no centro, a melhor que se me deparou desde São Paulo, tem a fachada ornada de um frontão e de duas tôrres.

Como quase tôdas as povoações da província, possui Santarém seu aldeamento de índios. Fica êle para L., separado por um grande terreno quase baldio. Transposto que seja, não se ouvem mais os ásperos sons da palavra portuguêsa, porém sim as doces e incompletas entonações da língua geral brasílica, que falavam os pais daqueles aldeados, reunidos e congregados nessas choupanas pelos jesuítas. O nome primitivo da aldeia fôra Tapajós, nome também da povoação próxima, substituído porém pelo de Santarém, sem dúvida por efeito da influência que buscou dar denominações de origem portuguêsa a tôdas as localidades do vale do Amazonas.

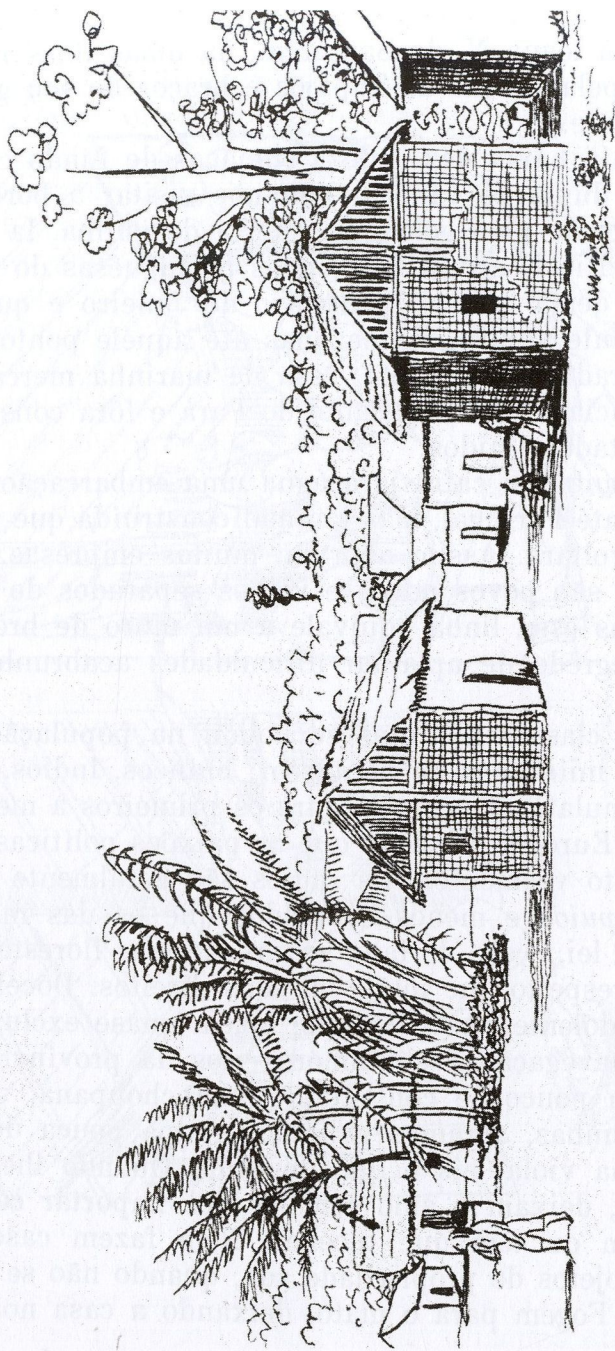
Quando se chega do interior, uma coisa que causa estranheza é o modo de falar dos habitantes, carregado e com sotaque dos filhos dalém Atlântico: é que os portuguêses são ali numerosos, e a pronúncia européia pôde-se conservar em sua integridade sem sofrer a modificação brasileira.

Interior de uma cabana Mundurucu

À meia légua N. de Santarém, há umas ilhas rasas formadas pelas bôcas do Tapajós e braços do seu grande confluente.

Na baía havia dez a doze sumacas de fundo chato e número duplo de canoas. Veio-nos visitar a bordo o comandante de uma goleta de guerra de quilha. Ia partir para o Rio Negro, a 230 léguas portuguêsas do mar.

Além desta que viera do Rio de Janeiro e que já anteriormente subira o Amazonas até aquêle ponto, estava ancorada outra goleta, essa de marinha mercante, que pertencia a um negociante do Pará e fôra construída nos Estados Unidos.

Em Santarém caíra já à água uma embarcação que pudera ir até Portugal, mas tão mal construída que nunca de lá voltara. Assim abortam muitas emprêsas. Por uma linha são povos novos e velhos separados do progresso, mas essa linha equivale a um muro de bronze. Onde o segrêdo de aplainar dificuldades acabrunhadoras?

Cinco classes distintas se notam na população de oito a dez mil almas de Santarém: brancos, índios, mamelucos, mulatos e negros. Entre os primeiros a metade é filha da Europa, de modo que as paixões políticas são ainda muito veementes. Os índios são geralmente apelidados *tapuios* e menos cobreados que os das matas. Livres por lei, o são de fato, graças mais às florestas do que pelo respeito que merecem seus direitos. Dóceis, e, embora indolentes, são êles que fazem quase exclusivamente a navegação dos inúmeros rios da província do Pará. Com pouco se contentam: uma choupana, umas plantaçõezinhas, algumas galinhas, roupa pouca de algodão, uma viola, eis o que desejam. Quando lhes dá na cabeça, deixam o amo sem se lhes importar com o que devem ou têm que receber. Nem fazem caso da roupa e objetos de propriedade sua, quando não se lhos entregam. Fogem para o mato, deixando a casa no mo-

Aldeamento de índios em Santarém

mento mais urgente ou a canoa em meio da viagem. O que pode ainda prendê-los é a aguardente, que apreciam mais que o dinheiro.

Da mistura de brancos com índias nasce a classe dos mamelucos. Com hábitos mais ou menos indiáticos, são um tanto mais claros. A língua porém é a mesma. As mulheres, em geral, são muito licenciosas. Seu traje consiste numa camisa de musselina bordada, de mangas compridas e de uma saia de chita, cheia de dobras atrás e dos lados, com uma abertura pela qual se vê a camisa também tôda artìsticamente franzida. Não andam senão de branco. Sustenta-lhes os cabelos um imenso pente, inclinado para a frente e com certos ares de enorme viseira. No pescoço trazem colares e relíquias de ouro, metal que brilha também nas orelhas, e no meio das tranças negras e escorridas da cabeleira. Vão sempre descalças.

Na província do Pará, os negros e mulatos são em pequeno número, porque, tendo logo em princípio sido os índios reduzidos à escravidão, tornou-se tardia e menos ativa do que em outros pontos do Brasil a introdução dos filhos da África.

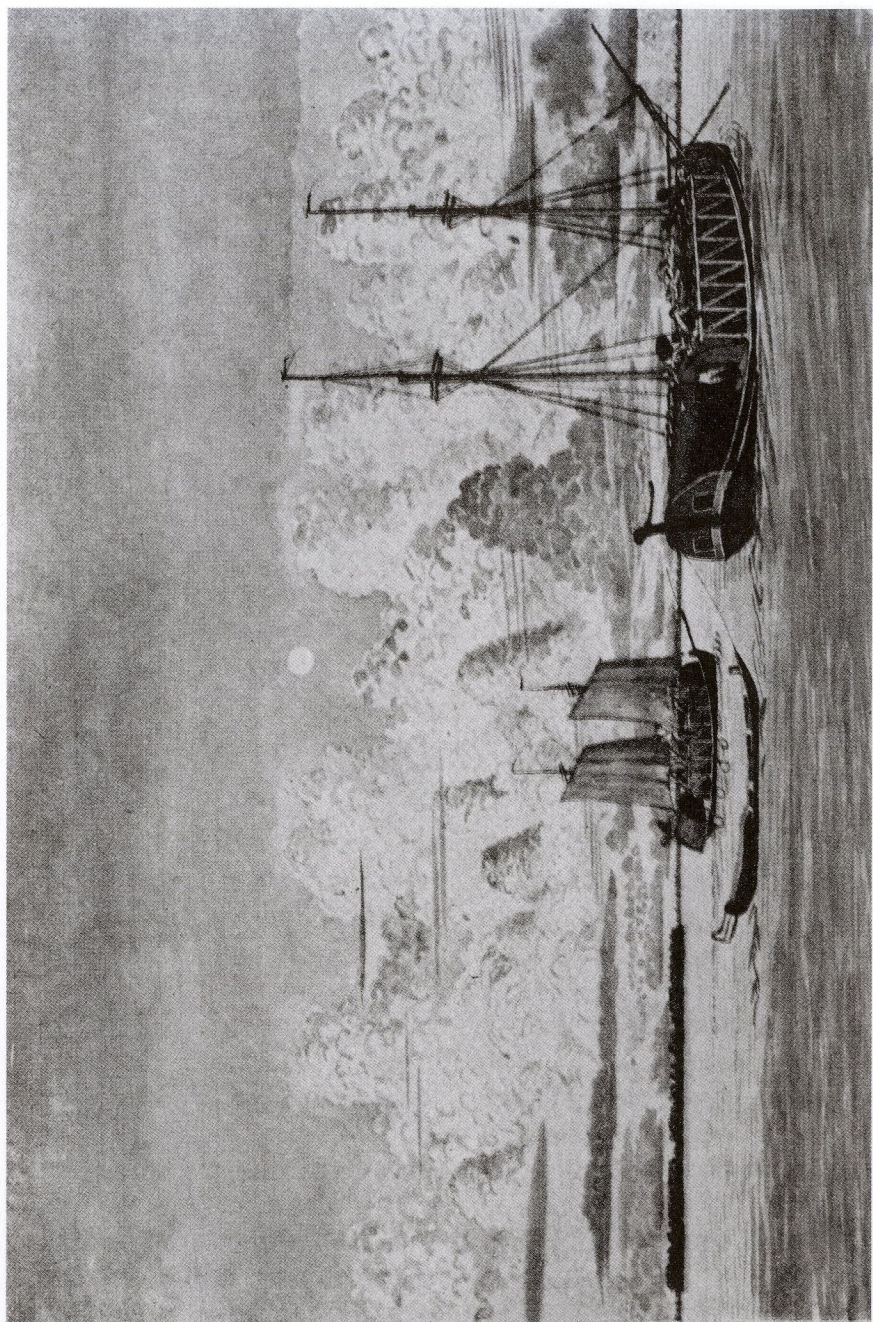
Da janela do quarto que eu ocupava em Santarém, e no qual todos os dias ficava duas horas a tremer de frio e febre, via a pequena distância e do lado setentrional, não só o maior rio do mundo, da largura aí de 6 000 braças, como, do outro lado, a Guiana Brasileira. Necessitando fazer provisão de galinhas, aluguei uma igarité e um homem e, atravessando o Tapajós, dobrei a ponta NO. de sua embocadura e fui navegar no grande rio, tal qual Orellana, seu primeiro explorador, um dêsses memoráveis filhos de Colombo que completaram o descobrimento do Novo Mundo. Eram no XVI século o que são hoje os Volta, Fulton, Jacquart e tantos outros.

As florestas circunvizinhas de Santarém estão cheias de uma linda palmeira, de viso não alto, e que deita ca-

chos de cocozinhos, com os quais se faz uma bebida agradável do gôsto e consistência do leite, do qual contudo tanto se afasta que a côr parece calda de mirtilo.

Nessa minha primeira excursão em águas do majestoso Amazonas, por muitas ilhas fui passando que impediam a vista da outra margem. A uma dessas abiquei atraído por uma casa pitorescamente colocada e pertencente, como daí a instantes soube, a um lavrador português que me deu bom agasalho, como é de uso no Brasil. Passei, pois, o resto do dia com êle. A vivenda nada tinha de confortável, mas deleitava-me passear à sombra dos cacaueiros plantados em linha reta ou das múltiplas árvores a ensombrarem aquêle sossegado e ilhado recanto, que surge uns dois metros quando muito do seio das águas, coberto por espêssa e verdejante cúpula.

Fiquei ainda a noite com êsse meu hóspede ocasional, que à ceia me apresentou postas de peixe-boi e tartaruga. No dia seguinte voltei para Santarém.

Não permitindo mais o estado de saúde do sr. Langsdorff a continuação da viagem, despachamos um próprio para o Rio Negro, a fim de levar cartas ao sr. Riedel, dando-lhe conta de todo o ocorrido e marcando a capital do Pará para ponto de reunião.

De Santarém a Belém

A bordo da goleta mercante, partimos para a cidade de Belém no dia 1.º de setembro de 1828. Abrindo velas à fagueira brisa, depressa deixamos de avistar Santarém com seus navios ancorados e suas duas tôrres, entrando em cheio no imenso Amazonas. A gôsto se me dilatava o peito, navegando em alterosa embarcação naquele rio que tanto tem de largo quanto muitos da Europa de comprido, avistando grandes ilhas a correrem, chatas e extensas como pontões gigantescos cobertos de luxuriante vegetação, avistando a Guiana, admirando o movimento das ondas como em pleno oceano, e de vez em quando tendo ante os olhos um horizonte em que o céu se confundia com as águas do grande caudal. Poucos dias depois de entrados nêle e em lugar muito largo e semeado de baixios e escolhos, tivemos que suportar as fúrias de um furacão equatorial. A trovoada não cessava e o vento soprava rijo. Nestas condições caiu densa noite. Eis senão quando o proeiro deu um grande grito em guarani: *Itá!* (pedra). Não houve tempo senão de fazer fôrça no leme; mais dois minutos, estava o barco perdido. Deitamos então âncora ao fundo, mas o rio parecia o mar em fúria, quebrando-se em vagalhões e espumando, e, como pela correnteza, o navio não podia pôr pôpa ao vento que soprava de NE., recebíamos de flanco as vagas de modo demais incomodativo. Tão fortes eram os balanços, tão rápidos, que me era impossível ficar na rêde, pelo que subi ao tombadilho, donde presenciei tôda aquela cena de furor. Tão altos se elevavam os cachões, que uma falua que ficava próxima de nós, parecia querer vir se atirar

dentro da goleta, subindo e descendo com o movimento das águas a seis metros de altura. Às 9 horas tudo entrou em calmaria; a trovoada dissipou-se; o rio voltou à primitiva tranqüilidade; e o ar refrigerado soprou suavemente.

Perto de Gurupá, fortim e pôrto aduaneiro, assente à margem direita, avistamos à esquerda montanhas onde fica a cidade de Monte Alegre. Do alto delas descortinar-se-iam o rio e o imenso vale em que corre, se não fôssem, até aos mais altos cumes, cobertas de espêssa vegetação.

Em Gurupá ficamos algumas horas. Havia três peças de calibre quatro e duas ruas de casas térreas.

O comandante deixou-me copiar de seus registros a seguinte relação dos produtos do país que durante o ano de 1827 haviam descido o rio e sido revistados na estação fiscal. Avisou-me contudo que, por causa do contrabando, as quantidades eram inferiores à importação real.

Barras de ouro	30	no valor de 3:125$220
Cacau	190 452	arrôbas
Salsaparrilha	5 744	arrôbas
Cravos (especiaria) ..	5 646	arrôbas
Breu	260	arrôbas
Óleo de copaíba	167	potes
Óleo de copaíba	18	barris
Guaraná	89	arrôbas
Urucu	6	arrôbas
Castanhas doces	1 953	sacos
Fumo	7 380	arrôbas
Café	5 725	arrôbas
Algodão	126	arrôbas
Estôpa do país	317	arrôbas
Amarras de piaçaba ..	253	arrôbas
Piaçaba em rama	618	arrôbas

Piaçaba em molhos ..	357	arrôbas
Piaçaba em cordas ...	4 328	polegadas
Arroz	314	alqueires
Feijão	43	alqueires
Farinha de mandioca .	1 256	alqueires
Carne sêca	4 271	arrôbas
Cebo	215	arrôbas
Chifres	730	
Couros	1 612	
Pirarucu sêco	48 718	arrôbas
Manteiga de tartaruga	7 896	potes
Mixira	230	potes
Rêdes	30	
Tábuas de itaúba	182	
Tábuas de cedro	24	

Grande porção de preciosos produtos que o país exporta não está compreendida nesta tabela. A razão não a sei, como por exemplo: o pichiri, a noz-moscada, o cautchu ou borracha, cascas de tartaruga e especiarias várias. Só a tartaruga tornou-se ramo de comércio de grande importância: do mesmo modo a borracha, da qual saíam 10 000 arrôbas em 1827 e que em 1859 deu 200 000 arrôbas.

De Gurupá por diante começamos a navegar em braços muito estreitos. As margens estavam cheias de palmeiras *açaís*, umas carregadas de cachos de meio metro de comprido e formados de cocozinhos do tamanho de um bago de uva. É um núcleo esférico coberto de uma película finíssima da côr da amora madura. Quando o navio deitava âncora, colhíamos os cachos e, desbagando-os, enchíamos cêstos e cêstos que levávamos para bordo. Derramando uma porção de açaí em gamela com água e esfregando os côcos com as mãos, destaca-se a película e tinge-se a água de uma côr negro-carmínea. Passando tudo por um pano, faz-se uma bebida muito

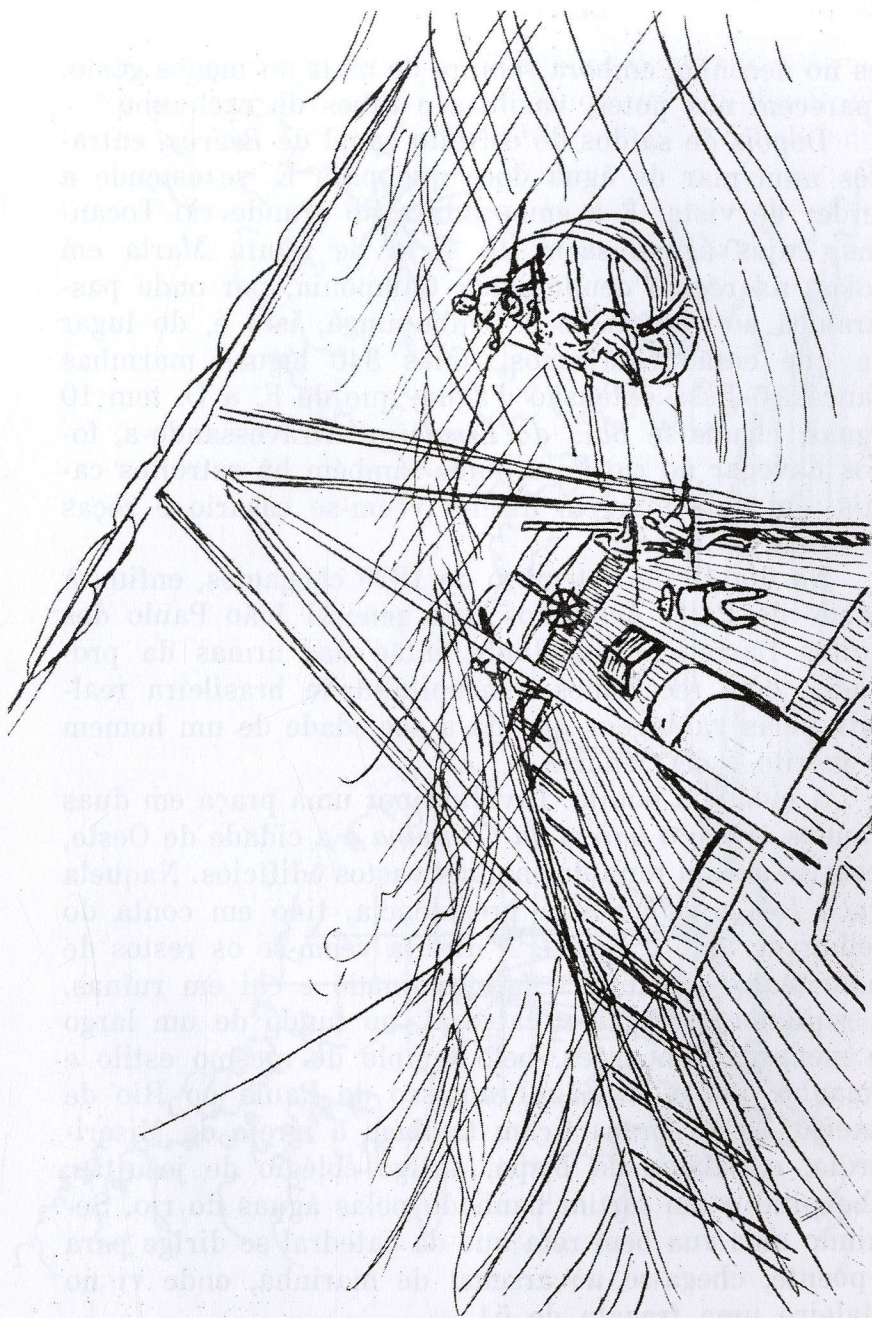
agradável com consistência e gôsto aproximados do leite. Pondo-lhe um pouco de açúcar, é refrêsco da melhor qualidade. A gente pobre adiciona-lhe um bocado de farinha de mandioca e tem assim nutrição tão simples quão substancial. Esta combinação é, como o guaraná, invento dos indígenas.

Havia também em abundância nas margens uma planta aquática de fôlhas grandes e chamada *aninga*.

Navegávamos às vêzes em canais tão apertados que as vêrgas do navio iam tocar nas ramadas da floresta. A água é parada como se fôra azeite. Uma tarde em que estávamos ancorados, e que armado de um óculo, eu me comprazia a ver os ramos de árvores quase a alcance do braço, ouví distintamente vozes na mata, o que a princípio não deixou de me surpreender, mas atentando verifiquei que eram vozes de quem rezava o têrço. A pouca distância havia uma choupana de morador que fazia sua reza com a família e provàvelmente com os vizinhos.

Tem o Amazonas, como o Nilo e o Paraguai seus transbordamentos periódicos, pelo que são essas casas edificadas sôbre estacas. Durante as inundações as visitas se fazem em canoas, podendo penetrar até debaixo do alpendre ou dentro do corredor das habitações. Quando há festança, na frente se vê uma verdadeira flotilha de canoas.

Continuando a navegar, passamos diante de Breves, tendo à esquerda a grande ilha de Marajó e à direita colinas, casas, e roças de cana. Aí sente-se já o fluxo e refluxo do Oceano, o que obriga o barco a deitar âncora a cada maré de enchente.

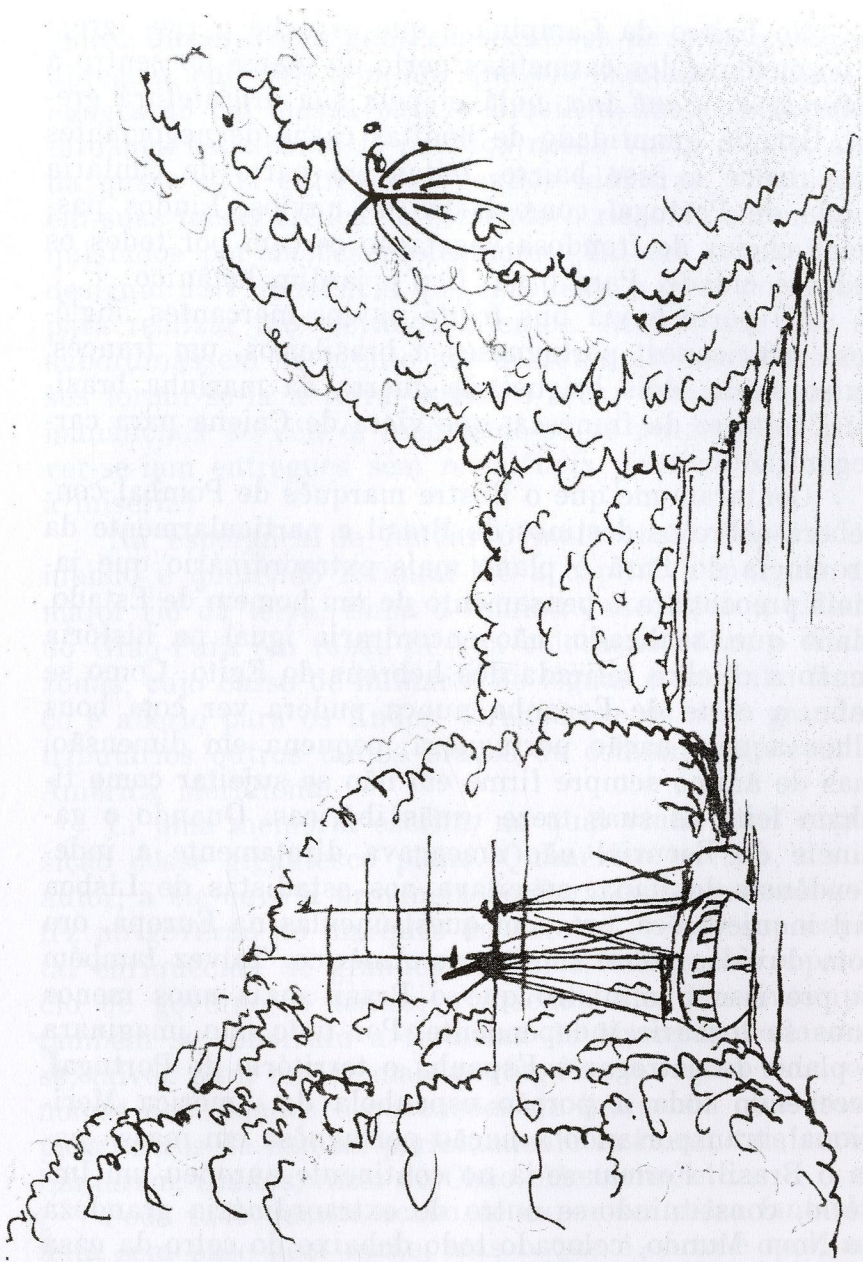
Nessa viagem pode o homem curioso ou de ciência observar mudanças notáveis nos ornamentos cerâmicos de que usam os indígenas. Os dos *Apiacás* são constantemente feitos em ângulo reto; em losangos os dos *Mundurucus*, ao passo que em outros lugares são irregula-

Rajada no rio Amazonas

res no desenho, embora sempre de mais ou menos gôsto. Aparecem nos potes, vasilhas e tubos de cachimbo.

Depois de saídos do estreito canal de *Breves*, entràmos num mar de água doce que para E. se estende a perder de vista. É a embocadura do grande rio Tocantins, cujas águas saem da serra de Santa Marta em Goiás, na região denominada Caiapônia, por onde passáramos ao visitarmos o Urubupungá, isto é, do lugar em que então estávamos, umas 340 léguas marinhas francesas. Essa extensão d'água, que de E. a O. tem 10 léguas, chama-se *Baía do Limoeiro*. Atravessando-a, fomos navegar no rio Pará, onde também há estreitos canais, em cuja margem direita vêem-se casario e roças de canas de açúcar.

No dia 16 de Setembro de 1828 chegamos, enfim, à cidade do Pará. Acolhidos pelo general João Paulo dos Santos Barreto, comandante então das armas da província, dêle recebemos a hospitalidade brasileira realçada pelas vantagens que dá a sociedade de um homem de mérito e de ciência.

A cidade é bonita. Dividida por uma praça em duas grandes áreas, o *bairro da Campina* e a cidade de Oeste, nesta se acham reunidos alguns vastos edifícios. Naquela praça fica o palácio da presidência, tido em conta do melhor de todo o Brasil. À direita vêem-se os restos de vasto teatro que nunca foi terminado e cai em ruínas. À esquerda se ergue a catedral, no fundo de um largo de menores dimensões, belo templo do mesmo estilo e tamanho que o de São Francisco de Paula no Rio de Janeiro. Nessa praça ficam também a igreja da Misericórdia, o palácio do bispo, antigo colégio de jesuítas, o hospital e um fortim banhado pelas águas do rio. Seguindo uma rua bem reta que da catedral se dirige para o poente, chega-se ao arsenal de marinha, onde vi no estaleiro uma fragata de 54.

Braço estreito do Amazonas

No bairro da Campina é que se acha a rica igreja e o convento dos carmelitas perto do mar e no centro a *rotunda de Sant'Ana*, notável pela sua arquitetura grega. Grande quantidade de bonitas casas de negociantes dão realce a êsse bairro, feitas em parte de cantaria vinda de Portugal como lastro de navios. Lindos passeios cheios de frondosa vegetação cercam por todos os lados a cidade. Para o sul fica o jardim botânico.

No pôrto havia uns trinta navios mercantes, inglêses, americanos, portuguêses e brasileiros, um francês, outro sardo, dois brigues de guerra da marinha brasileira e outro da francesa, que viera de Caiena para carregar gado.

Contaram-me que o ilustre marquês de Pombal concebera sôbre os destinos do Brasil e particularmente da província do Pará o plano mais extraordinário que jamais preocupara o pensamento de um homem de Estado, plano que, realizado, não encontraria igual na história senão a célebre retirada dos hebreus do Egito. Como se sabe, a côrte de Espanha nunca pudera ver com bons olhos aquela nação portuguêsa, pequena em dimensão, mas de ânimo sempre firme em não se sujeitar como tinham feito as suas treze irmãs ibéricas. Quando o gabinete do Escurial não ameaçava diretamente a independência lusitana, suscitava aos estadistas de Lisboa mil inquietações, ora com questiúnculas na Europa, ora com dúvidas sôbre limites na América. Talvez também já previsse o ministro que o Brasil mais anos menos anos se tornaria independente. Por tudo isto imaginara o plano de entregar à Espanha o território de Portugal, recebendo tôda a porção espanhola da América Meridional, transportando a nação portuguêsa em massa para o Brasil. Formar-se-ia no continente europeu um Império, constituindo-se outro de extraordinária grandeza no Novo Mundo, colocado todo debaixo do cetro da casa de Bragança. Entravam no plano a nobreza e o alto

clero. Durante três anos consecutivos deveria o púlpito apregoar em todo o reino, que era vontade de Deus a emigração em massa para o Brasil, a fim de sem mais tardança espalhar a fé católica nessa vasta região, ainda quase tôda entregue a gentios idólatras, obstinados em suas falsas crenças e correndo o risco de serem conquistados por nações protestantes. Tal era o manifesto desígnio da Providência que escolhera o povo português para realizar tão elevados intentos. Ai dos que não se subordinassem de pronto aos decretos divinos! Para êsses tornar-se-ia a terra estéril e sêca; fechar-se-iam os mananciais do céu e, renovando-se as pragas do Egito, ver-se-iam entregues sem resistência possível à fome e à miséria!

Na esperança de fundar o mais vasto Império do mundo e querendo levantar-lhe a capital à margem do maior rio da terra, tinha o ministro escolhido a cidade do Grão-Pará em razão de sua colocação sôbre o Amazonas, cujo curso de milhares de léguas é caminho franco e aberto para os Andes, tornando-se os seus grandes tributários outros tantos braços de comunicação com a América Meridional.

Li uma memória escrita, na qual vinha uma exposição dêsse gigantesco plano. Quimérico ou não, diz o autor, a êle deve a província do Pará os progressos que fêz no govêrno do marquês de Pombal, vendo sua capital enriquecida de grandes edifícios, tais como o palácio do govêrno, o teatro, o arsenal, etc. Nesse tempo também se construiu a fortaleza de Macapá, mudando-se, talvez para tornar mais portuguêsa a região tôda, os nomes das cidades e povoações de indígenas que eram para outros de caráter perfeitamente lusitano, tais como Santarém, Óbidos, Alter do Chão, Almeirim, etc.

Pode tudo quanto acabo de expor ser mera fantasia feita sem base nem razão, mas o que é certo é que, ao passo que se trabalhava nas obras do Pará, outras não

menos importantes surgiam em Mato Grosso. Na cidade de Vila Bela, destinada a ser capital da província, os habitantes maravilhados viam simultâneamente erguer-se do chão o palácio, a intendência, a fundição, a cadeia, etc., e a 50 léguas nas margens do Guaporé como por encanto aparecia a fortaleza do Príncipe da Beira. É que o ministro queria assentar sòlidamente o poder português naquela extrema fronteira. Em Vila Bela os trabalhos começados não foram levados à conclusão. A cidade cai hoje em ruínas, está quase abandonada, cercada por todos os lados de pantanais; mas o forte, que foi terminado, impressiona vivamente o viajante ao se lhe deparar nesses solitários têrmos uma fortaleza sobranceira, construída com tôdas as regras exigidas pela arte militar.

CONCLUSÃO

Durante minha estada no Pará, travei relações com o Dr. Antônio Correia de Lacerda, naturalista conhecido e estimado na Europa. Embora português, presidiu a província em épocas bastante críticas, respeitado pela gente de todos os partidos.

Quatro meses inteiros esperamos pelo sr. Riedel. Afinal chegou êle, por seu turno magro e desfeito das moléstias que apanhara no Rio Madeira, onde de seu lado sofrera tanto como nós.

Como já tínhamos fretado um brigue brasileiro para alcançarmos o Rio de Janeiro, dez dias depois da chegada daquele nosso companheiro, partimos para o mencionado pôrto, trazendo a bordo o ex-presidente da província José Felício Pereira de Burgos. Quarenta e oito horas já tínhamos de viagem, e ainda apanhávamos água doce.

Quinze dias depois de saídos, estivemos a naufragar nos baixios da costa do Maranhão a 12 léguas de terra, pelo que aproamos logo para o norte a ir buscar a rota seguida por todos os navegantes e que por certo não deveríamos ter deixado. Se não fôra a mudança da côr do mar e o aviso da sonda, estávamos irremediàvelmente perdidos. Em boa hora e a tempo nos precavemos, prolongando-se contudo a viagem por mais 15 dias, o que motivou alguns incidentes desagradáveis; mas, afinal com 46 dias de bordo alcançamos a cidade do Rio de Janeiro, dando fim à nossa penosíssima, atribulada e infeliz peregrinação pelo interior do vasto Império do Brasil.

Esta é uma das dimensões fundamentais do relato de Florense. Por ele, somos levados a reconhecer que a configuração atual do território brasileiro foi fruto de uma árdua e lenta conquista interna. Não só conquista territorial, mas também de almas, como diria José Murilo de Carvalho.

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura